



O Olhar de Gomes Eanes de Zurara sobre o  
Norte de Marrocos: estudo da paisagem de  
Alcácer Ceguer (Ksar Sghir)

Cláudia Barros

UMinho | 2021



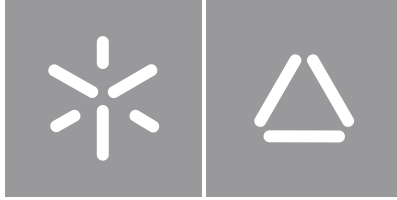
**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Cláudia Barros

O Olhar de Gomes Eanes de Zurara sobre o Norte  
de Marrocos: estudo da paisagem de Alcácer  
Ceguer (Ksar Sghir)

julho de 2021





Universidade do Minho  
Instituto de Ciências Sociais

Cláudia Barros

O Olhar de Gomes Eanes de Zurara sobre o  
Norte de Marrocos: estudo da paisagem de  
Alcácer Ceguer (Ksar Sghir)

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Arqueologia

Trabalho efetuado sob a orientação de  
Professora Doutora Helena Paula Abreu de Carvalho  
Professor Doutor Francisco Manuel Ferreira Azevedo  
Mendes

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**

**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

À Doutora Helena Paula de Carvalho, minha orientadora, pelas explicações arqueológicas, pelo apoio, pela metodologia de prospeção que me forneceu e pela original história das Eólicas espanholas a caminho de Marrocos, de que nunca me esquecerei.

Ao Doutor Francisco Azevedo Mendes, meu coorientador, pelas sugestões e conhecimentos partilhados.

A ambos os orientadores, por me terem levado a embarcar nesta aventura pelo Norte África, por me terem possibilitado a realização de uma dissertação desta magnitude e pelas prospeções tão divertidas, repletas de gargalhadas.

Ao Doutor André Teixeira, da Universidade Nova de Lisboa, membro do projeto ESPANAFRI, pelas obras e bibliografia que prontamente me disponibilizou acerca de Ksar Seghir e da Expansão e Descobrimientos Portugueses.

Ao Doutor Abdelatif El Boudjay, conservador do Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir, pela amabilidade e disponibilidade, pelo gesto simpático de falar espanhol comigo, e pela gigantesca ajuda que nos forneceu aquando das prospeções, comunicando em árabe com os habitantes de cada povoação.

Aos coordenadores, participantes e todos os envolvidos, quer direta quer indiretamente, no *Projeto ESPANAFRI, Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, pela possibilidade que me ofereceram de conhecer um novo sítio, permitindo-me realizar e desenvolver esta investigação no Norte de África, de que guardo tão boas memórias.

A minha gratidão ao Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir, que me providenciou habitação e gabinete, durante a minha participação no projeto.

À Dra. Raquel de Oliveira Martins, da Universidade do Minho, pela inspiração e apoio nesta nova jornada, e em particular pelas dúvidas que me tirou acerca de alguns cargos militares.

Ao Professor Dilermando Carvalho, especialista em Geologia pela Universidade do Minho, pela ajuda com termos geológicos que foram surgindo ao longo da bibliografia, questões e generosas explicações.

À Doutora María José Estarán Tolosa, da Universidad de Zaragoza, pela simpatia e prontidão em me enviar um exemplar do seu livro, *Epigrafía bilingüe del Occidente romano: El latín y las lenguas locales en las inscripciones bilingües y mixtas*, pelas mensagens e palavras encorajadoras.

À minha família – mãe, tias, tios, primos e avó – que caminharam comigo nesta jornada. À minha mãe pela coragem e força de seguir em frente. Um especial agradecimento à minha tia Bela, que tantos conhecimentos me transmitiu sobre Linguística e Onomástica. Ao meu irmão pelas aulas de francês.

Ao Duarte pelo apoio e amor, pela força e motivação, pelas palavras ternas e doces, nos dias em que a realização da tese se assemelhava a enfrentar o Adamastor; pelo tempo despendido a ajudar-me no QGIS e em tarefas informáticas; pela inspiração e energia positiva todos os dias; pelos momentos em que cozinhou para mim e pelos copos de vinho que me trouxe enquanto estava imersa na tese.

Ao Hórus, que não saiu do meu lado nas longas tardes e noites em que escrevia sem parar.

À Rita, ao Afonso e à Adriana, pelas boas memórias, gargalhadas e momentos que partilhamos quando estive em Marrocos. À Berenice pela força que me enviou diretamente do México, e a todos os meus amigos que me apoiaram nesta fase tão importante da minha vida.

Ao Idriss, meu professor de árabe, que me ajudou com as palavras e termos mais robustos e difíceis, pela boa disposição e constante disponibilidade em atender as minhas dúvidas, independentemente da hora ou data.

Ao Doutor Mohammed Osman, também pela ajuda com o árabe.

Ao Sr. Bilal e ao Sr. Tawfik Kalifa, que nos acompanharam durante as prospeções com enorme abertura de espírito, tendo sido de grande ajuda na procura dos locais, e cujos saberes me inspiraram e ajudaram a desmistificar a paisagem marroquina.

A todos os trabalhadores do Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir, que todas as manhãs, tardes e noites me saudavam com um simpático *Bonjour* ou *Salam*.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## RESUMO

Inscrita na temática do *Cruzamento de fontes históricas e arqueológicas no estudo da paisagem*, a presente dissertação procura apresentar um estudo histórico-arqueológico da paisagem e território de Alcácer Ceguer, no Norte de Marrocos.

Analisaram-se os dados toponímicos registados na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, da autoria de Gomes Eanes de Zurara, comprovando a autenticidade das suas descrições territoriais, comparando-as e procurando uma possível compatibilidade entre a realidade atual e os seus escritos, com base nos dados recolhidos nas prospeções realizadas em junho de 2017 e em junho de 2019.

No programa *Quantum GIS* procedeu-se ao tratamento cartográfico dos dados recolhidos, graças ao qual resultaram uma série de mapas com os sítios arqueológicos já georreferenciados. Com a *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* e artigos de investigação e obras de contextualização da realidade histórica da época, fez-se uma abordagem cuidadosa do terreno.

No terreno foi feita uma análise da paisagem na qual se insere cada topónimo selecionado, elaborou-se a descrição pormenorizada de cada um e procedeu-se ao seu registo fotográfico e à recolha de achados arqueológicos. Os materiais de maior valor encontrados à superfície foram recolhidos e limpos em laboratório para posterior estudo e disponibilização.

**Palavras-chave:** Arqueologia Moderna, Arqueologia da Paisagem, Ksar Sghir/Alcácer Ceguer, Zurara.



## **ABSTRACT**

Within the scope of the Crossing of historical and archaeological sources in the study of the landscape, this dissertation seeks to present a historical-archaeological study of the landscape and territory of Ksar Sghir, or Alcácer Ceguer, in the North of Morocco.

The toponymic data recorded in the *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses (Chronicle of Count D. Duarte de Meneses)*, by Gomes Eanes de Zurara, were analyzed, proving the authenticity of his territorial descriptions, comparing them, and looking for possible compatibility between the current reality and his writings, based on data collected in the surveys carried out in June 2019.

With the aid of the *Quantum GIS* program, for georeferencing archaeological sites, as well as *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos* (the Archaeological Map of North Maroc (2008-2012), in addition to research articles and works to contextualize the historical reality of the time, a careful approach was taken of the terrain, analyzing it also based on card and photointerpretation works. On the ground, an analysis of the landscape was carried out in which each selected toponym is inserted, a detailed description of each one was elaborated and its photographic record and collection of archaeological findings were made. The most valuable materials found on the surface were collected and cleaned in the laboratory for further study and availability.

**Keywords:** Early Modern Archaeology, Landscape Archaeology, Ksar Sghir/Alcácer Ceguer, Zurara.

# ÍNDICE

<b>DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS</b>	ii
<b>AGRADECIMENTOS</b>	iii
<b>DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE</b>	v
<b>RESUMO</b>	vi
<b>ABSTRACT</b>	vii
<b>ÍNDICE</b>	viii
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	xiii
<b>ÍNDICE DE MAPAS</b>	xiv
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b>	xv
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	17
<b>1.1 Objetivos e problemáticas</b>	17
<b>1.2. Fontes e metodologias</b>	18
<b>1.3. Estrutura da dissertação</b>	19
<b>2. ENQUADRAMENTOS</b>	21
<b>2.1. Caraterização geográfica do Norte de Marrocos</b>	21
<b>2.2. Enquadramento histórico do Norte de Marrocos</b>	27
<b>2.2.1. A ocupação humana</b>	27
<b>2.2.2. A presença portuguesa</b>	30
<b>2.2.3. Alcácer Ceguer</b>	36
<b>3. LEVANTAMENTOS</b>	47
<b>3.1. Levantamentos arqueológicos no Norte de Marrocos</b>	47
<b>3.2. Levantamentos toponímicos do Norte de Marrocos</b>	67
<b>4. A CRÓNICA DE GOMES EANES DE ZURARA SOBRE ALCÁCER CEGUER</b>	77
<b>4.1. A presença de Zurara em Marrocos</b>	77

<b>4.2. Os dados de Zurara sobre a paisagem e o território de Alcácer Ceguer</b> .....	83
<b>4.2.1. Topografia</b> .....	85
<b>4.2.1.1. Serras, outeiros e lombas</b> .....	86
<b>4.2.1.2. Vales</b> .....	111
<b>4.2.1.3. Linha costeira</b> .....	112
<b>4.2.2. Hidrografia</b> .....	114
<b>4.2.2.1. Rios e ribeiros</b> .....	114
<b>4.2.2.2. Zonas planas e alagadas</b> .....	143
<b>4.2.3. Povoamento</b> .....	148
<b>4.2.3.1. Povoados de altura</b> .....	149
<b>4.2.3.2. Povoados em zona de vale</b> .....	155
<b>4.2.4. Exploração agro-pastoril</b> .....	169
<b>4.2.4.1. Agricultura</b> .....	170
<b>4.2.4.2. Pecuária</b> .....	182
<b>4.2.5. Rede viária</b> .....	218
<b>4.2.5.1. Rede viária principal</b> .....	219
<b>4.2.5.2. Rede viária secundária</b> .....	225
<b>4.2.6. Marcadores da paisagem</b> .....	229
<b>5. O TERRITÓRIO DE ALCÁCER CEGUER</b> .....	235
<b>5.1. Critérios de abordagem</b> .....	235
<b>5.2. Trabalho de gabinete</b> .....	236
<b>5.2.1. 1ª fase</b> .....	236
<b>5.2.2. 2ª fase</b> .....	236
<b>5.3. Trabalhos de prospeção arqueológica</b> .....	238
<b>5.3.1. Benambroz</b> .....	240
<b>5.3.2. Jarda</b> .....	240

<b>5.3.3. Ain-Chems</b> .....	242
<b>5.3.4. Canhete</b> .....	243
<b>5.4. Análise dos resultados</b> .....	244
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	250
<b>ANEXOS</b> .....	257
<b>Anexo 1. Cartografia disponível</b> .....	258
1.1. Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX3d.....	258
1.2. Carte du Maroc. 1:50.000. Sebta. Feuille NI-30-XIX-4c .....	259
1.3. Carte du Maroc. 1:50.000, Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b .....	260
1.4. Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a .....	261
<b>Anexo 2. Catálogo</b> .....	262
<b>Introdução</b> .....	262
<b>Listagem dos sítios arqueológicos (Tipologia)</b> .....	265
<b>Listagem dos sítios arqueológicos (Cronologia)</b> .....	266
<b>Listagem dos achados isolados (Tipologia)</b> .....	267
<b>Listagem dos achados isolados (Cronologia)</b> .....	267
<b>Sítios Arqueológicos</b> .....	268
<b>001, Anexamez</b> .....	269
<b>002, Benambroz</b> .....	274
<b>003, Caf Taht el Ghar I</b> .....	277
<b>004, Caf Taht el Ghar II</b> .....	281
<b>005, Canhete</b> .....	282
<b>006, Dhar d'Aseqfane</b> .....	283
<b>007, Ed Diki</b> .....	285
<b>008, Ejr-El Menkoub</b> .....	286
<b>009, Emsà</b> .....	287

<b>010, Fardioua</b> .....	289
<b>011, Gar Cahal</b> .....	290
<b>012, Jarda I</b> .....	292
<b>013, Ksar Sghir I</b> .....	298
<b>014, Ksar Sghir II</b> .....	299
<b>015, Ksar Sghir III</b> .....	300
<b>016, Ksar Sghir IV</b> .....	302
<b>017, Ksar Sghir V</b> .....	303
<b>018, Ksar Sghir VI</b> .....	304
<b>019, Lechbâ I</b> .....	304
<b>020, Lechbâ II</b> .....	306
<b>021, Leliak</b> .....	306
<b>022, Mhalla</b> .....	308
<b>023, Oued Liane I</b> .....	310
<b>024, Oued Liane II</b> .....	312
<b>025, Oued Liane III</b> .....	314
<b>026, Oued Liane IV</b> .....	315
<b>027, Oued Liane V</b> .....	316
<b>028, Oued Liane VI</b> .....	317
<b>029, Oued Liane VII</b> .....	318
<b>030, Oued Liane VIII</b> .....	319
<b>031, Oued Liane IX</b> .....	320
<b>032, Oued Liane X</b> .....	322
<b>033, Oued Liane XI</b> .....	323
<b>034, Oued Liane XII</b> .....	324
<b>035, Rhala I</b> .....	325

<b>036, Rhala II</b> .....	326
<b>037, Sidi Abdeslam del Behar</b> .....	327
<b>038, Tamuda</b> .....	328
<b>039, Torre do oued Rhala</b> .....	330
<b>040, Zhara-Sahara I</b> .....	331
<b>041, Zhara-Sahara II</b> .....	333
<b>042, Zhara-Sahara III</b> .....	334
<b>043, Zhara-Sahara IV</b> .....	335
<b>044, Zhara-Sahara V</b> .....	336
<b>Achados Isolados</b> .....	337
<b>045, Jarda II</b> .....	338
<b>046, Jarda III</b> .....	339
<b>047, Jarda IV</b> .....	340
<b>048, Jarda V</b> .....	341
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	343

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Planícies secas do território de Jarda.....	247
Figura 2. Coberto vegetal predominante na paisagem de Jarda .....	248
Figura 3. Paisagem de fundo de vale de Ain-Chems .....	248
Figura 4. Perspetiva do topo do sítio de Benambroz. Fotografia H. Carvalho .....	249
Figura 5. Paisagem de Ain-Chems.....	249
Figura 6. Paisagem de Ain-Chems.....	271
Figura 7. Estrutura de um muro (Ain-Chems) .....	272
Figura 8. Possível canalização antiga (Ain-Chems).....	272
Figura 9. Vestígios de uma possível mesquita antiga, em Ain-Chems .....	273
Figura 10. Detalhe dos vestígios da antiga mesquita .....	273
Figura 11. Perspetiva do topo do sítio de Benambroz. Fotografia H.Carvalho .....	275
Figura 12. Alinhamentos associados às estruturas de povoamento de Benambroz. Fotografia H. Carvalho.....	276
Figura 13. Possíveis vestígios de atalaia encontrada no topo do sítio arqueológico de Benambroz. Fotografia Fotografia H.Carvalho .....	276
Figura 14. Destaque de um alinhamento associado às estruturas de povoamento de Benambroz. Fotografia H. Carvalho .....	277
Figura 15. Vestígios de talude e fosso numa das plataformas de Benambroz. Fotografia H. Carvalho .....	277
Figura 16. Aldeia de Jarda .....	294
Figura 17. Coberto vegetal predominante na paisagem de Jarda .....	294
Figura 18. Vestígios de uma estrutura retangular, em Jarda .....	295
Figura 19. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi .....	296
Figura 20. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi .....	296
Figura 21. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi .....	297
Figura 22. Cerâmicas encontradas durante a prospeção a Jarda. ....	342

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1. Mapa Arqueológico de la Zona del Protectorado de España en Marruecos con las rutas terrestres y marítimas y los yacimientos paleolíticos, neolíticos, fenicios, cartagineses y romanos (1933), de César Luis Montalbán (Ramos J. , et al., 2015).....	52
Mapa 2. Detalhe do Mapa Arqueológico de la Zona del Protectorado de España en Marruecos con las rutas terrestres y marítimas y los yacimientos paleolíticos, neolíticos, fenicios, cartagineses y romanos (1933), de César Luis Montalbán (Ramos J. , et al., 2015) .....	53
Mapa 3. Guía arqueológica del Marruecos español: Estaciones prehistóricas del Protectorado (1953), de Miquel Tarradell (Ramos et al., 2015).....	56
Mapa 4. Guía arqueológica del Marruecos español: Estaciones Punico-mauritanas y Romanas (1953), de Miquel Tarradell (Ramos et al., 2015).....	57
Mapa 5. Carte archeologique du Maroc (1961), de Meknassi (Ramos, et al., 2015).....	58
Mapa 6. Detalhe da Carte archeologique du Maroc (1961), de Meknassi (Ramos et al., 2015)	59
Mapa 7. Carta Arqueológica del Norte de Marruecos, 2008-2012 (2015), zona de Ksar Sghir, de Baraka Raissouni, Darío Bernal, Abdelaziz El Khayari, José Ramos y Mehdi Zouak (Bernal et al., 2015).....	64
Mapa 8. Localização das Serras de Benaminir e de Benaulõe com base na carte de Hassan Al Figuigui, «Toponymie des sites dans le Nord-Ouest marocain d`après les sources portugaises», 2010.....	86
Mapa 9. Localização dos sítios identificados. Com base nas seguintes cartas: Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b; e Carte du Maroc – 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX3d. ....	237
Mapa 10. Implantação de sítios arqueológicos na plataforma Google Earth (Carvalho, 2017) a partir dos dados de Baraka Raissouni et al 2015. O sítio arqueológico de Benambroz assinala-se a vermelho .....	240



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Dinastias berberes e árabes .....	29
Tabela 2. Evolução da toponímia urbana de Marrocos (Boujrourf & Hassani, 2008) .....	73
Tabela 3. Serras relativamente isoladas: Serra Ximeyra .....	87
Tabela 4. Serras relativamente encadeadas: Serra de Meiaquice e de Benaulôce e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez .....	90
Tabela 5. Serra de Aniara e Serra de Benaminyr de Guaderez .....	94
Tabela 6. Serra relativamente isolada: Benacoffu .....	99
Tabela 7. Serra relativamente isolada: Gibelfabty .....	102
Tabela 8. Serra relativamente isolada: Bëymagrafot .....	104
Tabela 9. Serra relativamente isolada: Benjacem .....	105
Tabela 10. Serra relativamente isolada: Anexamez .....	105
Tabela 11. Serra relativamente isolada: Mitene .....	107
Tabela 12. Terra: Mazmuda .....	107
Tabela 13. Outeiros .....	108
Tabela 14. Lomba .....	110
Tabela 15. Vale .....	111
Tabela 16. Cabo .....	112
Tabela 17. Rios e ribeiros .....	114
Tabela 18. Águas, ribeiros e rios identificados na crónica .....	131
Tabela 19. Campo .....	144
Tabela 20. Paul .....	145
Tabela 21. Aldeia de Ajarda .....	149
Tabela 22. Aldeia de Benambroz .....	152
Tabela 23. Aldeia de Anexamez .....	156
Tabela 24. Aldeia de Canhete .....	163
Tabela 25. Aldeia de Ramel .....	165
Tabela 26. Árvores, hortas, pomares e frutas .....	170
Tabela 27. Uvas e produção vinícola .....	176
Tabela 28. Outros produtos .....	180
Tabela 29. Gado .....	182
Tabela 30. Gado grande e grosso .....	195

Tabela 31. Gado manso.....	199
Tabela 32. Gado miúdo e pequeno .....	199
Tabela 33. Gado bovino .....	203
Tabela 34. Equídeos.....	209
Tabela 35. Bestas grandes .....	215
Tabela 36. Gado ovino, caprino e suíno.....	215
Tabela 37. Rede viária principal (tipo 1 e 2) .....	220
Tabela 38. Rede viária secundária (tipo 3 e 4).....	226
Tabela 39. Atalaias.....	232
Tabela 40. Valos.....	232
Tabela 41. Espaços sagrados .....	233
Tabela 42. Marcadores geográficos.....	234

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Objetivos e problemáticas

A presente dissertação de Mestrado, intitulada *O Olhar de Zurara sobre o Norte de Marrocos: estudo da paisagem de Alcácer Ceguer (Ksar Sghir)*, centra-se nos resultados obtidos durante a investigação empreendida no mês de junho de 2019 no Norte de Marrocos – nomeadamente na vila de Ksar Sghir – Alcácer Ceguer – e arredores.

Inserida no *Projeto ESPANAFRI, Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do “Algarve de Além-Mar” (séculos XV a XVII)*, da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade do Minho, em cooperação com o Centre d’ Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir, esta investigação procurou valorizar e compreender, numa vertente mais geral, a influência portuguesa no Norte de Marrocos; entender a importância do Norte de Marrocos nos interesses da Coroa e Corte portuguesas; explicar a ocupação portuguesa nestas terras e conhecer a espacialidade das ocupações em torno de Ksar Sghir.

Colocou-se, acima de tudo, o foco na determinação da influência portuguesa na paisagem em torno do sítio de Alcácer Ceguer, procurando respostas físicas que coincidissem com as descrições de Zurara sobre este território.

### Objetivos gerais

- Justificar a influência portuguesa no Norte de Marrocos.
- Determinar a importância do Norte de Marrocos para a Coroa Portuguesa.
- Explicar a ocupação portuguesa no Norte de África.
- Definir a espacialidade das ocupações humanas em Ksar Sghir.
- Determinar a influência da presença portuguesa na paisagem magrebina de Ksar Sghir.
- Demonstrar a veracidade das descrições de Zurara sobre o território de Ksar Sghir.

### Objetivos da prospeção

- Definir e cartografar a área a prospear.
- Compreender o terreno, procedendo a trabalhos de carto e fotointerpretação.
- Entender a espacialidade das ocupações e povoamento de Ksar Sghir.
- Identificar as transformações que se registam de região para região através da leitura e análise da paisagem.

- Analisar o contexto, realizando saídas de campo e registando a informação obtida.
- Realizar saídas de campo para a confirmação de sítios enunciados por Zurara.
  - Proceder à georreferenciação dos sítios arqueológicos em causa.
  - Elaborar a descrição pormenorizada dos sítios, com registo gráfico e fotográfico;
- Discutir os dados obtidos durante as prospeções e analisar as ilações tiradas a respeito de cada local.

## **1.2. Fontes e metodologias**

A obra basilar deste trabalho, a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, de Gomes Eanes Zurara, debruça-se sobre a vila de Alcácer Ceguer, aquando do domínio português. Durante esta investigação, estudaram-se a fundo várias passagens da crónica, tentando-se extrair a maior quantidade possível de informação. Procurou-se resgatar da obra tudo aquilo que esta nos pode oferecer sobre Alcácer Ceguer/Ksar Sghir, como descrições, pormenores, pistas ou breves indicações do território e paisagem.

Os inúmeros levantamentos arqueológicos feitos desde o período do Protetorado espanhol em Marrocos até aos dias de hoje foram um elemento essencial na elaboração deste estudo. As múltiplas intervenções aqui registadas demonstram o admirável potencial do Norte de Marrocos em termos arqueológicos e históricos, além de retratarem o estado da Arqueologia no país.

Os escritos de Yassir Benhima foram outro alicerce para o presente estudo. Nos seus trabalhos, o autor debruça-se sobre as paisagens agrárias, as fortificações e os elementos sagrados (mesquitas). Benhima destaca a importância dos habitats rurais e dos dispositivos defensivos no território e no estabelecimento das populações.

Elaborou-se um breve estudo toponímico feito de modo exaustivo e consistente, com base nas passagens da crónica do Conde D. Duarte e dos escritos de Robert Ricard, *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc* (1955). Ricard faz uma recolha das descrições de Zurara, listando grande parte dos topónimos mencionados pelo cronista, ao mesmo tempo que combina dados e informações de outros autores.

Esta investigação contou com três visitas de prospeção a locais que coincidiram com a amostra dos topónimos, previamente selecionados da crónica. No âmbito das saídas de campo, definiu-se uma janela de trabalho – a cartografar e a prospetar, aquando das idas ao terreno; procurou-se analisar e compreender o terreno, com base em trabalhos de carto e fotointerpretação; conhecida a espacialidade das ocupações marroquinas, procurou-se interpretá-las e entendê-las na sua

génese e naquilo que aporta de importante para a investigação; tentou-se ler e analisar os contextos paisagísticos, interpretando, ao mesmo tempo, as transformações e heterogeneidades que se registam de região para região.

Cada saída realizada teve em vista a confrontação dos dados toponímicos de Zurara com o território e paisagem, de maneira a conseguirem identificar-se eventuais estruturas e sítios arqueológicos.

Durante a prospeção elaborou-se uma descrição pormenorizada dos locais, sendo feito em paralelo o seu registo fotográfico e tendo-se recolhido achados isolados que foram aflorando no solo – nomeadamente, cerâmicas.

Em gabinete, procedeu-se ao tratamento cartográfico dos dados recolhidos com o auxílio do *software Quantum GIS* de que resultaram uma série de cartogramas com os respetivos sítios arqueológicos já georreferenciados.

Procurou-se discutir em equipa os dados obtidos durante as prospeções, procedendo-se a uma análise pormenorizada de todas as informações, materiais e elementos decorrentes dos trabalhos de campo.

Conduziu-se este trabalho num sentido interdisciplinar, atendendo ao entrelaçamento de várias disciplinas essenciais, tais como a História, a Arqueologia e a Onomástica/Linguística, de maneira a percorrer as “páginas” da história marroquina e a dar vida ao passado esquecido de Ksar Sghir, pela mão da Arqueologia.

### **1.3. Estrutura da dissertação**

Esta dissertação encontra-se organizada em seis partes.

A primeira corresponde à Introdução, apresentando-se os objetivos e problemáticas deste estudo, as fontes consultadas, a metodologia adotada e a estrutura de todo o trabalho.

A segunda dedicou-se à contextualização geográfica do local e ao seu enquadramento histórico. Na vertente histórica, procuramos estabelecer um fio condutor desde os primeiros assentamentos humanos em Marrocos até à chegada dos Portugueses, em 1458.

Dedicou-se um subcapítulo a Alcácer Ceguer, partindo das suas origens até à conquista e posterior abandono da vila pelos portugueses, em 1550. No quadro da Expansão, oferecemos uma perspetiva histórica do período que então se vivia.

Na terceira parte apresentam-se os levantamentos arqueológicos efetuados na região ao longo dos séculos e desenvolveu-se a questão da toponímia e dos estudos a ela relativos levados a cabo no Norte de Marrocos.

Na quarta parte voltou-se o foco para Gomes Eanes de Zurara e para a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Por sua vez, esta divide-se em dois subcapítulos: um dedicado à presença do cronista em Marrocos, mencionando as suas peripécias e o trabalho que desenvolveu quando foi enviado a Alcácer por D. Afonso V, e outro em que é elaborada a análise da crónica supracitada.

Nesse segundo subcapítulo apresenta-se o estudo toponímico que se levou a cabo durante a investigação em Ksar Sghir e na sequência da mesma, nele se listando os topónimos seleccionados – divididos em diferentes tabelas, consoante a sua natureza e tipo –, assim como as passagens da crónica que lhes dizem respeito, em correlação com as informações fornecidas por Robert Ricard, pontilhadas por algumas observações pessoais, nos momentos em que tal se afigurou necessário.

A quinta parte compreende o estudo elaborado no território de Alcácer Ceguer, decorrente das várias saídas de campo. Nesta apresentam-se os critérios de abordagem do terreno; o trabalho de gabinete, dividido em duas fases – a primeira relativa ao estudo da crónica e ao levantamento toponímico, e a segunda focada no tratamento dos dados após as prospeções, feito a partir da cartografia disponível trabalhada em *QuantumGIS*. Incluiu-se ainda as visitas de prospeção, que resultaram na confirmação toponímica de Zurara e na identificação de quatro sítios arqueológicos, e, por fim, a análise dos resultados obtidos no terreno.

No espaço relativo ao trabalho de campo, foram ainda incluídos os dados respeitantes à prospeção realizada no sítio arqueológico de Benambroz.

Na sexta e última parte encontram-se redigidas as considerações finais do estudo.

Apresenta-se em anexo toda a cartografia a que se teve acesso. Além desta, foi colocado nesta secção o *Catálogo Arqueológico do Norte de Marrocos*, enquanto complemento da investigação.

## 2. ENQUADRAMENTOS

### 2.1. Caracterização geográfica do Norte de Marrocos

O território marroquino distingue-se pelas peculiares características que o tornam tão único e singular no Norte de África. Uma mescla de gentes e etnias, paisagens e horizontes tão distintos e tão próximos, em que o verde da vegetação do Norte se contrapõe à secura das planícies do interior e às dunas do deserto. País de muitos contrastes, mas de muitas similitudes, oferece espaços a Norte e a Sul que compartilham uma herança ancestral, definidora da sua personalidade. Sánchez Monge refere-se-lhe da seguinte forma (1930: 5):

Separado, quase isolado do continente africano, diferencia-se pela arquitetura das suas montanhas, pela orientação dos seus vales, pela estrutura geológica e pela disposição geográfica, pelo clima, pelo regime de águas (sobretudo pela abundância e regularidade das chuvas e a perenidade das suas fontes), pelas suas raças, pela história e por toda a sua civilização.

Marrocos volta costas a África; carregado de montanhas, na costa mediterrânica, quase todos os seus rios vão dar ao Oceano (Sánchez Monge, 1930: 6). O relevo e o clima criaram três regiões naturais marcadamente distintas.

O país possui três importantes fachadas litorais, bem distintas: a do litoral de Tetuão, que acompanha a zona do Rife; a do Estreito de Gibraltar, em intenso contacto com o litoral espanhol, e a do Atlântico, de carácter arenoso e baixo. A zona ocidental é a única plenamente aberta, com uma breve exceção para a zona oriental de Tetuão. As enseadas do Estreito são de escassas dimensões, contrariamente ao interior, em que se assiste a paisagens agrestes e de carácter acidentado, destacando-se a cadeia montanhosa de Yebala<sup>1</sup>. Tais características marcaram em muito as dinâmicas de povoamento do território marroquino.

Num primeiro vislumbre, junto ao mar, encontramos uma zona de planícies atlânticas, regadas por rios que correm das montanhas do Atlas – férteis plataformas nas quais abunda o cultivo de cereais e amplas pastagens, pontualmente habitadas por nómadas arabizados (Farinha, 1999). Nesta zona o contacto com o Atlântico assegura um clima temperado e húmido, bem como rios permanentes.

---

<sup>1</sup> Prolongamento geológico com características semelhantes ao Rif (Gozalbes Cravioto, 2008).

Em segundo plano, ergue-se uma zona de montanha dividida em dois sistemas principais: o Rife<sup>2</sup> e o Atlas. O Rife bordeja o Estreito de Gibraltar, estendendo-se de Ceuta à fachada norte, virada para o Mediterrâneo, sendo a zona mais ventosa de todo o Magrebe. Entre esta alta muralha e o mar estende-se uma estreita banda de terra, sulcada por vales de uma largura média de trinta quilómetros. Não é mais do que uma sucessão de curtos vales florestais, com uma abundância de recursos hídricos, uma doçura do clima e uma luxuriante vegetação que tornam esta região emblemática (Sánchez Monge, 1930).

Por sua vez, o Atlas – formado pelo Alto, Médio e AntiAtlas –, orientado no sentido nordeste-sudoeste, vem paralelo à linha da costa e separa as planícies atlânticas do deserto (Farinha, 1999). Criando um autêntico anfiteatro, ambas as montanhas do Atlas e Rife cercam os vales do Magreb (Sánchez Monge, 1930). Marrocos revela um cariz inequivocamente montanhoso a Norte, bastante evidenciado na sua paisagem. No entanto, ainda nesta região podem surgir muito pontualmente algumas largas plataformas e zonas planas.

Em terceiro plano, surge o deserto do Saara – um autêntico mar de areia e mesetas desérticas, salpicado por pequenos oásis –, que se estende a Oriente e a Sul, povoado por nómadas. A sua vastidão confere uma certa insularidade a todo o Magrebe (Farinha, 1999). O deserto não possui a precisão das nossas fronteiras convencionais, mas detém o mesmo valor que o mar (Sánchez Monge, 1930: 10).

No seu todo, é verdadeiramente uma península fechada, que por três dos seus lados mergulha no mar ou nas areias, no Mar Mediterrâneo, no Oceano Atlântico e nas areias do Saara (Sánchez Monge, 1930: 6).

António Dias Farinha relaciona do seguinte modo essa paisagem com a sua história (1999: 7):

As fronteiras de Marrocos coincidem com limites naturais que contribuem para lhe conferir uma individualidade marcada e para um relativo isolamento. (...) As ligações com o exterior limitavam-se, assim, à via marítima, com as deficiências já apontadas, ao estreito corredor de Taza, tradicional caminho das invasões orientais, situado entre os sistemas montanhosos do Rife e do Atlas, e às cáfilas de camelos que atravessavam o deserto para ir buscar o ouro, os escravos e outros produtos à terra dos Negros.

---

<sup>2</sup> O Rife é mencionado na bibliografia com duas grafias: *Rife* e *Rífe*. Cadeia montanhosa ininterrupta, onde os cumes ultrapassam os 2000m de altura e os outeiros têm mais de 1800m (Sánchez Monge, 1930).



O Atlântico e o Mediterrâneo são os limites naturais por excelência (Sánchez Monge, 1930: 10). Banhado a norte pelo Mar Mediterrâneo, debruçando-se sobre o Oceano Atlântico a oeste, Marrocos faz então fronteira com a Argélia a leste, e com a Mauritânia a sul e sudeste.

No Norte, o Mediterrâneo e a proximidade com o Estreito de Gibraltar possibilitaram e favoreceram as relações com a Europa, não obstante a costa ser pouco acolhedora e o Rife uma barreira bastante temida. A própria zona de Tânger foi uma grande via de comunicação (Sánchez Monge, 1930) entre estes dois mundos. Regista-se um intenso tráfego costeiro e terrestre no mundo norte-africano, havendo constantes relações marítimas com o reino de Granada (Godinho, 2018).

A disposição do relevo é bastante vantajosa, já que as planícies do litoral deixam penetrar as influências oceânicas e os altos maciços da periferia as retêm, formando uma barreira que neutraliza e compensa aquelas que chegam do deserto (Sánchez Monge, 1930: 11). O terreno da costa atlântica sempre foi mais solicitado que o do Mediterrâneo, devido ao facto de ser limítrofe às planícies (Sánchez Monge, 1930: 12).

A costa revelou ser, desde cedo, de difícil acesso – apenas Tânger era o ponto mais acessível, graças à sua vasta baía (Lopes, 1939). Com um recorte pouco pronunciado e de raras enseadas, o litoral marroquino sempre esteve muito exposto aos ventos do Norte e Oeste (Farinha, 1999).

Assim o refere António Dias Farinha (2004: 8), dando o salto para a nossa história da expansão:

O Magrebe situa-se em região de difícil abordagem marítima, que é de certa maneira compensada pela ligação ao rico mundo africano através do deserto. Esse problema geográfico está na origem da diferença surgida nos séculos XV e XVI: as caravelas portuguesas singraram pelo oceano, enquanto os marroquinos viajaram em cáfilas até aos lugares onde se abasteciam do ouro do Sudão ocidental e de outros produtos africanos.

Os estuários dos rios pouco contribuíam para a navegação de alto mar, devido às areias que as torrentes arrastavam durante as cheias. Apenas pequenos barcos podiam fundear no interior dos estuários, como sucedia com o rio de Alcácer Ceguer – Oued Liane – ou o rio de Larache – Lucos (Farinha, 1999). No entanto, é inegável a importância dos cursos fluviais como vetores do povoamento humano (Muñoz, *et al.*, 2016: 237).

Mais para sul os estuários dos rios não permitiam o acesso a embarcações de grandes dimensões. Dias Farinha (1999: 6) explica que a costa inóspita e os estuários incapazes de permitir a passagem de grandes navios impunham grandes dificuldades ao seu fundeadouro: “As enseadas

de Safim e Agadir serviam de portos a regiões ricas pela indústria de tecidos e de escoadouro aos produtos do Sus. No extremo sul a costa torna-se baixa, povoada de recifes, e a ressaca afasta os barcos da costa”.

As únicas cidades ligadas à exploração agrícola ou ao desenvolvimento portuário localizam-se em especial na região do vale de Martín – Tamuda e Tetuão –, na costa do Estreito – Ceuta –, e um pouco pelas zonas mais férteis e planas do Fahs tangerino, nas planícies de Larache e Arzila e no curso do rio Lucus (Gozalbes Cravioto, 2008).

Acha-se muito disseminada a criação de gado, quer vacum, quer miúdo – ovino, caprino e bovino –, sendo a região que vai de Tetuão a Ceuta e Arzila especialmente importante a esse nível (Godinho, 2018). Dias Farinha (1999: 42) explica-o pormenorizadamente em termos históricos, socioculturais e mesmo linguísticos:

Marrocos era um país muito rico em gados de que os habitantes se serviam para a alimentação e aproveitamento de peles. Ainda hoje se mantém essa abundância, uma constante da sua economia, valorizada pela indústria de curtumes e fabrico de vestuário. O gado andava habitualmente nas pastagens, mas quando os seus proprietários viviam numa povoação muralhada, por razões de segurança, reservava-se-lhe um lugar no perímetro das fortificações, chamado «albacar», nome que em árabe significa o gado vacum.

É neste cenário que nos surge Ksar Sghir<sup>3</sup>, localizada num vale às margens de um rio profundo, cujas águas permanecem abundantes no auge do Verão (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 345) – em tempos um populoso centro de comércio. Surge implantada a sul do Estreito de Gibraltar, na margem esquerda do *Oued Laksar*, no final de um vale isolado a montante, que vai abrindo consideravelmente ao longo do seu curso, numa planície com cerca de três quilómetros de extensão (Teixeira, *et al.*, 2016).

Alcácer fica na foz de um rio, no termo de uma estreita planície aluvial (Dias, 1998). Do ponto de vista geo-histórico, o sítio arqueológico de Ksar Sghir faz parte do território de Anjera (El-Boudjay, 2012: 115), uma zona de relevos acentuados, bastante montanhosos, especialmente na direção leste e sul, na continuidade do maciço de Rife. Encontra-se cercado por vários relevos, a oeste o

---

<sup>3</sup> O termo árabe *Qsar* ('castelo') também figura na bibliografia na forma *Ksar*. Surgindo, por vezes, precedido pelas partículas *Al-* e *El-*. Apresenta um grande leque de variantes, como *Qsar es-Seghir*, *Qsar Sghir*, *El-Qsar Seghir*, *Al-Qsar Seghir*, *El-Qasr Seghir*, *Al-Qasr Seghir*, *Ksar Sghir*, *Ksar es-Seghir*, etc.

Monte do Seinal (77m), a leste o Jbel Dehar Roummane (193m) e a sudeste o Jbel Ayad (Teixeira, *et al.*, 2016).

Graças à sua localização, Ksar tornou-se um importante posto de contrabando. Aí acaba por se formar uma indústria que fornece armas a toda a região do norte de Marrocos (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 364).

De acordo com Michaux-Bellaire e Péretié (1911: 364), são as seguintes as riquezas locais, que vão dos cereais à carne, de criação e de caça, ao peixe e à própria água:

Dans la vallée d'El-Qçar (I) on cultive surtout du dra'a et un peu de blé. Le dra'a est une sorte de sorgho, avec lequel on fait un pain très grossier et très lourd qui forme le fonde de la nourriture des Djebala et qui est également en usage chez les Arabes de la plaine et même dans les villes, chez les pauvres.

On y fait ausisi de l'élevage : boeufs, chèvres et quelques rares moutons. De plus, les environs immédiats d'EL-Qçar Eç-Ceghir sont très giboyeux ; on y trouve beaucoup de perdrix, de lapins, de lièvres et même de sangliers. L'Oued El-Qçar (I), malgré l'ensablement de son embouchure, est luimême une grande source de richesse pour toute la vallée, car il ne tarit jamais, et conserve des eaux assez abondantes même au plus fort de l'été. De plus, il est très poissonneux ainsi que la baie elle-même. Celle-ci, pendant la belle saison, est le rendez-vous des pêcheurs espagnols.

Zurara refere-se às suas habitações simples nas serranias, que o fazem evocar as casas de entre Douro e Minho; à saborosa carne bovina; à abundância de leite e de manteiga, sendo raro e caro o azeite, chegado de longe; à relativa carência de peixe, essencialmente marítimo; à abundância e qualidade da fruta e ao uso e até abuso do vinho (2007: 5-6):

Toda esta gente pella mayor parte he pobre e de pouca cobertura assy pera de noite como pera de dya, sua abitaçõ he nas faldas daquellas serras do que aquella parte toda he acõpanhada, toda sua sperança acerca das riquezas poõe em criaçõ de gaados. (...) Suas casas som feitas ao modo que o som as dantre Doiro e Minho cubertas de colmo ou tabual, os bois e uacas som pequenos pero fortes e de muyto leite, todo gaado grosso e saboroso de comer, todo he gaado manso por que

pella mayor parte dormẽnas casas antre a gente. Husã muyto em suas uyandas manteiga, por que aallẽde sua mais doçura carecẽdazeite o qual he antre / elles muyto caro por que o ham de longe. Ham // poucos pescados e estes sam do mar por que nos ryos há caasy nada. Auondã em frutas e todas de grande sabor, todos pella mayor parte bebem vinho e destõperadamente.

Não sendo Marrocos um país uniforme, as suas diversas áreas — planícies e montanhas, estepes e bosques, zonas agrícolas e de criação de gado — complementam-se e fundem-se com bastante harmonia (Sánchez Monge, 1930: 10).

## 2.2. Enquadramento histórico do Norte de Marrocos

### 2.2.1. A ocupação humana

Marrocos possui uma História riquíssima, de enorme complexidade (Duarte, 2015), devido à confluência de numerosos povos e tradições que ocuparam esta porta de entrada no Magrebe.

Entre o período que vai das colonizações fenícias à ocupação romana, surge a monarquia mauritana, que atinge o seu apogeu com Iuba II<sup>4</sup> e Ptolomeu. Embora este intervalo de tempo seja visto por alguns investigadores como fase de transição, na ótica de outros significa a integração de Marrocos no mundo clássico do Mediterrâneo (Gozalbes Cravioto, 2012).

Com a queda de Cartago, em 146 a.C., Marrocos e o Norte de África vão progressivamente entrando em contacto com a cultura romana, até se tornarem, por volta do ano 42 d.C., na província romana da *Mauritânia Tingitana*, no decurso do reinado do imperador Cláudio (Carita, 2016).

A *Mauritânia Tingitana* foi a província mais ocidental da África romana. A sua organização partiu de bases já previamente sólidas do antigo reino da Mauritânia, que a pouco e pouco se vai integrando no Império Romano (Gozalbes Cravioto, 2017). Uma província bastante reduzida no plano territorial e com um volume de população limitado, que evidenciava todas as características de uma colónia romana: a existência de classes urbanas ligadas ao poder da metrópole, uma imponente presença militar e uma população indígena que vivia à margem dos estratos dominantes das cidades (Gozalbes Cravioto, 2017).

Os romanos, distinguindo-se pela sua fama de invasores (Tarradell, 1954: 126), empreendem uma ativa exploração dos recursos primários<sup>5</sup>, especialmente entre os séculos I e V d.C., com vista à produção de *garum* e à salga de peixe<sup>6</sup>, em cetárias costeiras<sup>7</sup> e em propriedades do mundo rural marroquino (Muñoz, *et al.*, 2016). Note-se que as primeiras fundações de colónias se

---

<sup>4</sup> Rei, governante, escritor e explorador, o rei Iuba ou Juba II foi uma personagem marcante do Mundo Antigo (Gozalbes Cravioto, 2017).

<sup>5</sup> A conquista romana do país conduziu a uma exploração intensiva de recursos exóticos de luxo, como o marfim, a madeira de cedro, a púrpura e peles de animais. O esgotamento destes recursos conduz, assim, a uma intensificação da exploração agrícola e pesqueira. É nesta época que a Tingitana começa a ter uma exportação olivícola bastante considerável (Gozalbes Cravioto, 2012: 87).

<sup>6</sup> Onde se destaca o sítio de *Metrouna* – sítio arqueológico número 003 da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* (Bernal, *et al.*, 2015). Verificou-se ser uma oficina de salga de peixe, ao mesmo tempo que desempenha a função de produtor de corantes têxteis, nomeadamente de púrpura marinha. É a primeira oficina documentada na Mauritânia Tingitana (Muñoz, *et al.*, 2016: 238).

<sup>7</sup> Tanques romanos, de configuração retangular, utilizados para a salga de peixe e preparação de diversos molhos. O vigor do território litoral do Norte de Marrocos, durante a ocupação romana, está patente nesta crescente indústria<sup>7</sup> (Tarradell, 1954: 133).

concretizaram, em grande parte, no litoral, dada a facilidade de acesso ao mar, enquanto refúgios abrigados contra os ventos, mas também como modo de defesa de possíveis ataques oriundos do interior do país.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, a cultura latina desta vasta área não sofre alterações. Em breve, Marrocos viria a estabelecer contactos com o Império Bizantino, e precisamente no reinado de Justiniano este começa a controlar as costas marroquinas (Carita, 2016).

A romanização e a cristianização mantêm-se até à chegada dos primeiros *raids* árabes. O primeiro ocorre entre 670 e 681, sob o comando de Sidi Oqba, que prontamente inicia a conversão das populações marroquinas ao Islão (Carita, 2016). Esta migração conduziu a mudanças profundas a nível linguístico, cultural (arabização), socioeconómico, e nas formas de ocupação do território (Benhima, 2008).

De 710 a 713, contínuas hordas islâmicas passam o Estreito de Gibraltar e instalam-se na Península Ibérica (Carita, 2016). Partindo da margem sul do Estreito, embarcam em Ceuta, tomando rapidamente conta da Península (Duarte, 2015). Assim, o futuro *Al-Andalus* sofre três novas invasões, uma primeira comandada por Almançor, no século X; outra, entre 1094 e 1103, conhecida como a *Almorávida*, e por fim a *Almóada*, entre 1184 e 1191 – como resposta à reconquista cristã na zona daquele que viria a ser o atual território português.

Tabela 1. Dinastias berberes e árabes

<b>Dinastia</b>	<b>Cronologia</b>
<b>Dinastia Idríssida</b>	c. 789 – 985
<b>Reino de Sijilmassa</b>	c. 758 – 1055
<b>Califado dos Omíadas</b>	século X –XI
<b>Emirado de Necor</b>	c. 710 – 1019
<b>Reino de Berguata</b>	c. 744 – 1058
<b>Dinastia Almorávida</b>	c. 1060 – 1147
<b>Dinastia Almóada</b>	c. 1147 – 1269
<b>Dinastia Merínida</b>	c. 1269 –1465
<b>Anarquia merínida e restauração idríssida</b>	c. 1465 – 1471
<b>Dinastia dos Oatácidas</b>	c. 1471 – 1554
<b>Sultanato Saadiano</b>	c. 1509 –1659

Por volta de 1230, a decadência dos almôadas daria lugar à emergência de três reinos no Norte de África: a leste a Ifriqyia, atual Tunísia, dominada pelos hafsidas; no centro, o reino cuja capital era Tlemcen, atual Argélia, sob a dinastia abdelwadida, e a oeste o reino de Fez, dominado pelas merínidas (Duarte, 2015). Na margem norte do Estreito, é claro, o reino de Granada, nas mãos da dinastia nasrida (Duarte, 2015: 108).

Marrocos esteve sucessivamente dominado por Romanos, Vândalos e Gregos, sendo conquistado no século VIII pelos Árabes (Castellanos, 1878). Após a passagem dos Vândalos, Marrocos entra numa outra fase da sua história, que se estende até ao tempo dos Idrissidas, e relativamente à qual a falta de documentos é uma constante (El Khayari & Akerraz, 2012). Cai então nas mãos dos califas fatímidas até que Muley Edris I se proclama rei do Magreb. A esta dinastia sucede-se a dos Zenetas, que é seguida da dos Almorávidas, dos Almóadas, dos Merínidas, dos Xarifes Marabut e, por fim, dos Xarifes Filelis (Castellanos, 1878).

Longe, do outro lado do mundo, nasciam e extinguíam-se brilhantes construções políticas, consolidavam-se impérios de extensão nunca antes vista, palpitavam rotas comerciais riquíssimas e muito animadas, invenções prodigiosas viam a luz do dia (Duarte, 2015: 13).

### **2.2.2. A presença portuguesa**

Entre os séculos XV e XVI, os cristãos europeus arriscam-se na conquista de Marrocos. Os portugueses foram pioneiros nos esforços europeus de navegar pelos mares e no estabelecimento de colónias além-mar (Redman, 1986: 3), provando pela experiência que o oceano Atlântico era navegável e estava livre de monstros (Oliveira Marques, 2019).

Desde o Estreito de Gibraltar até ao cabo Nun, os navegantes lusos ocuparam postos estratégicos, edificando as fortalezas de Tânger, Mazagão, Santa Cruz e Casablanca e derrotaram ou submeteram as tribos das planícies da costa (Sánchez Monge, 1930: 14).

No início do século XV, durante o reinado de D. João I (1385-1433), abre-se um novo capítulo na história de Portugal (Cruz, 2015: 21). Ao conseguir a independência portuguesa perante Castela, a dinastia de Avis procura alargar as fronteiras do Reino, com vista a conferir uma certa segurança ao território luso, ao mesmo tempo que desenvolvia um horizonte de afirmação política e expansão económico-social (Farinha, 1999).

A fronteira portuguesa estava já bem definida naquela época, e a possibilidade de fazer a guerra entre os Estados Cristãos era limitada. As potencialidades da colonização das ilhas atlânticas e dos territórios africanos a sul do Bojador eram ainda quase desconhecidas. Portugal lança-se nas viagens de descobrimento e no traçado de rotas oceânicas, afirmando-se como nação no quadro peninsular (Godinho, 2018).

Conserva-se nesta altura o espírito da cruzada, nascido nos séculos anteriores. A vontade portuguesa de expansão e conquista de territórios islâmicos, motivada pela dimensão simbólica de que tal se revestia perante a fé e o mundo cristão, extravasa para além das fronteiras ibéricas (Cruz, 2015). O conceito de cruzada<sup>8</sup> vai-se tecendo com novas nuances e diferentes entendimentos (Duarte, 2015). As iniciativas que visavam a expansão do poder da monarquia portuguesa começam pelo ataque às terras dominadas pelos muçulmanos, nomeadamente aos reinos de Granada e de Fez – sendo este conhecido também por *Berberia* (Farinha, 1999).

Tais expedições militares, conduzidas pelas forças portugalenses contra o inimigo religioso, beneficiaram desde cedo de um atento patrocínio pontifício em todas as ocasiões (Almeida, 1967). O movimento de reconquista de terras aos muçulmanos, em especial no Norte de África, foi muito encorajado pela Igreja, de tal forma que o Vaticano cedo se prontificou a estimular os monarcas

---

<sup>8</sup> Definido por Luís Miguel Duarte (2015: 156) como “libertar pela força os lugares sagrados do Cristianismo ocupados pelos muçulmanos e, desta sorte, permitir a continuação das peregrinações de cristãos em segurança”.



com bulas e indulgências magnânimas, garantindo recompensas espirituais e avultadas benesses materiais a quem integrasse as fileiras das pelejas cristãs.

Dar continuidade à luta contra os infiéis foi uma das grandes motivações das primeiras investidas lusas em Marrocos (Erdmann, 1940). Ambas as costas do Estreito de Gibraltar partilham entre si um importante historial, no qual vigora uma larga interação social, militar e cultural, tanto no Norte como no Sul. Estas agressões costeiras eram uma constante na narrativa das relações entre os reinos muçulmanos e cristãos que ocuparam a região na época medieval (Correia, 2014).

A devoção a Deus e ao Rei, assim como a honra própria, fama, glória e prestígio, enformavam a tradicional equação que legitimava a luta por terras dos infiéis. Rei que se prezasse devia partir em cruzada (Duarte, 2015: 157). A guerra, considerada um mal entre cristãos, era vista como um dever contra não-cristãos (Le Goff, 1983: 143).

O desejo de expandir a fé era uma necessidade sentida pelo homem medieval (Dias, 1998). O cavaleiro era instruído a defender a Cristandade custasse o que custasse, através do exercício das armas, orientando-se sempre pelo engrandecimento da Fé e do credo cristão. A cavalaria aconselhava vivamente a guerra, visto a honra só se alcançar através de momentos de combate ao infiel (Moreno, 1992). Gomes Eanes de Zurara confirma isso mesmo (Zurara, 2007: 57): “Todos aquestes que se assy forã pera Alcacer eram fidalgos e boõs homeẽs, os quaaes trabalharõ muyto por seruiço de Deos e de seu Rey e por suas próprias honras”.

Sendo o serviço a Deus e a honra premissas fundamentais que orientavam os comportamentos e atitudes dos cavaleiros, qualquer cristão devia contribuir para o engrandecimento e total defesa da Cristandade (Fernandes, 2007). Esta guerra seria a cruz pela qual os cavaleiros mereciam seguir Jesus Cristo até ao céu, e como prémio pelos *atos valerosos* a Igreja concedia indulgências, e Deus proporcionava milagres aos que se entregavam a empresas desta envergadura (Moreno, 1992).

Mais do que vantagens económicas e benefícios comerciais evidentes, as metas desta iniciativa prenderam-se desde sempre com a conquista religiosa e o reconhecimento político por parte das esferas monárquicas europeias (Correia, 2014). Agia-se, então, sob a bandeira do alargamento da Reconquista, contra aqueles que ocupavam terras anteriormente cristãs (Redman, 1986).

Segundo a ideologia cruzadística, o mouro do Norte de África – o oposto do cristão – era o mesmo inimigo da Reconquista cristã, pelo que combatê-lo era igualmente prestar um serviço a Deus. Porém, e apesar de o pano de fundo ser distinto, as motivações eram muito similares às do período da Reconquista (Fernandes, 2007).

Os muçulmanos eram representados por Zurara como mais suscetíveis às paixões e à tentação da glória e fama próprias, demonstrando demasiada coragem e confiança em nome de um “falso profeta”, o que os levaria a agir imprudentemente e a subestimar o valor do inimigo cristão (Bertoli, 2012: 188).

Os ataques a África davam continuamente sequência às lutas da reconquista da Península Ibérica, convidando as ordens militares a envolver-se o mais possível nesses combates pela fé (Fernandes & Oliveira, 2016). Se as batalhas contra os infiéis na Península eram legitimadas pela honra e glória, igualmente o seriam as contendas portuguesas no Norte de África, durante o século XV.

O conceito de *Guerra Santa* encontrava a sua melhor aplicação na luta contra o Islão (Norte, 2008). O caminho para o alargamento territorial é justificado pela difusão da fé através da ação proselitista e de combate aos infiéis. O proveito aconselha também a guerra, que traz consigo novos territórios para a esfera portuguesa (Moreno, 1992), expandindo o poder da Cristandade por terras estrangeiras.

Os quadros nobiliárquicos intervêm vivamente na expansão por terras africanas, procurando a partir daí tirar o máximo possível de dividendos, quer no reino quer nos próprios espaços ultramarinos (Moreno, 1989).

Portugal foi o precursor deste longo período, durante o qual avultam indelévels mudanças nas mentalidades e atitudes ocidentais. Inserida num contexto conturbado, a expansão marítima portuguesa dos inícios do século XV dependia de uma soma de interesses (Thomaz, 1994: 205).

Os rumos ou direções da Expansão ultramarina portuguesa, assim como as características que distinguem zonas de presença ou domínio e épocas diferenciadas numa mesma área, decorrem assim de múltiplos fatores condicionantes e também de quadros conjunturais (Cruz, 1997: 124).

O pioneirismo lusitano deveu-se à conjugação de fatores económicos, políticos e geográficos (Carvalho, 2018: 22). Não passando de uma estratégia de afirmação portuguesa perante as pretensões de Castela sobre os territórios africanos e ilhas atlânticas, torna-se desta forma uma verdadeira política bélica de múltiplas faces, que incidia sobre os interesses do rei, da nobreza, do clero e do Terceiro Estado (Thomaz, 1994: 60). A expansão portuguesa começava então, em Marrocos, um verdadeiro império de cidades (Godinho, 2018).

A guerra com Castela terminara e o país via-se comprimido entre os outros reinos peninsulares e o mar, sendo esta a sua saída natural, já que se tornava possível com a expansão, ainda que somente na costa norte-africana, vincar a independência (Dias, 1998: 12).

Na verdade, a política portuguesa conjuga-se com a expansão e iniciativas do Império turco em diversas áreas, inclusivamente as suas ligações com Argel e os potentados do Norte de África (Cruz, 1997: 123). Também Damião de Góis liga os começos da expansão portuguesa à ameaça otomana, que vai crescendo até às costas atlânticas – a realidade de meados de Quinhentos transposta para 1415-1420.

Os humanistas do século XVI, ávidos leitores dos clássicos, relacionam as primeiras viagens quatrocentistas com as sugestões dos périplos da África por gregos, egípcios e cartagineses na Antiguidade, retratando os navegadores portugueses como homens acicatados pela curiosidade científica, anelando verificar teorias sobre a forma do planeta, a distribuição das águas e continentes ou o comprimento do arco do meridiano, quando eram essencialmente práticos da arte de navegar (Godinho, 2018).

Os portugueses estabelecem-se em Marrocos após a conquista de Ceuta, em 1415, permanecendo até 1769<sup>9</sup>. O ano de 1415 corresponde, assim, ao arranque da narrativa portuguesa, que se desenrola até 1822 – o ano da independência do Brasil (Dias, 1998).

Procurando o estabelecimento e conquista de pontos chave das rotas marítimas e comerciais (Carita, 2016), em agosto de 1415 Portugal conquista Ceuta – um rico porto comercial e entreposto de caravanas, aberto para o Mediterrâneo, que se encontrava sob a égide do sultanato merínida (Redman & Boone, 1979). A sua importância fulcral na bacia do Mediterrâneo, enquanto zona de comércio, armazenamento e redistribuição, motivou as pretensões portuguesas a este bastião do Norte de África.

Tais características despertam no século XIV o interesse dos mercadores portugueses pelo comércio mediterrânico, abundante em produtos alimentares e de luxo (Barata, 1998: 31). Ceuta foi vista como um enclave único, capaz de proteger os cristãos entre o Mediterrâneo e o Estreito. O seu controlo – mais do que uma posição marítima no estreito – garantia a Portugal uma posição territorial no Norte de África, impedindo possíveis expedições militares magrebina à Península e tornando-se num ponto de partida para a prossecução da expansão militar (Mesquita, 2017). Com a conquista de Ceuta, Portugal conseguia repor o princípio do exercício de uma influência específica contra os muçulmanos (Barata, 2016).

---

<sup>9</sup> O ano de 1769 marca o momento em que o Marquês de Pombal ordena a total retirada e abandono de Mazagão, última praça portuguesa, que na altura se encontrava cercada pelas tropas do monarca marroquino, Sidi Muhammad ben 'Abd Allâh.

Ceuta era a chave marítima do império marroquino, e a conquista de Marrocos – em parte da sua zona litoral – garantia o monopólio do comércio do Sudão e abria o caminho para o comércio da Índia (Godinho, 2018).

Entre o mar e o muro de Castela, Portugal escolheu a morada de Neptuno e preparou as armas para a conquistar (Monteiro, 2016: 474).

A expansão portuguesa no Norte de África desenvolveu-se em diferentes etapas, ao longo de mais um século de investidas em território muçulmano (Carvalho, 2018: 22). Este programa de expansão territorial levou ao estabelecimento de pontos de apoio no continente africano, nomeadamente ao longo da costa (Redman, 1986).

As fundações portuguesas surgem um pouco por toda a costa atlântica e pelo Estreito de Gibraltar (Correia, 2014), registando-se uma notória ocupação em fortalezas junto e perto da costa, que ofereciam o domínio exclusivo das ligações por mar.

Portugal constitui uma armadura costeira de bases militares e comerciais que, depois da tomada de Ceuta, se estende progressivamente a sul e oriente, acompanhando o desenvolvimento desta nova potência económica e marítima (Carabelli, 2013: 88).

A instalação na costa era mais fácil, servindo de eventual proteção contra ataques, assim como de proteção ao tráfego marítimo, e estabelecendo um autêntico dispositivo litoral, que não mantinha relações com o interior (Carabelli, 2013).

Em certos locais assistimos notoriamente a uma ocupação de praças fortificadas, enquanto noutros sítios se começam a estabelecer autênticos protetorados coloniais (Farinha, 1999). A permanência lusa destes tempos pode-se dividir em períodos, dotados de características tão díspares que iam variando consoante a sua localização, tanto a norte como a sul.

As praças do estreito de Gibraltar – as primeiras a serem tomadas – asseguravam a defesa contra os piratas e a segurança das rotas marítimas entre o Mediterrâneo e o Atlântico, servindo de base a uma importante atividade de corso, desenvolvida ao serviço do rei e dos nobres. Barcos pesqueiros ocupavam-se na exploração dos ricos bancos da orla marítima marroquina.

Desde o momento em que se iniciou a reconquista cristã que as aldeias, cidades e vilas litorais portuguesas conheceram, todavia, os efeitos devastadores das investidas marítimas muçulmanas (Dias, 1998: 12). As embarcações que zarpavam dos portos norte-africanos de aquém ou além-estreito constituíam uma das principais preocupações das gentes e da Corte, sendo ainda um obstáculo importante ao desenvolvimento do comércio marítimo (Dias, 1998: 12).

Os períodos de paz eram aproveitados para as trocas comerciais com os diferentes produtos do país, os importados do Sudão – como o ouro e os escravos – e as especiarias do Oriente (Farinha, 1999). No entanto, a presença portuguesa em Marrocos teve objetivos, fundamentos e desenvolvimentos muito distintos em função do tempo e dos lugares em causa. A lógica de ocupação das praças do Estreito não era claramente a mesma da ocupação levada a cabo a sul – relacionada acima de tudo com a expansão marítima e o comércio (Barata, 2010), e orientada para o Índico.

O clima de guerra que se vivia era quase permanente (Farinha, 1999: 30), não obstante, o grau de conflitualidade ia variando muito (Farinha, 1999: 31). Tão depressa os portugueses se viam a braços com guerras sangrentas como celebravam acordos de paz com alcaides e reis. Tal costume acabaria por introduzir regras de conduta bélica, de modo a evitar uma escalada de violência.

Não obstante a evolução política do país e a conjuntura imperial portuguesa que se vivia, ambas afetaram em muito todo o processo de dominação territorial, fundamentalmente compassado por dinâmicas assimétricas, fruto da situação interna, da ordem internacional, da polarização de alguns territórios ultramarinos e da seleção de prioridades económicas (Farinha, 1999: 32).

A presença dos portugueses em Marrocos continuou muito depois da conquista de Ceuta, devido à relativa fraqueza da decadente dinastia merínida e aos novos recursos conseguidos por Portugal. Assim se estabeleceu o senhorio sobre a região do norte de Marrocos, nas circunscrições dependentes de Ceuta, Alcácer Ceguer, Tânger e Arzila, por acordo estabelecido com Mulei Xequé – primeiro soberano watácida –, no ano de 1471 (Farinha, 2004: 12).

Depois de Ceuta dá-se a malograda tentativa de ocupação de Tânger, em 1437 – um fracasso, já que os infantes acabam cercados e deixam para trás, como refém, o infante D. Fernando (Carita, 2016).

Com a consciência das dificuldades para manter Ceuta, gera-se a ideia de que o alargamento territorial ajudaria a combater o isolamento da praça, exercendo também um maior controlo das rotas comerciais do Norte de África (Moreno, 1992). Mais conquistas em território marroquino criavam pontos de força que asseguravam a presença portuguesa e tornavam o poder luso ainda maior. Assim, seguem-se as ocupações de Alcácer Ceguer, em 1458, de Arzila e Tânger, em 1471, e de Azamor e Mazagão, em 1486 (Monteiro, 2016).

O Mundo, no decurso dos séculos XV e XVI, estava a mudar muito rapidamente. Neste contexto, a fundação de Ksar Seghir e outras colónias portuguesas em Marrocos foram o corolário de tais mudanças (Redman, 1986).

### 2.2.3. Alcácer Ceguer

As informações de que dispomos acerca de Alcácer Ceguer são muito vagas e, por vezes, confusas (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911).

Em 971, os Omíadas do Al-Andalus tentaram apropriar-se do sítio, após uma expedição ordenada pelo califa al-Hakam al-Moustansir (El-Boudjay A. , 2012: 115), sendo usado como ponto de partida pelo emir almorávida Youssef Ibn Tachfin, durante a sua segunda passagem para o Al-Andalus, em 481 da Hégira (El-Boudjay, 2012: 117). Militarmente, permanece como o mais importante ponto de embarque para as tropas que se dirigem a Espanha, ao mesmo tempo que emerge como entreposto comercial — um autêntico ponto de transbordo de provisões e mantimentos para o reino de Granada (Redman, 1986).

Durante o reinado dos califas Abd al-Moumen e Yaakoub al-Mansour, Ksar Seghir tornou-se num grande estaleiro (El-Boudjay, 2012: 117) — onde foi construída a maioria dos navios que se dedicavam ao comércio no Estreito (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 353) — e no porto mais utilizado para as sucessivas expedições ao Al-Andalus (El-Boudjay, 2012: 117).

Michaux-Bellaire e Péretié (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 353) aludem pormenorizadamente a essas mudanças:

Yaqoub El-Mançour<sup>10</sup> n'y bâtit d'abord qu'un petit château (...).Puis, peu à peu, et à cause de la fréquence des expéditions, El-Qçar s'agrandit : on y éleua des maisons et des mosquées et elle devint un centre industriel assez important ; de nombreux artisans s'y installèrent, tels que tisserands, charpentiers, menuisiers, armuriers; les forêts des montagnes de l'Andjera fournirent les bois nécessaires à la construction des navires et une grande activité industrielle et commerciale régna dans le port qui devait pourvoir à l'équipement et à l'approvisionnement des armées successives qui devaient franchir le détroit.

Com os almóadas assiste-se a um claro incremento deste papel, ocupando uma função fulcral nas ligações marítimas entre o Norte de África e a Península Ibérica, mais especificamente no que toca a ações militares da dinastia (Teixeira, *et al.*, 2019). A sua localização no Estreito, bem próximo das costas espanholas, oferecia aos navios um abrigo seguro na baía, um verdadeiro porto natural (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911).

---

<sup>10</sup> Designa o mesmo Yaakoub al-Mansour referido por El-Boudjay no parágrafo anterior.

Nos séculos que se lhe seguem, Ksar continua a deter a função marítima de porta de acesso (Moujoud, 2012) – os sultões merínidas, Yaakoub Ibn Abd al-Hak, Youssef Ibn Yaakoub e outros, usam-na nas suas travessias para o Al-Andalus (El-Boudjay, 2012: 117). Tanto a dinastia Idríssida como a Almorávida, a Almóada e a Merínida usaram constantemente as enseadas de Ksar Seghir para chegarem à Península Ibérica – uma vez que a costa da Espanha se encontra apenas a cerca de 22 km de distância (Redman, 1986). No entanto, a sua importância começa a diminuir à medida que os muçulmanos perdiam terras na Andaluzia (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 355). No final do século XIV, Ksar Seghir muda de destino, transformando-se num refúgio dos piratas da Barbária (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911).

Alguns investigadores referem-se a Ksar Seghir como uma pequena vila sobreposta às ruínas de uma antiga fortaleza (Renou, 1846: 300). De acordo com Jean-Leon l'Africain (1982: 265), era um pequeno núcleo urbano portuário mandado construir por Mansour – rei e pontífice de Marraquexe – na costa do Estreito. Servindo de porto, fortaleza e assentamento para um largo número de senhores (Redman, 1986), era um enclave comercial e de controlo da região. Grande parte dos seus habitantes eram marinheiros, tecelões, comerciantes ricos e valentes combatentes (l'Africain, 1982).

Mesmo existindo pelo menos um estabelecimento do século XI na foz do rio, paira uma certa indefinição sobre a data de construção da cidade. Alguns investigadores colocam-na na época almóada – apesar dos raros argumentos textuais e arqueológicos explícitos; outros no período do domínio merínida do sultão Abu Yaqub, mas não citando fontes convincentes (Cressier, 2012). Os relatos e fontes medievais que referem Ksar Seghir são na sua maioria escassos e incompletos, sendo raro concordarem entre si (Moujoud, 2012: 38).

Não existe qualquer menção ao local nas fontes anteriores ao século X (Moujoud, 2012). O leque de topónimos que vieram a representá-lo estaria provavelmente vinculado a certos períodos históricos<sup>11</sup>. A sua primeira referência escrita data do século XI (Teixeira, *et al.*, 2019). Ibn Abi Zar refere, no seu *Qirtâs*, que Abu Yaqub data a fundação da cidade do ano de 1287 (Cressier, 2012). No ano de 1287, o sultão Youssef Ibn Abd al Hak empreende a construção de um recinto circular defendido por vinte e nove torres semicirculares (El-Boudjay, 2012) e a instalação de três importantes portas (Cressier, 2012): Bab al Bahr, Bab Fès e Bab Sabta. A cidade islâmica está

---

<sup>11</sup> *Marsa bab al-yemm, Marsa al-yemm, Bab al-Ksar, Madina al-yemm, El Ksar al-awwel* (Moujoud, 2012: 47), *Ksar Masmouda, Kasr al-majaz, Kasr al-jawaz, Ksar Seghir* (Moujoud, 2012: 48). Poderemos deduzir que o local provavelmente mudou de topónimo, de acordo com o papel que lhe era atribuído nas diferentes dinastias, a instalação de certas tribos, a mudança da sua importância ou talvez a ligação com outras localidades (Moujoud, 2012: 48).

inscrita num recinto com cerca de 200 m de diâmetro, conferindo-lhe uma certa originalidade planimétrica e urbana, no qual se inscreviam uma mesquita, um *hammam*<sup>12</sup> e áreas residenciais (El-Boudjay, 2012: 117).

As relações marítimas com entrepostos do Mediterrâneo – como os reinos de Aragão, de Granada e de Castela e algumas cidades italianas –, quer por terra, quer por mar, cruzavam-se com as ligações ao Próximo Oriente e ainda com as rotas que transpunham a cordilheira do Atlas marroquino. Essas rotas permitiam o acesso ao ouro, ao sal e a outros produtos do interior de África, que tinham uma forte procura nos portos marroquinos (Duarte, 2015: 107-108).

Marrocos era um centro cerealífero, de indústria têxtil e de produção de cavalos que muito importava ao comércio da África saariana e negra. Portugal, na altura, era um país muito carenciado de pão, sendo sucessivos os momentos em que faltava trigo, e Marrocos revelara-se um autêntico celeiro, uma região produtora muito rica (Duarte, 2015: 150).

É no cenário do desastre de Tânger, das ponderadas decisões de tomada ou não de determinadas cidades marroquinas e das pretensões expansionistas de D. Afonso V – bastante vivas e com perspectivas de conquistas futuras – que surge Alcácer Ceguer, atual Ksar Sghir, na mira da conquista lusa.

As relações dos portugueses com Ksar Sghir dão-se ainda durante o período do controlo muçulmano, começando pouco depois da conquista de Ceuta (Redman & Boone, 1979). Em 1416, o adail de Ceuta é capturado, juntamente com cinco soldados, durante uma incursão contra os berberes de Andjera, sendo feito prisioneiro pelo alcaide de Alcácer (Mascarenhas, 1918: 123). Por volta de 1426, cerca de quinze portugueses foram também lá tornados cativos (Mascarenhas, 1918). As relações hostis com a cidade continuarão até à data da conquista de Alcácer (Redman & Boone, 1979).

Depois de uma breve pausa nas conquistas marroquinas, em 1447 assume o trono português D. Afonso V (Fernandes, 2007), que, como os antecessores, estava ansioso pela glória militar (Cenival, 1934: 10), tornando-se a guerra em Marrocos novamente possível. Os seus feitos militares no Magrebe acabam por valer-lhe o cognome de *O Africano* (Serrão, 1989), tendo o monarca dado início a um período áureo nas façanhas militares além-estrito (Godinho, 2018), que marcou uma clara e nova orientação na política da expansão.

Influenciado pela nobreza – desejosa de conseguir novas doações de terra pela sua participação militar –, Afonso V privilegiou em muito a expansão, com o objetivo de conquistar cidades que

---

<sup>12</sup> Termo árabe que significa 'banhos públicos'.



ajudassem a diminuir o isolamento e as ameaças constantes que vinham assolando Ceuta (Proença, 2013).

A empresa oscilou entre Safim, que traria um proveito imediato; Tânger, que seria preferível a Alcácer, pois determinaria a rendição desta e asseguraria, em combinação com Ceuta, o domínio de uma área relativamente importante, e Alcácer Ceguer (Godinho, 2018). Em 1445-1456 pensou-se, pois, na tomada de Safim<sup>13</sup>, no entanto, após ponderada decisão, substituiu-se Safim por Alcácer Ceguer como alvo de conquista (Godinho, 2018).

Segundo Magalhães Godinho (2018: 204), Alcácer era economicamente atrativa para os portugueses enquanto centro de produção têxtil, ambicionando-se também o seu controlo por ser usada como ponto de partida para ataques muçulmanos à costa do Algarve. A sua proximidade com Ceuta tornava-a ainda mais útil para a descentralização das múltiplas atividades nesta praça, permitindo ainda o controlo das movimentações muçulmanas em direção à Península Ibérica e ao Mediterrâneo.

A escolha de Alcácer obedeceu, segundo Góis, à seguinte razão: era uma base de incomodativos ataques navais dos Mouros à costa algarvia. (...) Efetivamente, Alcácer era centro de indústria têxtil, em cujos produtos os portugueses estavam interessados. Por outro lado, Alcácer era a praça mais próxima de Ceuta e que melhor (com exceção de Tânger) podia aliviar a pressão que esta suportava. Além disso, Alcácer (como Tânger) constituía boa base para intercetar a navegação muçulmana do litoral marroquino atlântico para a Península Ibérica e para o Mediterrâneo.

Serenadas as lutas intestinas portuguesas, África recebe a atenção do rei cavaleiro (Macedo, 2004). A 29 de Maio de 1453, o sultão otomano Maomé II toma Constantinopla e põe fim ao Império Bizantino (Costa, 2018: 38). A tomada de Constantinopla, e os avanços que os turcos poderiam vir a fazer pela Europa, possivelmente terão levado o Papa Calisto III a pregar uma nova cruzada. Apesar de ser uma morte anunciada, o fim do território romano do Oriente causa uma grande comoção numa Cristandade agora mais exposta ao perigo turco (Costa, 2018: 39).

Afonso V manifesta imediatamente a sua adesão, comprometendo-se a servir durante um ano com doze mil homens (Macedo, 2004: 89). O monarca reúne uma armada que acaba, porém, por não

---

<sup>13</sup> Safim encabeçava a mais rica zona cerealífera de Marrocos e servia também como principal escoadouro do ouro das caravanas do Sudão.

partir, devido à falta de apoio dos restantes Reinos Cristãos, quase indiferentes ao projeto. Persistindo no desejo de colaborar com o Papado na contínua luta contra os infiéis, o rei português decide então atacar o Norte de África, preparando uma operação contra Tânger (Serrão, 1989), região impenetrável, que sempre tinha constituído um autêntico desafio para a entrada europeia (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911). A cruzada é adiada e Alcácer Ceguer surge como o objetivo da empresa (Serrão, 1989). No entanto, de acordo com Vitorino Magalhães Godinho (2018: 202), os planos de alargamento da presença portuguesa terão mesmo precedido essas novas ideias de cruzada e a queda de Constantinopla:

Antes da ideia de cruzada contra o Turco havia já em Portugal a ideia de uma nova expedição a Marrocos; o próprio [Rui de] Pina prova que o rei se fixou neste projeto antes da morte do Papa, por conseguinte, antes de se poder considerar por completo fracassada a preparação da cruzada. Mais ainda: o plano de alargamento do senhorio português em Marrocos precedeu mesmo a queda de Constantinopla; na verdade, a Bula de Eugénio IV, a 9 de Janeiro de 1443, concede à Ordem de Cristo, Vale de Angera, Tetuão e Alcácer Ceguer, quando forem arrancados ao poder dos infiéis: esta concessão revela que em Portugal se pensava então em ocupar estes lugares de além. Assim, temos que rejeitar o nervo da explicação formulada pelos cronistas. Não foi por ficar com forças militares e navais disponíveis que Afonso V resolveu atacar a mourama. Pelo contrário: não é disparatado conjecturar que, estando-se em preparativos para um ataque à Barbaria, o convite para a cruzada fosse acolhido como meio de facilitar financeiramente a expedição, de a justificar ideologicamente e de ludibriar o futuro atacado, que se julgaria em segurança perante o plano de aventura longínqua no Mediterrâneo levantino.

O infortúnio vivido em Tânger ainda era recordado pelos portugueses (Fernandes, 2007), pelo que a pretensão de regressar à praça marroquina ainda permanecia viva. Convocado o conselho, começam os debates acerca do rumo a tomar. Após o voto contra do infante D. Henrique e de outros notáveis do Reino, chega-se à conclusão de que seria mais cauteloso tomar Alcácer Ceguer, dado o facto de servir como bastião muçulmano nas operações levadas a cabo contra a Ceuta portuguesa.

Querendo vingar o desastre de seu pai e o cruel martírio de seu tio, Afonso V prepara então uma expedição rumo ao Norte de África (Castellanos, 1878). Em outubro de 1458, sai de Lagos um contingente militar de cerca de 25000 homens. O monarca empreende a sua primeira expedição guerreira a África (Proença, 2013), comandando uma armada expedicionária composta por 200 naus em direção a Ksar Sghir (Redman & Boone, 1979), com a ambição de a tomar para si.

A frota chega a Alcácer por volta de 21 de outubro, seguindo-se uma luta sangrenta (Lopes, 1939). A 23 de outubro Ksar Sghir é conquistada, o conde D. Duarte de Meneses<sup>14</sup> é nomeado seu capitão e instala-se uma guarnição na cidade. Os muçulmanos deixam Alcácer Ceguer com as suas mulheres, filhos e haveres; os cristãos fazem a sua entrada solene na vila (Costa, 2018). O cerco português é levantado e as forças lusas entram na cidade reclamando-a como a segunda conquista de sucesso da Coroa (Redman & Boone, 1979). Ksar abre então as portas ao exército português. O impacto da conquista portuguesa vem a ser imediatamente sentido através da consagração da mesquita islâmica em igreja (Correia, 2012: 100), na qual é celebrada uma missa de ação de graças pela vitória.

Como represália pela façanha portuguesa, Habdulach – rei de Fez – envia um avantajado exército para tomar novamente a cidade, originando um cerco que dura cerca de dois meses, e vem a ser levantado a 2 de janeiro de 1459 (l'Africain, 1982: 265), dada a falta de resultados a que assiste o monarca.

O cronista refere-se a essa intenção e medidas régias do seguinte modo (Zurara, 2007: 52),

ElRey de Feez partyo pera Tãger donde mandou suas cartas de percibimẽto por toda sua terra auisando todos que uieessẽpercebidos de mãtjimãos por que entendya poer cerco aa uilla dAlcacer e nõ se partyr de sobre ella atee que a filhasse. E desy fez uĩjr seus almazeẽs e falou cõ seus marĩjs e alcaydes sobre a maneyra que auya de teer sobre aquelle cerco.

A conquista de Alcácer foi levada a cabo como estratégia geográfica e militar (Fernandes, 2007) bem delineada, com táticas definidas e programadas com tempo, de modo a não redundar em fracasso. Revelou-se assim um importante ensaio para impor o poder europeu sobre o resto do Mundo (Redman, 1986). Demonstrando quão débil se encontrava o império marroquino, dá um certo impulso à continuidade da expansão portuguesa por terras dos infiéis, desbravando caminho para novas conquistas.

---

<sup>14</sup> Filho do conde D. Pedro de Meneses, primeiro governador de Ceuta.

A ocupação portuguesa que se lhe sucederá (1458-1550) consolida afincadamente os alicerces da Coroa lusa no Norte de África, que vem dar força a um continuado domínio de Ceuta. Em 1471, a suserania portuguesa é oficialmente reconhecida pelo próprio sultão de Fez, Moulay Saïd (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911).

Ksar Sghir detinha uma posição estratégica, sendo um dos pontos mais estreitos do Estreito de Gibraltar. Localizada a 19km de Tânger e 28 km de Ceuta (l'Africain, 1982: 265), encontrava-se a meio caminho entre ambas as cidades – característica que a tornara num enclave militar, capaz de manter segura a presença portuguesa na região, além de ser um local fundamental para preparar o terreno no controlo da região do Al-Gharb (Redman & Boone, 1979). Este pequeno porto, além de assegurar o domínio sobre Ceuta, facilitava em muito a ocupação de Tânger (Cenival, 1934), que cairá facilmente nas mãos dos portugueses após a conquista de Arzila em 1471, devido ao facto de se encontrar entre esta e Ksar.

Ksar Seghir é um dos principais locais da costa marroquina do Estreito de Gibraltar. Os textos e pesquisas arqueológicas confirmam a importância do seu potencial arqueológico (Moujoud, 2012: 37), sobretudo a arqueologia, que em muito tem ajudado a esculpir as balizas cronológicas deste período, graças à abundância de artefactos. Mais do que um suplemento da História, as abordagens arqueológicas podem delinear certos padrões do comportamento passado melhor do que evidências textuais. Desta forma, correlacionando os episódios arqueológicos com os eventos históricos, é possível a formulação de cronologias absolutas para estudar os materiais (Redman, 1986: 4).

Os objetos usados pelos habitantes fornecem um interessante vislumbre sobre o seu quotidiano, que em grande parte não surge nas fontes documentais (Redman, 1986: 9). A presença de uma comunidade portuguesa nas praças magrebina levou a que fossem transportados para lá objetos de uso e culto que só se fabricavam, originalmente, na Europa (Dias, 1998: 17). A cultura material do sítio concede aos arqueólogos informação detalhada sobre as atividades que tinham lugar em Ksar Seghir. Tais artefactos fornecem uma ideia dos padrões estéticos da altura e da forma como estes evoluíram ao longo do tempo (Redman, 1986: 9).

Atribui-se aos séculos XII e XIV grande parte das estruturas arqueológicas militares e civis descobertas neste sítio (Redman, 1986: 95), e os mais antigos achados arqueológicos, de natureza numismática, apontam também para estas centúrias (Redman, 1986: 129-130). De facto, o mobiliário descoberto em escavação é abundante e coerente, parecendo exclusivamente datado da era merínida e do longo período de ocupação portuguesa (Cressier, 2012: 67).

Os portugueses aproveitaram o nome islâmico, Ksar Sghir, aproximando-o da fonética e grafia lusas (Cruz, 2015), e batizaram a vila como Alcácer Ceguer. Sob o domínio português, Ksar Seghir teve uma ocupação de quase um século. A vila perdeu o seu papel industrial e comercial, atuando apenas como um reduto, quase alheio ao resto do país (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911)

A tomada da nova praça contribuiu em muito para a segurança militar da Península Ibérica e aliviou a pressão exercida pelos muçulmanos em Ceuta (Godinho, 2018). A população portuguesa atingiu então cerca de oitocentas pessoas (Dias, 1998), e durante os 92 anos de ocupação a cidade revelou ser mais do que um entreposto militar, crescendo em ruas pavimentadas, numerosas praças e edifícios domésticos, cívicos e religiosos (Redman & Boone, 1979).

Ksar é dos únicos locais de herança portuguesa com alguma duração que chegaram aos dias de hoje como autêntico campo arqueológico (Correia, 2012: 97) – o sonho de qualquer arqueólogo, graças ao seu nível de preservação e riqueza histórica (Redman, 1986). Resultando em dois, e em alguns casos quatro níveis de ocupação sobrepostos, todos construídos sobre níveis Islâmicos anteriores, nunca foi vítima da urbanização moderna, algo tão habitual em locais medievais (Redman & Boone, 1979), o que lhe conferiu um registo arqueológico muito bem preservado.

Ksar Seghir ocupa um lugar especial no mapa arqueológico de Marrocos, graças ao seu substrato histórico e simbólico (Alaoui, 2012: 6), e tem um valor inegável em património, o que o coloca entre os locais mais notáveis de interesse científico e turístico da costa mediterrânica marroquina (El-Boudjay, 2012: 7). O local recorda importantes momentos da história do país, constituindo uma herança comum entre as duas margens do Mediterrâneo, região que durante um longo período de tempo se tornara numa zona de empréstimo e intercâmbio cultural e humano (Alaoui, 2012).

Ksar Seghir é um lugar básico para compreender as continuidades e ruturas que as comunidades islâmicas e cristãs dos finais da Idade Média enfrentaram (Teixeira, 2016). O sítio arqueológico representa o núcleo urbano histórico por excelência (Alaoui, 2012: 6). Sendo também um espaço particularmente interessante para o estudo dos contextos de povoamento, tem vindo a proporcionar elementos-chave relativos às estruturas domésticas dos séculos XV-XVI, graças à excelente preservação da estratigrafia e ao facto de a vila ter sido abandonada depois da partida dos portugueses (Teixeira, 2016).

A essa *paragem no tempo* e suas vantagens científicas se referem André Teixeira e Jorge Correia (2017: 204):

Alcácer Ceguer constitui uma oportunidade privilegiada para o estudo do impacto da apropriação cristã sobre a matriz islâmica pré-existente, possibilitando também uma aproximação ao urbanismo e vivências de um burgo português dos séculos XV e XVI cristalizado no tempo.

O sítio arqueológico de Ksar Seghir tornara-se, assim, particularmente relevante pela evolução histórica que evidencia, pela sua localização geográfica e pelo planeamento urbano que apresenta (Alaoui, 2012).

Segundo Maria Leonor Garcia da Cruz (1997: 131), as dificuldades enfrentadas pelos portugueses no continente africano eram, contudo, notórias e o apoio do Reino não era o bastante para as enfrentar:

Entretanto, os lugares portugueses em África dependentes cada vez mais de abastecimentos do exterior – devido a calamidades naturais, à guerra contínua e à ameaça xerifina –, ressentem-se necessariamente das dificuldades do Reino. O monarca luta com dificuldades financeiras para saldar dívidas respeitantes a pagamentos não efetuados nos lugares setentrionais, enquanto aumentam as despesas no aprovisionamento em trigo.

Em 1543, diante das impossibilidades financeiras, não podendo o erário régio sustentar todas as posições portuguesas em Marrocos, D. João III coloca uma vez mais em questão a continuidade do domínio nas zonas mais expostas às ameaças xerifinas (Cruz, 1997: 142).

Oito anos após o abandono de Safim e Azamor, chega a decisão final de evacuar Arzila e Alcácer Ceguer (Cruz, 1997), um dos pontos mais frágeis da nossa rede defensiva (Dias, 1998: 54). Ksar sofre o destino de outros portos que se encontravam nas mãos dos portugueses: autênticas fortalezas ocupadas quase inteiramente por tropas, que além de custarem imensas vidas e sacrifícios, começam a ser abandonadas uma após a outra (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911).

Tal como Arzila, também Ksar Sghir é abandonado, na segunda semana de Julho de 1550 (Rodrigues, 1998: 167-168), no quadro de redefinição da política marroquina portuguesa, durante o governo de D. João III (Cruz, 1997).

O fim da presença militar portuguesa em Marrocos abriu uma nova época nas relações entre os dois países, que normalizaram os seus contatos diplomáticos, desenvolveram o comércio e protegeram a navegação (Farinha, 1999: 79).

Deixada no século XVI (Cruz, 2015), a vila não volta a ser ocupada (Redman & Boone, 1979) e o local vai sendo vítima de repetidas fases de degradação, causadas tanto por fatores humanos como naturais (El-Boudjay, 2012), ficando em evidência grande parte do seu estrato urbanístico e arquitetónico (Cruz, 2015).

As primeiras degradações violentas a que se assiste são as produzidas pelos portugueses em 1458 (El-Boudjay, 2012: 118), aquando da ocupação do local pautada pela transformação da mesquita em igreja cristã e do *hammam* numa prisão, bem como pela apropriação do restante tecido urbano.

Os portugueses conservaram a estrutura urbana já existente, procedendo apenas a mudanças nas funções de cada local ou a pequenas “atualizações” do espaço. No caso das habitações, manteve-se o nível de circulação e a sua divisão interna (Teixeira, *et al.*, 2016). Com o passar do tempo, estas casas foram modificadas pelos novos proprietários e reconstruídas de acordo com os ideais de habitação lusa (Redman, 1986: 165). Gradualmente foram moldando a cidade, adaptando-a à sua cultura e estilo de vida.

As ruínas de Ksar fornecem-nos um vislumbre da forma como se assiste a uma série de modificações, que levam à total transformação da cidade islâmica numa cidade portuguesa e europeia (Redman, 1986: 165).

As tentativas de reocupação após a partida lusa resultaram efémeras (Correia, 2014). Tal facto permitiu a conservação do último estrato de ocupação até aos dias de hoje (Cruz, 2015), originando um pertinente exemplar que reforçou o estudo do impacto português sobre a comunidade muçulmana da altura (Correia, 2014).

Portugal e Marrocos têm uma história comum bastante consistente, apesar de a presença portuguesa nunca ter sido bem aceite no país, originando ao longo dos séculos constantes pelejas entre muçulmanos e cristãos. Tendo em conta o período de permanência dos portugueses no território de Marrocos (1415-1769), a sua herança mergulha num passado longínquo que poderíamos definir como “o passado do passado” (Carabelli, 2013: 87). Esta mescla de entidades portuguesas e magrebinas confere o ímpar contraste que torna Ksar Sghir tão atraente.

Enquanto espaço de fronteira entre dois mares e dois continentes (Teixeira, 2016), Ksar Sghir mantém a singularidade que o Norte de África lhe incutiu, permanecendo como um reduto da mescla islâmica e portuguesa até aos dias de hoje.

As ruínas que ainda lá permanecem testemunham claramente a sua riqueza e diversidade de património. Testemunhas de um passado antigo, islâmico e português, são justapostas para fornecer aos pesquisadores um amplo campo de estudo (Moujoud, 2012: 37).



### **3. LEVANTAMENTOS**

#### **3.1. Levantamentos arqueológicos no Norte de Marrocos**

Enquanto área de investigação, a Arqueologia tem dado delicadamente os seus primeiros passos em Marrocos, especialmente na zona Norte, havendo ainda muito horizonte a alcançar e muitos aspetos a desbravar. Apesar de tudo, os continuados esforços de arqueólogos, historiadores e outros investigadores interessados na região têm vindo a contribuir para um aumento considerável do conhecimento e para um melhor entendimento deste Mundo tão conhecido, mas que ainda guarda muitos enigmas.

No século XIX, o Orientalismo alcança o seu expoente máximo. Os países do Próximo Oriente, do Magrebe e restante África tornam-se numa tentação para curiosos e aventureiros que anseiam conhecer e caminhar pelos cenários das Mil e Uma Noites. Desertos infinitos, essências e ruínas excêntricas, cobiçados serralhos de sultões, relíquias perdidas nas areias de um passado que estará prestes a ser posto a descoberto. Marrocos entra assim na gesta das expedições de aficionados pelos tempos antigos, atraindo uma série de viajantes imbuídos de um espírito romântico (Parodi, 2006). Nesta dinâmica de interesses exóticos surge um crescente interesse pela franja magrebina, encabeçado por países europeus como França e Espanha – com maior destaque aquando do Protetorado. Antiquários e exploradores começam a dedicar-se ao estudo de antiguidades – a ciência favorita das potências coloniais (Gozalbes Cravioto, 2012: 77) – e a percorrer o território magrebino na ânsia de conhecimento.

O período posterior à Segunda Guerra Mundial foi o momento áureo da Arqueologia no continente africano (Robertshaw, 1990), sendo esta ciência frequentemente usada como propaganda pelas potências coloniais (Gozalbes Cravioto, 2015). A visão de África, enquanto berço da Humanidade, serviu como elemento essencial no imaginário colonialista para a exploração dos enigmas do continente mistério (Gozalbes Cravioto, 2015).

A Arqueologia tornou-se na ciência mais querida das administrações coloniais e Marrocos não foi exceção. A partir de 1916, iniciam-se as escavações francesas de Volubilis (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011), durante as quais se recolhem notáveis achados e se põem a descoberto espaços e construções romanas de importante envergadura.

É ainda no século XIX que surge um pertinente interesse científico por parte de Espanha pelas suas colónias (Muñoz, 2008). Espanha começa a controlar Marrocos em 1912 (Serrano, 1995), permanecendo no país até ao momento da sua independência, em 1956. Durante este período

as práticas arqueológicas, pautadas por escavações e prospeções, começam a obter resultados significativos com o acalmar da Guerra de Marrocos (Morales Lezcano, 1986), por volta de 1926, e momentos depois da Guerra Civil (Fernández, 1997: 705). Os trabalhos reiniciam-se avidamente, e em 1940 já se inaugura o *Musée Archéologique de Tétouan*, sob a direção de Pelayo Quintero, contando com as suas primeiras coleções arqueológicas provenientes das intervenções<sup>15</sup>.

Por todo o território marroquino há uma infinidade de sítios arqueológicos, que variam em importância. Entre eles encontram-se as famosas cavernas pré-históricas de Casablanca, o singular cromeleque de Mezora<sup>16</sup>, as antigas cidades de Volubilis, Lixus, Banasa, Tamuda<sup>17</sup> e Zilil, bem como os sítios arqueológicos medievais de Basra Sijilmassa, Ghassasa, Mazemma, Aghmat, Tamdout e Ksar Seghir (Alaoui, 2012: 5).

Um elenco de importantes figuras marcou os estudos do Norte de Marrocos, deixando um legado através do qual se viria a traçar um compassado caminho rumo à investigação arqueológica. Inicialmente é evidente a participação de nobres e aristocratas, personagens que inauguram as primeiras intervenções no terreno, granjeando grande prestígio e começando a garantir um paulatino avanço no conhecimento científico (Muñoz, 2008: 149).

Em 1882, 1883 e 1884, o explorador espanhol Saturnino Ximénez Norich realiza três viagens ao país que marcam o ponto de arranque na mudança da atitude hispano-marroquina, tornando-se no primeiro europeu a entrar em Melila pela parte africana. Interessa-se pelos vestígios romanos de Volubilis, pelo Serralho de Mequinez<sup>18</sup> e, em Rabat, realiza decalques de inscrições<sup>19</sup>, remetidas à Real Academia Espanhola (Gozalbes Cravioto, 2005).

Em princípios do século XX, o Governo francês cria a *Mission Scientifique du Maroc*, dirigida pelo geólogo Gaston Buchet. O seu objetivo não se prendia com o avançar dos estudos, mas sim com o intuito de favorecer a posterior expansão francesa (Ramos, *et al.*, 2015: 58). As primeiras explorações de cariz científico são desenvolvidas em Tânger por parte da *Mission Scientifique du Maroc*, que empreende os seus trabalhos exploratórios num conjunto de túmulos<sup>20</sup> em cista da

---

<sup>15</sup> O Museu em muito beneficiou com a atividade arqueológica, acolhendo todos os materiais encontrados, o que resultou em espantosas coleções de artefactos dos mais variados períodos.

<sup>16</sup> Surge na bibliografia com duas grafias distintas: *Mezora* e *Mezoura*.

<sup>17</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos* como «Yac.000. Tamuda» (Bernal, *et al.*, 2015: 114).

<sup>18</sup> Monumento árabe que o explorador considerava ter sido construído com material proveniente da cidade de Volubilis.

<sup>19</sup> Epitáfios de túmulos de membros da família dos Benimerines, datados do século XIV.

<sup>20</sup> A maior parte dos túmulos já se encontrava violada, apesar de conterem ainda algum espólio – esqueletos, fragmentos cerâmicos e fragmentos de carapaça de tartaruga. Tratava-se de túmulos possivelmente coletivos, apresentando os ossos lá depositados certa coloração avermelhada (Gozalbes Cravioto, 2008: 38).

Idade do Bronze (Gozalbes Cravioto, 2008) e nas conhecidas *Grottes des Idoles*<sup>21</sup>. A partir daqui a exploração do país assume uma forma institucionalizada (Benhima, 2014).

Em finais do século XIX, exploradores e estudiosos como Pallary (1902, 1907, 1908), Buchet (1906, 1907), Tissot, Besnier (1908), Biarnay e Pérétie (1912), e ainda agentes consulares como Teodoro de las Cuevas (Ramos, *et al.*, 2015), dão um passo em frente no território marroquino.

Teodoro de las Cuevas menciona a existência de uma grande quantidade de dólmenes antigos, com 4m de altura e 4-6m de diâmetro, na zona entre os rios Lucus<sup>22</sup> e Tahadart (Gozalbes Cravioto, 2012: 188). As prospeções de Charles Tissot em muito contribuíram para o avançar da Arqueologia, nomeadamente do período clássico. Este dedicou grande parte da sua investigação a explorar ruínas romanas, identificando muitos dos topónimos citados por fontes clássicas e escavando o acampamento romano de *Tabernae*.

La Martinière dedica-se a explorar a costa de Ceuta a Tetuão, tendo encontrado diversos restos romanos. Procede a uma escavação em *Lixus*<sup>23</sup>, onde desenvolve os primeiros e mais notáveis estudos de numismática, graças às emblemáticas peças que encontra, além de ter descoberto numismas em *Tingi*. É também aqui que Philippe Berger encontra uma epigrafe funerária inédita, repleta de caracteres púnicos (Gozalbes Cravioto, 2008).

Investigadores estrangeiros de grande prestígio, como Hugo Obermaier, Paul Wernet e Henri Breuil protagonizam momentos de descoberta de marcantes sítios arqueológicos pré-históricos em toda a extensão geográfica marroquina, começando a profissionalizar a disciplina arqueológica (Moure, 1996).

Em 1906, Michaux-Bellaire localiza a cidade idrissida de *Hadjr en-Nasr*. G. Salmon dedica-se a descrever a alcáçova de Tânger, enquanto A. Joly faz o mesmo em Tetuão, apresentando detalhadamente as muralhas e os monumentos da cidade, ao mesmo tempo que se debruça sobre a sua história (Gozalbes Cravioto, 2008).

Henri de La Martinière localiza vestígios romanos na zona da costa entre o cabo Negro e a cidade de Ceuta. Paul Pallary percorre as costas marroquinas, trazendo consigo sílex da Pré-história e

---

<sup>21</sup> Também conhecidas por *Grutas de Hércules* (Gozalbes Cravioto, 2012: 211).

<sup>22</sup> Surge atestado na bibliografia com mais duas grafias: *Lucos*, *Lukus*.

<sup>23</sup> Em 1846-1847, o explorador alemão Barth identifica a antiga cidade de *Lixus* com ruínas localizadas numa colina perto de Larache, conhecidas por *Tusumush* (Gozalbes Cravioto, 2012: 187).

elementos de malacofauna<sup>24</sup>, e empreende alguns estudos no vale de Tetuão<sup>25</sup>, Tânger<sup>26</sup> e Larache (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011); documenta ainda a existência de sílex no Monte Hacho (Pallary, 1902: 915).

O geólogo francês Gaston Buchet<sup>27</sup> comprova a existência de uma cidade pré-romana e romana em *Souiar* – atual Tamuda<sup>28</sup> (Gozalbes Cravioto, 2016: 185) –, além de descobrir nas Grutas de Hércules<sup>29</sup> uma série de lâminas com entalhes, as primeiras aqui encontradas (Buchet, 1906). Estuda e escava também a necrópole de *El Mries*<sup>30</sup>, um mausoléu púnico<sup>31</sup>, e a necrópole de *Marshan*<sup>32</sup> (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011).

Em 1913, Antonio Blázquez y Delgado-Aguilera elabora uma síntese relativa à Pré-história do Norte de Marrocos, na qual faz referência ao cromeleque de *Mezora*<sup>33</sup>, a ruínas em Melilla, Ceuta, Tetuão e Tânger e ainda ao sílex retocado nas grutas de *Beliunes*<sup>34</sup> (Gozalbes Cravioto, 2008). Em 1919, Fernández de Castro localiza *Cazaza* no Marrocos oriental (Gozalbes Cravioto, 2008, p. 56).

Será, no entanto, César Luis Montalbán a iniciar os primeiros estudos de detalhe, em 1921, com a descoberta das ruínas da antiga cidade de *El Mogote* e de um povoado romano a sul do santuário

---

<sup>24</sup> Conceito referente a restos de moluscos.

<sup>25</sup> Em Tetuão localiza um sítio arqueológico com sílex talhado e um túmulo monumental, possivelmente púnico, em Beni Madan, perto da desembocadura do rio Martín (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 176).

<sup>26</sup> Em Tânger encontra restos de sílex na zona de Charf el Akab e túmulos da Idade do Bronze em Mries (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 176).

<sup>27</sup> Ingressa na *Mission Scientifique au Maroc*, criada pelo governo francês, que produz resultados extremamente importantes no terreno, a nível arqueológico – em especial em Tânger, dado possuir um património arqueológico particularmente rico e importante; a esta se junta, numa fase posterior, o diplomata Michaux-Bellaire (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 176).

<sup>28</sup> Cidade que remonta ao período pré-romano, entre os séculos III e II, tendo funcionado como centro comercial da influência cartaginesa na costa do Estreito. Foi destruída aquando da sublevação de Aedemon e da entrada das tropas romanas, por volta dos anos 40-42. Durante a ocupação romana apenas se edificou um *castellum* do Baixo Império (Tarradell, 1954: 124). A cidade foi edificada de acordo com uma planta helenística, com largas ruas perpendiculares muito bem traçadas, enquadradas por blocos de vivendas com divisões de dimensões reduzidas, com destaque também para uma grande praça retangular – possível centro da vida económica local. Observa-se a falta de edifícios públicos monumentais, apenas existindo alguns vestígios de uma possível muralha (Tarradell, 1954).

<sup>29</sup> Sítio arqueológico localizado no Cabo Espartel, a 14km de Tânger.

<sup>30</sup> Necrópole da Idade do Bronze, com vários túmulos em forma de cista, formados por quatro pedras encimadas por duas grandes lajes planas, nas quais se encontraram fragmentos de carapaça de tartaruga e cerâmica, e, numa outra, dois esqueletos bem conservados (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 177).

<sup>31</sup> Túmulo de Magoga Srira.

<sup>32</sup> Nela se encontraram 14 sepulturas, mas apenas uma intacta; aí repousavam os ossos de uma criança, no interior de um ataúde de chumbo, além de um vaso de vidro e uma pequena estatueta de terracota – atualmente conservada no Museu de Tânger. O lugar veio a ser novamente estudado por Michel Ponsich, o qual concluiu que os túmulos pertencerão aos séculos II e I a.C. (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 178).

<sup>33</sup> O termo pode ainda aparecer noutras grafias, tais como *Mzoura*, *Mçora*, *M'Zora*, *Msoura*.

<sup>34</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos* como «Yac.131 Beliunes I» (Bernal, *et al.*, 2015: 305). Na mesma carta arqueológica surgem, ainda, mais dez entradas relativas a Beliunes – «Yac.132 Beliunes II», «Yac.133 Beliunes III», «Yac.134. Beliunes IV», «Yac.135. Beliunes V», «Yac.142 Beliunes VI», «Yac.143 Beliunes VII», «Yac.144 Beliunes VIII», «Yac.145 Beliunes IX», «Yac.151 Beliunes X» (Bernal, *et al.*, 2015).

de *Sidi Abselam del Behar*<sup>35</sup>. Procede a campanhas de prospeção no vale do rio Martín, na sequência das quais ocorre a descoberta da cidade de *Tamuda* (Gozalbes Cravioto, 2008) – escavada entre 1921 e 1922. Em 1923, inicia uma escavação em *Lixus*<sup>36</sup> (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 182) e de seguida em *Mezora*<sup>37</sup>. Escava ainda uma pequena basílica cristã, umas termas baixo-imperiais e uma oficina de salga de peixe (Gozalbes Cravioto, 2008: 53). Em 1929, empreende uma nova exploração na costa mediterrânea, descrita em *Viaje de estudio desde el río Lau al río Nekor*<sup>38</sup>.

Em 1922, Manuel Gómez Moreno publica um estudo acerca dos monumentos e arqueologia de Tetuão, baseado em observações decorrentes de uma viagem, focando a sua atenção em *Tamuda*, nas masmorras de Tetuão e em algumas antiguidades islâmicas (Díaz-Andreu, 2015).

Destacam-se igualmente os estudos de Hugo Obermaier sobre o Paleolítico da região (Muñoz, 2008), o qual, em 1927, após uma intensa campanha de prospeções, encontra vários sítios paleolíticos<sup>39</sup> (Gozalbes Cravioto, 2016: 185). Nas palavras de José Ramos Muñoz (2008: 152), “Obermaier desempenhou um trabalho notável e muito sério em Marrocos, onde se contam numerosos achados e reflexões de um grande interesse histórico”.

Entre 1928 e 1932, o franciscano francês Enry Koehler realiza uma série de prospeções em estações arqueológicas do Norte de Marrocos – contabilizando um total de 18 estações de superfície –, e empreende uma escavação na gruta de *Achacar*<sup>40</sup> (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 184). Pode-se dizer que tanto Obermaier como Koehler deram um contributo fundamental para o desenvolvimento dos estudos acerca do Paleolítico e Neolítico marroquinos (Gozalbes Cravioto, 2008).

Entretanto, Angelo Ghirelli, interessado nas origens das tribos berberes, avança na procura de vestígios pré-históricos pelo território. Em 1932 publica os resultados, expondo dados acerca de

---

<sup>35</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.013 Sidi Abdeslam del Behar» (Bernal, *et al.*, 2015: 138-140).

<sup>36</sup> Durante as escavações é encontrada uma basílica da época romana, possivelmente construída sobre os restos de um templo fenício (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 183).

<sup>37</sup> Em Mezora, Montalbán encontra um enterramento em cista com um pequeno objeto de metal no seu interior. Esta escavação vem a ser interrompida quando o arqueólogo é preso pelas tropas do general Franco (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 185), ficando o monumento votado ao esquecimento e sem qualquer tipo de conservação.

<sup>38</sup> Memória n.º 9 do *Musée Archéologique de Tétouan*. Montalbán menciona ter encontrado nos rios Lau e Tiguissas evidências de Paleolítico, no rio de Sidi Mesaud, sílex e quartzito talhado, e em Cazaza, restos paleolíticos, além de cerâmica púnica e romana.

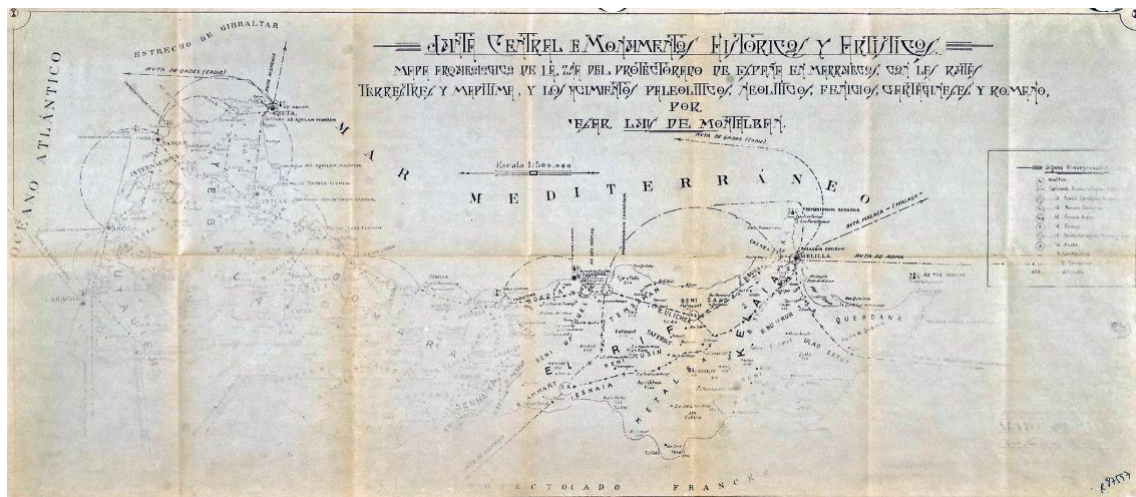
<sup>39</sup> O conjunto de estações arqueológicas estendia-se desde o rio Lucus até ao rio Tahadart, e da zona do cabo Negro até à margem direita do rio Martín (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 184).

<sup>40</sup> Também conhecida por *Grotte des Idoles*; aqui Koehler encontra fragmentos de cerâmica cardial e decorada do Neolítico (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 184).

túmulos pré-históricos da Idade do Bronze em Tânger e *Mezora* (Gozalbes Cravioto, 2008). Estuda ainda vestígios da meseta de Taxuda e as ruínas de *Cazaza* (Gozalbes Cravioto, 2005).

O primeiro verdadeiro levantamento arqueológico feito no Norte de Marrocos remonta a maio de 1933 e é da autoria de César Luis Montalbán – mencionado em parágrafos anteriores. Conhecido como *Mapa Arqueológico de la Zona del Protectorado de España en Marruecos con las rutas terrestres y marítimas y los yacimientos paleolíticos, neolíticos, fenicios, cartagineses y romanos* (Ramos, *et al.*, 2015: 34), encontra-se atualmente em Madrid, conservado em várias versões na Biblioteca Nacional e no Museu Arqueológico Nacional. À escala 1:500.000, o seu grau de precisão cronológica é inigualável, estando dividido em nove categorias: Paleolítico (P), Neolítico (N), Fenício-Cartaginês-Romano (FCR), Fenício-Cartaginês-Romano-Árabe (FCRA), Romano-Cartaginês (RC), Romano-Árabe (RA), Romano (R), Fenício-Cartaginês-Romano-Godo (FCRG) e Árabe (A).

O autor coloca em especial destaque cinco sítios arqueológicos: *Alcazarseguer* (Fenício-Cartaginês-Romano), *Beliunes* (Romano-Árabe), *Ceuta* (Fenício-Cartaginês-Árabe), *Z. el Khemis* (Fenício-Cartaginês-Romano) e *Tamuda* (Fenício-Cartaginês-Romano). Esta é, possivelmente, a primeira exposição gráfica de uma ‘Carta Arqueológica’ do norte do país, na qual os sítios surgem listados por épocas, destacando-se uma zona de referência entre Ceuta, Benzú, Tetuão e Alcácer Ceguer, além de se fazer menção a topónimos das fontes clássicas atribuídos aos locais de época romana (Ramos, *et al.*, 2015: 34).



Mapa 1. Mapa Arqueológico de la Zona del Protectorado de España en Marruecos con las rutas terrestres y marítimas y los yacimientos paleolíticos, neolíticos, fenicios, cartagineses y romanos (1933), de César Luis Montalbán (Ramos, *et al.*, 2015)

De igual forma, realizou-se a restauração das muralhas portuguesas de Arzila e Alcácer Ceguer, estudadas por Montalbán (Gozalbes Cravioto, 2008: 56). Alcácer recebe uma atenção especial aquando da visita de vários dignatários portugueses, tendo Montalbán chegado, inclusive, a publicar uma memória, intitulada “*Estudios sobre Alcazarseguer*”, que se centra no castelo português dos séculos XV e XVI.

Em 1934, Andrés Sánchez Pérez encontra a cidade de *Nakur*, no vale de Al-Hoceima, junto à lagoa de Tamdahua (Gozalbes Cravioto, 2008: 56), e em 1935, Raymond Thouvenot inicia estudos acerca das origens cristãs da Mauritânia Tingitana (Blázquez, 1982).

Por volta de 1936, dois norte americanos – Ralph Nahon e Hooker A. Doolittle – recolhem utensilagem em sílex, ao mesmo tempo que se dedicam a elaborar um estudo arqueológico da região de Tânger. Mais tarde, iniciam uma escavação na cova de *El Aliya*<sup>41</sup> (Ramos, *et al.*, 2015)



Mapa 2. Detalhe do Mapa Arqueológico de la Zona del Protectorado de España en Marruecos con las rutas terrestres y marítimas y los yacimientos paleolíticos, neolíticos, fenicios, cartagineses y romanos (1933), de César Luis Montalbán (Ramos, *et al.*, 2015)

<sup>41</sup> Como resultado da escavação encontrou-se um fragmento humano de tipo neandertalense, além de peças foliáceas e pontas pedunculadas bifaciais da indústria ateriense (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 185).

e reconhecem o sítio arqueológico romano de *Cotta*<sup>42</sup>, nas imediações de Tânger (Ramos, *et al.*, 2015: 60).

Sobressai nesta altura a figura de Pelayo Quintero Atauri, que escava ininterruptamente desde a sua chegada a Marrocos, em 1940, e até 1945 – ano da última escavação, que realiza em Tamuda (Parodi, 2006). A contribuição de Pelayo Quintero foi enorme para a arqueologia de Marrocos (Ramos, *et al.*, 2015: 52), tendo empreendido várias prospeções pela região de Tetuão. Na qualidade de responsável pelo *Servicio de Excavaciones de la Alta Comisaría Española*, devota grande parte do seu trabalho ao sítio arqueológico de *Tamuda*<sup>43</sup> – entre 1940 e 1945 –, de *Lixus* e de *Mezoura*.

Depois de Pelayo Quintero, assiste-se a uma renovação da Arqueologia e das suas linhas de atuação, passando-se de uma mescla de realidades academicistas e voluntaristas, com rasgos de antiquarismo, para uma arqueologia académica, científica, com um focado interesse na administração cultural e na gestão do património (Ramos, *et al.*, 2015).

Neste contexto surge Miguel Tarradell, que vem dar um impulso ainda mais forte aos trabalhos arqueológicos no Norte de Marrocos, com importantes intervenções nos terraços paleolíticos em torno do rio Martín (Tetuão), além da atenção que conferiu ao mundo púnico, com prospeções em vários povoados ao longo da costa, em especial *Sidi Abselam de Behar*<sup>44</sup> e *Emsà*<sup>45</sup> (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011).

Na opinião de Gozalbes Cravioto e Parodi (2011: 205), “Tarradell desenvolveu no Norte de Marrocos a melhor prática arqueológica da época, mantendo um foco na análise dos processos históricos”. O arqueólogo contribuiu firmemente para a consolidação de uma “nova” Arqueologia, profissional e universitária, bastante ligada à esfera da gestão pública do património marroquino (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011), marcada por uma certa institucionalização, que supera a fase das atividades voluntárias (Gozalbes Cravioto, 2008: 34), desenvolvidas até ao momento por aficionados e curiosos antiquários.

---

<sup>42</sup> Oficina de salga.

<sup>43</sup> Tamuda contou com seis campanhas de escavação, com periodicidade anual, todas elas sob a direção de Quintero (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 187).

<sup>44</sup> Sítio arqueológico localizado numa praia aberta, ao lado do rio Martín, que ocupa uma pequena colina a poucos metros do mar. Sondagens feitas no local demonstraram que, numa época posterior à sua fundação, o povoado se estendeu mais uns metros (Tarradell, 1954: 122).

<sup>45</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.012 Emsà» (Bernal, *et al.*, 2015: 136-137).



Tarradell imprimiu um avanço à Arqueologia do Norte de Marrocos. Gascó (2008: 124) reconhece igualmente que a atividade do arqueólogo, durante os dez anos que esteve em Tetuão, merece ser destacada pelo número de intervenções que realizara.

É com Tarradell que as prospeções começam a dar importantes frutos. Durante a sua estadia em Marrocos, viajou bastante (Díaz-Andreu, 2015), o que lhe permitiu conhecer a região. As suas intervenções no terreno conduzem-no ao vale de Tetuão e arredores, onde encontra locais emblemáticos para a arqueologia marroquina – povoados paleolíticos e uma oficina romana de salga de peixe<sup>46</sup> (Gozalbes Cravioto, 2016, p. 186). Realizou sondagens na cidade de *Ad Mercuri* (Parodi & Gozalbes Cravioto, 2011: 204), e esteve ainda envolvido nas escavações das grutas-santuário de *Caf Taht el Ghar*<sup>47</sup>(Tânger) e *Gar Cahal*<sup>48</sup> (Ceuta), as quais registam ocupações neolíticas e da Pré-história Recente (Muñoz, *et al.*, 2016: 225). Teve um papel ativo na necrópole de San Lorenzo, em Melila (Gascó, 2008), e nas escavações anualmente levadas a cabo nos sítios arqueológicos de *Tamuda* e *Lixus* (Díaz-Andreu, 2015). Tamuda foi uma cidade à qual Tarradell dedicou especial atenção, em campanhas de escavação de 1949 a 1955 (Blázquez, 1982). Em Lixus contou com a ajuda do arqueólogo francês Michel Ponsich (Gozalbes Cravioto, 2014).

Ponsich, com a experiência arqueológica que desenvolvera nas escavações de *Volubilis*, dedica-se à análise do urbanismo de Tânger (Blázquez, 1982). Vem a entregar-se, um pouco mais tarde, aos contextos norte-marroquinos, colaborando ativamente com Miquel Tarradell. Em 1970, elabora uma síntese arqueológica da região de Tânger, desenvolvendo um capítulo relativo à Idade do Bronze e ao estudo de várias necrópoles de cista. Na sua obra apresenta um mapa do Fahs tangerino onde identifica várias estações de superfície, com as coordenadas de cada uma. Procede a algumas campanhas de prospeção, durante as quais anota todos os vestígios pré-históricos que surgem. Na revista *Bulletin d'Archéologie Marocaine* publica também uma soma considerável de artigos, resultando num importante contributo para o *Atlas arqueológico de las zonas de Tánger y Larache* (Gozalbes Cravioto, 2013).

Tamuda e Lixus foram as únicas cidades do Norte de Marrocos onde se realizaram escavações arqueológicas de grande envergadura, durante o Protetorado Espanhol, ao passo que na zona

---

<sup>46</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.089. Sania y Torres» (Bernal, *et al.*, 2015: 243).

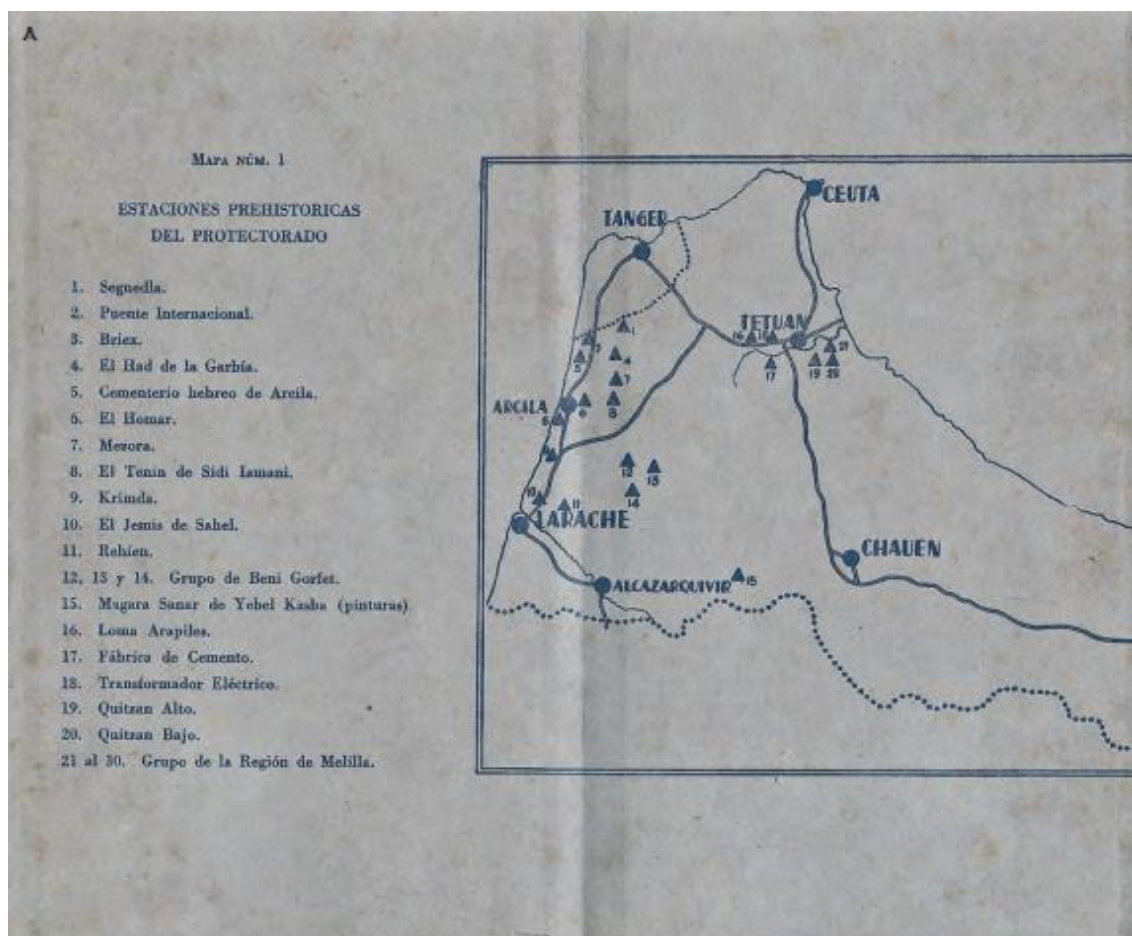
Já não existem vestígios desta oficina, que por ação antrópica acabou por desaparecer.

<sup>47</sup>O local surge identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.014 Caf Taht el Ghar I» (Bernal, *et al.*, 2015: 141).

<sup>48</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.165. Gar Cahal» (Bernal, *et al.*, 2015: 348-351).

francesa – nas escavações de *Volubilis* e *Banasa* – os arqueólogos se limitaram às camadas imperiais (Tarradell, 1954: 126).

Miquel Tarradell elabora, em 1953, a *Guía arqueológica del Marruecos español*, publicada pelo *Bulletin d'Archéologie Marocaine* (Gozalbes Cravioto, 2008: 34), na qual surge sintetizada a riqueza pré-histórica de cinco sítios arqueológicos – *Loma, Arapiles*<sup>49</sup>, *Fábrica de Cemento*<sup>50</sup>, *Transformador Eléctrico*<sup>51</sup>, *Quitzan Alto*<sup>52</sup> e *Quitzan Bajo*<sup>53</sup> (Ramos, *et al.*, 2015: 43).



Mapa 3. Guía arqueológica del Marruecos español: Estaciones prehistóricas del Protectorado (1953), de Miquel Tarradell (Ramos *et al.*, 2015)

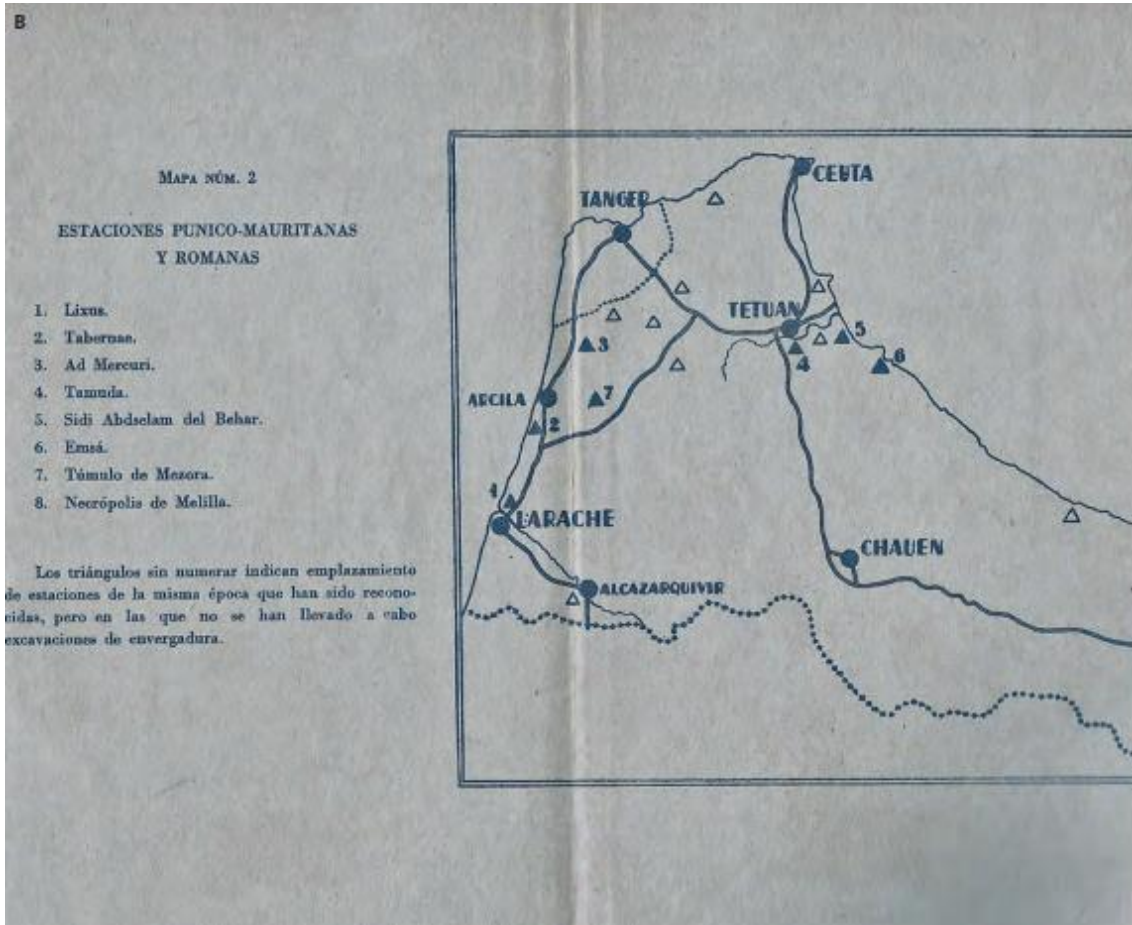
<sup>49</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.055 Loma de Arapiles I (Bernal, *et al.*, 2015: 204). Há uma segunda entrada, na mesma obra, que surge como «Yac.070 Loma de Arapiles II (Bernal, *et al.*, 2015: 221).

<sup>50</sup> O local surge identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.079 Dim Samdi I – Fábrica de cemento» (Bernal, *et al.*, 2015: 348). Surge ainda, na mesma carta, uma segunda entrada, como «Yac.080 Dim Samdi II – Fábrica de cemento» (Bernal, *et al.*, 2015: 232).

<sup>51</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.058 Transformador Eléctrico» (Bernal, *et al.*, 2015: 208).

<sup>52</sup> O local surge identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.078 Quitan Alto (Bernal, *et al.*, 2015: 230).

<sup>53</sup> O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.077 Quitan Bajo (Bernal, *et al.*, 2015: 229).



Mapa 4. Guía arqueológica del Marruecos español: Estaciones Punico-mauritanas y Romanas (1953), de Miquel Tarradell (Ramos *et al.*, 2015)

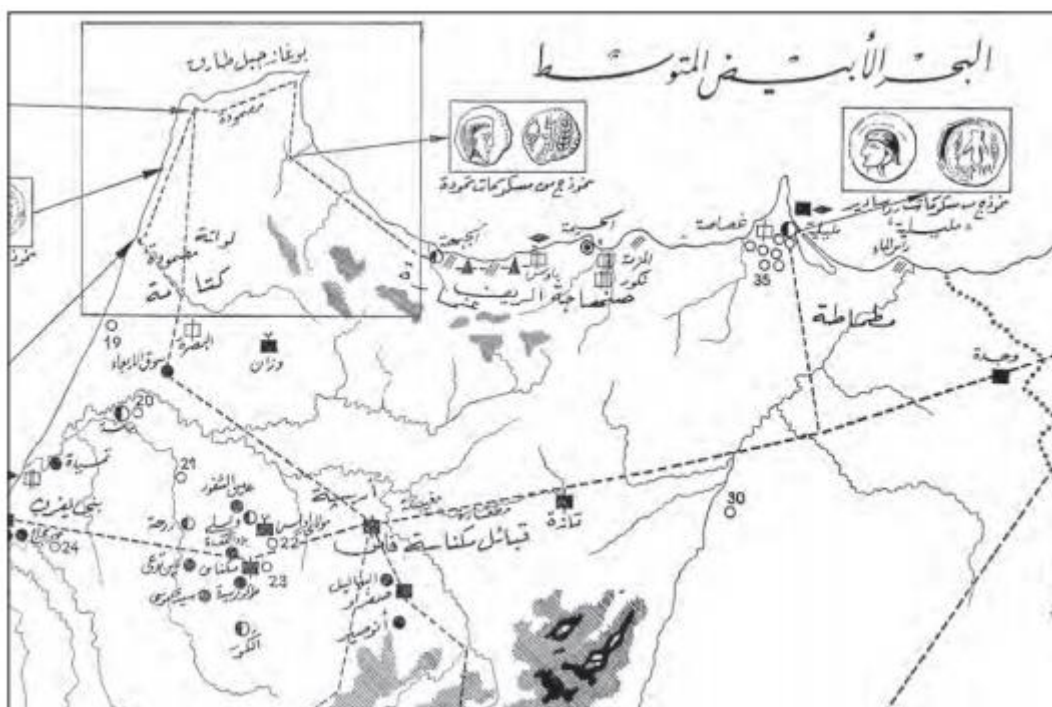
A ele se atribuem igualmente os primeiros mapas de detalhe divididos em comarcas, como o do vale do rio Martín; contribui também de modo marcante para o *Atlas archéologique du Maroc: région de Tetouan*, publicado em 1966 no *Bulletin d'Archéologie Marocaine*, que resultou na sistematização de vinte e quatro sítios, divididos por microrregiões: uma na costa<sup>54</sup>, outra no vale do rio Martín<sup>55</sup> e uma última na zona de Anyera<sup>56</sup> (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>54</sup> Na qual se contam os sítios de *Oued Lyam, Sahara, Alcazarseguer, Er Rmel, El Marsa, Benzú, Ceuta, Sidi Bou Hayel, Sania e Torres, El Mdi*.

<sup>55</sup> Em que se encontram os sítios de Sidi Abdeslam de Behar, Kitzan, Tetouan – estrada do rio Martín –, Tetouan – estrada de Rabat –, Tamuda e Emsa.

<sup>56</sup> Nesta última zona incluem-se os sítios de *Souk el Khemis, Feddan Aakaba, Quediuat Slim* e um último sem denominação.

Merecem ainda referência os estudos de Fernando Valderrama sobre inscrições árabes de Tetuão e acerca do palácio califal (Gozalbes Cravioto, 2005); os trabalhos de Carlos Posac, em 1957 (Ramos, *et al.*, 2015: 47), e os achados pré-históricos de Frederick Zeuner, em 1953 (Bernal, *et al.*, 2015). Dignos de menção são ainda os trabalhos de Ahmad Muhammad al-Makinasi<sup>57</sup> que, em conjunto com Tarradell, escava em Tamuda, tendo ainda procedido a campanhas de escavação em Tiguisas e em Alcácer Ceguer, para o estudo da cerâmica árabe medieval de Marrocos (Gozalbes Cravioto, 2005). Em 1961, Meknassi eterniza na *Carte archeologique du Maroc* cerca de nove sítios arqueológicos. Em 1973, destacam-se os trabalhos de Georges Souville relativos à Pré-história (Ramos, *et al.*, 2015).



Mapa 5. Carte archeologique du Maroc (1961), de Meknassi (Ramos, *et al.*, 2015)

Segundo Gozalbes Cravioto (2005), os únicos estudos espanhóis que alcançam verdadeira qualidade surgem no momento em que Marrocos consegue a independência, quando se inicia o estudo de Leopoldo Torres Balbás no sítio arqueológico de Beliunes.

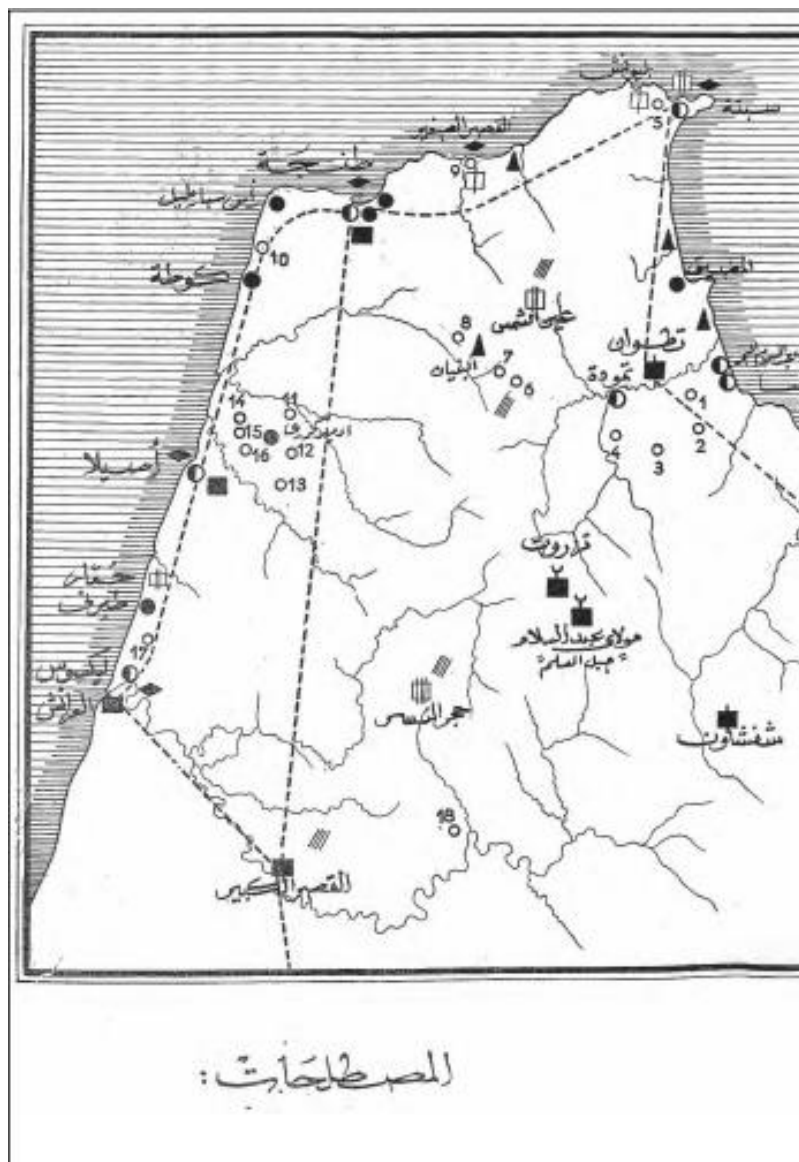
Entre 1974 e 1981 desenvolve-se em Ksar Sghir um projeto americano-marroquino encabeçado por Charles L. Redman e James Boone<sup>58</sup>. Durante as seis campanhas, a equipa conseguiu escavar cerca de 18% do sítio. As intervenções revelaram parcelas do aglomerado existente à chegada

<sup>57</sup> Ahmad Muhammad al-Makinasi também surge na bibliografia como Meknassi.

<sup>58</sup> (Redman, 1986); (Redman & Boone, 1979).

portuguesa, assim como a ocupação cristã do local, denotando-se o aproveitamento das estruturas preexistentes, como as crônicas documentam (Dias, 1998). Atualmente, as publicações da equipa são uma valiosa fonte de conhecimento acerca da presença portuguesa (Teixeira, *et al.*, 2019). Depois da campanha de escavação de Redman, durante quase 25 anos, o local ficou ao abandono, contribuindo esse período para a desvalorização do seu potencial arqueológico (El-Boudjay, 2012). As escavações do arqueólogo americano permitiram melhorar em muito o conhecimento acerca da cidade, permitindo-nos uma reconstituição que deve andar muito próxima da realidade (Dias, 1998).

Nos anos 70, salientam-se sobretudo os trabalhos de Enrique Gozalbes Cravioto, que continuou a investigar toda esta área até à atualidade (Ramos, *et al.*, 2015: 47).



Mapa 6. Detalhe da Carte archeologique du Maroc (1961), de Meknassi (Ramos *et al.*, 2015)

Nos anos 80 do século passado surgiu um projeto arqueológico de cooperação franco-marroquina – *Neolítico del Marruecos atlántico septentrional* – dirigido por Jean Pierre Daugas e Abdeslak Mikdad, e focado no estudo crono-estratigráfico e interdisciplinar de grutas da região, tanto de Tânger como de Tetuão (*Achakar, Los Ídolos, El Khil, Tahadart, Ghar Cahal, Caf That el Ghare e Kaf Boussaria*). Também se debruçou sobre o conjunto megalítico de Mezora, que ofereceu cronologias neolíticas (Ramos, *et al.*, 2015: 48).

Realizou-se igualmente um projeto marroquino-belga de prospeção e estudo do território que empreendeu sondagens em Tânger, sob a direção de Abdeljalil Bouzouggar e Marcel Otte (Ramos, *et al.*, 2015: 48).

Em Tetuão, na zona do Oued Lau, Mohamed Abdellelil El-Hajraoui e Manuel Fernández-Miranda dirigiram o *Proyecto del Valle del Lau*, que contou com prospeções de superfície em 1988 e 1992, durante as quais se documentaram 50 sítios arqueológicos pré-históricos e pré-islâmicos. Ainda se escavaram os sítios de *Kef el-Hammar* e *Kach Kuch* (Ramos, *et al.*, 2015).

Recentemente, iniciou-se em *Mezora* um novo projeto da Universidad de La Laguna, encabeçado por María Dolores Camalich e Khalil El Hajjaji.

Em 2005 reativaram-se os estudos da cidade de *Tamuda*, através de sondagens estratigráficas, com elementos das universidades Abdelmalek Essaadi, Huelva e Cádiz (Ramos, *et al.*, 2015).

Todo o Norte de Marrocos contou desde cedo com a intensa dedicação de diversos investigadores e com trabalhos pioneiros que se têm sucedido, marcando a disciplina de um modo notório. Depois da independência do país, houve certa continuidade na investigação ao redor de Tânger, com as contribuições de Antonio Gilman. Na região de Tetuão continuam os estudos nos anos 50 e 60 do século passado, a cargo de Ahmed Meknassi, e nos anos 70 pontuam as contribuições de Enrique Gozalbes Cravioto. A partir dos anos 80, dá-se um autêntico relançamento de estudos e projetos, que continuam ativos até à atualidade (Ramos, *et al.*, 2015: 49).

Contudo, apesar de toda a dedicação e esforço, é evidente que não se explorou mais do que determinadas zonas já estipuladas, em particular os arredores de Tânger e Tetuão (Ramos, *et al.*, 2015).

Ao longo dos anos, a dispersão de dados e a reduzida bibliografia começaram a caracterizar o panorama observável em Marrocos (Bernal, *et al.*, 2015). No entanto, de 2008 a 2012, graças aos esforços de uma equipa de arqueólogos, geólogos e historiadores, dá-se início a um projeto de colaboração espanhola e marroquina com vista à elaboração de uma obra que viria a ser conhecida como *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012). Prospección y*

*yacimientos, un primer avance. Vol. I. Atlas de yacimientos arqueológicos del Norte de Marrocos*, a qual acolhe inúmeros artigos dos mais variados períodos, abordando temas e questões específicas do caso em estudo.

Foram ainda realizadas diversas sondagens e escavações<sup>59</sup> em povoados de várias épocas históricas (Muñoz, *et al.*, 2016: 220). Para abordar o terreno, a equipa realizou constantes campanhas de prospeção, quer intensivas, quer extensivas. Recorreu também a sondagens e escavações preventivas nos locais de maior importância e que apresentavam maior necessidade de conservação, perfazendo um total de nove intervenções. Procedeu por fim à análise de mapas e ao estudo de material arqueológico proveniente das intervenções acrescentando algum outro espólio depositado no *Musée Archéologique de Tétouan*<sup>60</sup>, que resultaram em monografias e estudos de espólio arqueológico de *Caf Taht el Ghar*, *Gar Cahal* e *Tamuda* (Muñoz, *et al.*, 2016). A equipa conseguiu assim criar um importante catálogo de sítios que possibilita a consulta de todos os dados inéditos, a que se acrescenta a informação arqueológica já existente. Cada sítio arqueológico conta com uma ficha própria, que apresenta os seguintes campos: 'Breve historial do achado/sítio'; 'Localização geográfica'; 'Cartografia'; 'Acessos'; 'Contexto geológico'; 'Estado de conservação'; 'Área de dispersão'; 'Cronologia'; 'Função'; 'Espólio'; 'Estruturas'; 'Apreciação histórico-arqueológica' e 'Bibliografia'.

Compilando um vasto conjunto de informação permite um acesso rápido a um importante grupo de sítios e referências arqueológicas no Norte de Marrocos, abrindo a possibilidade a novos trabalhos na região.

É evidente que, em Marrocos, as prospeções arqueológicas sempre mereceram menor atenção relativamente às escavações (Ruiz Zapatero, 1983), tendo que se considerar esta situação como o resultado da opção por linhas de trabalho mais tradicionais (Bernal, 2015).

De 2008 a 2012, período em que vigorou o *Proyecto de la Carta Arqueológica del Norte de Marruecos*, os investigadores conseguiram fazer a prospeção do correspondente a 8-10% da área definida como objeto de estudo. Essa investigação veio trazer uma nova luz aos estudos do território e uma clara renovação metodológica às abordagens de terreno. As prospeções realizadas na região em causa têm sido numerosas, apesar de as primeiras terem sido naturalmente limitadas (Gozalbes Cravioto, 2016: 185); no entanto, começam a fazer toda a diferença no quadro

---

<sup>59</sup> Perfazendo um total de nove escavações entre 2008 e 2012: Metrouna e Kitane (2008-2009), Koudia Talâa e Sidi Bou (2010), El Hafa e baía de Marsa (2011), Abrigo de Marsa (2012) (Muñoz, *et al.*, 2016: 228).

<sup>60</sup> Especialmente as depositadas no museu, procedentes das intervenções de Miquel Tarradell (Muñoz, *et al.*, 2016: 221).

arqueológico local. Numa fase inicial estavam identificados menos de 50 locais, tendo, depois da realização das prospeções, a totalidade dos dados passado para 204 sítios arqueológicos e 62 achados isolados<sup>61</sup> (Muñoz, *et al.*, 2016).

Destes 204 sítios arqueológicos e 62 achados soltos, cerca de 85% são inéditos e 56% correspondem a locais de ocupação de mais do que um período. Há um forte predomínio de achados do período pré-histórico, com 176 sítios, divididos entre o Paleolítico<sup>62</sup> (76) e o Neolítico (86). Num segundo patamar surgem os medievais (89) e moderno-contemporâneos (68), seguidos pelos romanos<sup>63</sup> (28) e terminando nos pré-romanos/púnico-mauritanos<sup>64</sup> (26) (Bernal, *et al.*, 2015). Não obstante, algumas dúvidas persistem relativamente ao caráter pré-romano/púnico-mauritano, romano, medieval e moderno de alguns locais e à precisão cronológica de alguns sítios pré-históricos.

A difícil datação das cerâmicas a torno ou à mão – em parte devida ao facto de a tradição da produção cerâmica se manter a mesma, não se conseguindo distinguir entre os exemplares modernos e os mais antigos – é um dilema comum a todo o Magrebe. Também a complexa tarefa de verificação dos achados mais antigos, devido à imprecisão dos dados publicados (Bernal, *et al.*, 2015), faz parte das dificuldades que a prática arqueológica tem enfrentado no território marroquino.

É, contudo, forçoso concluir que todos os dados obtidos, quer em prospeções, quer nas restantes abordagens arqueológicas, ilustram por si só a enorme potencialidade que o Norte de Marrocos tem a oferecer (Bernal, *et al.*, 2015). As investigações atuais têm continuado a documentar ainda mais achados arqueológicos nas zonas litorais (Gozalbes Cravioto, 2008: 34) – tal como sucedeu no tempo de Tarradell e dos restantes investigadores do Protetorado Espanhol.

---

<sup>61</sup> Estes englobam todos os materiais arqueológicos – indústria lítica talhada, cerâmica, vidro, etc. – encontrados fortuitamente em prospeções, que detêm evidências de corresponder à ação humana naquele local, com grande possibilidade de serem resultado de derrubes ou de se tratar de material transportado de outras áreas (Muñoz, *et al.*, 2016: 229)

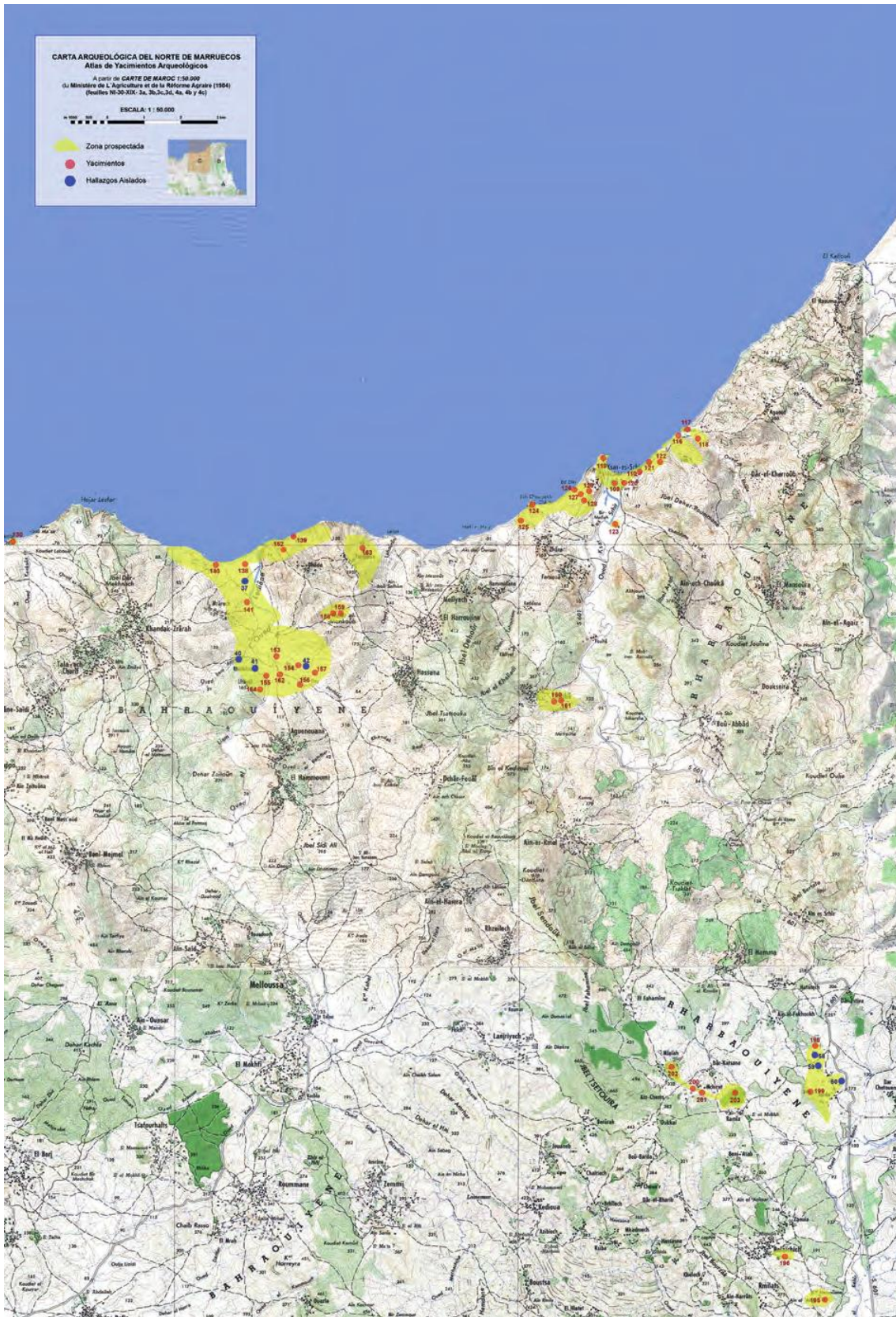
<sup>62</sup> Com especial destaque para o sítio de *Marsa IV* – identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.114 Marsa IV» (Bernal, *et al.*, 2015: 280).

<sup>63</sup> Com particular relevância o sítio de *Metrouna* – identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como «Yac.003 Metrouna» (Bernal, *et al.*, 2015: 120).

<sup>64</sup> Especialmente em *Kitane* – sítio identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008/2012)* como «Yac.029 Kitane/Quitán/Koudiat el Medfac» (Bernal, *et al.*, 2015: 165) –, também com ocupação da época medieval.







Mapa 7. Carta Arqueológica del Norte de Marruecos, 2008-2012 (2015), zona de Ksar Sghir, de Baraka Raissouni, Dario Bernal, Abdelaziz El Khayari, José Ramos y Mehdi Zouak (Bernal, *et al.*, 2015)

Em Ceuta, as escavações de resgate têm possibilitado novos e periódicos dados sobre o período entre a Antiguidade e a Idade Média, quando praticamente muito pouco se sabia acerca desta zona do Estreito antes das escavações. Tal situação comprova que a arqueologia poderá ser uma excelente alternativa diante do silêncio das fontes escritas (El Khayari & Akerraz, 2012).

Devemos ter em consideração que toda a região do Estreito de Gibraltar – ambas as costas do sul da Península e do Norte de Marrocos – se configura como uma zona estratégica para compreender as primeiras ocupações humanas da Europa, permitindo fazer uma análise relativa ao processo de desenvolvimento do povoamento durante o Pleistoceno, Holoceno, Antiguidade e Época medieval (Muñoz, *et al.*, 2016: 223).

O desenvolvimento de missões e projetos internacionais tem dinamizado muito a arqueologia de Marrocos, e de uma forma bastante relevante, prometendo um futuro a numerosos temas de investigação (Muñoz, 2008: 164).

São notáveis e muito positivos os progressos que a Arqueologia tem vindo a experimentar nos últimos anos. Este *upgrade* tem sido pautado por um maior interesse na área e no país, com a publicação de artigos dos mais variados períodos e com o forte interesse e aposta em revistas de divulgação do conhecimento, e ainda pelos crescentes projetos de investigação que têm vindo a surgir.

Observa-se, nos presentes dias, uma grande diversidade de práticas e técnicas de abordagem do terreno, com um generalizado incremento da prospeção e algumas campanhas de escavação; a aplicação de disciplinas como a Arqueobotânica e Arqueozoologia; o uso dos sistemas de informação geográfica (SIG) e bases de dados, bem como a grande diversidade de atores envolvidos (Filli, 2019).

Não obstante, e como em qualquer outro país, surgem algumas dificuldades, como a falta de verbas para os projetos; o baixo número de arqueólogos e professores especializados capazes de formar um corpo de jovens arqueólogos que assumam o futuro da Arqueologia em Marrocos (Filli, 2019); a constante antropização da paisagem que se vem sentindo nas urbes, com construções sucessivas e amplo crescimento populacional, que dificultam um pouco a atividade arqueológica, criando algumas barreiras aos seus avanços no Norte do país.

Os dados sistematizados em todas estas intervenções no Norte de Marrocos, realizadas durante mais de um século, demonstram a complexidade e o valor histórico que todo o património marroquino encerra, bem como o seu potencial a nível arqueológico.

O caso específico de Ksar Sghir ilustra o crescente interesse que se tem vindo a originar em torno do sítio arqueológico e do seu valor histórico-patrimonial. Os esforços para dotar o local de meios interpretativos para o usufruto público, assim como as campanhas arqueológicas e conservativas e os estudos académicos em curso (Cruz, 2015: 67), demonstram a preocupação em preservar o passado e a determinação em enfrentar as dificuldades, atuais e vindouras.

### 3.2. Levantamentos toponímicos do Norte de Marrocos

Os árabes, navegantes dos desertos africanos, chamaram a Marrocos *Mogreb-el-Aksa*, 'o extremo Ocidente' (Sánchez Monge, 1930: 6). Por sua vez, os europeus aplicaram ao Império marroquino o nome da sua capital – Marrakech –, que está na origem do termo *Marrocos*. Já os indígenas decidiram nomeá-lo *Mogreb* (Sánchez Monge, 1930).

Formando um leque sortido de termos, os autores árabes deram várias denominações a Ksar Seghir: *Qaçr El-Aouwuel*, *Qaçr Maçmouda*, *Qaçr El-Medjaz* e *Qaçr El-Djouaz*. O nome de *Qaçr El-Aouuel* foi-lhe dado por El-Bekri. Já os portugueses optaram pela designação de *Alcácer Ceguer*. Fica, assim, evidente a riqueza das designações que concorreram para o batismo da vila costeira, ao longo dos séculos.

O ato de nomear lugares é algo que remonta a tempos muito recuados, com raízes que se fundem com o início da linguagem. Encontramos exemplos muito específicos nas cosmogonias antigas e nos mitos de fundação, em que um demiurgo conjuga as forças divinas para criar o Mundo. Este ato de 'criar' é precedido pela nomeação do local – momento em que o espaço assume uma "forma", passa a existir, tal como um recém-nascido vem ao Mundo com designativos que o irão definir para a eternidade. Como advoga Melo (2017: 49), "a caracterização de um local só se efetiva, de facto, a partir do nome; antes dele o que há é o não-lugar, o vazio".

Os primeiros estudos focados na toponímia surgiram na Europa, por volta do ano de 1878, em torno da figura de Auguste Longon<sup>65</sup>. Vale a pena mencionar também Albert Dauzat, que retoma em 1922 os estudos de Longon e funda a *Révue des Études Anciennes*, na qual se publicou a *Chronique de Toponymie* (Dick, 1990).

Inicialmente a Toponímia foi entendida apenas como o estudo da origem e significado etimológico dos nomes de lugares, porém, logo se compreendeu que as possibilidades de conhecimento que advinham de um estudo toponímico eram muito mais amplas (Velasco & Tavares, 2017: 18).

A história dos nomes dos lugares, ou topónimos, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes (Dick, 1992: 19).

Entenda-se *topónimo* como o nome (*ónoma*, em grego) atribuído a determinado local (*topos*, em grego), isto é, 'nome de lugar', quer seja uma cidade, uma povoação, uma praça, um rio, uma montanha, uma terra ou um terreno. O ser humano sentiu desde sempre a necessidade de nomear

---

<sup>65</sup> Autor de *Les noms de lieu de la France* (1912), obra de referência sobre a nomenclatura dos lugares habitados na França.

o espaço em que se encontra ou que habita. O topónimo surge-nos, assim, da inerente vontade humana de tornar um local seu, pelo simples processo de o nomear e de o registar com um cunho quase pessoal. O homem é compreendido pelo ambiente em que habita, e habitar um espaço significa transformá-lo; desta forma o homem humaniza-se, ao mesmo tempo que humaniza o próprio espaço (Bonnemaison, 2000: 39).

Um topónimo é um manifesto de ideias, um *cocktail* de significados, uma cristalização ou fóssil de crenças e sistemas culturais, atribuído por uma comunidade ao ambiente que a rodeia ou a pontos da paisagem que detêm determinadas características que saltam ao olhar humano, quase que semelhante a uma triagem dos elementos mais vistosos e chamativos do seu entorno. De certo modo, o topónimo, ou o nome em geral, é em si um achado arqueológico, um achado linguístico-arqueológico, cuja escavação ou *excavação* compete aos filólogos e historiadores da língua, mas também aos arqueólogos conhecedores dos artefactos, da cultura, da geografia física e humana envolventes e de toda a materialidade produzida pelos seus falantes.

O nome atribuído a um lugar é parte do seu património linguístico-cultural, testemunho da comunidade que o definiu – enquanto objeto já corporificado, converte-se num simples reflexo social e cultural da cosmovisão de um grupo.

Nas palavras de Faggion e Misturini (2014: 143), a localização espacial é algo inerente à vida humana. Saber onde se está, aonde se quer chegar ou de onde se partiu é, muitas vezes, um conhecimento importante, não raras vezes essencial à própria sobrevivência. Trata-se de um imperativo de *orientação*, sendo este substantivo resultante do verbo latino *orior*, 'nascer', ou seja, estamos orientados quando conhecemos o lugar onde nasce o sol, e a partir dele os demais pontos cardeais, que nos permitem situarmo-nos e seguir o(s) nosso(s) caminho(s) com confiança, segurança e de modo eficiente.

A toponímia diz muito a respeito da região em que cada topónimo surge, e estes dizem quase tudo sobre o local que designam e muito sobre os falantes que assim o denominaram. A toponímia antiga representa, em si, limites e fronteiras, povoações, locais e espaços de comércio<sup>66</sup>, espaços sagrados. A investigação permite descobrir, sob a opacidade de alguns topónimos, a história viva que os gerou (Faggion & Misturini, 2014: 154). Mesmo esquecida ou inconsciente, a toponímia

---

<sup>66</sup>Note-se que a maioria das aldeias e vilas rurais marroquinas estabelece o seu nome em função do dia da semana em que se realiza o seu *souk* (termo árabe para 'mercado'), promovendo de certa forma a atividade comercial e o seu desenvolvimento. Como o caso de *Souk el-Khemis*, que, traduzido, corresponderia a 'Mercado à quinta-feira'. Nem cristãos nem judeus podiam participar nesses mercados, a que apenas afluíam os nativos das tribos locais e alguns vizinhos próximos (Michaux-Bellaire & Péretié, 1911: 336).

resiste e persiste como um residual milenar de dar nome a algo, de tomar posse de algo, de ser dono de algo, apropriando-se do seu entorno (Carvalho, 2013: 245).

É através da memória que há consciência do passado (Faggion & Misturini, 2014: 146); ora, os topónimos refletem a memória oficial e também a coletiva (Faggion & Misturini, 2014: 151). Cada topónimo tem uma relação intrínseca com a memória do povo que o adotou (Faggion & Misturini, 2014: 146). Nome e lugar constituem uma unidade identitária que marca o recorte cultural (Fiti, 2020: 6). Cada cultura tem a sua forma específica de marcar, de se apropriar e se reapropriar do espaço (Carvalho, 2013). Neste contexto, e de acordo com Claval (2001: 207), “espaço e cultura são indissociáveis, porque não há sociedades que vivam sem espaço para lhes servir de suporte”. Tal como refere Dick, a toponímia “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e até mesmo a Zoologia, a Botânica, a Arqueologia” (Dick, 1990: 11). Na mesma linha, Andrade (2012: 205-206) diz-nos que a Toponímia, num espírito de interdisciplinaridade, estabelece uma certa unidade entre diversos saberes, possibilitando ao observador reencontrar-se com a identidade, a história e a etimologia do nome numa multiplicidade de conhecimentos. E Dick (1990: 19) reforça que a toponímia é “um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se intersejam”.

Carvalhinhos (2003: 172-173) exprime a mesma ideia aproximando os conceitos de *área toponímica* e *sítio arqueológico*:

Uma área toponímica pode ser comparada a um sítio arqueológico: podemos reconstruir, através do estudo de significados cristalizados de nomes de lugar, fatos sociais desaparecidos, contribuindo com material valioso para outras disciplinas, como a história, a geografia humana e a antropologia.

Seguindo esta linha de pensamento, Velasco e Tavares (2017: 18) advogam que o estudo da toponímia é indissociável da investigação histórica, sociocultural, geográfica e ideológica, entre outras valências sempre convocadas para essa tarefa:

ao se estudar um conjunto de nomes de lugares, muitas vezes é necessário recorrer a – e produzir – conhecimentos que envolvem a história e a cultura da região, os aspetos físicos e geográficos, as pretensões, os sentimentos e os valores do denominador; é preciso, para a coleta dos dados e observação dos espaços nomeados, recorrer a

mapas e, algumas vezes, ao se apresentarem resultados da pesquisa, contar com a orientação dos estudos da cartografia.

Os estudos toponímicos são, sem dúvida, um importante aliado na esfera da investigação histórica, pois são portadores de elementos de uma cultura antiga que nos permitirá compreender os vetores culturais de uma dada região. Estes preservam a memória coletiva de um povo, são a lembrança dos antepassados. Os topónimos são um veículo de ideologias que permeiam as vivências e o imaginário do grupo que os utiliza (Faggion & Misturini, 2014: 143).

Nas palavras de Romeiro Carvalho (2013: 246), “a toponímia afirma-se como uma demonstração de poder. Poder construtor ou destruidor. Poder efetivo ou pretendido. De qualquer forma, importante e determinante”. Assim, o topónimo pode ser interpretado como um “verdadeiro fóssil linguístico” (Faggion & Misturini, 2014: 145).

Nomear é, para o homem, uma necessidade, um imperativo de organização e orientação (Fiti, 2020: 5). É nessa etapa que compreendemos que, no ato de denominar o recorte cultural apreendido, se estabelece um vínculo de afetividade com a coisa nomeada, o lugar, corporificado e materializado. Não nos podemos esquecer de que a definição do topónimo responde a motivações relacionadas com as características físicas do local ou com as crenças, impressões e emoções experimentadas pelo observador, sendo estabelecida uma espécie de ligação afetiva.

A denominação dos territórios sempre foi espontaneamente inspirada pelas condições naturais e geológicas da paisagem, contudo, tal como referem Boujrouf e Hassani (2008: 51), é também um instrumento de poder, capaz de fortalecer a soberania e favorecer a coesão nacional — ou mesmo a subjugação territorial, com inclusão ou exclusão de locais — e revestindo-se de um simbolismo capaz de representar ou ajudar a construir um estado moderno:

*Il s'agit du choix délibéré d'user de la toponymie territoriale, dans le cadre de la construction d'un Etat moderne et du renforcement de la monarchie sur l'échiquier politique national, comme un moyen d'agencement spatial et une force symbolique d'aliénation et de subordination des territoires locaux.*

Sendo os topónimos e microtopónimos unidades linguísticas cujos referentes são conhecidos, incorporando geralmente descrições de paisagens (Allati, 1998: 144), acabam por ser constituídos com base nos dados geográficos que determinada comunidade possui. Muitas vezes, encontramos topónimos cujos significados remetem para as delimitações de terra ou para a vida rural (Carvalhinhos, 2003: 174). As especificidades topográficas e geomorfológicas dos locais que eles



denominam constituem, na ausência de documentos, o único meio de detetar estruturas e seus significados (Allati, 1998).

Do ponto de vista de Faggion, Dal Corno e Frosi (2008: 278), são elementos históricos, culturais e linguísticos de relevo, com grande poder informativo relativamente às gerações que os criaram e usaram, bem como aos seus afetos, valores, pessoas e passos mais significativos, seja na sua vertente oral seja escrita:

Os topónimos são sinais importantes, indicativos da cultura, da história e da linguagem de um povo. Ditos ou escritos, os topónimos propiciam informações a respeito das sucessivas gerações de uma localidade, dos homens que aí nasceram, trabalharam e viveram. Bem como daqueles que mereceram a sua homenagem. Aludem a fatos e datas significativas, dão conta de devoções, traduzem sentimentos.

De acordo com Allati (1998: 145), o que permite estabelecer a correspondência entre as características topográficas e geomorfológicas e os topónimos é precisamente a pesquisa de campo:

Celles-ci sont identifiées au moyen des correspondances systématiques entre les caractéristiques du paysage et les toponymes et les microtoponymes étudiés. Ces correspondances sont établies lors des enquêtes de terrain pendant lesquelles sont scrutés les rapports entre les noms de lieux et le paysage ou, plus précisément, ses caractéristiques topographiques et géomorphologiques.

No Norte de África, a toponímia constitui um campo que mal começou a ser explorado, permanecendo como território virgem, apesar do interesse demonstrado pelos investigadores (Allati, 1998). Existe uma variedade gigantesca de topónimos em Marrocos, no entanto, uma das dificuldades generalizadas que se observam neste tipo de estudos, de acordo com Carvalhinhos (2003: 174), é que “muitos dos topónimos coletados são opacos ou pouco utilizados na linguagem atual”. A própria língua – o árabe – tem um peso muito grande na compreensão e assimilação destes termos.

Os estudos tendem a ser muito limitados. Com frequência precisamos de recorrer, por exemplo, a fontes históricas para entendermos a motivação de determinado designativo geográfico (Velasco & Tavares, 2017: 19). Atualmente, estes baseiam-se nas crónicas árabes e portuguesas que,

felizmente, sobreviveram à passagem do tempo, bem como no conhecimento que se tem vindo a construir relativamente aos dialetos berberes.

Na opinião de Deren (1942: 202), “a toponímia do Norte de África é considerada, com ou sem razão, uma ciência um tanto suspeita”. Tal asserção de Adrâr Deren parece ter-se baseado na escassez e complexidade das fontes com que os investigadores de hoje em dia se debatem.

Marrocos possui uma rica herança toponímica, graças à diversidade de referências utilizadas para nomear locais e territórios (Boujrouf & Hassani, 2008: 41). A pluralidade de componentes naturais e humanas, combinada com as múltiplas influências estrangeiras que têm surgido ao longo dos séculos, configura e consubstancia a personalidade única da sua toponímia.

Os topónimos mais antigos surgem preservados nos dialetos berberes modernos, no entanto, os investigadores debatem-se com uma crescente dificuldade em identificá-los, tornando-se um processo extremamente desafiador (Allati, 1998).

Existem no Norte de África várias camadas toponímicas relacionadas com as línguas das populações que se sucederam na região – berbere antigo e moderno, fenício, púnico, latim, árabe, francês e espanhol (Allati, 1998: 144). As incessantes transformações territoriais que Marrocos foi experimentando desde o início do século XX produziram toponímias instáveis (Boujrouf & Hassani, 2008: 51).

A estrutura profunda de um topónimo é a mesma em qualquer tempo e espaço, embora a sua capa linguística mude conforme as variantes culturais (Carvalhinhos, 2003: 173). Ao longo do tempo, o território marroquino passou por recomposições territoriais incessantes (Boujrouf & Hassani, 2008: 41), o que originou topónimos linguisticamente rebuscados que se vão sucedendo uns aos outros na paisagem e no quotidiano das populações.

Faggion, Dal Corno e Frosi (2008: 278) referem-se a esses processos diacrónicos naturais de variação e mudança toponímicas, abarcando não só a substituição vocabular como também a evolução fonética de cada forma, a sua configuração e comportamento morfossintático ou a evolução semântica que frequentemente sofrem muitas das designações toponímicas, e aludem à existência de um leque variado de fatores internos e externos que os causam:

No decurso do tempo, os topónimos podem ser substituídos por outros; podem sofrer alterações formais; podem perder nuances do seu significado original e podem assumir outros sentidos. Podem passar por várias alternâncias, conseqüentes da atuação de fatores a eles externos, às vezes por conjunturas políticas, históricas ou de ordem diversa.

Avaliando já o contexto citadino, encontramos-nos perante topónimos de malhas administrativas que refletem efetivamente o uso de referências ao urbano, em oposição à terminologia tribal predominante durante o domínio das potências europeias (Boujrouf & Hassani, 2008).

No contexto marroquino, a linguagem, consubstanciada nas línguas concretas, assume-se como

<b>Toponyme avant la colonisation</b>	<b>Toponyme colonial</b>	<b>Toponyme de l'Indépendance</b>
Marrakech	Marrakech (méedina/ville nouvelle)	Marrakech
Fès	Fès (méedina/ville nouvelle)	Fès
	Rabat	Rabat
	Casablanca	Dar El Baida
Mahdia	Port Lyautey	Kenitra
	Petit Jean	Sidi Kacem
Al Jadida	Mazagan	El Jadida
Essouira	Mogador	Essaouira
Fedala	Fedala	Mohammadia
	Larache	Larache
	Marchand	Rommani
Ksar es Souk	Ksar es Souk	Errachidia
	Louis Gentil	Youssoufia
	Arcila	Açila
	Villa Sanjurjo	Al Hoceima
	Castillojos	Ksar Seghir
	El Rincon	Mdiq
	Xauen	Chefchaouen

Tabela 2. Evolução da toponímia urbana de Marrocos (Boujrouf & Hassani, 2008)

um vetor para a apropriação dos territórios. O nascimento de uma nova povoação, aldeia ou cidade evoca um novo acontecimento – a nomeação do lugar –, o que demonstra que os topónimos acompanham a expansão territorial (Faggion & Misturini, 2014). Assim que o Protetorado foi estabelecido, a denominação europeia de locais e territórios torna-se muito comum, com a galicização ou castelhanização parcial dos topónimos (Boujrouf & Hassani, 2008: 42). Nisto Marrocos surge como um exemplo típico de uma política toponímica colonial (Boujrouf & Hassani, 2008).

A toponímia, conjugada com a história, aponta ou torna precisos os movimentos de antigos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde um ou outro grupo linguístico concreto deixou os seus vestígios (Dauzat, 1926:7). Segundo Carvalhinhos (2003: 174), “o léxico cultural costuma marcar as regiões, preservando intactos costumes e objetos próprios de uma determinada época”.

Após a independência de Marrocos, a rearabização da toponímia gradualmente vai conquistando o seu lugar (Boujrouf & Hassani, 2008). Esta mudança demonstra a importância e o peso que o árabe tem vindo a ganhar no contexto atual: cidades como Ksar Es Souk, Louis Gentil ou Fedala

são renomeadas por referência a uma toponímia cherifiana, para se tornarem simultaneamente Errachidia, Youssoufia e Mohammadia (Boujrouf & Hassani, 2008: 43).

A toponímia marroquina pós-independência revela certa hierarquia onomástica de acordo com a importância de lugares e instalações urbanas, por exemplo, atribuindo nomes de reis e príncipes a locais centrais – avenidas, universidades e hospitais; dando nomes de combatentes da resistência, escritores ou líderes de países estrangeiros a locais intermédios, e conferindo nomes de objetos, flores e cidades marroquinas a lugares periféricos (Boujrouf & Hassani, 2008).

As regiões criadas pelo governo marroquino – região Centro, região Noroeste, região Centro-Norte, região Leste... –, por sua vez, receberam nomes referentes à sua orientação geográfica (Boujrouf & Hassani, 2008).

Esta mudança constante de nomenclatura ou terminologia só demonstra o quanto a toponímia anda em constante evolução ou revolução, sucedendo-se uns topónimos aos outros ao sabor da história e das movimentações dos povos e das respetivas ideias e vivências.

A importância das fontes portuguesas para o conhecimento da história de Marrocos nos séculos XV e XVI é indubitável (Ricard, 1955). Sem elas seria quase impossível conseguir uma visão mais ampla do mundo magrebino, e o facto de se encontrarem em português e não em árabe facilita-nos em muito o trabalho académico. As crónicas e fragmentos arquivados que vão surgindo são um complemento indispensável aos textos árabes, que chegam confusos e incertos, às vezes fragmentários, parciais e tardios (Ricard, 1955: 3).

Durante a conquista de Marrocos, os portugueses desenvolveram na própria língua uma toponímia muito particular, atribuindo designações específicas aos sítios, consoante os atributos da paisagem ou os eventos que lá terão ocorrido. Nos dias que correm, grande parte dessa toponímia encontra-se extinta ou totalmente ultrapassada, sendo uma árdua tarefa tentar localizá-la no terreno.

Contudo, a riqueza de alguns pormenores nas crónicas deixadas por Gomes Eanes de Zurara permite-nos contar com breves indicações de pequenos vilarejos, aldeias, povoados, serras ou até tribos que habitavam a região, nos primórdios da ocupação portuguesa.

Nas suas descrições, exaltando a cavalaria portuguesa que se aventurou no Norte de África, ainda há espaço para se relatar cada especificidade do território marroquino, assim como as suas grotescas particularidades, não faltando detalhes fundamentais. Tal primor no labor do cronista vem hoje permitir aos investigadores fazer uma reconstituição daquele período, trazendo para a atualidade as estruturas desses povos e parte do seu quotidiano.

Robert Ricard considera, contudo, que somente alguns dos editores das crônicas portuguesas do início dos Descobrimentos fizeram um trabalho razoável de fixação do texto, pelo que muitas delas, e inclusivamente algumas de Zurara, devem ser usadas com reserva (1955: 5):

Les éditions des chroniques portugaises relatives au XV siècle dont nous disposons actuellement sont pour la plupart fort médiocres. Seules celle de la chronique de la prise de Ceuta de Zurara par Esteves Pereira, celle de la chronique de l'infant Ferdinand de Fr. João Alvares par Mendes dos Remédios et celle de la chronique du prince Jean de Damião de Góis par Gonçalves Guimarães représentent un text établi de façon méthodique et, dans l'ensemble, satisfaisante. Les éditions des autres chroniques de Zurara sur le Nord-Marocain et celles des chroniques de Rui de Pina et de Garcia de Resende ne peuvent être utilisées qu'avec une grande réserve.

Na obra *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc* (1955), Robert Ricard faz uma recolha das indicações dadas por Zurara nas crônicas, listando topónimos a que o cronista recorre, combinando as informações de outras obras, que se prontifica a consultar, e tentando localizar parte dos locais descritos. Ricard procede assim a um autêntico levantamento da toponímia presente nas crônicas portuguesas, colhendo dados acerca de Ceuta, Tânger e Ksar Seghir. O autor começa por Ceuta, analisa toda a problemática da conquista e trabalha nos topónimos registados por Zurara. De seguida, aborda a questão da tentativa falhada de conquista de Tânger, chegando ao momento da ocupação de Alcácer Ceguer.

Ricard faz ainda alusão a Tetuão e às suas fortificações e refere topónimos que Rui de Pina menciona na sua crônica. Surgem também listados alguns personagens políticos – chefes de tribos e notáveis nativos – dando-nos algumas pistas sobre a forma como estava estruturado o poder em Marrocos naquele tempo, assim como a respeito das divisões territoriais, das esferas de influência e do governo de cada um deles.

Fontes greco-latinas e autores clássicos como Hecateu de Mileto, Hannon, Pseudo-Scylax, Políbio, Estrabão, Pomponius de Mela, Plínio *O Velho*, Ptolomeu e Antonino já haviam feito recolhas de topónimos por território marroquino.

Com Estrabão, Pomponius Mela e Plínio *o Velho*, obtiveram-se menos de 10 topónimos; no *Itinerário* de Antonino o número chega a 20, e com Ptolomeu a cerca de 30, o que testemunha o progresso do conhecimento da geografia e da população da Mauritânia Tingitana e regiões vizinhas

no tempo dos romanos (Abdellatif, 2016). No entanto, tais topónimos não estão, na sua maioria, identificados no espaço.

Pseudo-Scylax e Pomponius Mela fazem ambos alusão ao modo de vida dos nativos e comprovam a existência de locais urbanos bastante antigos, que os arqueólogos poderão num futuro próximo vir a descobrir (Abdellatif, 2016).

No Itinerário de Políbio, cerca de 146 a.C., este descreve a sua ida até ao Atlas marroquino e oferece uma lista abreviada de certos locais e suas populações. Os topónimos e hidrónimos a que faz menção localizam-se, de acordo com a indicação de Plínio, a sul de Chellah (Rabat) e perto do Oceano Atlântico (Abdellatif, 2016).

Estrabão e Pomponius de Mela, por sua vez, fazem uma recolha de topónimos do litoral atlântico e de topónimos e hidrónimos do litoral mediterrâneo. Pomponius e Plínio somam às zonas anteriormente referidas ainda alguns topónimos do interior do país. Ptolomeu faz alusão a formas toponímicas do litoral atlântico, da região do Estreito, do litoral mediterrânico e do interior de Marrocos.

Antonino, no seu *Itinerário*, lista apenas cidades, e ainda algumas outras localizações geográficas, a fim de determinar as distâncias que as separam, e não a posição geográfica de cada uma delas (Abdellatif, 2016: 86). Refere, assim, topónimos do litoral atlântico e mediterrâneo, e do interior (Abdellatif, 2016).

## **4. A CRÓNICA DE GOMES EANES DE ZURARA SOBRE ALCÁCER CEGUER**

### **4.1. A presença de Zurara em Marrocos**

A prolongada presença portuguesa na franja magrebina registou desde cedo peculiares e distintos momentos, que se foram revestindo de irreverentes contornos ao longo dos séculos, originando um quadro único de feitos e conquistas, assim como de pontuais avanços e recuos – em grande parte devidos à resistência marroquina que se vai formando e unindo forças contra este novo “invasor”.

É neste quadro expansionista, altamente caracterizador das inclinações bélicas portuguesas, que Gomes Eanes de Zurara entra em cena, aquando da sua chegada a Alcácer Ceguer – atual Ksar Sghir. A sua presença em Marrocos é atestada a partir do momento em que D. Afonso V o envia para Alcácer, na qualidade de cronista-mor do Reino – cargo ocupado durante 30 anos, de 1440 a 1470 –, a fim de narrar os feitos heroicos do conde D. Duarte de Meneses – alferes-mor do supracitado rei – após a sua nomeação como primeiro capitão de Ksar Sghir.

Gomes Eanes de Zurara é, sem sombra de dúvida, um dos maiores cronistas portugueses. Considerado o cronista dos primórdios da Expansão portuguesa em África e no Atlântico (Fernandes, 2007: 127), torna-se na voz deste período, durante o decorrer do reinado de Afonso V, sendo ainda quem sucede a Fernão Lopes no cargo de guarda-mor da Torre do Tombo. Sobre Zurara recai também a missão de bibliotecário da Livraria Real que D. Afonso V estava a formar – cargo que exercerá durante vinte anos (Serrão, 1989).

Pouco se sabe acerca das origens de Zurara. Desconhece-se onde terá nascido e a sua data de nascimento é também um dado desconhecido, estimando-se que ronde os anos de 1410 e 1420. A sua atividade literária surge documentada desde 1450, com a *Crónica da Tomada de Ceuta*, seguida pela *Crónica da Guiné* – entre 1452 e 1454 –, e ainda as crónicas dos Meneses, a *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* – entre 1458 e 1464 –, e a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, obra relativa ao primeiro capitão de Alcácer Ceguer, de 1458 a 1464, escrita entre 1464 e 1468 (Bertoli, 2012).

O seu papel de cronista evidencia-se bastante nas duas últimas obras citadas – ambos relatos das façanhas dos condes, nas quais esta família de nobres de armas é merecedora de um mérito destaque, enquanto notáveis fidalgos que demonstraram ser, lutando fervorosamente pelo seu rei e pelo Papado.

Sendo obras de carácter senhorial, exaltam o heroísmo destes dois cavaleiros, que prontamente ajudaram na consolidação do poderio nacional em Marrocos. Nelas se põe em relevo a ajuda que a Coroa recebeu da principal nobreza, elevando-se o papel militar da família Meneses, que desta forma procurou engrandecer o seu nome (Serrão, 1989). Zurara premeia os ideais cavaleirescos da aristocracia, assim como os esforços durante as conquistas do Norte de África, através da narração do quotidiano e feitos dos condes, enquanto leais e honrados súbditos de Afonso V. A crónica de Zurara vem dar destaque ao triunfo da cavalaria cristã sobre os atuais inimigos da Cristandade (Bertoli, 2012) e, com intensos floreados, ao empreendimento português em território marroquino.

O capitão de Alcácer Ceguer vem retratado na obra como espelho para a nobreza portuguesa – como o cristão, nobre e cavaleiro (Bertoli, 2012), representando no seu âmago o vassalo de coragem e honra desmedidas, que lealmente lutara ao lado do seu Senhor e sacrificara a própria vida por um bem maior.

Ao mandar escrever a *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, o monarca tem em mente a eternização das célebres façanhas do capitão de Alcácer Ceguer, tornando-se a própria redação da crónica no galardão dos serviços prestados a El-Rei (Fernandes, 2007).

Em 1464, o Conde D. Duarte de Meneses perde a vida em virtude de uma escaramuça entre muçulmanos e portugueses na serra de Benacoffu, onde também estava presente o rei D. Afonso V. Após a fatal data, o monarca encomenda a redação da crónica a Zurara. Rapidamente o cronista se muda para Ksar Sghir com o intuito de conviver mais de perto com a realidade que iria relatar. Zurara começa então a fazer levantamentos escritos sobre o local, sua geografia, gentes e condições de vida (Bertoli, 2012). Com a autorização do rei, permanece em Ceuta e Alcácer de agosto de 1467 ao fim do Verão de 1468 (King, 1978: 43).

A estadia em África possibilitou-lhe uma recolha direta de indicações etnográficas, geográficas e históricas precisas (Fernandes, 2007), as quais lhe deram a oportunidade de apresentar factos verdadeiros.

O contacto com a realidade geográfica foi uma das suas maiores preocupações, como se infere da sua deslocação a Ceuta e Alcácer, já previamente mencionada. Nisso mostra-nos Zurara um certo cuidado e uma visão geo-histórica que, à luz do ideário do século XV, importa assinalar (Serrão, 1989).

O cronista dirige-se ao Magrebe marroquino a fim de conhecer o palco geográfico da sua narração e conceber uma noção acertada da realidade, tentando acima de tudo informar-se o melhor que



podia, através dos depoimentos que ia recolhendo, e sempre o mais próximo possível do verdadeiro cenário onde em tempos se desenrolara a ação – escutando os companheiros de armas de D. Duarte de Meneses, morto três anos antes (Fernandes, 2007).

Enquanto autêntico observador, Zurara demonstrou uma preocupação constante com a revelação da verdade, pelo que foi ouvindo as populações locais e interrogando os autóctones que elaborou a sua narrativa.

Não sendo um autor imaginativo ou fantasioso, usou igualmente o suporte documental para descrever pessoas e factos, numa visão tanto quanto possível concreta dos primórdios da expansão ultramarina (Serrão, 1989). O cronista recorre ao documento escrito enquanto base de pesquisa, revelando uma forte preocupação com um apuramento seguro da verdade (Fernandes, 2007).

No entanto, vivendo num período em que a escassez de registos manuscritos para eventos tão recentes era uma constante, Zurara privilegia os testemunhos orais, com visitas constantes aos locais onde se tinham desenrolado os acontecimentos. O testemunho oral, extensamente mencionado ao longo das suas obras, torna-se, por isso, um dos meios mais utilizados para a recolha. Nota-se claramente o valor que o cronista lhe atribui, especialmente a partir do segundo capítulo da obra, no qual podemos comprovar as expressivas descrições do espaço onde ocorreram os factos narrados, das pelejas contra os muçulmanos e da maneira como se vivia no Norte de África (Bertoli, 2012).

No caso da crónica em questão, o peso dos testemunhos orais é bastante significativo, o que se ficou a dever ao facto de ter ficado o cronista no Magrebe durante um ano, o que lhe proporcionou a oportunidade para entrevistar grande parte dos que conheceram e acompanharam o conde nas suas façanhas bélicas (Aguar, 2018). Procurou acima de tudo esgotar a audição do maior número possível de testemunhos, já que cada um contava os feitos à sua maneira. Tendo reconhecido o valor subjetivo do testemunho oral, tentou selecionar as testemunhas oculares, de maneira a suprir a quantidade pela qualidade (Fernandes, 2007). Em Zurara denota-se um forte interesse na premissa do estar o mais seguro possível da verdade, dando suporte às afirmações com as mais claras certezas.

Zurara sublinha e faz sobressair com valorosos enaltecimentos os feitos de D. Duarte, pautados por cavalgadas, ataques a aldeias e momentos bélicos vividos em Ksar Sghir. A conquista das cidades e as incursões nos campos e aldeias eram aproveitadas para o saque de tudo o que tinha valor: alfaias, gado, cereais. Cada um dos contendores procurava fazer cativos, a fim de obter o

dinheiro dos resgates (Farinha, 1999: 9). Durante longos períodos apenas procederam a incursões surpresa, durante as quais se faziam cativos, se roubava gado e o fruto das colheitas (Farinha, 1999) – situação largamente mencionada por Zurara ao longo da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*.

Não obstante, Zurara faz ainda alusão a fontes bibliográficas nacionais e estrangeiras (Fernandes, 2007), cujo uso conjunto lhe possibilitou o alcance da “verdade”, de acordo com os interesses régios (Brocado, 1997: 11).

A sua estadia pode até ter permitido o contacto com algum tipo de documentação que não se encontraria na Torre do Tombo ou noutras instituições com sede em Lisboa e que albergavam arquivos potencialmente interessantes, como poderia vir a ser o caso da Casa de Ceuta (Aguiar, 2018).

As fontes mencionadas mais frequentemente pelo cronista são escritos já compilados e trabalhados, nos quais se baseia para elaborar a sua redação. Noutros casos indica autores ou materiais específicos (Aguiar, 2018: 8). No entanto, convém ter em consideração que muito do que foi escrito não chegou até aos nossos dias (Gomes, 2005: 88-89).

De acordo com Miguel Aguiar (2018: 9), da leitura dos seus textos fica-se com a ideia de que o cronista terá muito provavelmente tido acesso a outra documentação, ainda que não costume explicitá-la:

É por isso plausível admitir a existência de outros textos, nomeadamente de proveniência nobiliárquica, que circulariam e podiam ter sido conhecidos e utilizados pelo autor em questão, mas cuja existência é totalmente obscura para a crítica moderna. No entanto, ao longo da leitura de ambas as crónicas dos Meneses (...), e sobretudo nos longos ciclos em que são descritas em formas e termos algo repetitivos as cavalgadas, ataques e operações militares, fica-se com a ideia de que o autor terá recorrido a um tipo de documentação cuja utilização raramente explicita, mas que pode muito bem ter enformado grande parte dos seus capítulos.

Para além das lacunas que a obra possa conter, o depoimento do cronista constitui um espelho fiel relativamente às figuras que retrata e ao quadro social da primeira metade do séc. XV (Serrão, 1989).

Gomes Eanes de Zurara faz-nos breves, mas também exaustivas descrições do território e paisagem de Ksar Sghir. Refere e repete ao longo de toda a obra topónimos de serras, rios, aldeias e povoados, enriquecendo cada capítulo com pormenores únicos, capazes de nos transportar para o ambiente do Norte de África.

As indicações de Zurara estendem-se ainda até mais longe (Ricard, 1955: 19). A crónica é uma autêntica descrição da imensidão de serras que se elevavam à distância na paisagem e que configuravam a geologia da região. Faz alusão a uma infinidade de aldeias de grande, pequena e média dimensão, escondidas entre serras e vales, espalhadas pela linha da costa e conectadas, ou não, umas às outras por uma extensa rede viária que na maior parte dos casos partia de Ksar Sghir ou derivava de outras estradas e caminhos.

Os elementos hidrográficos – rios e ribeiras – são uma constante nas palavras do autor, em especial aqueles que se localizam perto das povoações ou que detinham um papel crucial na história de Alcácer Ceguer, com maior relevância para o *Oued Liane*<sup>67</sup>.

Zurara faz ainda menção à arquitetura militar da época, referindo atalaias, castelos e fortificações localizadas em pontos estratégicos do território, que funcionavam como defesas ativas em caso de invasão ou ataques externos.

O cronista acompanhou D. Henrique de Meneses, filho de D. Duarte, em todas as suas cavalgadas em território marroquino, percorrendo os mesmos itinerários que o falecido conde palmilhara (Fernandes, 2007). Fazendo uma reconstituição do passado, Zurara aventura-se por África para coligir testemunhos diretos de parentes do conde e de diversos muçulmanos e cristãos sobreviventes das guerras (King, 1978: 181). Rentabiliza ao máximo a sua estadia em Ksar Sghir, comunicando até com os muçulmanos, no intuito de melhor compreender os seus sentimentos, expectativas e anseios (Fernandes, 2007).

Zurara procura legitimar a sua historiografia enquanto processo de reconto de feitos ocorridos no passado, livremente enraizados num substrato cavaleiresco que os animava e presentificava (Fernandes, 2007: 137). Para o cronista, a história revestia-se de um sentido moralizante. Escrever sobre a vida dos homens que se sacrificavam pelo reino, pela Cristandade, rei e bem comum, era saldar uma dívida para com a memória desses homens virtuosos. Os feitos grandiosos dos mais notáveis do reino – como o Mestre de Avis, o infante D. Henrique e os condes D. Pedro e D. Duarte

---

<sup>67</sup> 'Augua de Lyã', 'Augua de Lyam'. Vem extensamente mencionado pelo cronista, dada a sua proximidade com Ksar Sghir.

de Meneses – serviam como exemplos a seguir pelos jovens (Fernandes, 2007), ficando ao mesmo tempo eternizados na memória coletiva, em virtude dos esforços literários de Zurara.

Procurando elevar as figuras que marcaram o rumo da história, a sua obra foi intensamente laudatória e panegírica, respeitando os valores senhoriais que definiam o homem medieval (Serrão, 1989). Para a exaltação do esforço português e dos seus heróis, vai estabelecendo uma comparação com os heróis da antiguidade, descrevendo varões com virtudes e qualidades que se distinguiam notoriamente, mas sem nunca encobrir fraquezas ou vícios (Fernandes, 2007).

A crónica retrata a ideologia da expansão ultramarina (King, 1978: 181), pretendendo prolongar no tempo a glória do efémero e eternizar a memória dos homens que praticavam atos exemplares e gloriosos. Acreditando que só a escrita seria capaz de suplantar a irreversibilidade do tempo, cantou, por isso, aqueles que derramaram o seu sangue pela fé e pela honra, enobrecendo as suas virtudes e qualidades (Fernandes, 2007: 137).

No período medievo, a escrita era uma das formas de legitimar aqueles que eram considerados dignos de mercês e benesses, pelas ações realizadas ao serviço dos reis (Bertoli, 2012: 183), e de lhes perpetuar a memória. A guerra contra os Muçulmanos na Berberia justificava os típicos benefícios da cruzada e a bênção do papa, acrisolava a ideia imperial, assegurava a autoridade do Estado e restabelecia a fé e a confiança na monarquia (Farinha, 1999). Os descobrimentos, na realidade, são as cruzadas da era de quatrocentos (Godinho, 2018); através deles, sempre com o apoio da Santa Sé, procurou-se combater e guerrear contra os infiéis, espalhando a palavra de Deus e propagando a fé católica.

A sua estadia termina por volta do Verão, perfazendo um ano de permanência no Norte de África. Zurara regressa a Portugal em agosto 1468, ano de conclusão da obra, data consensual entre biógrafos e estudiosos da sua pessoa.

No entanto, a obra não possui cólofon, ignorando-se o verdadeiro momento em que Zurara a terá concluído. A crónica final continha 156 capítulos: destes, conservaram-se até aos dias de hoje, cerca de 38 perderam-se integralmente e outros 21 encontram-se mutilados – o mais antigo data do século XV. Com efeito, a Crónica do Conde D. Duarte de Meneses está infelizmente truncada nos manuscritos existentes; a parte conservada conta os seus feitos antes de 1438 e alguns de 1461 em diante, na sua capitania de Alcácer Ceguer (Fernandes, 2007).

## 4.2. Os dados de Zurara sobre a paisagem e o território de Alcácer Ceguer

Pretendemos no presente capítulo fazer um resgate toponímico do Norte de Marrocos, de modo a salvaguardar a historicidade cultural, linguística e identitária da toponímia luso-marroquina, impressa na paisagem e nas páginas manuscritas de Zurara, preservando a memória dos tempos idos da conquista portuguesa de terras aos muçulmanos do Norte de África, de modo a não deixar no esquecimento estes “artefactos linguísticos” que tanto nos podem auxiliar na investigação científica.

Apresentar-se-á o levantamento e processamento toponímico, registado em várias tabelas<sup>68</sup>, com base nas passagens e informações fornecidas na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, de Gomes Eanes de Zurara, confrontadas com os dados e apreciações da obra referência de Robert Ricard, *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*.

As tabelas referentes à *Topografia*, à *Hidrografia*, à *Exploração agro-pastoril*, à *Rede viária* e aos *Marcadores da paisagem*, surgem no contexto deste trabalho como auxiliares para a compreensão da paisagem e do território que se estudou na ocasião das prospeções, servindo como pistas para nos situarmos no terreno, e também para melhor podermos formar a ideia dos acidentes geográficos, das vias de comunicação.

A análise crítica e textual apresentada antes de cada tabela foi efetuada com base nos escritos de Zurara e Robert Ricard, relacionando-os com os elementos físicos e naturais que se foram identificando nas saídas de campo da campanha de 2019, com o objetivo de interpretar as asserções de Zurara na crónica em estudo. Poder contar com os contributos de ambos os autores, com o seu parecer e o seu registo dos topónimos, revelou-se de grande valia para este estudo, facilitando as interpretações paisagísticas e arqueológicas.

Alguns topónimos têm uma menor representação na obra de Gomes Eanes de Zurara, sendo referidos apenas uma a duas vezes ao longo de toda a obra, contrariamente àqueles que dominam o enredo da crónica. É de sublinhar que o cronista dedica longas descrições a topónimos como *Serra de Meiequice*, *Serra de Gibelfabiby*, *Paul*, exibindo um particular gosto pelo pormenor e pelo destaque dos elementos de maior envergadura na paisagem, sem nunca se abster de fazer descrições que nos possibilitem ter uma noção clara do ambiente em que se encontrava. Contudo os topónimos com menor menção não deixam de ser acompanhados de alguns elementos e dados essenciais para o estudo.

---

<sup>68</sup> Todas as tabelas elaboradas se encontram nos subcapítulos seguintes.

As questões que todos estes topónimos nos colocam são todas de grande relevância. A hierarquia entre aldeias, a sua importância no mapa do Norte de Marrocos, as funções que desempenhavam, as características que partilhavam entre si, a afluência de pessoas de outras comunidades, a sua área de jurisdição, os poderes que cada uma possuía sobre a paisagem e as suas gentes. Não será fácil responder a todas, tendo em conta a necessidade gigantesca de dados e fontes históricas e arqueológicas que tal aportaria.

A riqueza destes topónimos, ainda poucos “escavados”, ou mesmo, até, por escavar, é inegável. Apresenta-nos, pois, uma questão fulcral, que é o seu estudo em investigações futuras. Estamos perante cenários ainda muito pouco desbravados, mas com um forte empenho e equipas interdisciplinares talvez seja possível estudar mais a fundo esta questão e trazer todas as variáveis à superfície.

As descrições do cronista podem não revelar exatamente a paisagem como ela se encontra nos dias de hoje, visto esta se achar sujeita a transformações desde sempre, especialmente com o crescimento populacional e urbano, que se vem registando já há alguns séculos. As paisagens podem ser interpretadas e experimentadas no espaço e no tempo de formas distintas, de acordo com o olhar de cada um. As suas asserções permitem-nos aceder àquilo “que foi” a paisagem numa época remota, ajudando-nos a salvar e a preservar a sua identidade.

#### **4.2.1. Topografia**

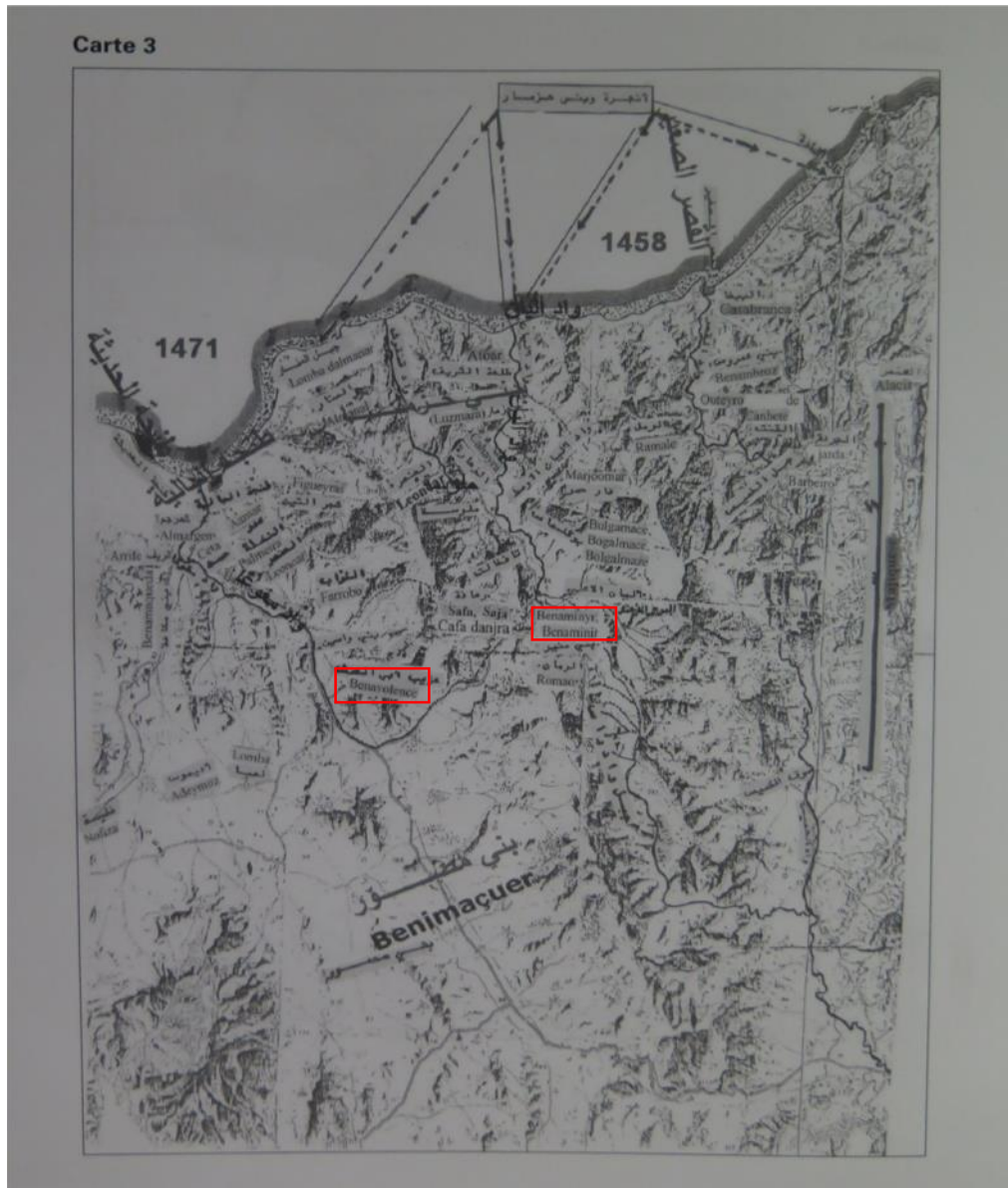
Os elementos geográficos apresentados por Gomes Eanes de Zurara na crónica assumem uma pertinência fulcral neste estudo, tanto por nos auxiliarem enquanto guias da paisagem durante saídas de campo como por nos fornecerem dados e pontos-chave para a compreensão do modo como se estrutura o território marroquino.

Os componentes da paisagem – acidentes geográficos (vales e outeiros), vegetação e recursos hídricos –, encontram-se retratados em grande número ao longo da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Na descrição das aldeias do interior – e nas restantes da obra –, o cronista faz menção às cadeias montanhosas que as cercam, aos vales, outeiros, planícies e enclaves onde estão implantadas, aos rios que passam entre si (“augua de Canhete”; “augua de Ramel”), à vegetação predominante e à dificuldade de acesso a alguns desses espaços.

Nas tabelas seguintes apresentam-se os topónimos relativos a serras e outeiros, a vales e outras elevações no terreno, e a zonas planas e alagadas – Serra Ximeyra, Serra de Meiequice, Serra de Mexaquece, Serra de Benaulõe, Serra de Guaderez, Serra de Benaminyr, Serra de Benacoffu, Serra de Bacofu, Serra de Gibelfabiby, Serra de Bẽmagrafot, Serra de Aniara, Serra de Benamiyr de Guaderez, Serra de Benjacem, Serra de Anexamez, Mazmuda, Outeyro do Barbeyro, Val dAnjara, Cãpo de Benamade, Paul, Cabo dEspartel, e Lõba dAlmenar. A estes topónimos apenas nos dedicámos em estudos de gabinete, não tendo sido possível procurar cada um no terreno. Procedeu-se unicamente à recolha de excertos relativos a cada um na obra supracitada e à sua interpretação, enquanto sinalizadores do território.

#### 4.2.1.1. Serras, outeiros e lombas

Começamos com uma imagem, a localização de algumas serras a partir do trabalho filológico de Hassan Al Figuigui. O que nos interessa é o desafio de surpreender o encadeamento das serras e dos outeiros a partir da crónica de Zurara. Para isso estabelecemos uma apresentação que, distinguindo as serras relativamente “isoladas” ou relativamente “encadeadas”, segue o fio da narrativa do cronista.



Mapa 8. Localização das Serras de Benaminir e de Benaoulêce com base na carte de Hassan Al Figuigui, «Toponymie des sites dans le Nord-Ouest marocain d`après les sources portugaises», 2010.



A Serra Ximeyra é referida numa única passagem da crónica de Zurara, sendo mencionada no contexto de uma contenda entre os portugueses e a população local (Zurara, 2007: 12). O topónimo não é mencionado por Robert Ricard, dando-nos pouca margem para especulações.

Tabela 3. Serras relativamente isoladas: Serra Ximeyra

<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
Serra Ximeyra	E tãtos eram os mortos que peiauom os caminhos aos cauallos dos christãos. Como as saydas daquela cidade todas seiam faldras daquela grande <b>serra que se chama Ximeyra</b> , dom Fernando seguio o conde quanto pode, mas por que em taaes feitos nõ se pode guardar cõpanhya por que cada huõ se quer aproveitar do tempo chegando dom Fernando acima do canaueal era assy metido antre os mouros e o cauallo cãsado que se parou quedo sem al poder fazer a qual cousa lista dos contraryos uoltarõ sobre elle onde ja aaquelle senhor nõ ficaua outra sperança senõ cõprir sua morte como cõuijnha a quem elle era. (ll. 77-93, pág. 12)	Sem qualquer menção por parte do autor.	Zurara coloca-a no contexto de um momento bélico entre cristãos e muçulmanos, no final do qual os portugueses decidem abandonar a zona pelo sopé da serra (ll.80-81, pág. 12).

A Serra de Meiequice, amplamente documentada, surge também como Mexaquece<sup>69</sup>, Meiaquice e Maiaquice. Ricard (1955: 61) apresenta-a com as grafias *Meiequice*, *Mejequice*, *Mejaquice*, *Mexaquice*, localizando-a a sete léguas de Ceuta, argumento apoiado pelo cronista (Zurara, 2007: 21). O autor apoia-se nos escritos de Manuel y Vasconcellos referindo que estará algures em Benihuet Filoth, entre Ceuta e Tânger.

De acordo com Zurara (2007: 196), nesta serra corria um rio até ao fundo do vale, que se juntava a outro da serra de Aniara.

Nas palavras do cronista (2007: 126) era um local habitado, e as suas populações mantinham contacto com as da aldeia de Anexamez<sup>70</sup>. Esta aceção confirma-nos a ligação existente entre as várias comunidades que, quer longe, quer perto, mantinham contactos constantes, possivelmente por laços comerciais ou políticos. Este contacto das suas gentes também poderá evidenciar alguma proximidade geográfica entre ambos os locais. Não se conhecem, contudo, provas que o confirmem. É referido ainda que as populações da serra de Benaulõe, da serra de Guaderez, do val DAnjara/Ualle dAnjara e da serra de Benaminyr de Guaderez também estabeleciam contactos habituais com os habitantes de Anexamez.

Relativamente ao topónimo de Benaulõe, Robert Ricard (1955: 58) refere: “Benavolence (...), région limitrophe de l'Anjera. C'est sans doute le toponyme Benaulente de Meneses (...).” Zurara não tece grandes considerações a seu respeito, reservando-lhe apenas duas breves menções, entre as páginas 126 e 144 da obra. Sobre o topónimo, Hassan Alfiguigui (2010: 71) deixou-nos o seguinte:

Le nom a été écrit de la façon suivante : *Benavolence*. Il serait difficile d'identifier ce site, s'il n'y avait pas l'existence de ce nom actuellement : *Beni Abi Alâych* (...). En plus, nous avons suivi les pas de la cavalerie portugaise sortie d'*Alcácer Ceguer* pour être sur l'emplacement désiré. En effet, Benavolence – *Beni Abi Alâych* est situé au Su-Ouest d'Angera, tout près d'Aljerab (...).

---

<sup>69</sup> Existe em toda a obra apenas uma passagem dedicada a este topónimo, mas muito possivelmente nos remeterá para a Serra de Meiequice, visto que os dados fornecidos, tanto por Zurara, como por Robert Ricard, são idênticos.

<sup>70</sup> Consultar o topónimo *Anexamez*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.

A Serra de *Guaderez* é registada por Ricard (1955: 60) com as grafias *Guadalez*, *Guadelez* e *Guaderez*, fazendo ainda o autor uma referência aos Wâdrâs<sup>71</sup>. Em toda a crónica de Zurara este faz-lhe apenas com uma leve menção.

O cronista (2007: 144, 180) regista a Serra de *Benaminyr*, também referida como *Benamenir*. Por sua vez, Robert Ricard (1955: 58) mantém a segunda grafia apresentada por Zurara, *Benamenir*, e acrescenta-lhe uma outra, *Benaminir*, semelhante à primeira do cronista, trocando apenas a consoante “y” pela vogal “i”.

Ricard informa ainda que, de acordo com o contexto em que o topónimo surge (1955: 58), “D’après le contexte, il paraît s’agir d’un chaîne de montagne orientée nord-sud, à cheval sur les tribus d’Anjera et de Wâdrâs.”

Zurara (2007: 180) refere que a aldeia de *Ramelle*<sup>72</sup> (Ramele) se localiza na ponta desta serra. O cronista dá-nos indicações claras acerca da localização de ambos os topónimos de *Benaminyr/Benamenir* e *Ramel/Ramelle*, pelo que, ao descobrirmos um, encontramos o outro. Para um cenário de investigação futura, parece ser um topónimo credível, que dará alguns frutos numa abordagem toponímica.

---

<sup>71</sup> No registo que Robert Ricard faz relativamente à Serra de Benaminyr, refere os Wâdrâs como uma tribo que habitava as cercanias da serra. Possivelmente será a mesma comunidade referida pelo autor no topónimo da Serra de Guaderez.

<sup>72</sup> Consultar o topónimo *Ramel/Ramelle*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.

Tabela 4. Serras relativamente encadeadas: Serra de Meiaquice e de Benaoulêce e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Serra de Meiequice  (também aparece como Mexaquece, Meiaquice e Maiaquice)	<p>E no mes de março desta // era de .xxxij. chegou huũ mouro a elle de noite e disselhe que soubesse que alguĩs mouros da <b>serra de Meiequice</b> nõ tijnham guardas sobre sy.</p> <p>(l. 100, pág. 14 – l. 5, pág. 15)</p>	<p><i>“Meiequice, Mejequice, Mejaquice, Mexaquice.(...)«Toute cette montagne est celle de Mejequice, tant là où elle commence, qui est près de la Mer Méditerranée, que dans la partie qui va à travers le pays des Maures vers le midi, qui finit près de Miquel (Menkal ?), ce qui fait à peu près cinq lieues...» «Está esta sierra, segun la situa Gomez Eanes, siete leguas de Ceuta. Entiendo yo que es la de Benihuet Filoth, que lgunos llaman Benigued Elfethot por estar frontera a Ceuta, i a Tanjar...» (Manuel y Vasconcelos, fº 19 rº).”</i> (pág.61)</p>	<p>De acordo com Zurara, era um lugar habitado (ll.48-50, pág. 126), pela referência às populações que lá viviam e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez (ll.44-52, pág. 126).</p> <p>O cronista coloca-a a 7 léguas de Ceuta (l.65, pág. 21).</p> <p>Possivelmente, acabará perto de Miquel<sup>73</sup>.</p> <p>Correria um rio pela serra de Meiequice e outro pela serra de Aniara (= Anjra), que se juntavam no fundo do vale (ll.69-73, pág. 196).</p>
	<p>Ainda porẽ acharõ assaz grande despojo por que no lugar auya mouros que trautavõ de mercadarya, por que o asseõto delle era ã muy boa comarca, por que assy todollos do ualle dAnjara como da mayor parte da <b>serra de Meiaquice</b> e de Benaoulêce e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez.</p> <p>(ll.44-52, pág. 126)</p>		

<sup>73</sup> Topónimo de uma possível aldeia, referido na crónica, mas que não foi selecionado para o presente estudo. É referido também como *Miquel*. Consultar a página 25, 126 e 196 da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*.

	<p>E os mouros assy daquella terra como de Guadellez e da <b>serra de Meiaquice</b> e doutras partes começaron de crecer cada uez mais, os quaaes hyã assy atraues dos christaãos pelas meas ladeyras.</p> <p>(ll.87-93, pág.146)</p>		
	<p>E auees de saber que esta serra jaz atraues da serra dAniara e da <b>serra de Maiaquice</b>, e juntanse as auguas que destas serras corrẽ no meo do câpo.</p> <p>(ll.69-73, pág. 196)</p>		
<p>Serra de Mexaquece</p>	<p>E cõ esta uoõtade mandou o adayl com seus almocadeãs e scuitas a ssaber parte da terra como estaua, os quaaes lhe tornarom cõ recado como em Benaxame estauã por fronteyros cinquenta de cauallo nõ cõ pequena speranza de guardar muy bem toda aquella terra, este aduar esta naquela <b>serra de</b></p>	<p><i>“Meiequice, Mejequice, Mejaquice, Mexaquice.(...)«Toute cette montagne est celle de Mejequice, tant là où elle commence, qui est près de la Mer Méditerranée, que dans la partie qui va à travers le pays des Maures vers le midi, qui finit près de Miquel (Menkal ?), ce qui fait à peu près cinq lieues...» «Está esta</i></p>	<p>Zurara coloca-a a 7 léguas de Ceuta (l.65, pág. 21).</p>

	<p><b>Mexaquece</b> espaço de sete legoas de Cepta. (Il.55-65, pág. 21)</p>	<p>sierra, segun la situa Gomez Eanes, siete leguas de Ceuta. Entiendo yo que es la de Benihuet Filoth, que lgunos llaman Benigued Elfethot por estar frontera a Ceuta, i a Tanjar...» (Manuel y Vasconcelos, fº 19 rº).” (pág.61)</p>	
<p>Serra de Benaolêce</p>	<p>Ainda porê acharõ assaz grande despojo por que no lugar auya mouros que trautavõ de mercadarya, por que o asseêto delle era ã muy boa comarca, por que assy todollos do ualle dAnjara como da mayor parte da serra de Meiaquice <b>e de Benaolêce</b> e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez. (Il.44-52, pág. 126)</p> <p>E forã assy huũ pedaço seguindoos ataa que os mouros acharõ dous camjnhos, huũ que uay pera hũa mizquita que ally êtõ estaua, e desy</p>	<p>“Benavolence (...), région limitrophe de l'Anjera. C'est sans doute le toponyme Benaulente de Meneses (...).” (pág. 58)</p>	<p>Referência às populações que lá viviam e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez (Il.44-52, pág. 126).</p>

	<p>pera grandes pouorações dos mouros que sam daquella parte, assy como <b>Benuollēce</b> e Benamenyr e outras comarcas, pollo qual caminho seguyo dō Henrique e cō elle atta .xx. de cauallo. (l. 94, pág. 143 – l. 5, pág. 144)</p>		
Serra de Guaderez	<p>Ainda porē acharō assaz grande despojo por que no lugar auya mouros que trautavō de mercadarya, por que o asseēto delle era ã muy boa comarca, por que assy todollos do ualle dAnjara como da mayor parte da serra de Meiaquice e de Benuolēce e <b>de</b> <b>Guaderez e de</b> <b>Benamjnyr de</b> <b>Guaderez.</b> (ll.44-52, pág. 126)</p>	<p><i>“Guadalez, Guadalez, Guaderez(...).Wâdrâs.”</i> (pág. 60)</p>	<p>Referência às populações que lá viviam e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez (ll.44-52, pág. 126).</p>
Serra de Benaminyr	<p>E forã assy huñ pedaço seguindoos ataa que os mouros acharō dous camjnhos, huñ que uay pera hũa mizquita que</p>	<p><i>“Benamenir, Benaminir(...). D’après le contexte, il paraît s’agir d’un chaîne de montagne orientée nord-</i></p>	<p>A aldeia de Ramelle, segundo Zurara, localizava-se na ponta desta serra (ll.43-49, pág. 180).</p>

ally ẽtõ estaua, e desy pera grandes pouorações dos mouros que sam daquela parte, assy como Benauollẽce e <b>Benamenyr</b> e outras comarcas, pollo qual caminho seguyo dô Henrique e cõ elle atta .xx. de cauallo. (l. 94, pág.143 – l. 5, pág. 144)	sud, à cheval sur les tribus d'Anjera et de Wâdrãs.” (pág. 58)	
---	--	--

A *Serra de Aniara*, na menção do cronista (2007: 196), encontra-se próxima da serra de Maiaquice, partilhando território com a serra de Benacoffu. Entre a serra de Aniara e a de Maiaquice corriam dois rios, que se juntavam. Não há qualquer referência a este topónimo por parte de Robert Ricard, nem quanto ao de *Val dAnjara / Ualle dAnjara*.

A Serra de *Benaminyr de Guaderez* (Serra de Benaminir de Guaderez) partilha os mesmos dados da serra de Benacoffu, tanto em Gomes Eanes de Zurara como na obra de Robert Ricard.

Tabela 5. Serra de Aniara e Serra de Benaminyr de Guaderez

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Serra de Aniara	E auees de saber que esta serra jaz atraues da <b>serra de Aniara</b> e da serra de Maiaquice, e juntanse as auguas que destas serras corrẽno meo do cãpo. E ẽfim se ajũã a ellas outras que corrẽda serra de Benaminyr	Sem qualquer menção por parte do autor.	Nas palavras de Zurara, encontra-se próxima da serra de Maiaquice, partilhando território com a serra de Benacoffu.



	<p>de Guaderez onde sse chama Miquel. E ally ãrã as outras auguas que saaẽdesta serra de Bacofu e passam por antre esta serra e a de Meiaquice dobrando contra Tutuam correndo pello câpo de benamade ataa que entrã no mar. E hũa põta desta serra de Benacoffu, vay contra a sserra de Gibelfabybe da parte do norte, e da parte do sul tẽa outra põta contra a sserra de Benjaacẽ (Il.69-85, pág. 196)</p>		<p>Entre a serra de Aniara e a de Maiaquice corriam dois rios, que se juntavam.</p>
<p>Serra de Benaminyr de Guaderez</p>	<p>Ainda porẽ acharõ assaz grande despojo por que no lugar auya mouros que trautavõ de mercadarya, por que o asseõto delle era ã muy boa comarca, por que assy todollos do ualle dAnjara como da mayor parte da serra de Meiaquice e de Benaulõce e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez. (Il.44-52, pág. 126)</p> <p>E auees de saber que esta serra jaz atraues da serra de Aniara e da serra de Maiaquice, e juntanse as</p>	<p><i>“Benamenir, Benaminir</i> (...). D’après le contexte, il paraît s’agir d’un chaîne de montagne orientée nord-sud, à cheval sur les tribus d’Anjera et de Wâdrãs.” (pág. 58)</p>	<p>Relacionada com a serra de Benacoffu: o rio que corre em Benaminyr de Guaderez, junta-se ao da serra de Aniara e ao da serra de Maiaquice, que por sua vez se juntam ao que corre por Bacoffu/Benacoffu, correndo pelo campo de Benamade até chegar ao mar (Il.69-85, pág. 196).</p>

	<p>auguas que destas serras corrẽ no meo do câpo. E ẽ fim se ajũã a ellas outras que corrẽ da serra de Benaminyr de Guaderez onde sse chama Miquel. E ally ẽtrã as outras auguas que saaẽ desta serra de Bacofu e passam por antre esta serra e a de Meiaquice dobrando contra Tutuam correndo pello câpo de benamade ataa que entrã no mar.</p> <p>E hũa põta desta serra de Benacoffu, vay contra a sserra de Gibelfabybe da parte do norte, e da parte do sul tẽ a outra põta contra a sserra de Benjaacẽ.</p> <p>E esta serra de Benacoffu tẽ dous spinhaços e jũanse as auguas das chuuas ẽ meo onde sã grandes matos e branhas e ẽ cima da serra ha grandes chaãos em que ha ualles cõ muytas auguas e em que ha muyta criaçõ. E por ello ha ẽ ella grande pouoraçõ e som os moradores della muy audazes.</p> <p>(Il.69-93, pág. 196)</p>		<p>Referência às populações que lá viviam e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez (Il.44-52, pág. 126).</p>
--	---	--	---

A Serra de *Benacoffu* ou *Bacofu*<sup>74</sup> (Serra de Benacofu/Bacofu) surge representada com estas duas grafias na obra de Zurara. Já Robert Ricard regista o topónimo de maneira semelhante à primeira forma de Zurara, apenas lhe retirando uma das consoantes “f”, *Benacofu*, e identifica-o com uma montanha. Hassan Alfiguigui (2010: 70) regista-o com três grafias, *Benacofu*, *Benacufu* ou *Benacofu*.

Ricard (1955: 57) sublinha que se trata de mera hipótese, acrescentando informação de David Lopes e Michaux-Bellaire:

M. David Lopes (...) l’identifie avec le pays des Beni Gorfot<sup>75</sup>. Cela paraît être également l’opinion de Ed. Michaux-Bellaire et A. Páretié (...). Ed. Michaux-Bellaire estime du reste que l’habitat des Beni Gorfot était autrefois probablement plus proche de Ceuta et de Tétouan (...). Il ne s’agit là toutefois que d’hypothèses.”

Alfiguigui (2010: 70-71) dedica-lhe algumas linhas:

Il faut faire la distinction entre *Benacofu* de Magiqueuse, et la *Benagorfate*, tribu de Beni Gorfate, qui se situe dans le périmètre d’Asilâ de la région du Habt. Pourtant, Benagorfate n’a rien à voir avec la banlieue de Tétouan. On relève cet état parce que les documents portugais nous ont transmis cette confusion, que nous avons acarté en suivant l’itinéraire emprunté par le roi portugais Afonso V en 1464 lequel, après sa sortie de Ceuta, a pris la route vers le site de Benacofu et a continué son chemin à Tétouan. Le résultat nous assure qu’il s’agit seulement du site de Benacufu ou Benacofu, village enclave au milieu de haut Magiqueuse, ce que nous savions déjà.

No contexto da descrição do cronista relativamente à aldeia de *Anexamez*, Zurara (2007: 126) refere que os habitantes da serra de *Benacoffu* se dirigiam regularmente a *Anexamez* para comércio de bens, outra variável que confere um caráter superior à aldeia de *Anexamez*, enquanto local de destaque e relativa supremacia diante das restantes povoações. Funcionando quase como

---

<sup>74</sup> É muito possível que se trate do mesmo topónimo de *Benacoffu*, tendo sido resultado de um engano por parte do cronista aquando da escrita do termo, ou também de ter ouvido o topónimo sendo pronunciado de outra maneira. Não obstante, o topónimo *Bacofu* foi também registado na tabela deste capítulo, dado existir uma passagem que lhe faz menção. Ressalvamos que a sua análise foi incorporada na análise do topónimo *Benacoffu*.

<sup>75</sup> O topónimo aparece referido por Hassan Alfiguigui (2010: 72) como uma cadeia montanhosa – “(...) la chaîne montagnard de Beni Gorfate.”

uma metrópole do interior, claramente não tão importante como Ksar Sghir, assumiria alguma relevância neste contexto. Outra hipótese seria esta ocupar um lugar tão importante como Ksar no território, contudo tal suposição carece de investigação aprofundada, sem o que não será possível adotá-la como verdadeira.

De acordo com as descrições geográficas oferecidas pelo cronista, esta serra encontrar-se-ia entre a serra de *Aniara* e a de *Maiaquice*. Entre estas últimas corria um rio, que se juntava a um outro proveniente da serra de *Benaminyr de Guaderez*. Por sua vez, a estes dois juntar-se-ia outro curso de água que passaria em *Benacoffu/Bacofu* e em *Meiaquice*, o qual, correndo pelo campo de *Benamade*, seguia para o mar. Encontramo-nos perante uma zona de serras bem regada por fartos recursos hídricos, que a percorrem e se vão encontrando pelo caminho. Zurara faz questão de expor tudo o que observa à sua volta, povoando a crónica com todos os elementos que melhor pudessem caracterizar o local que pretende fazer-nos ver.

Esta abundância de cursos de água poderá ter sido, em tempos, uma mais-valia para as comunidades locais, dotando-as de um elemento chave: a água. Sendo um dos ingredientes principais da vida humana, assume um papel determinante no bem-estar e sobrevivência das comunidades. A nossa existência depende dela – ou da sua falta (Vourinem, *et al.*, 2007). Depois da chuva e do sol nada contribui de maneira tão óbvia para a fertilidade da terra como os rios (Piterman & Greco, 2005: 153).

De acordo com Vourinem, Juuti e Katko, não é somente a paisagem natural e o mundo agrícola a revelar uma forte dependência da água, já que também o mundo citadino depende por completo da sua presença e abastecimento (Vourinem, Juuti, & Katko, 2007)

A Humanidade estabeleceu-se em assentamentos permanentes há cerca de 10.000 anos, no momento em que os povos adotaram um modo de vida agrário. Este novo tipo de subsistência espalhou-se e as populações começaram a expandir-se mais rápido do que nunca. A vida agrícola sedentária tornou possível o erguer de vilas, cidades e, eventualmente, Estados, todos altamente dependentes da água.

Desta forma, as afirmações de Zurara podem conduzir-nos a uma interrogação: quantas comunidades se teriam implantado numa zona tão bem irrigada e cheia de atrativos para a sobrevivência humana. Sendo a água elemento fulcral na organização de sociedades desde a Pré-história (Piterman & Greco, 2005), não seria descabido calcular a quantidade de assentamentos que se terão registado nesta região.

Em certos passos da sua obra, Zurara descreve-nos a serra como tendo dois cumes bastante pontiagudos, nela imperando vastos matos e matagais. É feita menção a bastantes lugares planos, nos quais as populações se dedicavam à pecuária, além de alguns vales com possíveis recursos hídricos (Zurara, 2007) .

Infelizmente, é na serra de *Benacoffu* que D. Duarte de Meneses vem a perecer, sob o comando de D. Afonso V, seguindo o caro ideal da nobreza e da cavalaria da busca de reconhecimento, honra e glória, tudo em prol da Cristandade.

Tabela 6. Serra relativamente isolada: Benacoffu

<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
Serra de Benacoffu	E aiīda de Miīquel e dālguas aldeas da serra de Benacoffu, todos ally achauom oficiaaes e quē lhes cōprar suas cousas e uender outras se as mester auyam. (II.52-56, pág. 126)	“ <i>Benacofu</i> (...), montagne. M. David Lopes (...) l’identifie avec le pays des Beni Gorfot. Cela paraīt être également l’opinion de Ed. Michaux-Bellaire et A. Páretié (...). Ed. Michaux-Bellaire estime du reste que l’habitat des Beni Gorfot était autrefois probablement plus proche de Ceuta et de Tétouan (...). Il ne s’agit là toutefois que d’hypothèses.” (pág.57)	No contexto da descrição de Zurara acerca de Anexamez, este refere que os habitantes desta serra se dirigiam regularmente a Anexamez para o comércio (II.52-56, pág. 126).  Encontra-se entre a serra de Aniara e a de Maiaquice, entre as quais corre um rio, que se junta a um outro que vem da serra de Benaminyr de Guaderez. A estes ainda se vem juntar o curso de água que passa em
	E auees de saber que esta serra [Benacoffu] jaz atraues da serra de Aniara e da serra de Maiaquice, e juntanse as auguas que destas serras corrē no meo do câpo. E ã fim se ajitã a ellas outras que corrē da serra de Benaminyr de Guaderez onde sse chama Miīquel. E ally ãtrã as outras auguas que saaē desta serra de Bacofu e passam por antre esta serra e a de Meiaquice dobrando		

	<p>contra Tutuam correndo pello câpo de benamade ataa que entrã no mar.</p> <p>E hũa pôta desta serra de Benacoffu, vay contra a sserra de Gibelfabybe da parte do norte, e da parte do sul tẽ a outra pôta contra a sserra de Benjaacẽ.</p> <p>E esta serra de Benacoffu tẽ dous spinhaços e jũanse as auguas das chuuas ã meo onde sã grandes matos e branhas e ã cima da serra ha grandes chaãos em que ha ualles cõ muytas auguas e em que ha muyta criaçõ. E por ello ha ã ella grande pouoraçõ e som os moradores della muy audazes.</p> <p>(Il.69-93, pág. 196)</p>		<p>Bacofu/Benacoffu e em Meiaquice, que, correndo pelo campo de Benamade, segue para o mar (Il.69-85, pág. 196).</p> <p>A serra é descrita como tendo dois cumes pontiagudos (l.87, pág. 196), compreendendo em toda a sua extensão vastos matos e matagais (l.88, pág. 196).</p> <p>Zurara refere que existiam muitos lugares planos, nos quais as populações se dedicavam à pecuária (Il.90-91, pág. 196), além de alguns vales com possíveis recursos hídricos (l.90, pág. 196).</p> <p>É aqui que D. Duarte de Meneses vem a perecer, sob o</p>
--	--	--	---

			comando do seu rei, D. Afonso V, seguindo os ideais da nobreza e da cavalaria, de procura do reconhecimento, honra e glória, tudo em prol da Cristandade (II.10-30, pág.199).
Serra de Bacofu	E ally ãrã as outras auguas que saaẽ desta <b>serra de Bacofu</b> e passam por antre esta serra e a de Meiaquice dobrando contra Tutuam correndo pelo cãpo de benamade atta que entrã no mar.  (II.75-81, pág. 196)	Sem qualquer menção por parte do autor.	Possível correspondência com o topónimo de Benacoffu, possivelmente se tratando de um engano por parte de Zurara na escrita do termo.  Passava entre esta serra e a de Meiaquice, e pelo campo de Benamade, um rio que vai desaguar ao mar (I.75, pág. 196).

A Serra de *Gibelfabiby* (ou *Gibelfabib*) – registada por Ricard (1955: 60) como “*Gibelfabibe, Gibelfabibi*” – é apresentada por Zurara (2007: 141) como sendo um território largamente habitado, de grandes aldeias, com uma grande variedade de mantimentos; território esse que ia de encontro à parte norte da serra de *Benacoffu*. Robert Ricard (1955: 34) identifica-a com a atual

Jebel Habib<sup>76</sup> e, noutro passo da sua obra, relaciona Jebel Habib com a aldeia de *Farrobo*<sup>77</sup> e com a planta que lhe deu o nome (1955: 60):

“*Farrobo* (...). C’est le Jebel Habîb, ainsi nommé par les Portugais parce qu’au sommet se trouvait un bois de caroubiers (*farrobo*, port. mod. *alfarrobo*) que l’on remarquait de partout et qui, visible du large, servait d’amer aux navigateurs. (...) Il y a encore aujourd’hui dans cette tribu un village appelé *Harrub* (...) ou *Jarrub* (Harrôb). C’est aussi le nom de la rivière qui arrose cette région. Le toponyme *Farrobo* se retrouve au Portugal, en particulier en Algarve. ”

Tabela 7. Serra relativamente isolada: Gibelfabity

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Serra de Gibelfabiby	E huĩs passarõ o ryo de Tagadarte e outros se colherõ aa sserra de Gibelfabiby. (II.83-85, pág. 136)	“ <i>Gibelfabibe</i> , <i>Gibelfabibi</i> . (...)” (pág. 60)  <u>Relacionada com a aldeia de Farrobo:</u> “ <i>Farrobo</i> (...). C’est le Jebel Habîb, ainsi nommé par les Portugais parce qu’au sommet se trouvait un bois de caroubiers ( <i>farrobo</i> , port. mod. <i>alfarrobo</i> ) que l’on remarquait de partout	Zurara refere-o como sendo território habitado, com grandes aldeias e uma imensa variedade de mantimentos (II.7-10, pág. 141).  A serra de Gibelfabiby vai de encontro à parte norte da serra de Benacoffu (II.82-83, pág. 141).
	[A]aquelles que uyerẽ fora desta nossa ydade ou que nõ uyrõ as outras storeas do Regno senõ aquesta dizẽos		

<sup>76</sup> O autor referir-se-á, provavelmente, à atual Jebel Sidi Habib, montanha entre Arzila e Tetuão.

<sup>77</sup> Topónimo de uma possível aldeia referido na crónica, mas que não foi selecionado para o presente estudo. Consultar as páginas 167, 172, 173, 175 e 180 da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. O topónimo aparece mencionado por Hassan Alfiguigui (2010: 71) da seguinte forma: “C’est le cas du nom *Farrobo* qui designe à la fois le village de *Kherab de Anjera* (...) implante dans la partie Sud-Ouest, et le village *El Kharroub de Jabal Habib*, situé au sud de tribus d’Ouadras, très connu par les portugais d’Asilâ.”



	<p>que no tempo que regnarõ na casa de Bellamary Mulley Aaco e Mulley Bualle, ouue naquellas partes huũgrande e poderoso mary de linhagẽ real o qual sẽhoreaua a cidade de Cepta e Alcacer e Tãger e Arzilla cõ toda a sserra de Gibelfabiby cõ outras muytas terras chaãs. (ll.78-90, pág. 140)</p>	<p>et qui, visible du large, servait d'amer aux navigateurs. (...) Il y a encore aujourd'hui dans cette tribu un village appelé <i>Harrub</i> (...) ou <i>Jarrub</i> (Harrôb). C'est aussi le nom de la rivière qui arrose cette région. Le toponyme <i>Farrobo</i> se</p>	
	<p>E despois por tempo se forã gastando de guisa que ao tempo que este cõde dõ Duarte era capitã dAlcacer ja nom erã mais uiuos de dous, os quaaes senhoreauã aquella serra de Gibelfabiby que he hũa comarca em que há grandes pouorações com a uondãça de mâtijmêtos. (ll.2-10, pág. 141)</p>	<p>retrouve au Portugal, en particulier en Algarve. " (pág.60)</p>	
	<p>E hũa põta desta serra de Benacoffu, vay contra a sserra de Gibelfabybe da parte do norte, e da parte do sul tẽ a outra põta contra a sserra de Benjaacẽ. (ll.81-85, pág. 196)</p>		
	<p>E ajũaronse ataa vilj. de cauallo assy daquella <b>serra</b></p>		

	<p><b>de Gibelfabiby</b> como de Bëymagrafot e assy de Tâger, os quaaes partiram taaes horas dacerca daquela cidade que forõ amanhecer acerca de Alcacer, ficando os .ii ij. ã cillada no caminho ruyuo e os .ii ij. se forã lâçar acerca da villa em huũ matos que ally auya.</p> <p>(II.1-9, pág. 142)</p>		
--	--	--	--

Gomes Eanes de Zurara (2007: 142) menciona a Serra de *Bëymagrafot* no contexto de uma cilada entre cristãos e muçulmanos. Robert Ricard (1955: 59) ressalva que “*Benimagrafot* (...). Il s’agit, semble-t-il, d’un nom de tribu. Peut-être les Beni Gorfot ? ”.

Tabela 8. Serra relativamente isolada: Bëymagrafot

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Serra de Bëymagrafot	<p>E ajũaronse ataa viij. de cauallo assy daquela serra de Gibelfabiby como de <b>Bëymagrafot</b> e assy de Tâger, os quaaes partiram taaes horas dacerca daquela cidade que forõ amanhecer acerca de Alcacer, ficando os .ii ij. ã cillada no caminho ruyuo e os .ii ij. se forã lâçar acerca da villa em huũ matos que ally auya.</p> <p>(II.1-9, pág. 142)</p>	<p>“<i>Benimagrafot</i> (...). Il s’agit, semble-t-il, d’un nom de tribu. Peut-être les Beni Gorfot ?”.</p> <p>(pág. 59)</p>	<p>Zurara coloca-a no contexto de uma cilada entre cristãos e muçulmanos.</p>

De acordo com as palavras do cronista (2007: 196) a Serra de *Benjaacẽ / Benjacem* (Serra de Benjacem) relaciona-se com a serra de Benacoffu, dado possuírem uma ligação pelo seu lado sul. Ricard (1955: 59) regista o topónimo da seguinte forma: “*Benjacem* (...), montagne. Sans doute les Beni Hassân.”.

Tabela 9. Serra relativamente isolada: Benjacem

<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
Serra de Benjaacẽ	E hũa põta desta serra de Benacoffu, vay contra a sserra de Gibelfabybe da parte do norte, e da parte do sul tẽ a outra põta contra a <b>sserra de Benjaacẽ</b> (ll.81-85, pág. 196)	“ <i>Benjacem</i> (...), montagne. Sans doute les Beni Hassân.” (pág. 59)	Relacionada com a serra de Benacoffu: ligação pelo sul.

Outra elevação referida pelo cronista é a Serra de *Anexamez*<sup>78</sup>. Robert Ricard (1955: 56) apresenta-a da seguinte forma: “*Anexames, Anexamex, Anexamez* (...), montagne et importante village «au commencement d’Anjara», «lugar rico, i grande, puesto a poniente de Tanjar ...» (Manuel y Vasconcelos, fºI20 Vº)”. Segundo Zurara, o acesso à serra de Anexamez seria possível através da vereda de Tuar. Em relação à supracitada serra não há muitas mais informações, tendo-lhe reservado Zurara apenas uma passagem em toda a sua obra. Contudo, para o topónimo de *Anexamez* fornece bastante mais informação<sup>79</sup>.

Tabela 10. Serra relativamente isolada: Anexamez

<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
Serra de Anexamez	Os outros disserã que o faryã cõ boa voõtade, partindo logo	“ <i>Anexames, Anexamex, Anexamez</i> (...),	Segundo Zurara, o acesso à serra de

<sup>79</sup> Consultar o topónimo *Anexamez*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.

	<p>no outro dya pella uereda de Tuar e forō teer dya aa <b>sserra de Anexamez</b>, onde pensarō que tijnhã aparelhada sua fim, por que se acertou de vījrem por aquelle mesmo camjnho ataa quareĕta mouros de cauallo e .ij . de pee, os quaaes se forã lãçar em cillada acerca da uilla pera veer se poderyã fazer alguũ dãpno aos da guarda. (Il.15-26, pág. 173)</p>	<p>montagne et importante village «au commencement d'Anjara», «lugar rico, i grande, puesto a poniente de Tanjar ...» (Manuel y Vasconcelos, f°120 V°).” (pág. 56)</p>	<p>Anexamez seria possível pela vereda de Tuar. Consultar o topónimo <i>Anexamez</i> (Capítulo 4, alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale).</p>
--	---	--	--

Zurara faz também uma única menção à serra de *Mitene*, não nos provendo de dados suficientes. Já Robert Ricard (1955: 62) diz-nos: “*Mitene* (...), montagne. Ce toponyme ne semble pas pouvoir être identifié avec *Metene*. Mais peut-être, originairement, se rattache-t-il aussi aux Metna.”. O topónimo *Metene* aparece em Alfiguigui (2010: 70) relacionado com o topónimo *Castillejos*:

Comment avait-on trouvé le vrai nom marocain antique Castillo de Meten (...) ? Azurara nous a permis de connaître le nom *Castillejo* ou *Castillejos*. Le petit fleuve que Azurara marque comme la limite sud du site a été identifié comme Almanaoel (aujourd’hui Kendesa) para le géographe andalous Albakri (...), qui nous informe aussi qui il était habité para la tribu berbère de Metene. Nous avons, d’autre part, le récit d’Azurara qui mentionne plusieurs fois le nom de Castillo de Metene, en le plaçant dans le même endroit.

En tant que résultant, je crois que nous avons relevé le nom primitif de l’actuel Castillejos, ce qui nous permet de le remplacer par Calaat Matna, (...) existant avant le V siècle de l’ère de Hejra.

Tabela 11. Serra relativamente isolada: Mitene

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Serra de Mitene	E outros se foram <b>aa sserra de Mitene</b> , buscando cada huũsua segurãça pera onde mais longe podya. (II.85-88, pág. 136)	“ <i>Mitene</i> (...), montagne. Ce toponyme ne semble pas pouvoir être identifié avec <i>Metene</i> . Mais peut-être, originairement, se rattache-t-il aussi aux Metna.” (pág. 62)	Zurara apenas nos apresenta uma menção à serra de Mitene, não nos provendo de dados suficientes.

Mazmuda vem referida por Robert Ricard (1955: 61) como “*Mazmuda* (...), montagne et pays”, e por isso mesmo foi colocada na tabela relativa à geografia, apesar de ser mencionada pelo cronista (2007: 18, 94) como “terra de Mazmuda”. De acordo com Zurara, Cide Muz era alfaqueque de Mazmuda. Este localiza a aldeia de Benambroz na sua área, “na cabeceira da terra da Mazmuda”.

Tabela 12. Terra: Mazmuda

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Mazmuda	E logo a poucos dyas que o conde foy partido chegou aa cidade huũmouro que auya nome Cide Muz o qual era alfaqueque de toda <b>a terra de Mazmuda</b> , e segundo seu costume fallou em rendiçam de catyuos.	“ <i>Mazmuda</i> (...), montagne et pays.” (pág. 61)	De acordo com Zurara, Cide Muz era alfaqueque de Mazmuda.  O cronista localiza, ainda, a aldeia de Benambroz <sup>80</sup> na sua

<sup>80</sup> Consultar o topónimo *Benambroz*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.

	<p>(ll.56-62, pág. 18)</p> <hr/> <p>Outrossy aos .xxix. dyas daquelle mes de Janeyro sayrõ aquelles senhores fora da uilla, assy por ueer a terra e auisar por ella as scuitas, como por queymar hũa aldea que se chamaua Benãbroz onde era a cabeceyra da <b>terra da Mazmuda</b>, mas quẽ poderya cõ a ledice do marques andando neestes feitos por que nõ sahya da uila que nõ posesse ramo uerde na cabeça cõ cõtença muy alegre.</p> <p>(ll. 77-88, pág. 94)</p>		<p>área, “na cabeceira da terra da Mazmuda” (pág.94).</p>
--	---	--	---

O topónimo *Outeyro do Barbeyro* (Outeiro do Barbeiro) foi registado por Zurara como estando localizado algures no vale de Aniara. Possivelmente o cronista queria referir-se ao Val dAnjara / Ualle dAnjara. Não se acha qualquer menção ao mesmo na obra de Robert Ricard.

Relativamente ao último topónimo da tabela, *Outeyro* [em Canhete], não existe na obra uma referência literal a um topónimo designado de “Outeiro de Canhete”. Contudo, numa das passagens referentes à aldeia de Canhete, há uma menção do cronista a um “outeyro”, ao qual D. Duarte se dirige e repara que existe uma aldeia com várias casas (Fernandes, 2007: 96).

Tabela 13. Outeiros

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Outeyro do Barbeyro	Capitulo. Cxvj. Como o conde foy correr val-/dÃiara onde	Sem qualquer menção por parte do autor.	Zurara apresenta-o como um outeiro,

	sse chama ho <b>outeyro do Barbeyro</b> . E doutras cousas que seguyrã no Regno: (II.50-53, pág. 149)		algures no vale de Aniara. Possivelmente o cronista se queira referir ao Val dAnjara / Ualle dAnjara.
Outeyro [em Canhete]	Dõ Duarte ueõlo como aquello era uoõtade de todos por lhe cõprazer foy auãte, e de palaura em palaura forã assy atee huõ <b>outeyro</b> dõde pareceo hã aldea, e dally tijnha dõ Duarte uoõtade de se tornar. E por que as casas parecyã muyto preto, as quaaes estauã na chapa da serra ã que auerya de .xxv. ataa .xxx. casas. (II.28-39, pág.96)	Sem qualquer menção por parte do autor	Não existe na obra de Zurara o topónimo “Outeiro de Canhete”. Contudo, numa das passagens referente à aldeia de Canhete há uma menção do cronista a um ‘outeyro’ onde havia uma aldeia.

O topónimo *Lõba dAlmenar* (Lomba de Almenar) é registado por Zurara numa única referência. Robert Ricard (1955: 56) apresenta a seguinte informação: “*Almenar* (...), cap et hauteur entre El-Qsar et Tanger. (...) Les Maures y avaint des sentinelles (...). C’est la pointe Malabata (Ras el-Menar) et le village qui se trouve derrière (...)”

Pela menção de Zurara este remete-nos para uma elevação no terreno, um provável local de vigia, que possibilitaria um controlo estratégico do território. Os dados de Ricard também nos remetem para a mesma conclusão.

Convém mencionar ainda que, no texto, Zurara (2007: 137) escreve o seguinte: “fezerom hã almenara sobre huõcabeço alto aa qual logo respondeo outra do castelo de Tãger”. O termo *almenara*, de acordo com o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Machado, 1952), vem

Do árabe *al-manarâ*, «sitio onde está luz; lanterna, fanal, farol»; em Argel, «lustre»; designou, portanto, a luz que está no alto da torre e, por

extensão de sentido, «a própria torre» (...); apesar de raro, ainda se documenta hoje fora de textos de carácter histórico «... um relicário igualmente em ouro, finamente trabalhado, encimado por uma almenara...». *Minarete* representa articulação oriental (egípcia ou siríaca) do mesmo voc. ar. *manārā*; a sílaba *-te* representa o *-t* do fr. *minaret* (documentado em 1606), intermediário entre o ár. e o port. (...).

Ainda no Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, José Pedro Machado (1984) refere que se trata de um topónimo bastante comum, tanto no Brasil, como em Espanha.

É muito provável que o topónimo *Lõba dAlmenar* advenha deste contexto, justificado pela passagem de Zurara, quando o cronista afirma que fizeram uma almenara numa zona alta, a que se respondia de outra num castelo de Tânger. A informação registada por Ricard refere a existência de uma elevação entre Ksar Sghir e Tânger, denominada de Almenar, e ele próprio confirma que os muçulmanos tinham algumas sentinelas naquela zona.

Tabela 14. Lomba

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Lõba dAlmenar	E ã seguindo assy huũ e os outros seu camjnho acerca <b>da lõba dAlmenar</b> , forã // sentidos das guardas que os mouros ally tijnhã, os quaaes muyto asinha fezerom hũã almenara sobre huũ cabeçaõ alto aa qual logo respondeo outra do castelo de Tãger. (ll.3-10, pág. 137)	“ <i>Almenar</i> (...), cap et hauteur entre El-Qsar et Tanger. (...) Les Maures y avaiient des sentinelles (...). C’est la pointe Malabata (Ras el-Menar) et le village qui se trouve derrière (...)” (pág. 56)	Elevação no terreno, provável local de vigia, que possibilitaria um controlo cuidadoso do território.



#### 4.2.1.2. Vales

Vejam os vales, seguindo a mesma lógica de abordagem. Um único vale preenche a atenção explícita do cronista.

O *Val dAnjara / Ualle dAnjara* poderá corresponder ao vale da atual região de Anjera, à qual pertence o território de Ksar Sghir. A nível linguístico, parece estar relacionado com a *serra de Aniara*<sup>81</sup>, tendo-se assumido o valor de “j” como “i” no momento da redação. Zurara faz referência às populações que viviam na zona e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez (Fernandes, 2007: 126). Não há qualquer referência a este topónimo por parte de Robert Ricard.

Hassan Alfiguigui (2010: 71) dedica um parágrafo às *Tribus d'Angera*: “Les villages identifiés dans la tribu d'Angera, situées entre Tétouan et Tanger, sur une partie du couloir de Gibraltar, comptent 22 villages, non identifiés, contre 2 connus par ses anciennetés.”.

Tabela 15. Vale

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Val dAnjara  Ualle dAnjara	Ainda porẽ acharõ assaz grande despojo por que no lugar auya mouros que trautavõ de mercadarya, por que o asseõto delle era ã muy boa comarca, por que assy todollos do ualle dAnjara como da mayor parte da serra de Meiaquice e de Benaoulẽce e de Guaderez e de Benamjnyr de Guaderez.  (Il.44-52, pág. 126)	Sem qualquer menção por parte do autor.	Referência às populações que lá viviam e que estabeleciam habitualmente contactos comerciais com os habitantes de Anexamez  (Il.44-52, pág. 126).

<sup>81</sup> Topónimo referido na alínea 4.2.1.1. Serras, outeiros e lombas.

	<p>E jũtaronse todollos principaaes do <b>val dAnjara</b> e fallarõ sobre o remedyo que lhe cõuijnha buscar pera sua segurãça e assesego. E antre estes era huũ xeque mouro ãtjigo e de grande siso e autoridade, o qual era desta aldeã do Farrobo por que aquelles <b>dAnjara</b> vezinhã cõ Benauollẽce e com o Farrobo.</p> <p>(II.17-26, pág. 175)</p>		
--	---	--	--

#### 4.2.1.3. Linha costeira

Relativamente ao *Cabo dEspartel* (Cabo de/do Espartel), Zurara faz uma breve alusão ao topónimo, referindo um momento de conflito entre portugueses e muçulmanos. Robert Ricard não deixa qualquer registo do mesmo. Aparece identificado na Carte du Maroc – 1:50.000. Tanger. Feuille NI-30-XIX-3c, como *Cap Spartel*.

Tabela 16. Cabo

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Cabo dEspartel	E o cuydado destes seria passallas aldeas aallẽ cercãdoas darredor por que os mouros nõ aiã rezo de fogyr contra o <b>cabo dEspartel</b> e ryo de	Sem qualquer menção por parte do autor.	Zurara apenas nos deixa uma referência muito breve ao cabo de Espartel.

	<p>Tagadarte ataa que nos cheguemos cõ outra gente decauallo e de pee, Dom Fernando respondeo que lhe parecya muyto bẽordãdo, e que lhe pedyã que assy o fezesse executar, a qual cousa sabida por aquelles fidalgos, huũ se forã a dõ Fernando e outros ao cone agrauandosse muyto de tal feito, dizendo que a honra serya toda dos primeyros.</p> <p>(II.69-84, pág. 135)</p>		<p>Aparece na Carte du Maroc – 1:50.000. Tanger. Feuille NI-30-XIX-3c, como <i>Cap Spatel</i>.</p>
--	---	--	--

## 4.2.2. Hidrografia

### 4.2.2.1. Rios e ribeiros

Fixemos agora as linhas de rios e ribeiras, perscrutando na narrativa do cronista o seu envolvimento na paisagem.

Tabela 17. Rios e ribeiros

Tipo	Crónica Zurara	Comentários
<b>Ribeyra</b> <b>Ribeyras</b>	<p>Dõ Duarte começou logo seu camjnho e desy os outros apos elle, e quando a trote e quando a gallope chegarõ ao meo dya sobre o lugar õde as uacas estauã que era dentro em hũa mata acerca de hũa <b>ribeyra</b> ca assy fora elle auysado per aquelles que spyarõ a terra. (II.42-49, pág.23)</p>	
	<p>E era esto em hũa <b>ribeyra</b> que se chama a Ribeyra dAlfageia, pella qual foram seguindo sua vyagem ataa que chegarom ao lugar em amanheecendo. (II.50-54, pág.24)</p>	
	<p>E andando assy os mouros rodeãdo a uilla specyalmente aquelles marĩjs e mazaganis cujos seruidores ãnto andauõ corregãdo seus alojamãtos chegou aa rribeyra huũ barco em que uijnha Affomso de Myranda pera se lançar na uilla, o qual como homẽ de nobre coraçõ tanto que o barco chegou aa ourella da augua saltou fora e apos elle huũcriado da Raynha dõna Jsabel / que se chamaua Ruy Velho que ao despois foy comendador dAlmourol, e como quer que os mouros de todallas partes decessẽ</p>	

	<p>a elles Deos lhe deu tal ligeyrice que se ouuerõ na uilla primeyro que os mouros ouuessẽ tempo de chegar a elles e foy assaz grande cousa e digna de grande louuor homẽ uestido em suas armas e por huõ grande areal cercado dos contrayros auer ligeyrice pera se saluar e serya entõ o espaço da augua aa uilla tyro de hũa boa beesta de poiada como quer que os da urna derom grande esforço aaquelles e creemos que os mouros nõ ousarom de os seguyr tãto como quiserã com temor das artelharyas que estauã nos muros as quaaes ia começauã de jugar</p> <p>(II.50-63, pág.58)</p>	
	<p>E assy pera recolherẽ a gente que uiesse destas outras partes, e desy pera çpacharẽ a <b>rribeyra</b> que nõ podesse uijr mais gãe nõ mais uyãda pera esta urna ca seja elRey aquy fosse toda esta terra que parece serya ocupada ca nõ he cousa pera creer a quẽo nõ ha em costume de ueer o numero da gente que se ajunta cõ elRey de Feez quando elle he acordado cõ seus alcaydes e uassallos.</p> <p>(II.22-33, pág.60)</p>	
	<p>Capitulo .Rv. Como dõ Duarte sayu fora pera guardar os nauyos que estauã na <b>ribeyra.</b></p> <p>(II.75-77, pág.62)</p>	
	<p>Os mouros assy como uyã chegar a frota, assy se começarõ de perceber, teẽdo que nõ tomauom os nauyos ally pouso senõ pera alçamarẽ melhor a uilla, o que lhe ainda acrecẽtaua mais no aazo daquella crecẽça os</p>	

	<p>batees que uyã sayr dos nauyos, e apauesar e armar e vījrse aa <b>rribeyra</b>. (l.92, pág.64 – l.2, pág.65)</p>	
	<p>E a isto acudyrã alguĩs mouros poerse tras huĩs uallos que tijnhã feitos na area, assy pera guardar a <b>rribeyra</b> como pera fazer dāpno aos da uilla quando / tomassem atreuymãto de sayr fora. (ll.44-49, pág.67)</p>	
	<p>Que quisera mais elRey dezyam aquelles senõ mandar aquy fazer hūas muy boas casas pera ssy, e leixarse folgar e nom teer outro cuydado senõ defēder aquella <b>ribeyra</b>, o que ligeiramente e muy bẽpodera fazer, que nũca nehuĩchristaõ teuera ousyo de poer pee em terra contra sua uoõtade. (ll.49-57, pág.119)</p>	
	<p>e. E tãto que o conhecerã lãçarõ a gãe fora acerca da <b>ribeyra</b> do steyro dAlcãtarinha, mas huĩs dez ou doze de cauallo que ally andauã pera lhes çbargar a ssayda, ou com a uista que ouuerõ do conde o que mais he de creer, ou por uentura nõ se atreundo desperar ally aquella gente ainda que pouca fosse forãse camjnho da cidade, mas / despois que aquella capitã soube como sse aquelles tornarõ, mandou aaquelles de pee que ficassẽally a par das fustas e elle seguyo auãte caminho do lugar, onde o alcayde sayu ata as Taracenas cõ ataa .L. ou .Lx. de cauallo, e a gãe de pee estaua toda pella barroca e no arriffe. (ll.2-19, pág.139)</p>	

	<p>[...] huũryo que he ally acerca creemos que se chama Tagadarte e que se alloiassẽ por aquella noite acerca delle, mas se em alguũ tempo aquella Rey foy conselhado erradamẽte certamẽte nõ o foy ja desta uez, por que tãto que foy noite se leixarõ vñjr tantos toruoões cõ tãta destõperãça daugua que se nõ sabyã os homeõs dar a cõselho, e forã as <b>ribeyras</b> tam cheas que huũ pequeno regato receauõ os homeõs de passar E sse elRey aquella noite nom passara aquella ryo ficara elle e todollos seus ãgrande perigoo specyalmẽte polla mĩgoa do mãtijnẽto que ja começaua de fallecer. E esta foy a causa por que aquella principe leixou de yr a Arzila de que tornou assaz cansado e ainda o fora muyto mais se ãõ soubera o que despois soube.</p> <p>(I.90, pág.193 – I. 12, pág.194)</p> <p>Capitulo .Clv. Como elRey deceo pera a <b>Ribeyra</b>. E quaaes pessoas morrerõ em aquella dya.</p> <p>(II.31-34, pág. 199)</p> <p>E assy o lleuarõ ataa que lhe meterõ os pees do cauallo <b>na ribeyra</b> e passou aallẽ onde chegarõ mouros das pazes de Benamade e começarõ de bradar aos nossos, que esforçassẽ e que nõ temessẽ os contrayros e que se nõ brassẽque erã portugueses.</p> <p>(II.1-7, pág.200)</p>	
<p><b>Ribeyro</b> <b>Rribeyro</b></p>	<p>E em esto chega huũseu page que elle ante leixara por atallaya que lhe disse como os outros eram em trabalho cõ os mouros cõ que</p>	

	<p>uijnã pelleiando, e ainda o moço bẽ nom acabaua de o dizer / quando todos dez que erã derõ das sporas aos caualllos e forõ ao encontro dos nossos que decyã da aldea e estauã sobre o <b>rribeyro</b> donde Joham Pastana auisara dô Duarte que mandasse desfazer a parede.</p> <p>(ll.73-84, pág.97)</p>	
	<p>E passada a lomba dAlmenar, vyrã como começaua de crecer a gente das aldeas e desy er outros que andauã afastados nos câpos a ssegar e a debulhar, os quaaes começarõ de seguyr o conde ataa huũ <b>ribeyro</b> õde // se ajũtarõ ataa cĩquoõta de cauallo cõ aquelles mouros de pee. E o <b>Ribeyro</b> passado elles passarõ por semelhante, cobrando cada uez mayor ousyo pollas ajudas que lhe recrecyã, dizendo aos nossos que fossem assy huũ pouco e veỹya Xarrate o alcayde de Tanger e elle lhe mostrarya melhor o caminho ca o leuauã errado, mostrandosse muy allegres polla uitorya que lhe parecyã que tijnhem. O conde como bẽconhecya suas manhas e como a ssua tençã por aquella uez era de yr assy ladrando apos elle ataa achar tempo e lugar em que se os nossos nõ podessem reuoluer pera lhe azagayarẽ os caualllos. E por que aallem daquella sobida hya outro ualle em que auya outro <b>ribeyro</b> que tijnha muyto peor porto, determinou uoltar a elles ãte / que la chegasse.</p> <p>(ll.65-92, pág.139)</p>	



	<p>E como quer que os mouros fossem tras elle cõ assaz aficacya, a ligeyrice de seu caualllo despois da ajuda de Deos, lhe deu a uida em aquella hora, por que no caminho achou huũ <b>ribeyro</b> o qual pero fosse mayor do que parecyã o caualllo o ssaltou tã ligeyrã mte como se fora huũ pequeno passo, o que todollos caualllos dos mouros recusarõ fazer. E na // deteça que aquelles que o seguyã fezerõ ã buscar lugar aazado pera o passar, ouue rezõ Affonso Caldeyra de se sayr. Jsto principalmte por que os mouros auyã ja uista dos christãos que sayã da uilla, na qual como estas nouas fossem sabidas. Dõ Henrique foy logo posto a caualllo e outros cõ elle que se mais prestes acharõ. E ã seõdo aquelle Senhor sobre a ssomada do camjnho erã tres mouros ãtre elles e a uilla da parte da serra. E huũ scudeyro que ally era criado do conde que se chamaua Johã da Sertaãe que ao adyante foy adayl homẽ uallãe e de boo coraçõ foy a huũ daquelles mouros, e ão seguindo cayrã ãbollos caualllos em huũ <b>ribeyro</b> seco onde o caualllo de Johã da Sertaãe cayu logo morto, e elle deu tamanha paãcada cõ a cabeça no chaõ que se nõ fora armadura ally / fezera sua fim por cuja rezom o mouro ouue entãto lugar de se poer a caualllo, mas aquelle boo scudeyro assy atordado como jazya nõ pode sofrer que se seu cõtrayro assy spedissee aleuãtãndosse muy ryjo tomãdoo pella põta da marlota e com sua spada começou de o feryr. E como quer que o</p>	
--	---	--

	<p>mouro assaz fezesse por sua defesa ouue porẽ dacabar.</p> <p>(II.9-50, pág.143)</p>	
	<p>E sseãdo acerca daquelle <b>ribeyro</b> a que chamã Alcâtarinha, vyo da parte daallẽ da augua como os mouros que forã a correr se aju[nt]auõ cõ os da cillada, e huũs e os outros se correjã pera sperar os christaãos.</p> <p>(II.67-73, pág.143)</p>	
	<p>E por chegarẽ ao lugar mais cedo do que cõuyera perderom a mayor parte das almas / ca como era scuro e elles nacerõ na terra, por ãtre os pees dos cauallos furauã e se scondyã nos barrãcos e nos <b>ribeyros</b> e pellos palmitaaes que ally ha muy grandes.</p> <p>(II.58-64, pág. 148)</p>	
	<p>Fernãdayras Saauedra por sua parte cõ alguũs dos nossos que o seguyrã / .s. Joham Falcã, Affonso Caldeyra, Gomez Dyaz, Johã Priuado, e assy cõ alguũs seus que o acõpanhauõ, ãhuũ <b>ribeyro</b> que se chamaua Benacuryel dôde ouuerõ uista daquelles mouros que pelleiarõ cõ Meãffonso, e começarõ de os seguyr, os quaaes acabarõ acerca de hũa vinha onde logo Johã Falcã matou huũsoo mouro de cauallo que antre aquelles era, ca todollos outros erã a pee e este soo os acaudelaua, nobre e uallãte caualleyro era este Johã Falcã cujus feitos adyãte cõtaremos.</p> <p>(II.60-76, pág.164)</p>	
	<p>O alcayde chegou acerca do conde teãdo em meo huũ <b>ribeyro</b> estando cada huũ de sua</p>	

	<p>parte. E o conde mandou que tangessẽ a caualgada quanto podessem e elle esteue quedo ãhũã comyada. E dos mouros passarõ o <b>ribeyro</b> obra de .L. ou .Lx. de cauallo e por [se]melhãte decyã do cabeço outros muytos de cauallo e de pee, mas a bandeyra e o atabaque stauã quedos sobre aquelle <b>ribeyro.</b></p> <p>(II.47-58, pág.174)</p>	
	<p>E o conde auisado como acerca daquella principal aldea jazyã outras que caasy todas erã hũã, disse a dom Joham sobrinho apartaae uossa gãte e hij barreiar esta aldea que esta primeyro que se chama Marjoomar, e o alcayde e eu jremos ãtãto aaquellas outras, fez dom Johã o que lhe seu tyo dissera, mas // nõ fez na aldea nehũã deteẽça por que a gẽte era ja caasy toda fora specyalmãte gãte mehuda, a qual andarõ apanhando em huũ <b>ribeyro</b> que era antre huũ lugar e ho outro onde sse aquella mizquinha gãte ãdaua scondendo.</p> <p>(I.92, pág. 180 – I. 7, pág.181)</p>	
<p><b>Ryo</b></p>	<p>Senhor disse o Magriço hy nõ ha mais que huũ peio o qual he o <b>rryo</b> que uay per meo do cãpo, por ãse uos la quiserdes mãdar algu ãe for uossa mercee que eu la uaa por uos fazer seruiço eu yrey la e lhes mostrarey o uaaõ ca o sey muy b ã e por semelhante os saberey ã camjnhar pera as casas daquelle mouro que uos eu disse.</p> <p>(II. 30-38, pág.38)</p>	

	<p>E disse ainda mais a uosso padre e a uos que uos saberey bem mostrar o uaa do <b>ryo</b> de Benamade, e o camynho pera as casas daquelle mouro que chamã Bucar Caudil.</p> <p>(II.1-6, pág.39)</p>	
	<p>E tão to que aquelles começaram de cõprir seu mandado fez elle cõ os outros hũa yda contra aquelles mouros que erã mais acerca, mas aquelles como tijnhã os uallos das uinhas assaz perto ligureyramẽ se colherõ a elles onde o lugar era tal que lhe nom / podyã chegar senõ com grande perigoo, pollo qual dõ Duarte recolheo aquella gãe e ajuntousse cõ a outra que ante leixara, sobresseẽdo assy hũa peça ataa ueer o que os mouros faryã, dos quaaes se apartarõ alguũs e começaram de se yr por a uarzea acima contra o porto do <b>ryo</b> a carã da ladeyra.</p> <p>(II.12-27, pág.54)</p>	
	<p>Estaua hũa fusta na borda do <b>ryo</b>, aa ssõbra da qual huũmouro começou de se aloiar hora fosse por se auãteiar antre os outros mostrando que / quanto se mais chegaua aos perigoos da uilla tão to querya receber mayor uallor ou por uãtura trazya determinado offerecer sy meesmo por sacrificio aaquelle princepe cujas flamas de fogo allumyã as treeuas do jnferno.</p> <p>(II.24-34, pág.62)</p>	
	<p>[P]or que os mouros nõ possessõ fogo a alguũs nauyos / de remo que estauã acerca daquelle</p>	

	<p><b>ryo</b> specyalmãe de noite em que nom poderyã assy seer uistos dos christaãos. (ll.79-84, pág.62)</p>	
	<p>E tão to que dô Duarte foy certo do cerco logo õyou Vicente Gõçaluez que ficaua por contador daquella uilla cõ recado a elRey auisandoo do pouco mâtijmento que lhe // ficaua, e que posto que elle esteuesse que pollo <b>ryo</b> lhe poderyam dar mais mâtijmãe ainda que fosse de noite. (ll. 53-61, pág.64)</p>	
	<p>[E]lRey de Portugal mãdou tãar o <b>ryo</b> se era aazado pera dar mâtijmãe por elle aos da uilla. (ll.76-79, pág.65)</p>	
	<p>Os mouros pensarom hũa noite de vïjr poer fogo a hũa albetaça que estaua aa borda do <b>ryo</b>, os quaaes como sentyrã que grande parte da noite era passada, foronse chegando pella ourella do mar contra onde estaua aquelle nauyo pera lhe poerem o fogo. (ll.30-37, pág. 74)</p>	
	<p>E como quer que aa uolta que huĩs e os outros fazyam acodisse muyta mais gente aos mouros que aos christaãos, assy forã os nossos esforçados no feito que nõ soamente fezerom leixar aos mouros de comprir a fim por que se ally ajuntarom mas ainda cõ muytas feridas os õpuxarõ aallẽdo <b>ryo</b>. (l. 96, pág.75 – l. 4, pág.76)</p>	
	<p>E que como eu e estes fidalgos que aquy som lhe pedimos e rogamos que nos queyram acorrer cõ qualquer trijgo e faryha ou biscoito</p>	

	<p>que teuerem, o que nos ãyẽem alguũnauyo seu em quanto a foz deste <b>ryo</b> he aberta e cõ estas auguas que duram.</p> <p>(ll. 25-32, pág.80)</p>	
	<p>Assy tomarõ aquelles homeẽs a albetõça e a poserã na augua leuandoa pello <b>ryo</b> ataa que a botarõ de todo ao mar sãos mouros auerem dello nehuĩsentimãõ.</p> <p>(ll. 69-73, pág.80)</p>	
	<p>E assy elle como todollos boos que ally eram sayrõ fora armados com muyta gãe de pee e beesteyros, passandosse dõ Duarte aallẽ daquelle <b>ryo</b> que ally uay, leuando consigo tres trombetas e todollos christaãos o melhor corregidos que cada huĩpode.</p> <p>(ll. 24-31, pág.93)</p>	
	<p>E uyram como em outra aldea que era ally acerca estauõ outros mouros, e como quer que os seguissẽally os / de cauallo como de pee nõ ãalçarõ mais que dous huĩdos quaaes foy morto por Gonçallo Vaaz Coutinho e por Dyego de Lemos scudeyro que o marques criara de moço pequeno e o dera a elRey assy por causa da criaçõ que em elle fezera e seruiço que delle recebera specyalmãe por grande diuido que auya com seus filhos por parte de sua molher, ao qual assy por seer homem fidalgo como por seus merecymentos foy ally dada ordẽ de cauallarya, ho outro mouro saltou no <b>ryo</b> onde perfyosamãe quis acabar, seãõo primeyro requerido que se rendesse e que lhe daryã a uida, mas</p>	

	<p>enganado cō aquella sandya sperãça cō que neeste mūlo nacera, ou por uãura temendo a aspereza do catiueyro quis ĩcurtar seu padecimẽto.</p> <p>(II.32-55, pág. 94)</p>	
	<p>Forã queymadas em aquelle dya quatro aldeas em que auya passãte de .ijc . casas moradas, e nō sã rezõ ca erã sobre aquelle <b>ryo de Guadelyã</b> que he marauilhosa terra assy pera laurar e semear como de cryaçõ pera todo gaado, o trijgo e ceua ficou assy por nom leuar em que o trazer como por lhe nō seer necessareo, todo o despoio daquelle dya foram quatro mouros e cinco asnos.</p> <p>(II.67-77, pág. 94)</p>	
	<p>E antre aquelle outeryo uay a augua de Canhete aquelle <b>ryo</b> que uay a Alcacer, e como era yluerno hya o <b>rryo</b> de boa grandeza. E em passando aquelles por huũ porto uyrã como era feita no <b>ryo</b> hũa parede de pedra ensossa, e como Joham Pestana auya mais conhicimento dos modos dos mouros por que ja per ãnos esteuera ĩ Cepta, braadou a dõ Duarte que mandasse despeiar o porto daquella parede por que se por uãura os mouros seguissẽ tras elles nom lhe fezessẽ ĩpacho.</p> <p>(I.86, pág. 96 – I.1, pág. 97)</p>	
	<p>E na entrada desta pascoa mãdou dõ Duarte aaquelle mouro que fosse saber nouas do que os mouros fazyã, e os que guardauã o <b>Ryo</b> forã a elle e leuarãno a elRey.</p>	

	<p>(ll.60-64, pág.102)</p> <p>E que aa derradeyra o forã lâçar abaixo de hũa mizquita que staua aallem do <b>ryo</b> de que a todollos da uilla muyto pesou specyalmente ao capitam.</p> <p>(ll.85-89, pág.102)</p> <p>E por que ueias a confyãça que em ty tenho eu te poerey aallem daquelle <b>ryo</b> e uay arrecadar teus feitos, e pois homẽde bẽhes rogote que te nõres desta cortesya que õmyõ achas, e que me respondas per esta meesma medida que de myõ recibes. E entã tomou o mou-/ro pella mão e poseo apar do <b>ryo</b> e disselhe que se fosse õboora quando quisesse. Partiosse Focẽ e tãto que foy no arreal cõtou a cortesya que achara naquelle christaõ de que todos forã marauilhados.</p> <p>(ll. 19-32, pág.109)</p> <p>E de sy mandou a alguõs de pee que passassem, o <b>Ryo</b> e que fossem contra hũa mizquita que ally estaua onde começassem de derribar hũas paredes que os mouros ally fezerõ pera se õparar aos tyros da uilla.</p> <p>(ll.90-95, pág. 116)</p> <p>E logo naquella meesma somana lhe dõ Duarte começou de pregũtar por aquello que sabya da terra, o qual lhe respondeo que elle sabya bẽ hũas // aldeas que erã õo julgado dAnjara acerca daquelle <b>ryo</b> a que chamã Augua do Lyam que seryã ataa quatro legoa[s] ou quatro e mea ao mais afastadas daquella uilla. E que a terra era muyto boa a qual elle</p>	
--	--	--



	<p>sabya muy bẽe que nõ teuesse nehũa duuyda ãas yr demãdar, ca soubesse certo que tijnha a uitorya na mãao. E por que nos ja dissemos ã outros lugares deste nosso liuro que Augua de Lyã he a duas legoas desta nossa uilla, jsto ãendee que he por o camynho que uay pera Tãger mais chegado aa costa do mar, mas este <b>ryo</b> ha seu nacymẽto afastado dally ãmeo daquellas serras que som ãtre terra dÃiara e Benauollãe.</p> <p>(II.51-73, pág.128)</p>	
	<p>E os nossos seguyrã seu caminho ataa que foram no cãpo, onde foy necessareo de se reteer huũ pouco por que o conde nõ auya certidõ do uaaop por que ally a Tanger o uelho sta huũ<b>ryo</b> que uẽdaquellas serras, pello qual / sobe a maree huũboospaço, aallẽdo outro que he mayor e mais acerca de Tãger e se passa por huũ põte a que creemos que chamã Alcãtarilha.</p> <p>(II.46-56, pág.130)</p>	
	<p>E quando uyrã que o feito nõ era senõ direitos aa cidade, parecerõ desuayradas cõtenças e openyões, por que a huũ nõ podya parecer rezõ que o conde passasse o <b>ryo</b> e a outros o contrayro, specyalmẽte dom Fernando era huũ dos que mais parecya sem rezõ tal passagẽ allegando muytas rezoões sobre ello, cõ o qual acordauom outros fidalgos que o requeryam que nõ consentisse tal passagẽ</p> <p>(II.74-86, pág.130)</p>	

	<p>E quando Ayras da Silua e Pedro Rodriguez chegarõ acerca do <b>ryo</b>, virã como passauõ dous mouros de cauallo que vijnhã ao seu encõtro cõ mostrãça de lhe quererẽ teer o passo, sejaaes uos ja bẽvĩjdos disse Ayras da Silua // quando os uyo por que ao menos mostrarnosees o uaaõ, ca segundo eu sospeito nõ auees uos ca de fazer grande deteçã. Aquelles dous mouros de cauallo como passarõ o <b>ryo</b> cometerõ rijamente contra os nossos, mas despois que uyrã que hyã os christaãos dereitamẽte a elles e que cõ mayor fortelleza os hyã receber da que elles leuauõ pera os cometer, fezerõ rijamente a uolta lâçandosse muy apressadamẽte na augua, e tã trigosa foy aquella uolta que a huĩ delles ãbellecou o cauallo e ouuera de cayr na augua. E nõ soomẽte Ayras da Silua e Pedro Rodriguez correrõ aaquelles mas a mayor parte dos outros que estauã primeyro. E Luis Steuez aquella alferez como sabya a uoõtade do conde sem mais pregũtar passou o <b>ryo</b> aallẽe foy poer a bandeyra aa porta de Tanger o uelho. E a outra gãte toda como aquello uyo / começou daballar contra os mouros onde cada huĩassy como sentya esforço em sy meesmo assy se trigaua pera seer primeyro. E quanto a trigãça dos nossos foy mayor tanto a mortindade dos mouros foy mais pequena, ca tãto que uyrã os christaãos passar o <b>ryo</b> logo começarõ de se confrãger como gente em que começaua dentrar temor Steuã da Gama huĩ</p>	
--	--	--

	<p>caualleyro do Jffante dō Fernando e Ruy Casco forã os que naquelle dya fezerō primeyro aos mouros chegada.</p> <p>(ll.15-58, pág.131)</p>	
	<p>E o cuydado destes seia passallas aldeas aallẽ cercãdoas darredor por que os mouros ño aiã rezõ de fogyr contra o cabo dEspartel e <b>ryo</b> de Tagadarte ataa que nos chegemos cõ outra gente de cauallo e de pee, Dom Fernando respondeo que lhe parecyã muyto bẽordãdo, e que lhe pedyã que assy o fizesse executar, a qual cousa sabida por aquelles fidalgos, huũ se forã a dō Fernando e outros ao conde agrauandosse muyto de tal feito, dizendo que a honra seryã toda dos primeyros.</p> <p>(ll. 70-84, pág.135)</p>	
	<p>E huũ passarõ o <b>ryo</b> de Tagadarte e outros se colherõ aa sserra de Gibelfabiby.</p> <p>(ll.83-85, pág. 136)</p>	
	<p>E cõ cõtenças dhomeãs ardidos se defenderõ muy nobremẽe cõ suas spadas nas mãos, pero os mouros ño ousarõ muyto de os seguyr, por que os nossos assy como se defendyã, assy se hyã retraendo pera tras contra o <b>Ryo</b> descobrindo cada uez mais a uilla, por que ata ally os cobria huũ uolta da serra que ally faz. E ã isto pareceo huũ mouro sobre o cume daquella serra sobre a uilla õde sse agora põe as atallayas quando o <b>ryo</b> ño he muyto cheo, o qual fez sinal que tornassẽ acabar aquelles dous, ca ainda ninguẽ ño sahya da uilla. E bẽ he que os mouros tornarõ mas ño teuerõ</p>	

	<p>tempo pera acabar sua maa voõtade por que os outros erã ja na uista da villa recuando cada uez / mais pera o <b>ryo</b>.</p> <p>(ll.79-98, pág.142)</p>	
	<p>[...] huũ<b>ryo</b> que he ally acerca creemos que se chama Tagadarte e que se alloiassẽpor aquella noite acerca delle, mas se em alguũ tempo aquella Rey foy conselho erradamẽte certamẽte nõ o foy ja desta uez, por que tãto que foy noite se leixarõ vñr tantos toruoões cõ tãta destõperãça daugua que se nõ sabyã os omeõs dar a cõselho, e forã as ribeyras tam cheas que huũ pequeno regato receauõ os homeõs de passar E sse elRey aquella noite nom passara aquella <b>ryo</b> ficara elle e todollos seus ãgrande perigoo specyalmẽte polla mĩgoa do mãtjimẽto que ja começaua de fallecer.</p> <p>(l. 90, pág.193 – l.8, pág.194)</p>	
	<p>Outrosi lhe fazemos merce ã toda a dita sua vida da dizima do pescado que noos auemos na dita vila, e de quaesquer outras pescarias que noos auemos ou de direyto deuemos auer na dita vila e seu termo, e lhe fazemos merce do nosso direyto do navaõ e malaiosta que os barcos de fora pagaõ quãdo vẽ pescar aos mares e <b>ryo</b> da dita vila e do seruiço real e nouo dos judeus que ora moraõ e ao diante morarẽna dita vila: e termo, e de todas as outras rãdas e direyos foroos tributos acensos emprazamẽtos mõtes e fontes, resios, paçigos, <b>rios</b>, e pasariaes delles, cõ todas e de todas as outras rãdas e direyos que noos ãa dita vila e</p>	

	<p>termo auemos, e de direyto deuemos auer, resaluãdo a dizima de totalas cousas que se pera noos arrecadaõ na alfãdega da dita vila, e as sisas geraes, e os direyos de que o arcebispo de Braga (meu muyto amado prjmo) haa certo tributo, por bem do escãbo que cõ ele temos feyto, a qual jurdiçaõ ciuel e crime mero misto jmpireo alcaydaria rendas e direyos padroados de mosteyros e igrejas e cõsãimãto delles, e Senhorio da dita vila e termo obtorgamos ao dito dõ Duarte daqui ã diante ãsua vida como dito he, sem embargo de quaesquer lex e ordenaçõs capitolos, grosas, opinioẽs de doutores que ã contrayro desto sejaõ, ou passaõ ser feytos per mim.</p> <p>(pág.203)</p>	
--	---	--

Tabela 18. Águas, ribeiros e rios identificados na crónica

<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
<p><b><i>Augua de Canhete</i></b></p>	<p>E antre aquelle outeryo uay a <b>augua de Canhete</b> aquelle ryo que uay a Alcacer, e como era yluerno hya o rryo de boa grandeza. E em passando aquelles por huũporto uyrã como era feita no ryo hũã parede de pedra ensossa, e como Joham Pestana auya mais conhicimento dos modos dos mouros por que ja per</p>	<p>“<i>Canhete</i> (rio) (...), nom donné à la rivièrre d’El-Qsar.”</p> <p>(pág.60)</p>	<p>Zurara refere que este possuía um grande caudal e que ia desaguar a Ksar Sghir.</p> <p>Robert Ricard apenas o menciona como sendo a ribeira de Alcácer.</p>

	<p>ãnos esteuera ã Cepta, braadou a dõ Duarte que mandasse despeiar o porto daquela parede por que se por uãtura os mouros seguissẽ tras elles nom lhe fezessẽpacho.</p> <p>(l.86, pág. 96 – l.1, pág. 97)</p>		
<p><b>Augua do Lyam</b></p> <p><b>Augua de Lyã</b></p>	<p>O conde estaua ao porto do <b>lyam</b> com a outra gente de cauallo e de pee da cidade sperando seu filho o qual recebeo com grande prazer.</p> <p>(ll.93-97, pág.15)</p>	<p><i>“Agoa, Agua, Aguoá, Augoa, Auguas de (ou do) Liam ou Lião (...).</i></p> <p>On trouve aussi la forme <i>Guadelião</i> (LXVII, p.177). Zurara précise qu’il s’agit d’une rivière qui naît loin d’El-Qsar, au milieu de ces montagnes qui s’étendent entre <i>l’Anjara et Benavolence</i> (...), et que’elle est à deux lieux de la place quand on va vers Tanger (...). Les Maures de Tanger y avaient des vigies (...). Zurara décrit la région que traverse cette rivière ccomme un «pays merveilleux, aussi bien pour labourer et semer que pour l’élevafe de toute</p>	<p>Zurara refere que este nasceria longe de Ksar Sghir, entre as montanhas de Anjara e Benavolence. O cronista salienta ainda que o rio passava por uma terra bastante fértil, a qual facilitava o cultivo de qualquer cultura e a criação de qualquer tipo de animal.</p> <p>Robert Ricard identifica-o com o <i>Nehr lliam</i> mencionado por Bekri na obra <i>Description de l’Afrique septentrionale</i></p>
	<p>O conde estaua ao porto do <b>lyam</b> com a outra gente de cauallo e de pee da cidade sperando seu filho o qual recebeo com grande prazer.</p> <p>(ll. 42-50, pág.20)</p>		
	<p>E mais disse que a bombardra real que staua em Tanger nõ era ainda ally pero que ia era ã <b>Augua de Lyã</b> que som dally duas legoas, dizendo ainda que a gente de pee fugya por que dazyã que nõ tijnhem mãtjimẽos ã abastança segundo a gente era muyta por que como cada huũ comya o mãtjimẽo que ally</p>		

	<p>trazya logo se partya e que elRey nem os outros capitaaes e alcaydes nõ dauam mãtjimẽto senõ aos seus. (II.88-99, pág.60)</p>	<p>espèce d'animaux» (...). L'identification avec le <i>Rio el Liam</i> ou <i>Uad Lian</i> des cartes espagnoles actuelles ne fait aucun doute. C'est</p>	
	<p>Capitulo .LRix.80 Como dõ Duarte foy correr hũas aldeas que estauã acerca <b>dAugua de Lyam</b>. E do que se naquella feito seguyo: (II.58-60, pág. 127)</p>	<p>la <i>Nehr Ilïam</i> de Bekri, <i>Description de l'Afrique septentrionale</i>, p.212." (pág.55)</p>	
	<p>E logo naquella meesma somana lhe dõ Duarte começou de pregũtar por aquello que sabya da terra, o qual lhe respondeo que elle sabya bẽhũas // aldeas que erã ão julgado dAnjara acerca daquelle ryo a que chamã <b>Augua do Lyam</b> que seryã ataa quatro legoa[s] ou quatro e mea ao mais afastadas daquella uilla. E que a terra era muyto boa a qual elle sabya muy bẽ e que nõ teuesse nehũ duuyda ãas yr demãdar, ca soubesse certo que tijnha a uitorya na mãao. E por que nos ja dissemos ã outros lugares deste nosso liuro</p>		

	<p>que <b>Augua de Lyã</b> he a duas legoas desta nossa uilla, jsto ãendee que he por o camynho que uay pera Tãger mais chegado aa costa do mar, mas este ryo ha seu nacymẽto afastado dally ãmeo daquellas serras que som ãtre terra dÃiara e Benauollãe.</p> <p>(II.51-73, pág.128)</p>		
	<p>E a ssegunda foy dous moços que fogyram a Johã Vaaz Corte Real, os quaaes forã tomados de huũ almocadẽ de Tãger a que chamauam Toar, o qual cõ alguũs seus cõpanheyros jazya ã <b>Augua de Lyã</b> por que tijnha carregado da guarda da terra por mandado do alcayde de Tãger, o qual lhe fazya dar certo preço aa custa dos moradores da uilla.</p> <p>(II.67-76, pág.136)</p>		
	<p>E elles a <b>Augua de Lyã</b> forã uistos dalgũas atal[a]yas que os mouros tijnhã, ca parece que cõ todo seu cuydado, nã cõ todo o atriuimẽto dos mouros de pee que 90 uyerõ</p>		



	<p>de Feez, nõ leixauom de sse guardar. (ll. 85-91, pág.138)</p>		
	<p>E por que Mafomede fora auisado por huũ mouro dAnjara como as guardas estauã ã <b>Augua de Lyã</b>, rodearom o caminho por huã ponta da serra assaz fragosa, onde cõueo aos de cauallo huũpedaço jr a pee por huũcamjnho que uẽ de Tatuã pera Tãger. (ll.19-26, pág.148)</p>		
	<p>Capitulo .Cxiv. Como o conde foy correr Bo/galmaze que he nas cimalthas da <b>Augua de Lyam:</b> (ll.39-41, pág. 150)</p>		
	<p>[A]jnda o conde bẽ nõ acabaua de repartyr aquella pequena presa quando logo fez chamar Lourenço Pirez o adayl e lhe disse que chamasse Gõçallete e Johã de Pelle e que fossem a aldeia de Bogalmaze que he nas cimalthas da <b>Augua de Lyã</b> e que uisse se sse poderya tirar o gaado do lugar, o qual aallẽdaquelles</p>		

	<p>leuou cõsigo hũa quadrilha e spyou muy bẽ a aldea, tãando se se poderya fazer o que o cõde querya. (ll.43-54, pág. 150)</p>		
	<p>E sseguyosse que acima da <b>Augua de Lyam</b>, os que hyã dyãte uyrã quatro ou cĩquo mouros, os quaaes auãlo uista dos nossos, foranse meter ã hũa mata onde os o cõde mãdou cercar. E como quer que assaz fossem buscados, nõ poderõ porẽ seer achados mais que dous. E logo acerca uyrã outros que se metyã ã outra mata, e por semelhãte tomarõ outros dous. E querendo o conde tornar por outro caminho por veer se per uãtura aquelle Joham // da Costa vĩrya por elle, mãdou apartar dez de cauallo aos quaaes mandou que tornassẽ por aquelle meesmo caminho per onde elle fora e que leuassem huũ cauallo do adayl que ficara cansado ã <b>Augua de Lyã</b>. (ll. 51-68, pág.151)</p>		

	<p>E o cõde pensando que aquelle adayl cõ sua quadrilha yrya cõtra sua cidade foisse lâçar aa mizquita que sta a <b>Augua de Lyã</b>, mädãdo aos seus almogauares a tomar a sserra, e elle lâçousse aa quem daquella mizquita em huũ caminho que uay pera Çafa e pera ãiara, poendo suas atallayas pera lhe dar recado daquelles mouros, parecendolhe por rezom que por ally auyã dacudyr.</p> <p>(ll. 36-47, pág.152)</p>		
	<p>E foy o sseguimẽto daquelles mouros de cauallo e de pee atee <b>Augua de Lyã</b> que serã duas legoas dAlcacer ou pouco mais.</p> <p>(ll. 38-41, pág.169)</p>		
	<p>Vijdo aquella noite dormyr a <b>Augua de Lyã</b> e no outro dya chegarõ a esta uilla dAlcacer cõ quareãta e duas almas e cõ .iijc cabeças de gaado grande e passante de duas mil cabeças de gaado meudo.</p> <p>(l. 97, pág.174 – l. 2, pág.175)</p>		

	<p>E o alcaide de Tanger nē nehuídos outros mouros nō quiserã cometer nehã cousa ante forã assy tras elles a-/taa que passarō huũ pedaço aaquem do Romaao contra <b>Augua de Lyã</b>, onde o conde e todos uyerō aquella noite repousar. (ll. 71-78, pág.182)</p>		
	<p>E assy por aquelles mouros que ally acharō a <b>Augua de Lyã</b> como per outros que aqui despois uyerom foy achado que morrerō dos mouros .Clxxij. (ll.10-14, pág.183)</p>		
<p><i>Augua de Ramel</i></p> <p><i>Augua derramel</i></p>	<p>Hora foy assy que aos xj. dyas daquelle mes de janeyro fazendo dya claro e boõ ãque as gães auyã rezō de andarẽ folgãdo per aquella praya vyrã como ã <b>Augua de Ramel</b> jazyã pousados dous nauyos pequenos. (ll.22-28, pág. 153)</p>	<p>“<i>Agoa (ou Agua) de Ramel (...), «village assez éloigné de la ville»</i>, voisin d’Almarça. C’est encore aujourd’hui le nom d’une rivière et d’un village à l’ouest de Ceuta (<i>Uad er Rml</i> sur certaines cartes espagnoles). Voir Bekri, <i>Description de l’Afrique septentrionale</i>, p.213, Massignon, op.cit, p.239, et Damião de</p>	<p>Robert Ricard sublinha que este tratar-se-ia de uma aldeia e de um rio, atualmente a oeste da cidade de Ceuta.</p>
	<p>E vñdo Dyeg o de Barros de Cepta òde fora desbarcar cõ a gãe de Castella topou cõ o moço que fogira dAlcacer</p>		

	<p>onde sse chama <b>Augua derramel.</b></p> <p>(II.45-49, pág. 166)</p>	<p>Góis, <i>Crónica de D. Manuel</i>, IV, ch.57. ”</p> <p>(pág.21)</p>	
<p>Ribeyra dAlfageia</p>	<p>E era esto em hũa ribeyra que se chama a <b>Ribeyra dAlfageia</b>, pella qual foram seguindo sua vyagem ataa que chegarom ao lugar em amanheecendo.</p> <p>(II.50-54, pág.24)</p>	<p>“<i>Alfageia, Alfages (...), rivièrre et village à 6 lieues environ de Ceuta, près du village de Colleate. Agustin Manuel y Vasconcelos (Vida de Don Duarte de Meneses, f°19 rº) apelle ce village Alfayates et le situe, avec Colleate, dans la montagne de Mexequise.</i>”</p> <p>(pág.56)</p>	
<p><b>Ribeyro de</b> [Benacuryel]</p>	<p>Fernãdayras Saauedra por sua parte cõ alguũs dos nossos que o seguyrã / .s. Joham Falcã, Affonso Caldeyra, Gomez Dyaz, Johã Priuado, e assy cõ alguũs seus que o acõpanhauõ, ã huũ <b>ribeyro que se chamaua Benacuryel</b> dõde ouuerõ uista daquelles mouros que pelleiarõ cõ Meãlaffonso, e começãrõ de os seguyr, os quaaes acabarõ acerca de hũa vinha onde logo Johã Falcã matou</p>	<p>Sem qualquer referênciã</p>	

	<p>huũ soo mouro de cauallo que antre aquelles era, ca todollos outros erã a pee e este soo os acaudelaua, nobre e uallãe caualleyro era este Johã Falcã cujus feitos adyãte cõtaremos.</p> <p>(II.60-76, pág.164)</p>		
<p><b>Ribeyro de</b> <i>[Alcãtarinha]</i></p>	<p>E sseẽlo acerca daquelle <b>ribeyro a que chamã Alcãtarinha</b>, vyo da parte daallẽ da augua como os mouros que forã a correr se aju[nt]auõ cõ os da cillada, e huũs e os outros se corregyã pera sperar os christaãos.</p> <p>(II.67-73, pág.143)</p>	<p>Sem qualquer menção por parte do autor.</p>	
<p><b>Ryo de Benamade</b></p>	<p>E disse ainda mais a uosso padre e a uos que uos saberey bem mostrar o uaaodo <b>ryo de Benamade</b>, e o camynho pera as casas daquelle mouro que chamã Bucar Caudil.</p> <p>(II.1-6, pág.39)</p>	<p>“<i>Benamadem (...), rivière et village. Actuellement plage au sud-est de Tétouan, sur la Méditerranée, et fraction des Beni Hozmar (Vademecum, p.26) (Beni Ma’dân).</i>”</p> <p>(pág.23)</p>	<p>Robert Ricard apresenta-o como sendo um rio e uma aldeia, localizados a sudeste de Tetuão.</p>
<p><b>Ryo de Guadelyã</b></p>	<p>Forã queymadas em aquelle dya quatro aldeas em que auya passãte de .ijc . casas moradas, e nõ sêrezõ ca erã sobre aquelle <b>ryo de Guadelyã</b> que he</p>	<p>“<i>Agoa, Agua, Aguo, Agoa, Auguas de (ou do) Liam ou Lião (...).</i> On trouve aussi la forme <i>Guadelião</i> (LXVII, p.177). Zurara précise</p>	<p>Robert Ricard menciona-o na entrada referente ao topónimo <i>Augua de Liam</i>, e afirma que <i>Guadelião</i> era uma</p>

	<p>marauilhosa terra assy pera laurar e semear como de cryaçõ pera todo gaado, o trijgo e ceua ficou assy por nom leuar em que o trazer como por lhe nõ seer necessareo, todo o despoio daquelle dya foram quatro mouros e cinco asnos. (ll.67-77, pág. 94)</p>	<p>qu'il s'agit d'une rivière qui naît loin d'El-Qsar, au milieu de ces montagnes qui s'étendent entre l'<i>Anjara</i> et <i>Benavolence</i> (...), et que'elle est à deux lieux de la place quand on va vers Tanger (...). Les Maures de Tanger y avaient des vigies (...). Zurara décrit la région que traverse cette rivière ccomme un «pays merveilleux, aussi bien pour labourer et semer que pour l'élevafe de toute espèce d'animaux» (...). L'identification avec le <i>Rio el Liam</i> ou <i>Uad Lian</i> des cartes espagnoles actuelles ne fait aucun doute. C'est la <i>Nehr Iliam</i> de Bekri, <i>Description de l'Afrique septentrionale</i>, p.212." (pág.55)</p>	<p>outra forma do nome do rio.</p>
--	---	---	------------------------------------

<p><b>Ryo de Tagadarte</b></p>	<p>E o cuydado destes seia passallas aldeas aallẽ cercãdoas darredor por que os mouros nõ aiã rezõ de fogyr contra o cabo dEspartel e <b>ryo de Tagadarte</b> ataa que nos cheguemos cõ outra gente de cauallo e de pee, Dom Fernando respondeo que lhe parecyã muyto bẽordẽdo, e que lhe pedya que assy o fezesse executar, a qual cousa sabida por aquelles fidalgos, huĩs se forã a dõ Fernando e outros ao conde agrauandosse muyto de tal feito, dizendo que a honra serya toda dos primeyros. (ll. 70-84, pág.135)</p>	<p>“<i>Tagadarte</i> (rio) (...), rivièrè bien connue, qui se jette dans l’Océan entre le cap Spartel et Arzila (Tahaddârt).” (pág.62)</p> <p>“<i>Tagarte</i> (rio) (...), sans doute le même que le précédent. ”</p>	<p>Robert Ricard afirma que este é conhecido como <i>Tahaddârt</i>, e trata-se de um rio que desagua no oceano, entre o cabo Espartel e Arzila. O autor aponta um outro topónimo, <i>Tagarte</i>, para o designar.</p>
	<p>E huĩs passarõ o <b>ryo de Tagadarte</b> e outros se colherõ aa sserra de Gibelfabiby. (ll.83-85, pág. 136)</p>		
	<p>[...] huĩ <b>ryo que he ally acerca creemos que se chama Tagadarte</b> e que se alloiassẽpor aquella noite acerca delle, mas se em alguũtempo aquelle Rey foy conselhado erradamẽte</p>		



	<p>certamēte nō o foy ja desta uez, por que tātō que foy noite se leixarō vījr tantos toruoões cō tātā destēperāça daugua que se nō sabyā os omeēs dar a cōselho, e forā as ribeyras tam cheas que huūpequeno regato receauō os homeēs de passar E sse elRey aquella noite nom passara aquelle ryo ficara elle e todollos seus ēgrande perigoo specyalmēte polla mīgoa do mātijmēto que ja começaua de fallecer.</p> <p>(l. 90, pág.193 – l.8, pág.194)</p>		
--	---	--	--

#### 4.2.2.2. Zonas planas e alagadas

Zurara (2007: 196) relaciona o *Cāpo de Benamade* (Campo de Benamade) com a serra de Benacoffu, referindo-o como o campo por onde correm os rios que vêm da serra de Benaminyr de Guaderez, de Aniara e de Maiaquice, e através dele chegam ao mar. Robert Ricard (1955: 58) apenas regista a sua grafia, sem tecer quaisquer comentários: “*Benamade, Benamadem*”. O próprio Zurara não refere mais dados seus, reservando-lhe apenas uma breve passagem na obra O cronista (Zurara, 2007: 178) apenas menciona uma vez o *Cāpo de Luzmara* (Campo de Luzmara). Pelo que Zurara nos deixou a passagem pelo campo de Luzmara estaria relacionada com algum assalto feito pelos portugueses feito a uma povoação muçulmana. Ricard (1955: 60) regista apenas o topónimo *Luzmara*, e coloca a possibilidade este corresponder a *Beni Hozmar*. Alfiguigui (2010: 72) dedica-lhe um parágrafo:

Nous avons fait correspondre le nom portugaise *Luzmara* au nom berbère *Beni Huzmar*, tenant en considération que le nouveau site qu’occupe aujourd’hui au sud de Tétouan n’est pas le même. Cette

toponymie, *Luzmara*, donnée para la documentation portugaise est située vers l'année 1458. A cette époque les portugais occupaient *Alcácer Ceguer*, entre Angera et Tanger.

Tabela 19. Campo

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Cãpo de Benamade	E ally ãrã as outras auguas que saaẽ desta serra de Bacofu e passam por antre esta serra e a de Meiaquice dobrando contra Tutuam correndo pelo <b>cãpo de benamade</b> atta que entrã no mar. (Il.75-81, pág. 196)	" <i>Benamade, Benamadem.</i> " (pág. 58).	Relacionado com a serra de Benacoffu, como o campo por onde correm os rios que vêm da serra de Benaminyr de Guaderez, de Aniara, de Maiaquice, e através dele chegam ao mar (Il.69-85, pág. 196).
Cãpo de Luzmara	Capitulo .Cxxxij. Como o conde foy correr o <b>cãpo de Luzmara</b> . E do gaado que trouxe. (Il.32-34, pág.178)	" <i>Luzmara, (...). Les Beni Hozmar?</i> " (pág. 60)	Única referência apresentada pelo cronista.

*Paul* é apresentado por Zurara inúmeras vezes, a propósito dos momentos em que os portugueses se depararam com algum durante a sua estadia em Marrocos. No Vocabulário de Bluteau (1712-1721: 326-327) (o nome comum *paúl*, do latim PALUDE-, é definido como "Pedaço de terra plana, com aguas encharcadas". Robert Ricard (1955: 62) define-o aludindo inevitavelmente ao português – cujo substantivo comum foi usado como topónimo em diversos países de língua portuguesa – e localiza-o em Marrocos do seguinte modo:

*Paul*(...), endroit difficile et marécageux, avec un seul gué, à 2 lieues de Ceuta lorsque l'on va vers Tétouan. Peut-être *Almunhacar*. Le terme *paul* signifie «marais», et c'est un toponyme fréquent dans les pays de langue portugaise.

Tabela 20. Paul

Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
Paul	<p>E he este lugar dez legoas de Cepta. E assy foram sã peio nem torua duas legoas que som dally ao <b>paul</b> onde ja estaua todollos mouros daquela terra tãtos que cobryã montes e ualles, muy allegres pollo mar que era acerca cheo, e elles sabyã como a passagẽ ainda pera aquelles que a sabyã era douydsa ca nõ podyã os cauallos passar // [35r] se nom nadasem huũpouco. (Il.20-30, pág. 32)</p> <hr/> <p>Passagem daquela <b>paul</b> como dissemos, he muy trabalhosa por que afora huũ soo porto que hy ha o al he todo area cega mesturada cõ lama, da qual poucas animallyas podem sayr. (Il.45-49, pág. 32)</p> <hr/> <p>E he naquelle lugar hũa faldra da serra que chega ataa o</p>	<p>“<i>Paul</i> (...), endroit difficile et marécageux, avec un seul gué, à 2 lieues de Ceuta lorsque l'on va vers Tétouan. Peut-être <i>Almunhacar</i>. Le terme <i>paul</i> signifie «marais», et c'est un toponyme fréquent dans les pays de langue portugaise.”</p> <p>(pág. 62)</p>	<p>Zurara sublinha as vezes que os portugueses se depararam com um paul durante o seu périplo por terras marroquinas.</p>

	<p>mar, e antre ella e o <b>paul</b> se faz huũ pedaço chaão per que a augua se estende quando as chuyuas som grandes e que se apanham as auguas daquellas montanhas e decêao mar.</p> <p>(II.61-67, pág. 32)</p> <hr/> <p>E ally sayrõ todos do lugar onde estauã scondidos, passando o <b>paul</b> poendosse a mayor trigança que / poderom em sua yda, os quaaes em passando o porto acharõ seus scuitas que os estauam ia ally sperando, dandolhe nouas como a terra estaua segura, e que os mouros eram ja todos spalhados cada huũ pera onde entendya fazer sua prol</p> <p>E ally foy a pressa dos de cauallo muyto mayor, e forã dar na aldea na qual nom acharõ nehuũ embargo, e assy a correrom toda prendendo essas molheres e moços que hy achauõ. E em quanto atauõ aquestes andauom outros rodeando o gaado que achauã per hy acerca, de guisa que tirarõ</p>		
--	---	--	--

	<p>do lugar .iic jlvii°j. cabeças de gaado grande e .xv. almas, antre as qães eram quatro homeẽs de perfeita ydade, e os outros molheres e moços. (Il.74-96, pág. 36)</p>		
--	---	--	--

### 4.2.3. Povoamento

Zurara deixa impressos na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* uma vastidão de aldeias e vilarejos, que refletem a essência e a riqueza do próprio país.

De um modo geral, estas aldeias apresentam uma espacialidade de ocupações variada, mas que se mantém sempre entre implantações de altura e de fundo de vale e planície. Há referência a aldeias de maior dimensão que apresentam um papel mais destacado na paisagem e que poderão até controlar as de menor dimensão. Podendo estas maiores servir como ponto de encontro, socialização e comércio entre os habitantes da zona.

Encontramo-nos perante povoados, quer de dimensões consideráveis, quer de dimensões mais reduzidas; com uma densidade populacional de cariz elevado. Atualmente, essas mesmas aldeias ainda existem, e resistem ao tempo.

O comércio, a criação de gado e a atividade agrícola são mencionados pelo cronista, apesar de um modo um pouco leve, mas que não poderemos descartar como sendo parte do quotidiano destas comunidades, pois funcionariam como sustento e modo de sobrevivência.

Estabelecemos neste estudo uma hierarquia relativamente à posição geoestratégica/implantação dos povoados referidos na obra. Atribuímos a estas aldeias as categorias: “Tipo A” e “Tipo B”. O Tipo A” para os povoados posicionados em locais de altura, de uma maior altitude, com um claro domínio sobre o entorno, enquanto o “Tipo B” para os assentamentos localizados em zonas de vale, e de menor altitude.

Neste capítulo serão disponibilizadas duas tabelas, uma relativa às aldeias principais (Anexamez, Canhete e Ramel/Ramelle) e outra às aldeias geoestratégicas (Ajarda e Benambroz). Em ambas, será apresentada uma amostra dos topónimos a que se dedicou este estudo, sendo que na campanha de 2019 apenas se conseguiu prospetar 3 deles<sup>82</sup> – Anexamez, Ajarda e Canhete –, além de um outro – Benambroz –, já avaliado pela equipa que o prospetou em 2017<sup>83</sup>.

---

<sup>82</sup> Consultar Capítulo 5, alínea 5.3. Trabalhos de prospeção arqueológica.

<sup>83</sup> A equipa da campanha de 2017 integrava os seguintes elementos: Helena Paula Abreu de Carvalho (Arqueóloga e Professora Auxiliar, do Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho), Abdelatif El-Boudjay (curador do Centre d'Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir), Francisco Azevedo Mendes (Historiador e Professor Auxiliar, do Departamento de História, do Instituto e Ciências Sociais, da Universidade do Minho), Ana Jéssica Silva Mendonça (aluna do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho) e João Pedro Martins da Silva (aluno do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho). Consultar Capítulo 5, alínea 5.3.1. Benambroz.

#### 4.2.3.1. Povoados de altura

Ajarda<sup>84</sup> surge na crónica como estando a três léguas de Ksar Sghir – opinião partilhada também por Robert Ricard (1955: 61) –, muito bem protegida, com possível vigilância, localizada no topo de um monte, de relevo um pouco acidentado e complicado de aceder. O cronista faz menção ao facto de o caminho que tomaram até à aldeia ser bastante acidentado, mas a certa altura chegam a uma zona plana. Tais aceções remetem-nos novamente para o carácter montanhoso da região, que se vai alternando com planícies de fácil acesso, servindo-nos como corolário para a confirmação destes elementos na paisagem atual.

A sua localização num local de grande visibilidade sobre o território envolvente, remete-nos para um aproveitamento consciente e benéfico de uma posição estratégica na paisagem. Atualmente a aldeia que conserva traços físicos e toponímicos, mais parecidos com o topónimo em questão, é a aldeia de Jarda, localizada na região de Anjera.

Tabela 21. Aldeia de Ajarda

Tipo	Topónimo	Crónica Zurara	Robert Ricard	Comentários
<b>A</b>	<i>Ajarda</i>	Soube Mafomede como aquella mouro era de hũa aldea que estaua a tres legoas dAlcacer que se chamaua <b>Ajarda</b> e segũdo o preposición que trazya, assy começou de o enquerer pera saber a desposiçõ do lugar, da qual foy enformado por aquella mouro de quanto lhe comprya. Jũousse a isto que huũ mouro que fora catyuo na pelleia de Canhote, onde // Gonçallo Pirez morreo era homẽ cõ que Mafomede auya conhecimento, pollo qual foy delle requerido que o	“ <i>Jarda(...)</i> , village à trois lieues d’El-Qsar. Le Vademecum (p.20) mentionne un <i>Yarda</i> dans l’Anjera, et certaines cartes espagnoles connaissent un <i>Xarda</i> dans la même région.” (pág. 60-61)	Aldeia a três léguas de Ksar Sghir, muito bem protegida, com possível vigilância ou localizada no topo de um monte, com um tipo de relevo um pouco acidentado e complicado de subir.  <b>Prospecção 25/06: o local identificado como sendo Jarda/Ajarda, localizava-se no topo de um monte/colina, com</b>

<sup>84</sup> Ajarda foi localizada na Carte du Maroc.1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b. Veja-se Capítulo 5, alínea 5.3.2. Jarda. Consultar no catálogo, a entrada número 012, Jarda I.

	<p>ajudasse a buscar alforrya. E finalmẽe ficou Mafomede por seu fyador em certa contya de dobras creio que erã dez ou doze. O qual mouro era natural daquelle meesmo lugar <b>dAjarda</b>. (II.28-45, pág. 124)</p> <hr/> <p>E o modo disse elle a dõ Duarte que tenho pera fazer esta paga he que eu sey o lugar onde este mouro uiue que he hũa aldea aquy cerca a que chamam <b>Ajarda</b> que sera ataa tres legoas daquy. (II.65-70, pág. 124)</p> <hr/> <p>E eu som ja bem auisado de como o lugar sta e as guardas que tẽsobre sy, e todo o feito esta ã rodarmos duas ou tres legoas pera passarmos sem seermos sentidos. (II. 73-76, pág. 124)</p> <hr/> <p>E sseẽdo ja passada a fragosidade daquellas serras seẽdo já postos no caminho chaão, veo huũspiritu nouo em dõ Duarte segundo elle despois cõtou o qual lhe pareceo que lhe dizya se tu aquy estas e tees Anexames tã preto como <b>Ajarda</b> onde ha mais e mjlor gãe pera quando guardaras a ida per alla, ca pode seer que quando estes sentyrẽa entrada que fazes em seus uezinhos, que teerã boa rezõ per a se partyr dally e leixar o lugar, ca pois hũa destas aldeas ha de ficar</p>		<p><b>uma grande visibilidade para toda a envolvente</b></p> <p>O cronista faz menção ao facto de o caminho que tomaram ser bastante acidentado, mas a certa altura chegam a uma zona plana. → <b><u>Prospecção de 25/06: o relevo até ao topo do sítio era muito acidentado, terminando numa plataforma plana.</u></b></p> <p>Com certa proximidade com Anexamez, em que é possível avistar uma a partir da outra. Segundo Zurara, D. Duarte parte do princípio de que, dada a proximidade entre as duas aldeias (Ajarda e Anexamez), ao atacar uma delas a outra também será abandonada (ataque surge na pág. 149, II.74-76, sendo novamente referido na pág. 166, II.36-38).</p> <p>A criação de gado surge como ponto comum a todas as aldeias.</p>
--	---	--	---



		<p>mjlhor he que tu scolhas a mayor e  milhor. E rrequerido assy desta noua  uoõtade fez chamar Mafomede.  Sabes que p̄sey disse elle que pois  aquy somos que ante uaamos a  Anexamez que a <b>Ajarda</b> cõtandolhe o  que nello pensara, p̄gũando  aaquelle mouro se o saberya la leuar,  se uos eu pera hy nõ souber  ẽcamjnhar disse o mouro nõ ha lugar  nesta terra a que uos eu leue.  (II.4-27, pág. 125)</p> <hr/> <p>Hora pois Senhor disse Mafomede  nos entraremos por antre ella e  <b>Ajarda</b> pera tomarmos o lugar pella  parte de cima que he lugar per onde  sse os mouros menos temẽ  (II.38-43, pág. 125)</p> <hr/> <p>Sera bẽ Senhor disserã alguũs que uos  consijrees milhor este feito, ca segũdo  fama este lugar he muy grande ẽ  cõparaçõ de uossa pouquydade, e cõ  jsto a terra he de grande pouoraçõ e  toda gãte specyal e husada de pelleia,  e muytos daqueles mouros que na  uilla som catiuos dizẽ que ha hy bẽ  quinientos adargados.  (II.47-55, pág. 125)</p> <hr/> <p>E por que a terra era aspera pera os  de cauallo, ouue tãto daper fyar ẽseus  mandados, que ouue de saber como  nom tijnha outra maneyra p er a os</p>	<p><b>Jarda:</b> possível  correspondência na  atualidade (Carte du Maroc.  1 :50.000. Melloussa.  Feuille NI-30-XIX-3b).</p>
--	--	--	---

		filhar soomãe sperallos no câpno onde elles muytas uezes hyã trabalhar. E huũdya aa noite mãdou // a gãe dormyr ao caminho e elle cõ a gãe de cauallo partyrã ante menhãa, e foyse lâçar ã cillada onde chamã <b>Ajarda.</b> (Il.66-76, pág. 149)		
--	--	--	--	--

Um outro topónimo que merece considerável destaque é Benambroz. Benambroz é citada por Zurara como estando localizada num local alto, garantindo a segurança dos habitantes contra eventuais ataques. Novamente surge bem ilustrada a questão da procura de locais de elevada altitude, quer para questões estratégicas e de controlo do território, como para assegurar um posto seguro aos seus ocupantes e residentes.

Robert Ricard (1955: 58) identifica Benambroz como uma “riche village et capitale du pays de Mazmuda”. Zurara, em concordância com Ricard, localiza-a na cabeceira da terra da Mazmuda. Segundo dados do cronista terá, ainda, sido destruída e queimada aquando de um dos ataques das tropas lusas. Há, ainda, uma breve alusão a uma atalaia aqui existente. A posição estratégica de Benambroz em muito beneficiaria se possuísse uma estrutura de controlo e vigia. O estabelecimento de um largo sistema de defesa, por toda a aldeia, não deverá ser descartado, uma vez que os dados recolhidos pela equipa da campanha de 2017 são muito positivos em relação a esta questão.

Tabela 22. Aldeia de Benambroz

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
<b>A</b>	<i>Benambroz</i>	Maffomede bẽauisado do que lhe seu capitam mandaua chegou aos uallos e fez suas mostranças e como conheceo que era sentido das guardas fez muyto asinha sua uolta	“ <i>Benambroz(...)</i> , riche village et capitale du pays de Mazmuda.” (pág. 58)	A aldeia estaria localizada, possivelmente, num local alto, o que garantia a segurança dos habitantes contra eventuais ataques.

		<p>como homem receoso de tanto dāpno como em seu fugyr mostraua que lhe podya vīr seguido <b>pelo caminho de Benambroz,</b> (II.53-61, pág. 88)</p> <hr/> <p>Hora disse dō Duarte nos temos tempo dandar metendo toda a gāe de pee dyante ssy, ordenado que tornasse por aquella <b>aldeia de Benāmbroz</b> por que era lugar mais defensiuel se sse lhe alguū perigoo oferecesse, e desy que leuassem // o cume da serra. (II.9-16, pág. 89)</p> <hr/> <p>E aqui se saluaron as principaaes e mayores pessoas, spicialmēte aquelle uallente caualleyro Xarrate alcaide de Tāger outros nō quiseram leixar o camynho em que estauā e tornaronse fogindo, outros tomarom pella mea ladeyra e foram seguidos ataa <b>decida de Benābroz,</b> onde dō Duarte mandou a todos que nō seguisem mais auāte e que sse contentassēda mercee que lhe Deos fezera. (II.84-95, pág. 91)</p> <hr/> <p>Outrossy aos .xxix. dyas daquelle mes de Janeyro sayrō aquelles senhores fora da uilla, assy por ueer a terra e auisar por ella as scuitas, como por queymar hñā aldeã que se chamaua</p>		<p>Localizada na cabeceira da terra da Mazmuda.</p> <p>Terá sido destruída e queimada aquando de um ataque português.</p> <p>O cronista faz uma breve menção a uma atalaia de Benambroz.</p> <p><b><u>Prospecção de 2017:</u></b> <b>encontrada uma atalaia associada a um sistema de plataforma (I.7, pág. 96), com uma enorme visibilidade sobre o entorno, além de alinhamentos de estruturas, fragmentos cerâmicos e vestígios de um fosso.</b></p>
--	--	--	--	---

	<p><b>Benãbroz</b> onde era a cabeceyra da terra da Mazmuda, mas quẽpoderya cõ a ledice do marques andando neestes feitos por que nõ sahya da uila que nõ posesse ramo uerde na cabeça cõ cõtenẽça muy alegre. Foy a aldeã queimada que era hũa das boas daquella terra.</p> <p>(ll.77-89, pág. 94)</p> <hr/> <p>E sseguindo seu camjnho chegarom a <b>Benãbroz</b> que he hũa legoa do lugar, e dally oolhou dom Duarte se auerya uista de suas scuitas, e por que nõ acudyrã de nehũa parte pensou que podyã seer mais adyante. E desy seguyo seu camjnho ataa que lhe parecyã que teeryã ja andada hũa boa legoa, e por que lhe a terra parecyã boa folgaua dauer dela conhecymẽto. E desy aquelles fidalgos e boos hommeẽs que deseiauom sayr assy por ueer terra que nuca uyram como por cuydarẽ que poderyã achar algũa gente de seus contraryos cõ que podessẽauer pelleia. E parece que as scuitas ficauõ naquele lugar onde eles firmauõ seer legoa aa maaõ esquerda ã huũmato contra a sserra, e a ssua atallaya quando assy uyo yr os de cauallo fez conta que auisarya seus parceyros quando tomassem pera se</p>		
--	---	--	--

		yrẽtodos camjnho da uilla. (l.88, pág. 95 – l.10, pág. 96)		
--	--	--	--	--

Por sua vez, Ajarda e Benambroz, apresentam-se como aldeias implantadas no topo de montes. Ambas possuem um cariz geoestratégico e uma grande visibilidade, possivelmente funcionando como bastiões de controlo e de domínio do território.

#### **4.2.3.2. Povoados em zona de vale**

Anexamez é referida por Zurara como se encontrando a duas/três léguas de Ksar Sghir, numa zona de grandes e profundos vales, onde imperavam relevos de grande robustez, remetendo-nos para um cenário de serra. Como comprovado, aquando das saídas de campo de 2019<sup>85</sup>, efetivamente, parte do território do Norte de Marrocos é percorrido por cadeias montanhosas que imperam na paisagem e que lhe conferem alguma singularidade enquanto espaço.

Uma outra asserção feita pelo cronista é a proximidade entre Anexamez e a aldeia de Ajarda, evidenciando uma possível ligação entre ambas, e o que nos poderá mostrar uma implantação de aldeias, quer em zonas de fundo de vale, quer em zonas de maior altitude, como é o caso de Ajarda. Zurara refere que ambas estavam em pontos chave, permitindo avistar uma a partir da outra: Jarda no topo de uma das elevações e Anexamez no fundo do vale.

Zurara apresenta Anexamez como sendo uma aldeia de grande dimensão e com um nível populacional bastante elevado. Enquanto aldeia de grande importância terá, muito possivelmente, assumido um controlo fulcral e estratégico sobre a zona. O cronista sugere que era um local bastante conhecido e de encontro de vários grupos que habitavam nas redondezas, frequentada, constantemente, pelas populações do vale de Anjara, da serra de Meiequice, de Benaoulêce, de Guadarez e de Benaminyr de Guadarez; um possível ponto de comércio.

Nos dias de hoje, a aldeia que parece corresponder mais fielmente à “Anexamez” de Zurara é a aldeia de Ain-Chems, que apresenta características muito idênticas aquelas apresentadas pelo cronista.

Robert Ricard (1955: 56) regista o topónimo com as seguintes grafias: *Anexames*, *Anexamex*, *Anexamez*; e refere-o como se tratando de uma montanha e importante vila; colocada por Manuel

---

<sup>85</sup>Anexamez foi localizada na Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b. Consultar o Capítulo 5, alínea 5.3.3. Ain-Chems. Consultar, no catálogo, a entrada número 001, Anexamez.

e Vasconcelos «au commencement d’Anjara<sup>86</sup>», e como um «lugar rico, i grande, puesto a poniente de Tanjar...». Ricard e Zurara concordam quanto a classificá-la como aldeia, munindo-se Ricard de um outro autor, Manuel y Vasconcellos, que contribui com breves palavras acerca desta, provendo-nos de mais elementos para a sua identificação no território marroquino.

Tabela 23. Aldeia de Anexamez

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
<b>B</b>	<b>Anexamez</b>	<p>E aquella Xarrat como era boo caualleyro e desy por seer caasy a princypal pessoa daquela terra foy logo fora da uilla cõ quanta gente pode ajũar ca bẽ presumya que aquellas fumaças que erã tam grandes e tam cõtinuadas que nõ era outra cousa senõ que o christaãos eram sobre <b>Anexamez</b>, e juntasse a esto nouas que dera huũ mouro que fogyra dAlcacer, que dom Duarte estaua pera entrar. (II.77-88, pág. 87)</p> <hr/> <p>E foy ally preso huũmouro elche que era <b>alcaide dAnexamez</b>. (II.25-27, pág. 92)</p> <hr/> <p>Eu querya que ante uos partissees fossemos dar em</p>	<p>“<i>Anexames</i>, <i>Anexamex</i>, <i>Anexamez</i>(...), montagne et importante village «au commencement d’Anjara», «lugar rico, i grande, puesto a poniente de Tanjar...» (Manuel y Vasconcelos, f<sup>o</sup> 120 V<sup>o</sup>).” (pág. 56)</p>	<p>A duas/três léguas de Ksar Sghir. Localizada numa zona de grandes vales (pág. 146), de relevos de grande robustez (possível zona de serra).</p> <p>Bastante próxima da aldeia de Jarda.</p> <p>Aldeia grande, quer em tamanho quer em número de habitantes.</p> <p>Referência a uma mesquita (pág. 125) → <b>Prospecção 25/06: encontrada na aldeia de Ain-Chems, perto da atual mesquita,</b></p>

<sup>86</sup> Atual região de Anjera.

	<p><b>Anexamez</b> que he huũ boõ lugar que esta no começo dAnjara em que ha boa gente e muyta. (II.50-54, pág. 123)</p> <hr/> <p>Capitulo .LRvij. Como dô Duarte foy a primeyra uez a <b>Anexamez</b>. E do dâpno que fez em seus contraryos: (II.74-76, pág. 123)</p> <hr/> <p>E ssãdo ja passada a fragosidade daquellas serras seãdo ja postos no caminho chaão, veo huũspiritu nouo em dô Duarte segundo elle despois cõtou o qual lhe pareceo / que lhe dizya se tu aquy estas e tees <b>Anexames</b> tâ preto como Ajarda onde ha mais e mjlhor gãe per a quando guardaras a ida per alla, ca pode seer que quando estes sentyrã entrada que fazes em seus uezinhos, que teerã boa rezõ per a se partyr dally e leixar o lugar, ca pois hũã destas aldeas ha de ficar mjlhor he que tu scolhas a mayor e melhor. E rrequerido assy desta noua uoõtade fez chamar Mafomede. Sabes que pãey disse elle que pois aquy somos // [133v] que ante</p>		<p><b>restos/vestigios de uma mesquita anterior na raiz de uma árvore</b></p> <p>Referência a hortas e pomares na envolvência do povoado (págs. 125 e 126) → <b>Prospecção 25/06: grande quantidade de terraços agrícolas um pouco por toda a aldeia de Ain-Chems, zona de vasto arvoredado, com árvores de fruto</b></p> <p>Aldeia de grande importância, assumindo possivelmente um grande controlo da zona; → o cronista refere que era um local bastante conhecido, de encontro de muita gente das redondezas, frequentado pelas populações do vale de Anjara, da serra de Meiequice, de Benaulêce, de Guadarez e de Benaminyr de Guadarez; um possível ponto de comércio.</p>
--	--	--	--

	<p>uaamos a <b>Anexamez</b> que a Ajarda cõtandolhe o que neello pensara, pregütando aaquelle mouro se o saberya la leuar, se uos eu pera hy nõ souber ãamjnhar disse o mouro nõ há lugar neesta terra a que uos eu leue.</p> <p>(II.4-27, pág. 125)</p> <hr/> <p>Hora pois Senhor disse Mafomede nos entraremos por antre ella e Ajarda pera tomarmos o lugar pella parte de cima que he lugar per onde sse os mouros menos temẽ Hora pois disse o capitã ã nome de Deos sigue teu caminho. Mas quẽ poderya cõ os outros fidalgos e gãe ca todos ficarõ muy spantados de tal nouidade. Sera bẽ Senhor disserã algus que uos consijrees melhor este feito, ca segũdo fama este lugar he muy grande ã cõparaçõ de uossa pouquydade, e cõ jsto a terra he de grande pouoraçõ e toda gãe specyal e husada de pelleia, e muytos daquelles mouros que na uilla som catiuos dizẽ que ha hy bẽ quinhentos adargados.</p> <p>(II.38-56, pág. 125)</p>	<p>O ataque português é feito pela parte de cima da aldeia, que, segundo se refere na Crónica, era a zona menos protegida pelos muçulmanos → referência por parte do cronista a grandes quantidades de arvoredo à volta da aldeia; possivelmente haveria menor quantidade no topo.</p> <p>A ação passa-se em Novembro de 1459 (Fernandes A. , 2007, p. 211).</p> <p><b>Ain-Chems:</b> possível correspondência com Anexamez, na atualidade (Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b).</p>
--	---	---



	<p>E sseendo elles ja detras do lugar tam acerca que ouuyã o capellã rezar suas horas na mizquita e tãbẽ o ladrido dos caães por que a noite ainda tijnha alguũspaço pera passar, mandou dô Duarte a todos que se decessem pera filhar alguũ repouso ataa vñjr o ssinal da menhaã.</p> <p>(ll.71-78, pág.125)</p> <hr/> <p>E jsto principalmẽte era por que no lugar auya muytas ortas de que todo estaua cercado, que fora grande perigoo pera as nossas / gentes ãrãrẽ de noite ca ãtre a espessura das aruores poderom andar os contrayros e como sabedores da terra e lugares fezerõ grande dãpno nos christaãos, mas nom tardou muyto que as faldras do oryente nõ começarõ de se afastar pera mostrarẽ aas gães deste nosso jmisperyo sinaaes da claridade do dya de guisa que em aquelles poucos de cauallo enderẽçarẽ suas bestas e se poerẽ sobre ellas foram horas pera partyr auisados por seu capitã da maneyra que auyam</p>		
--	---	--	--

	<p>de teer ã sua chegada, mas por dizer uerdade os mais poucos leuauã sperãça de se aquelle feito bẽ acabar, mande Deos dizyã alguĩs que nõ seia esta a hora em que nos Deos queira acoymar nossos pecados ca este homẽ // certamẽe se atreue tãto ã sua fortelleza que hũã hora ha de cayr e ueede que cousa fyarse em huũperro que toda sua uyda nũca soube al senõ furtar.</p> <p>(l.78, pág.125 – l.5, pág.126)</p> <hr/> <p>È como a nossa gãe era pouca ã cõperaçom da grandeza do lugar e desy as ortas e pomares que estauã pegados nas casas ouue a mayor parte dos mouros remedyo pera sua saluaçõ de guisa que a mayor parte delles forã ã breue postos na serra, alguĩs porẽ ouue hy que nõ quiserã / assy leixar suas casas e fazendas que primeyro nõ mostrassẽ aos contrayros que lhe nõ fallecya coraçõ pera defender o sseu, mas esta defesa nom lhe podya muyto prestar ca os christaãos como se uyrã dãro no lugar e que os</p>		
--	--	--	--

	<p>mouros começauã de fugyr, conhecerõ que as cousas nõ erã tã asperas como elles ante cuydauam e ally se lhes dobrauõ os corações tãto que ja lhes pesaua por que lhe assy os mouros fogyam, ally lhes uijnha aa llãbrãça os trabalhos que pouco auya que leuarõ no cerco, pero nõ matarõ mais de .xij. ou .xiii<sup>o</sup>. e prenderõ .Lx. e tãtos cõtãdo hy molheres e moços de que era a mayor parte desta soma.</p> <p>(ll.15-39, pág.126)</p> <hr/> <p>[A]ntre os mouros forã filhados ẽ aquelle <b>lugar dAnexamez</b> assy foy huũ que ja em outro tempo fora christão, o qual tãto que foy na uilla fez dizer a dõ Duarte que lhe pdeya que o ouuisse ante que delle fizesse nehũã repartição.</p> <p>(ll.63-68, pág. 127)</p> <hr/> <p>Ca seendo elles aos <b>uallos dAnexamez</b> ẽ assomando por hũã lõba seẽdo ja de noite vyrã ãte ssy .xvij. almogauares mouros.</p> <p>(ll.3-6, pág. 146)</p>		
--	---	--	--

		<p>E como foy noite mandou partyr a gãe de pee cõ certos de cauallo per a sua guarda, dizẽdo que o fossẽ sperar acerca dos <b>vallos dAnexamez</b>. E tãto que foy mea noite partyrõ cõ a outra gãe de cauallo. Os quaaes tãto que forã cõ os outros seguyram seu caminho de guisa que ante menhaã se lâçarõ em cillada em huũ soueral aallẽ <b>dAnexamez</b>, donde mandou poer suas atallayas sobre ssey assy de hũa parte como da outra.</p> <p>(II.26-37, pág. 146)</p> <hr/> <p>E como quer que se ajnda o cõde tornasse aa cillada e jouesse ãella ataa meo dya os mouros nũca uyerõ e a causa por que segundo se despois soube foy por quanto tres de cauallo dos nossos que partyrã traseyros forã pello <b>caminho dAnexamez</b>, ãendendo que o cõde leuaua aquella vya, os quaaes toparom cõ os ditos mouros.</p> <p>(II.68-77, pág. 152)</p> <hr/> <p>Capitulo. Cxxv113 Como o conde foy ao ual dAjara a hũas aldeas que erã aallẽ</p>		
--	--	--	--	--

		<b>dAnexamez.</b> E da cavalgada / que trouue. (Il.1-4, pág. 166)		
--	--	---	--	--

Canhete, apenas conta com quatro menções na obra, sendo que já não nos encontramos perante um leque de dados tão concretos e vastos. Zurara coloca-a a duas léguas de Ksar, referindo que se trata de um povoado de consideráveis dimensões, implantado num outeiro. A sua localização já segue um critério distinto das aldeias anteriores; enquanto a aldeia de Anexamez se encontrava no fundo de um vale, e a de Ajarda e a de Benambroz numa zona de maior altitude, Canhete surge-nos num outeiro, possivelmente a média altitude.

Há, também, uma menção de Zurara a um rio de grande caudal, “*augua de Canhete*”, que passava perto do povoado e que seguia para Ksar Sghir. Ricard (1955: 60) menciona que o topónimo *Canhete*, identificava um rio, nomeadamente o rio de Ksar Sghir. Atualmente na zona de Ksar passam o oued Ksar e o oued Liane; ou esta referência do cronista a “*augua de Canhete*” nos indica algum destes rios, ou o rio Canhete seria um outro rio, que, entretanto, secara. *Oued* é o termo árabe para ‘rio’, “*augua de Canhete*” não seria uma designação assim tão despropositada para o identificar. Contudo, apenas podemos especular sobre esta questão, sendo que serão necessários, em torno deste assunto, estudos mais aprofundados numa investigação futura.

Tabela 24. Aldeia de Canhete

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
<b>B</b>	<b><i>Canhete</i></b>	Capitulo.Lxvii <sup>o</sup> j. Como dō Duarte / mādou as scuytas fora. E como foy a <b>Canhete</b> . E como Gonçallo Pirez foy morto: (Il.9-12, pág. 95) <hr/> Dō Duarte ueçdo como aquello era uoõtade de todos por lhe cōprazer foy auãte, e de palaura	“ <i>Canhete</i> , (rio) (...) nom donné à la rivière d’El-Qsar.” (pág. 60).	A duas léguas de Ksar Sghir (Il.60-72, pág. 96).  Aldeia de grandes dimensões, possivelmente localizada num outeiro.

		<p>em palaura forã assy atee huũ outeyro dôde pareceo hũa aldea, e dally tijnha dô Duarte uoõtade de se tornar. E por que as casas parecyã muyto preto, as quaaes estauã na chapa da serra ã que auerya de .xxv. ataa .xxx. casas. (II.28-36, pág. 96)</p> <hr/> <p>Nõ curees respondeo elle que nos somos ja bê duas legoas da villa e isto he caasy noite, nom sera boo conselho de nos metermos ã cousa a que nõ possamos dar fim ou se a dermos que nõ seia aa nossa uoõtade. Esta terra he de grande pouoraçõ e ainda de gãe husada de pelleia, se nos guaanharẽ antre ssy como anoitecer nõ podẽs sayr dantre elles cõ nossa honra nẽsaude, o melhor conselho que podẽs auer he que nos tornẽs nosso passo e passo. (II.60-72, pág. 96)</p> <hr/> <p>E antre aquelle outeryo uay a <b>augua de Canhete</b> aquelle ryo que uay a Alcacer, e como era yũuerno hya o rryo de boa grandeza. E em passando aquelles por huũporto uyrã como era feita no ryo hũa parede de pedra ensossa, e como Joham</p>		<p>Referência a um rio de grande caudal, "<i>augua de Canhete</i>", que passava naquela zona e seguia para Ksar Sghir.</p>
--	--	---	--	--

		<p>Pestana auya mais conhichimento dos modos dos mouros por que ja per ãnos esteuera ã Cepta, braadou a dõ Duarte que mandasse despeiar o porto daquella parede por que se por uãtura os mouros seguissẽ tras elles nom lhe fezessẽõpacho.</p> <p>(l.86, pág. 96 – l.1, pág. 97)</p>		
--	--	--	--	--

Ramel/Ramelle é apresentada por Zurara como se encontrando algures na serra de Benaminyr<sup>87</sup> – tal como Ricard (1955: 62) –, numa zona com um solo sinuoso, onde não se andava com facilidade. Zurara descreve-a como sendo uma aldeia de grande dimensão, que revelava uma elevada densidade demográfica, percorrida por sebes e oliveiras.

O cronista reporta que à volta de Ramel se espriavam outras aldeias, de tal forma que pareciam quase formar uma só, devido à sua proximidade. Ramel funcionaria como a aldeia principal, e as restantes como dependências desta maior. Não será de descartar, neste caso, a hipótese da existência de uma hierarquia entre assentamentos, com aldeias de maior importância que “controlam”, ou influenciam, aquelas que dependem de si.

Robert Ricard (1955: 62) sugere que possa corresponder à atual Ain Remel, na região de Anjera. A proximidade linguística entre o topónimo fixado por Zurara, *Ramel / Ramelle*, e a grafia atual, e considerando que *Ain* é o termo árabe para ‘fonte’, seria uma hipótese forte para explicar o designativo dado ao local, já que o cronista nos refere a existência de um curso de água muito perto da aldeia de Ramel / Ramelle.

Tabela 25. Aldeia de Ramel

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Robert Ricard</b>	<b>Comentários</b>
-------------	-----------------	-----------------------	----------------------	--------------------

<sup>87</sup> Consultar o topónimo *Serra de Benaminyr* no Capítulo 4, alínea 4.2.1.1. Serras, outeiros e lombas.

<p><b>B</b></p>	<p><b>Ramel</b></p> <p><b>Ramelle</b></p>	<p>Hora foy assy que aos xj. dyas daquelle mes de janeyro fazendo dya claro e boõ ãque as gães auyã rezõ de andarẽfolgãdo per aquella praya vyrã como <b>ã Augua de Ramel</b> jazyã pousados dous nauyos pequenos.</p> <p>(II.22-28, pág. 153)</p> <hr/> <p>E vỹdo Dyeg o de Barros de Cepta õde fora desãbarcar cõ a gãe de Castella topou cõ o moço que fogira dAlcacer onde sse chama <b>Augua derramel</b>.</p> <p>(II.45-49, pág. 166)</p> <hr/> <p>Capitulo .Cxxxij. Como o conde foy correr a <b>aldea de Ramelle</b>. E da pelleia que ouue cõ os mouros.</p> <p>(II.71-73, pág.179)</p> <hr/> <p>Hora disse elle em meu catyueyro sooes, deseiaaes liberdade sabe a buscar e merecer, fazendome tãto seruiço e prazer que me dees modo como eu possa jr cõ minha segurança aaquella <b>aldea de Ramelle</b> que he na põta da serra de Benaminyr. Senhor disserã os mouros nos bã uista temos essa aldea e logo uos auisamos que he muy chea de gãe e toda pella mayor parte mãceba e pera feito e cõ jssõ a terra darredor muy pouoada, e ainda a o lugar em sy</p>	<p>“Ramele(...) , village situé sur la pointe de la <i>Serra de Benaminir</i>. Actuellement sans doute <i>Ain Remel</i> (Vademecum, p.19) dans l’Anjera.” (pág. 62)</p>	<p>Zurara localiza-a algures na serra de Benaminyr, referindo-a como uma aldeia muito povoada e de grande dimensão.</p> <p>A zona onde se encontra é difícil de percorrer → “ãpachoso de fraga” (I.55, pág. 180) = <i>custoso de andar / não se anda com facilidade</i> (Constâncio, 1836, p. 449).</p> <p>Zurara diz-nos, ainda, que é uma zona com bastantes sebes e alguns zambujeiros/oliveiras.</p> <p>À volta de Ramelle (aldeia principal) encontravam-se outras aldeias, que pareciam quase formar uma só, devido à sua proximidade.</p>
-----------------	---	---	---	--



		<p>ẽpachoso de fraga pera sse a gãe de cauallo poder // em elle reuoluer, e desy mujtas sebes e azãbugeyros.</p> <p>(II.43-68, pág. 180)</p> <hr/> <p>Porẽ o conde consijrou que pera tamanho lugar lhe era necessarea mais gãe da que elle tinha, pollo qual screueo a huũque chamauõ Dyego Nafurto que era alcayde de Medina que se lhe prouesse de seer ãaquelle feito que trouxesse algã gente consigo, assy de cauallo como de pee.</p> <p>(II.63-71, pág. 180)</p> <hr/> <p>E o conde auisado como acerca daquela principal aldea jazyã outras que caasy todas erã huã, disse a dom Joham sobrinho apartaae uossa gãe e hij barreiar esta aldeã que esta primeyro que se chama Marjoomar, e o alcayde e eu jremos ã tãto aaquellas outras, fez dom Johã o que lhe seu tyo dissera, // mas nõ fez na aldea nehũã deteça por que a gãe era já caasy toda fora specyalmãe gãe mehuda, a qual andarõ apanhando em huũ ribeyro que era antre huũ lugar e ho outro onde sse aquella mizquinha gãe ãdaua scondendo.</p>		
--	--	--	--	--

		<p>(l.92, pág. 180 – l.7, pág. 181)</p> <hr/> <p>E no outro dya chegarõ hy tres mouros daquela <b>terra de Ramelle</b> que trazyã huïchristaão pera resgatar por huïmouro que o conde tijnha.</p> <p>(ll.78-81, pág. 182)</p>		
--	--	---	--	--

Dentro dos povoados que consideramos de “Tipo B” (Anexamez, Canhete e Ramel), Anexamez parece ser a aldeia de maior importância, dada a afluência de pessoas que tinha e o comércio que estabelecia com distintas comunidades. Ramel e Canhete são referidas como tendo dimensões consideráveis. Todas elas se encontram implantadas em zonas de baixa e média altitude, apenas dominando o espaço envolvente pela dimensão social e política que representariam.

#### **4.2.4. Exploração agro-pastoril**

Ao longo da narrativa, Zurara faz questão de ir até ao mais ínfimo pormenor do mundo rural de Ksar. O cronista faz, um pouco por toda a obra, menções à vegetação que pontilhava o território marroquino, assim como os espaços de produção agrícola (hortas e pomares) e vinícola, e respetivos cultivos. É ainda feita uma breve alusão a outros géneros alimentícios (azeite, carne, manteiga, pão), que apesar da raridade de alguns, estavam incluídos na dieta das gentes desta zona.

Os habitats rurais são marcadores territoriais eficazes (Benhima, 2008: 59), pois permitem-nos localizar formas antigas de povoamento e de organização do território. Benhima (2010: 358) define o termo 'território' como "espace sur lequel cette dernière agit pour assurer sa survie matérielle, et qu'elle façonne en fonction de règles et d'évolutions spécifiques.". O autor (2010: 377) salienta ainda o valor *alimentício*, ou de sustentação da vida, atribuído por cada grupo social ao território que de algum modo torna seu:

En effet, l'appropriation par un groupe social de son territoire se manifeste notamment par sa mise en valeur comme espace nourricier, fournissant aux habitants les moyens de leur subsistance et les conditions matérielles de leur reproduction sociale.

Os espaços de produção agrícola são um elemento fundamental para a sobrevivência das comunidades. É imperativa a existência de meios de subsistência que respondam às necessidades de uma população. Zurara faz alusão a conjuntos de hortas e pomares na aldeia de Anexamez. Possivelmente, estas explorações seriam parte do seu modo de subsistência, já que os restantes produtos poderiam ser adquiridos através do comércio estabelecido entre Anexamez e outras aldeias da zona, com as quais se trocavam géneros e bens, de acordo com o cronista.

Avançaremos, agora, de uma forma mais sumária, economizando texto, mas criando condições para uma visão de conjunto.

#### 4.2.4.1. Agricultura

Tabela 26. Árvores, hortas, pomares e frutas

Tipo	Crónica Zurara	Comentários
<p><i>Aruores</i> (árvores)</p>	<p>E ally mandou a alguũs daquelles de cauallo que se decessem a pee e que tyranse o gaado fora dãtre / as <b>aruores</b> e o posessem no câpo. (ll.50-53, pág.23)</p>	
	<p>E aa arada das uinhas e ortas daquelle lugar eram ja muytos mouros que lhes deram assaz trabalho por que era antre uallos e spesura <b>daruores</b> onde sse os cauillos nom podyam reuoluer tã ligeyramãe como pera tal auto pertecyca. (ll.84-90, pág.31)</p>	
	<p>E sseẽlo ja quatro dyas passados do mes de nouẽbro sayu dom Duarte fora da uilla cõ entençam de fazer cortar as <b>aruores</b> e tapaduras dos uallados e dos comaros das uinhas e ortas que estauã acerca da villa pera desabafar a terra por que se os jmijgos uyessem podesse sayr a elles cõ aquella segurãça que sentya que lhe cõprya como ia outras uezes fezera ante deste dya. (ll78-88, pág.53)</p>	
	<p>E fazyasse naquella sobida hũa spessura daquellas daaroeyras, que som <b>aruores</b> que polla mayor parte se parrã muyto no chaão.</p>	

	(II.93-97, pág.97)	
	<p>E jsto principalmēte era por que no lugar auya muytas ortas de que todo estaua cercado, que fora grande perigoo pera as nossas / gentes aŕrarẽ de noite ca ātre a espessura das <b>aruores</b> poderom andar os contrayros e como sabedores da terra e lugares fezerõ grande dāpno nos christaãos, mas nom tardou muyto que as faldras do oryente nõ começarõ de se afastar pera mostrarẽas gẽes deste nosso jmisperyo sinaaes da claridade do dya de guisa que em aquelles poucos de cauallo enderẽarẽ suas bestas e se poerẽ sobre ellas foram horas pera partyr auisados por seu capitã da maneyra que auyam de teer ã sua chegada, mas por dizer uerdade os mais poucos leuauã sperãça de se aquelle feito bẽ acabar, mande Deos dizyã alguũ que nõ seia esta a hora em que nos Deos queira acoymar nossos pecados ca este homẽ // certamēte se atreue tãto ã sua fortelleza que hũã hora ha de cayr e ueede que cousa fyarse em huũperro que toda sua uyda nũca soube al senõ furtar.</p> <p>(I.78, pág.125 – I.5, pág.126)</p>	
	<p>E quando uyrã que sua defensam nõ podya abastar, acolheronse indo por ātre a espessura das <b>aruores</b> ataa que se ouuerõ nas matas e branhas que som assaz grandes por todas aquellas serras.</p> <p>(II.74-79, pág.146)</p>	

<p><b>Ortas</b> (hortas)</p>	<p>E dom Duarte auisou essa g<sup>ã</sup>te de pee que se fosse aos curraaes e que tyrasse o gaado, mas com todo o trabalho dos mouros n<sup>õ</sup> forã algu<sup>ũ</sup>s delles squeeccidos de abryr as çarraduras dos curraaes de guisa que ia quando a nossa gente chegou parte do gaado andaua ja fora e se meteo per as <b>ortas</b> e pomares e vinhas, pollo qual a presa n<sup>õ</sup> foy tamanha, n<sup>ẽ</sup>tal como fora se chegarã de dya. (II.89-100, pág.28)</p>	
	<p>E aa <sup>ã</sup>rada das uinhas e <b>ortas</b> daquelle lugar eram ja muytos mouros que lhes deram assaz trabalho por que era antre uallos e spesura daruores onde sse os cauallos nom podyam reuoluer tã ligeyram<sup>ã</sup>te como pera tal auto pertecyca. (II.84-90, pág.31)</p>	
	<p>E sse<sup>ẽ</sup>lo ja quatro dyas passados do mes de nou<sup>ẽ</sup>bro sayu dom Duarte fora da uilla c<sup>õ</sup> entençam de fazer cortar as aruores e tapaduras dos uallados e dos comaros das uinhas e <b>ortas</b> que estauã acerca da villa pera desabafar a terra por que se os jmijgos uyessem podesse sayr a elles c<sup>õ</sup> aquella segurãça que sentya que lhe c<sup>õ</sup>prya como ia outras uezes fezera ante deste dya. (II.78-88, pág.53)</p>	
	<p>E sse<sup>ẽ</sup>lo ja todos postos no chaão <sup>ẽ</sup> h<sup>ũ</sup>s <b>ortas</b> que ent<sup>õ</sup> ally er<sup>õ</sup>. (II.32-33, pág.117)</p>	

	<p>E jsto principalmente era por que no lugar auya muytas <b>ortas</b> de que todo estaua cercado, que fora grande perigoo pera as nossas / gentes andar de noite ca entre a espessura das aruores poderom andar os contrayros e como sabedores da terra e lugares fezerõ grande dāpno nos christaãos, mas nom tardou muyto que as faldras do oryente nõ começaram de se afastar pera mostrarẽas gẽes deste nosso jmisperryo sinaaes da claridade do dya de guisa que em aquelles poucos de cauallo enderẽcarẽ suas bestas e se poerẽ sobre ellas foram horas pera partyr auisados por seu capitã da maneyra que auyam de teer õ sua chegada, mas por dizer uerdade os mais poucos leuauã sperãça de se aquelle feito bẽ acabar, mande Deos dizyã alguõs que nõ seia esta a hora em que nos Deos queira acoymar nossos pecados ca este homẽ // certamẽte se atreue tãto õ sua fortelleza que hũa hora ha de cayr e ueede que cousa fyarse em huõperro que toda sua uyda nõ se soube al senõ furta.</p> <p>(l.78, pág.125 – l.5, pág.126)</p>	
	<p>E como a nossa gẽe era pouca ãcõperaçom da grandeza do lugar e desy as <b>ortas</b> e pomares que estauã pegados nas casas ouue a mayor parte dos mouros remedyo pera sua saluaçõ de guisa que a mayor parte delles forã õ breue postos na serra, alguõs porẽouue hy que nõ quiserã / assy</p>	

	<p>leixar suas casas e fazendas que primeyro nõ mostrassẽ aos contrayros que lhe nõ fallecya coraçõ pera defender o sseu, mas esta defesa nom lhe podya muyto prestar ca os christaãos como se uyrã dãro no lugar e que os mouros começauã de fugyr, conhecerõ que as cousas nõ erã tã asperas como elles ante cuydauam e ally se lhes dobrauõ os corações tãto que ja lhes pesaua por que lhe assy os mouros fogyam, ally lhes uijnha aa llẽbrãça os trabalhos que pouco auya que leuarõ no cerco, pero nõ matarõ mais de .xiiij. ou .xiiiij. e prenderõ .Lx. e tãtos cõtãdo hy molheres e moços de que era a mayor parte desta soma.</p> <p>(ll.15-39, pág.126)</p>	
<p><b>Pomares</b> (pomares)</p>	<p>E dom Duarte auisou essa gãe de pee que se fosse aos curraaes e que tyrasse o gaado, mas com todo o trabalho dos mouros nõ forã alguĩs delles squeecidos de abryr as çarraduras dos curraaes de guisa que ia quando a nossa gente chegou parte do gaado andaua ja fora e se meteo per as ortas e <b>pomares</b> e vinhas, pollo qual a presa nõ foy tamanha, nẽtal como fora se chegarã de dya.</p> <p>(ll.89-100, pág.28)</p>	



	<p>E como a nossa gente era pouca e a cooperação da grandeza do lugar e desy as ortas e <b>pomares</b> que estauã pegados nas casas ouue a mayor parte dos mouros remedyo pera sua saluação de guisa que a mayor parte delles forã e breue postos na serra, alguũs porẽouue hy que nõ quiserã / assy leixar suas casas e fazendas que primeyro nõ mostrassẽ aos contrayros que lhe nõ fallecya coraçõ pera defender o sseu, mas esta defesa nom lhe podya muyto prestar ca os christaãos como se uyrã dãro no lugar e que os mouros começauã de fugyr, conhecerõ que as cousas nõ erã tã asperas como elles ante cuydauam e ally se lhes dobrauõ os corações tãto que ja lhes pesaua por que lhe assy os mouros fogyam, ally lhes uijnha aa llãbrãça os trabalhos que pouco auya que leuarõ no cerco, pero nõ matarõ mais de .xiiij. ou .xiiiij. e prenderõ .Lx. e tãtos cõtãdo hy molheres e moços de que era a mayor parte desta soma.</p> <p>(II.15-39, pág.126)</p>	
<p><b>Fruitas</b> (frutas)</p>	<p>Auondã em <b>fruitas</b> e todas de grande sabor, todos pella mayor parte bebem vinho e destẽperadamente.</p> <p>(II3-5, pág.6)</p>	

	<p>O conde como foy afastado ã huũ teso repousou huũ pouco por que assy a gãe come os cauallos ouuessãrezõ de receber algũ folga de quanto trabalho tijnhã auido, onde as gêtes acharõ mujtas huvas e <b>fruitas</b> cõ que ouuerõ refresco, e desy tornarõ a sseguyr seu caminho.</p> <p>(ll.34-41, pág.182)</p>	
--	---	--

Tabela 27. Uvas e produção vinícola

<b>Tipo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
<b><i>Huvas</i></b>	<p>O conde como foy afastado ã huũ teso repousou huũ pouco por que assy a gãe come os cauallos ouuessãrezõ de receber algũ folga de quanto trabalho tijnhã auido, onde as gêtes acharõ mujtas <b>huvas</b> e fruitas cõ que ouuerõ refresco, e desy tornarõ a sseguyr seu caminho.</p> <p>(ll.34-41, pág.182)</p>	
<b><i>Vinhas/Uinhas</i></b>	<p>E dom Duarte auisou essa gãe de pee que se fosse aos curraaes e que tyrasse o gaado, mas com todo o trabalho dos mouros nõ forã alguũ delles squeecidos de abryr as çarraduras dos curraaes de guisa que ia quando a nossa gente chegou parte do gaado andaua ja fora e se meteo per as ortas e pomares e <b>vinhas</b>, pollo qual a presa nõ foy tamanha, nãtal como fora se chegarã de dya.</p> <p>(ll.89-100, pág.28)</p>	

	<p>E aa <b>ã</b>rada das <b>uinhas</b> e ortas daquelle lugar eram ja muytos mouros que lhes deram assaz trabalho por que era antre uallos e spesura daruores onde sse os cauillos nom podyam reuoluer tã ligeyram<del>ẽ</del>e como pera tal auto perteecya. (II.84-90, pág.31)</p>	
	<p>E sse<del>ẽ</del>do ja quatro dyas passados do mes de nou<del>ẽ</del>bro sayu dom Duarte fora da uilla cõ entençam de fazer cortar as aruores e tapaduras dos uallados e dos comaros das <b>uinhas</b> e ortas que estauã acerca da villa pera desabafar a terra por que se os jmijgos uyessem podesse sayr a elles cõ aquella segurãça que sentya que lhe cõprya como ia outras uezes fezera ante deste dya. E sseendo ja fora da uilla da parte do leuante que he contra Cepta, estauã pellos outeyros darredor como soyã ataa .iic j. mouros de pee e cinco de cauillo, dos quaaes a mayor parte stauã na chapa do outeyro em que entã era h<del>ũ</del>ã aldea que se entã chamaua A casa branca e ao dyãte s<del>ẽ</del>pre chamou. E delles <del>ẽ</del>baixo // [58v] nos camaros das <b>uinhas</b>. (II78-97, pág.53)</p>	
	<p>Hij disse dõ Duarte a Pedro Dyaz Lobo e a Pedro Borjes com algu<del>ĩ</del>s destes home<del>ẽ</del>s e fazee rostro aaquelle magote de mouros que esta naquelle outeyro mais alto acima daquellas <b>uinhas</b>. E tãto que aquelles começarõ de cõprir seu mandado fez elle</p>	

	<p>cõ os outros hũa yda contra aquelles mouros que erã mais acerca, mas aquelles como tijnhã os uallos das <b>uinhas</b> assaz perto ligeyramẽe se colherõ a elles onde o lugar era tal que lhe nom / podyã chegar senõ com grande perigoo, pollo qual dõ Duarte recolheo aquella gẽte e ajuntousse cõ a outra que ante leixara, sobresseẽdo assy hũa peça ataa ueer o que os mouros faryã, dos quaaes se apartarõ alguũs e começarõ de se yr por a uarzea acima contra o porto do ryo a carã da ladeyra.</p> <p>(ll.7-27, pág.54)</p>	
	<p>Daquestes se ajuntarõ atee .xxx. de cauallo que forã pellas <b>uinhas</b> arriba pera trazer consygo a gente de pee.</p> <p>(ll.87-90, pág.56)</p>	
	<p>A outra mayor soma se lançou contra as <b>uinhas</b> õde estaua aquelle arreal dos alcaydes, aos quaaes acudyrã todollos outros daquelle aloiamento assy de cauallo como de pee e começarõ de recolher aos que uijnham desbaratados, cõ mostrança de os logo uĩgar.</p> <p>(ll.43-51, pág.83)</p>	
	<p>E despois que esteuerõ huũ pedaço no arreal uyeronse poer no outeyro das <b>uinhas</b> que he da parte de Cepta, fazendo de sy tres aazes que tomauã de hũa ponta.</p> <p>(ll.38-43, pág.102)</p>	

	<p>E como ja teẽdes ouuydo no começo deste liuro o assẽtãmẽto daquella uilla he ẽ lugar chaão cercado de serras e da parte de Cepta esta hũa grande sobida que se começa logo acerca da barreyra e uay assy sobindo pera cima em grande costa ataa que sobe ẽrazoada alteza, a que nos em este nosso liuro em / alguũs lugares chamamos ho outeyro das <b>uinhas</b>.</p> <p>(ll.28-38, pág.112)</p>	
<p><b>Vinho/vinhos/ uinhas</b></p>	<p>Auondã em frutas e todas de grande sabor, todos pella mayor parte bebem <b>vinho</b> e destẽperadamente.</p> <p>(ll3-5, pág.6)</p> <p>E os nossos acharõ ainda passante // de .Cl. cabeças de gaado grande, e assy outras cousas de casa de que se a gente de pee carregou, e as outras cousas que nom poderõ levar stragarõ specyalmente <b>vinhos</b> de que auya muytos ẽ aquelle lugar.</p> <p>(ll.15-23, pág.25)</p> <p>E a uos disse dom Sancho contra os scuitas que uos parece destes fogos que assy parecẽ som pastores ou mouros que fazem arrobe, ou se soõẽ assy de fazer e per esta maneyra e em tal tẽpo, ca era isto no mes meado doutubro, quando naquella clima as // huuas acabam toda sua madureza e que os <b>uinhos</b> estã em seu principal feruor.</p> <p>(ll.80-90, pág.30)</p>	

	<p>E logo acerca o marques determinou de se yr pera o Regno mandando leixar no almazêdelRey muytos mantijmãtos assy de pã cozido carnes e <b>vinhos</b> armas e almazê e poluora e ferro dizendo que de todo fazya seruiço a elRey, o que lhe todos contarõ por grande bem.</p> <p>(l.96, pág.94 – l.7, pág.95)</p>	
	<p>E assy aiamos por acabados os feitos deste ãno de .iiic jlxj. o qual foy ãno auõdoso de pã, ãpero de pouco <b>vinho</b> e azeite em muytas partes do Regno.</p> <p>(ll.84-88, pág.152)</p>	

Tabela 28. Outros produtos

<b>Produtos</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
<b>Azeite</b>	<p>Husã muyto em suas uyandas manteiga, por que aallêde sua mais doçura carecê<b>dazeite</b> o qual he antre / elles muyto caro por que o ham de longe.</p> <p>(ll.96-100, pág.5)</p>	<p>O azeite era importado, devido ao facto de na zona quase não haver.</p>
	<p>E assy aiamos por acabados os feitos deste ãno de .iiic jlxj. o qual foy ãno auõdoso de pã, ãpero de pouco vinho e <b>azeite</b> em muytas partes do Regno.</p> <p>(ll.84-88, pág.152)</p>	

<p><b>Carnes</b></p>	<p>E logo acerca o marques determinou de se yr pera o Regno mandando leixar no almazẽ delRey muytos mantijmẽtos assy de pã cozido <b>carnes</b> einhos armas e almazẽ e poluora e ferro dizendo que de todo fazya seruiço a elRey, o que lhe todos contarõ por grande bem.</p> <p>(l.96, pág.94 – l.7, pág.95)</p>	
<p><b>Manteiga</b></p>	<p>Husã muyto em suas uyandas <b>manteiga</b>, por que aallẽ de sua mais doçura carecẽ dazeite o qual he antre / elles muyto caro por que o ham de longe.</p> <p>(ll.96-100, pág.5)</p>	<p>A manteiga era bastante utilizada para untar a carne.</p>
<p><b><i>Pã cozido</i></b> <b>(pã cozido)</b></p>	<p>E logo acerca o marques determinou de se yr pera o Regno mandando leixar no almazẽ delRey muytos mantijmẽtos assy de <b>pã cozido</b> carnes einhos armas e almazẽ e poluora e ferro dizendo que de todo fazya seruiço a elRey, o que lhe todos contarõ por grande bem.</p> <p>(l.96, pág.94 – l.7, pág.95)</p>	

#### 4.2.4.2. Pecuária

Tabela 29. Gado

Tipo	Crónica Zurara	Comentários
<p>Gaado</p> <p>Gaados</p>	<p>Toda esta gente pella mayor parte he pobre e de pouca cobertura assy pera de noite // como pera de dya, sua abitaçõ he nas faldras daquellas serras do que aquella parte toda he acõpanhada, toda sua sperança acerca das riquezas poõe em criaçõ de <b>gaados</b>. (II.75-82, pág.5)</p> <p>Capitulo .X°. Como dõ Duarte foy tomar o <b>gaado</b> dAlfages. (II.69-70, pág.22)</p> <p>E ssouberom isso meesmo como a mayor parte de seu <b>gaado</b> andaua no câpo. (II.94-97pág.22)</p> <p>E ally mandou a alguõs daquelles de cauallo que se decessem a pee e que tyranse o <b>gaado</b> fora dãtre / as aruores e o posessem no câpo. (II.49-53, pág.23)</p> <p>E como sabyã a terra começarõ de atrauessar aquellas serras ataa que chegarõ aa torre do Negrã onde uyram que posto que trauassem pelleia que nom era cousa que lhe podesse trazer proueito pois o <b>gaado</b> era ja passado, e que lhe ficaua quando tal cometessẽ // as uidas em perigoo, os quaaes sseram atee duzentos de pee, dom</p>	



	<p>Duarte como uyo os mouros assy mandou a todos que se teuessem pera ueer se queryam decer, por que disse elle se ouuerẽ de trauar peleia melhor he agora que mais tarde, que as bestas ainda leuam mais força, mas os mouros nõ teuerõ tal cuydado ante sse tornarõ chorando sua perda a qual auees de contar por muy grande pera elles por que todo o sseu sustentamento esta no <b>gaado</b> quanto aos mouros daquellas comarcas, dõ Duarte despois que uyo que se fazia tarde e que sua caualgada serya posta em terra segura, enderẽçou camijnho da cidade onde chegou allegre cõ sua uitorea e nõ menos aquelles que o seguyã, specyalmente os criados de seu padre.</p> <p>(II.68-96, pág.23)</p>	
	<p>Capitulo .xjº. Como dõ Duarte foy tomar o <b>gaado</b> dAlfages.</p> <p>(II.26-27, pág.24)</p>	
	<p>Pero assy conhecerõ aquelles mouros a uiueza de seus contrayros que se souberom tyrar afora cõ pouco seu dãpno por que afora alguõs que forã ferydos todos scaparõ de morte e por semelhante as suas molheres e filhos e os uelhos, mas os <b>gaados</b> nõ teuerõ tempo pera mandar tyrar como as outras cousas bem he que tyrarõ alguõs como ouelhas e cabras e uacas paridas.</p> <p>(II.5-15, pág.25)</p>	
	<p>E outros querendo abreuyar os dyas e auendo por desonra leixarensse assy prender</p>	

	<p>husauom de mais fortes animos e pelleiauõ com aquelles que acertauõ ante ssy atee que acabauõ como quer que parte delles andauã ja fora afumãdo a terra pera lhe acudyrẽseus amigos, a qual cousa elles tijnham posta antre ssy .s. que huĩs ajudassem os outros visto como os christaãos começauam / tal nouydade e tam dapnosa pera todos. Dom Duarte uyo como sse o ssol aleuantaua ja tãto que nom poderya muyto tardar que se o dya nõ measse, mandou apanhar esse <b>gaado</b> que achou e legar os presos e ordenou como sayessem cõ a caualgada alguĩs de cauallo e cõ todollos de pee afora beesteyros, e que começassem enderençar caminho da cidade, mas cõ todo o trabalho dos mouros nõ lhes esqueceo o lugar que os christaãos tijnham per passar, no qual elles tijnhã tençã que auyã de uiĩgar todo seu dãpno.</p> <p>(II.70-95, pág.26)</p>	
	<p>E dom Duarte auisou essa gãe de pee que se fosse aos curraaes e que tyrasse o <b>gaado</b>, mas com todo o trabalho dos mouros nõ forã alguĩs delles squeecidos de abryr as çarraduras dos curraaes de guisa que ia quando a nossa gente chegou parte do gaado andaua ja fora e se meteo per as ortas e pomares e vinhas, pollo qual a presa nõ foy tamanha, nẽtal como fora se chegarã de dya.</p> <p>(II.89-100, pág.28)</p>	

	<p>E ally iouuerom atee que entendeo que seryam dez horas do dya, no qual tempo lhe pareceo que os mouros estaryam seguros de seus cõtrayros, e que os <b>gaados</b> andaryam pacendo pella terra com segurança.</p> <p>(II.69-74, pág.36)</p>	
	<p>E em quanto atauõ aquestes andauom outros rodeando o <b>gaado</b> que achauã per hy acerca, de guisa que tirarõ do lugar .iic jlvii<sup>o</sup>j. cabeças de gaado grande e .xv. almas, antre as quães eram quatro homeẽs de perfeita ydade, e os outros molheres e moços.</p> <p>(II.89-96, pág.36)</p>	
	<p>Apartando certos que rodeassẽ o <b>gaado</b> e outros que ficassem cõ elle e outros que fossem queymar as aldeãs, poendo porem primeyro suas atallayas como homẽ bẽ auisado.</p> <p>(II.49-53, pág.39)</p>	
	<p>Forã queymadas em aquelle dya quatro aldeas em que auya passãte de .ijc . casas moradas, e nõ sã rezõ ca erã sobre aquelle ryo de Guadelyã que he marauilhosa terra assy pera laurar e semear como de cryaçõ pera todo <b>gaado</b>, o trijgo e ceua ficou assy por nom leuar em que o trazer como por lhe nõ seer necessareo, todo o despoio daquelle dya foram quatro mouros e cinco asnos.</p> <p>(II.67-77, pág.94)</p>	
	<p>Mas os outros moradores ouuerõ primeyro uista dos nossos e tijnhã ja as molheres e filhos na serra e começauõ de leuar os</p>	

	<p><b>gaados.</b> Alguũs daquelles fidalgos pedyrã licẽa ao capitã, dizendo que sequer ao menos que lhe tomaryã alguũ parte daquelle <b>gaado.</b></p> <p>(II.53-60, pág.96)</p>	
	<p>Forã da outra parte com os spiĩgardeyros a que os mouros naquella hora auyã o principal temor, e derõ a principal ajuda aa passagẽ assy do gaado como daquelles que o trazyã, mas ja quando chegarom a aldea os mouros vijnham de uolta cõ os nossos cuja força se dobraua cada uez mais, assy polla sanha que se lhe acendya por suas cousas que uyã cada uez mais dãpnadas, como pollas ajudas que lhe uijnhã de mujtas partes. E decendo daquella aldea por huĩso pee abaixo foram os nossos tam apressados que lhe foy necessareo fazer uolta ainda que o lugar nõ fosse muy aazado pera tal obra.</p> <p>(II.31-47, pág.97)</p>	
	<p>Alguũs daquelles de cauallo que partyrã da uilla se apartarõ do capitã correndo apos huĩ porco que se alleuãtou antre elles .s. Gõçallo Vaaz e A[[]uaro Coutinho e assy outros oito, os quaaes tornando de sua montarya, disserã antre ssy certo he aquelles que tã longe uaão que nõ ham de vĩjr sã alguũ <b>gaado</b> sera bẽque uaamos entãto correr a Anexamez.</p> <p>(II.59-68, pág.97)</p>	

	<p>E assy como o <b>gaado</b> uyo o porto pera que era guyado e achado foy tomar outro abaixo quanto serya lãço de huã pedra ca o <b>gaado</b> era da terra e sabya bẽos lugares por onde soya de passar.</p> <p>(II.84-89, pág. 98)</p>	
	<p>E por que o <b>gaado</b> tanto que se uyo soo sã pessoa que o tornasse, começou de se spalhar quiserã alguẽs trabalharse de o apanhar e dõ Duarte nõ quis dizendo que nõ era tempo pera ello // [105v] por que era ja caasy noite onde nõ cõpria que curassẽ de sãlhãte proueito polla sperãça de tamanha perda.</p> <p>(I.97, pág.100 – I.5, pág.101)</p>	
	<p>E desy /como cada huã acabar de roubar assy se recolha logo pera myõ, entregando primeyro o <b>gaado</b> e a outra presa aa gãe de pee por que fiquem despeiados pera e achar os mouros se nos quiserem seguyr.</p> <p>(II.21-26, pág.129)</p>	
	<p>Dõ Duarte como teue os mouros despachados do mato fez ajuntar todo o rroubo e recolher o <b>gaado</b> que os de pee ja tijnhã ajuũado em huũualle.</p> <p>(I.100, pág.129 – I.4, pág.130)</p>	
	<p>Auysado porẽfoy o conde de mandar tomar alguẽ <b>gaado</b> que estaua ao pee da barreyra onde Ruy Casco matou o derradeyro mouro que naquelle dya morreo.</p> <p>(II.66-70, pág.132)</p>	

	<p>[C]om estas cousas que assy o conde hya fazêdo na terra dos mouros hya o sseu poder delles e fraquecendo cada uez mais, specialmête naquella comarca de Tãger, onde se o sseu deseio mais inclinaua fazer dãpno, ca ãtre os que fugyã da terra e os que nã / ousauõ laurar, e desy o <b>gaado</b> que lhe cada dya trazyã, nã auyã rezõ de laurar as terras como soyã, pollo qual todos erã em grande mingua specyalmête os moradores da cidade, os quaaes costringidos de tãta necessarydade, nã sabyã que fazer senom yrse pellas aldeas de fora buscar suas erdades que leixarõ semeadas ante que partissẽ daquelles lugares.</p> <p>(ll.63-80, pág.133)</p>	
	<p>E tomarõ delles dez matando huũpor que se nã quis dar aa prisã. E apanharõ alguuũ <b>gaado</b> pero pouco.</p> <p>(ll.29-31, pág.136)</p>	
	<p>Aquestes moços cõcertarõ com a moura certificãdo com o cõde auya dẽrar naquella noite / meesma, pollo qual a terra logo foy auisada e os mouros leuãtados cõ todos seus <b>gaados</b> e fazêda, afastando todo da terra.</p> <p>(ll.77-83, pág.136)</p>	
	<p>E que por semelhãte lâçauã seus <b>gaados</b> soltamête por aquelles lugares que ante soyã, teêdo que por a gãte dAlcacer seer tã pouca nom teeryã atreuimento de chegar aaquella comarca.</p> <p>(ll.42-47, pág.138)</p>	

	<p>Consijrou que serya bẽsobre seer assy huuũ tempo ataa que soubesse que aquelles tijnhã alguũã segurãça pera auerẽ rezõ de mãdarẽ seus <b>gaados</b> fora cõ menos cautellas do que ante fazyã.</p> <p>(II.6-11, pág.145)</p>	
	<p>Ouue de saber o modo que os mouros de Valdãiara tijnhã ã seu uiuer e per que maneyra lâçauã o <b>gaado</b> fora e a que horas.</p> <p>(II.36-39, pág.145)</p>	
	<p>Senhor disse Mafomede nõ curees ca assy mo disse huũmouro que este <b>gaado</b> nõ saya senõ muyto tarde por aazo do temor que teẽ de uos e dos uossos.</p> <p>(II.41-45, pág.146)</p>	
	<p>E nõ tardou muyto despois que Mafomede dissera estas pallauras quando huũ de cauallo começou de descobrir andando huũas lôbas, e desy tornousse pera donde partyra cõ animo assessegado fazẽdo sinal a todos da terra que desẽcurrallassẽ seu <b>gaado</b> e sayssẽseguramẽte cada huũa fazer seu proueito.</p> <p>(II.45-54, pág.146)</p>	
	<p>E dõ Henrique cõ os outros nõ fazyã entãto senõ rodear o <b>gaado</b> que era muyto e boo assy grande como pequeno.</p> <p>(II.67-70,pág.146)</p>	
	<p>E desy juũarõse todos no câpo e segundo ãender caasy de todos, teerya dõ Henrique mil e duzãtas cabeças de <b>gaado</b> apanhado cõ o qual começarom daballar.</p>	

	<p>(II.83-87, pág.146)</p> <p>E tãto que forã de todo fora daquella streitura, por que ia era de noite e o gaado se vijinha perdendo por aquelles matos, mãdou o conde que ficasse ally. E elle cõ os de cauallo forã aa uilla por dar mãtjimẽto e folga a sseus cauалlos. E como foy / mea noite tornarõ a caualgar e tornarõ a ajũar aquelle <b>gaado</b> que andaua ja spalhado pellos matos e muyto delle se tornou pera donde partira.</p> <p>(II.18-28, pág. 147)</p> <p>E porem a poucos dyas o conde apartou aquelle mouro e lhe disse: Mafomede vees os dyas que fazẽtã õutos e tã boos, que uejas prazer vay cuydando algũa cousa em que possamos trauar, sequer pera trazer alguũ <b>gaado</b> pera teermos ã deposyto pera o tempo da necessydade.</p> <p>(II.52-60, pág.147)</p> <p>E que se fossẽ sã seerẽ uistos que tomaryã gãe e <b>gaado</b> que no lugar ouuesse que nõ ficarya nehuũ</p> <p>(II.13-16, pág.148)</p> <p>E o conde mandou a dõ Hãrique seu filho cõ quareãta de cauallo correr outras aldeas que se fazyã atraues do caminho pera ueer se acharya ainda algũas almas ou alguũ<b>gaado</b>, mas ja todo era guardado e as aldeas uazyas, ca como sua fazenda he pouca e elles estauã ja sospeitosos daquelle dãpno, ainda bẽ nõ ouuyã o primeyro grito ja erã todos fora dos</p>	
--	---	--



	<p>lugares leuando esse <b>gaado</b> que tijnhã ante ssy. (II.64-75, pág,148)</p>	
	<p>E nõ foy o temor nos outros tã grande que logo acerca se nõ leixassẽficar outra uez, os quaaes tãto que uyrã os mouros acerca de sy, uoltarõ a elles, e seõlo huũ e os outros õorilhados ã scaramuça, socorro ally dõ Henrique e forã os mouros desba-//ratados e huĩdelles preso, e os outros fugyrã pera os traseyros, os quaaes e pero tãtos fossẽ nõ ousarõ mais de seguyr adyante, soomãe alguũ de pee que seguyã por as fraldras daquellas serras, afastados dos nossos, mais por ueer se ficaua por esses matos alguũ <b>gaado</b> daquelle que podessẽtomar, por que podessẽminguar alguũ parte de sua perda. (II.21-38, pág.149)</p>	
	<p>E jouue ataa o meo dya que os mouros começarõ de decer a sseus trabalhos. E ally mandou o conde aa gãe de pee que fosse rodear o <b>gaado</b>. E por que entendeo que os mouros se õaratoryã cõ aquelles querendo defender o sseu. auisouhos que se teuessem cõ elles pera elle teer melhor aazo pera os prender ou matar ou matar todos, mas nõ se guisou assy como o conde quisera, ca os mouros assy como uyrã os cõtrayros assy lâçarõ logo o gaado pera a serra e elles meesmos ãenderõ 90 mais em buscar suas guaridas que ãprouar a força dos cõtrayros, soomãe .iiiºj. mouros em cuja sorte cayu</p>	

	<p>todo aquelle / dāpno e assy cincoenta uacas e bois. (II.76-96, pág.149)</p>	
	<p>[A]inda o conde bẽ nõ acabaua de reparty aquella pequena presa quando logo fez chamar Lourenço Pirez o adayl e lhe disse que chamasse Gõçallete e Johã de Pelle e que fossem a aldea de Bogalmaze que he nas cimalthas da Augua de Lyã e que uisse se sse poderya tirar o <b>gaado</b> do lugar, o qual aallẽdaquelles leouo cõsigo hũa quadrilha e spyou muy bẽa aldea, tãando se se poderya fazer o que o cõde querya. E achou o feito assy caminhado que uyrã que nõ podyã por sy acabar. Senhor disse Lourço Pirez ao cõde, o feito sta assy caminhado que nosẽ outros tãtos nõ poderemos daquela aldea tyrar <b>gaado</b> nõoutra cousa sãajuda de gãe de cauallo, ca posto que os mouros daquela aldea nõ seiã muitos, a uizinhãça he grande. E ja veedes mouros como // se ajuntã asinha, nos seryamos ãperigoo sãfazermos proueito. E porẽ o cõde caualgou logo cõ a gãe de cauallo e foy aaquella aldea donde tyrarõ seis almas e .lxxv. uacas e alguũgaado meudo sem auerẽcõtradiçam algũ. (II.43-70, pág. 150)</p>	
	<p>E a nossa gãe nõ fazya senõ spalharse por esses cãpos, cada huũ como se lhe a ueãtura acertaua huũ a matar outros a rrecolher naquellas almas que achauã // yr fogindo, outros tomarõ carrego de apanhar o <b>gaado</b></p>	

	<p>e ajudallo huũcõ ho outro de guisa que cada huũ trazyã sua occupaõ. Empero os castellaãos husarõ ã este feito de grande crueldade, ca matauõ molheres e moços pequenos, do que os nossos ãte nãdespois quiseram husar, de que lhe os mouros daquelas comarcas ouuerõ grande odyo aallẽ do natural.</p> <p>(II.35-50, pág.164)</p>	
	<p>E quisera Johã Falcã rodear huũmonte pera ueer se acharya gãe contrayra ou <b>gaado</b> ã que fezera presa, desauisado de huũ grande soma de contrayros que estauam detras de huũarrife de pedras sperando suas molheres e filhos, os quaaes mouros forã primeyro uistos de Dyego de Barros que seguya aaquelle por que auya ãtre elles singullar amizade e por ello o sseguya assy por seer seu compaheyro ãqualquer perigoo, e como quer que lhe braadasse na mais alta uoz que podya, nũca / foy ouuydo senõ ja acerca dos jmijgos.</p> <p>(I.93, pág.164 – I.10, pág.165)</p>	
	<p>Nõ curees Senhor disse elle de cometer se nõ fordes cometido ca o feito esta muy douydoso pella multidõ das almas e <b>gaado</b> que leuaaes.</p> <p>(II.90-93, pág.168)</p>	
	<p>E nõ soomãe foram os mouros daquellas aldeas auisados por a uista do cõde, masprimeyro pello aluoroço que ouuyrã nas outras de seus uezinhos de guisa que todos</p>	

	<p>fogirõ pera as branhas que som ally muy grandes e por semelhãte pera outras guaridas que tijnhã na serra, assy elles como seus gaados, pello qual nõ acharõ ja caasy nada.</p> <p>(l. 92, pág.173 – l.7, pág.174)</p>	
	<p>Jtẽ que os moradores destas comarcas que cõmygo firmarẽ paz, nõ consentyrã que em seu termo ande nehuuũ <b>gaado</b> de fora do termo seguro.</p> <p>(ll.94-97, pág.177)</p>	
	<p>Capitulo .Cxxxij. Como o conde foy correr o câpo de Luzmara. E do <b>gaado</b> que trouxe.</p> <p>(ll.32-34, pág.178)</p>	
	<p>E isto por que erã ja auisados da passagẽ delRey por que poucos dyas auya que huũ barco daquella cidade fora saltear a Castella, onde tomarõ huũ pastor de <b>gaado</b> que lhe deu aquelle recado constangido per tormẽo por cuja rezõ ãnouarõ assy aquella guarda, pollo qual o conde receou de sayr em terra pregũando aaquelles que era o que lhe parecyã daquelle feito.</p> <p>(ll.90-100, pág.183)</p>	
	<p>E o conde fez chamar huũdelles dandolhe segurãça. E fez apartar hũã soma de carneyros e disselhe: leua esse <b>gaado</b> ante ty e dao ao alcayde e dizelhe que lhos mando e que parta cõ esses christaãos que la sã catiuos.</p> <p>(ll.82-88, pág.185)</p>	

	<p>Em toda aquella uyagẽ nõ acharõ alguũ cõtrayro de jmijgos soamente ataa .iic j. de cauallo que de muy longe vijnhã oolhãdo como os nossos andauom, trouuerõ daquella uez .CL. almas e alguũgaado por que toda a outra gãe era na serra e ãArzilla.</p> <p>(ll.17-24, pág.194)</p>	
--	--	--

Tabela 30. Gado grande e grosso

<b>Tipo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
Gaado grande	<p>E forã achadas na cidade .ijc R. cabeças de <b>gaado grande</b> .s. uacas e bois.</p> <p>(ll.96-98, pág.23)</p>	
	<p>E os nossos acharõ ainda passante // de .Cl. cabeças de <b>gaado grande</b>, e assy outras cousas de casa de que se a gente de pee carregou, e as outras cousas que nom poderõ leuar stragarõ specyalmente vinhos de que auya muytos ãaquelle lugar.</p> <p>(ll.15-22, pág.25)</p>	
	<p>E ally mandou aa gãe de pee que tornasse a ãarcar e elle seguyo caminho da cidade cõ sua caualgada que erã .xx. almas antre grandes e pequenas e .iic jxx, cabeças de <b>gaado grande</b> e .ic jx. de gaado pequeno.</p>	

	(II.62-68, pág.29)	
	<p>E em quanto atauõ aquestes andauom outros rodeando o gaado que achauã per hy acerca, de guisa que tirarõ do lugar .iic jlvii<sup>o</sup>j. cabeças de <b>gaado grande</b> e .xv. almas, antre as qüaes eram quatro homeẽs de perfeita ydade, e os outros molheres e moços.</p>	
	<p>(II.89-96, pág.36)</p> <p>E aallem das almenaras que lhe logo fezerõ, os fumos que sahyã da aldea erã grande ajuda pera o auisamẽto da terra, como as casas caasy todas erã cubertas de palha e muytas dellas feytas de sebe, apanharõ aquelles que forã cõ Affomso Tellez e cõ seu jrmaão obra de .Lx. cabeças de <b>gaado grande</b> e .ijc . de gaado meudo e enderẽçarõ caminho da aldea, pero ante que chegassẽa ella, os mouros auisados de huuũporto que se fazya ãhuuũregato onde auya muyta pedra cõ grande abafamẽto de adaaroeyras, saltarõ dyãte aos quaaes cada uez crecyã as ajudas.</p>	
	<p>(II.14-29, pág.97)</p> <p>Apanharõ alguũ <b>gaado assy grande</b> como pequeno e tornaronse camjnho da uilla sem auerẽ outro dãpno soomẽte quanto huuũfidalgo a que chamauõ Eitor de Melloo ouue</p>	

	<p>huã ferida cõ huã azagaya em huã perna. (ll.87-93, pág.126)</p>	
	<p>E dõ Henrique cõ os outros nõ fazyã entãto senõ rodear o <b>gaado</b> que era muyto e boo assy <b>grande</b> como pequeno. (ll.67-70,pág.146)</p>	
	<p>Empero ainda leuarõ aa uilla .ijc l. cabeças de <b>gaado grande</b> e .vjc. de gaado meudo e .xj. asnos cõ que derõ grande tempo repayro a ssua governãça. (ll.28-32, pág.147)</p>	
	<p>E ã huãdya de ramos // entrou em terra dAnjara, onde fez roubar huã aldea, pero como a gãe da terra sãpre estaua aluoraçada das ãradas que o conde ja ãelles fezera como teãles ouuydo forã logo auysados e ainda bẽnom ouuyã o rumor da gãe logo ããlerõ ã se salvar, entãto que nõ poderõ os nossos auer mais de cinco almas, e .liij. cabeças de <b>gaado grande</b> e outro pouco meudo. (ll.34-45, pág.166)</p>	
	<p>Hora quẽ poderya estar na uilla dAlcacer aaquella chegada que nõ saysse a ueer tã fremosa cousa, ca vijnham ally atadas .iic jlv. almas, e passante de mil cabeças de <b>gaado</b></p>	

	<p><b>grande</b> e duas mil cabeças de gaado pequeno e .xxij. bestas cauallares e passante de cincoõta asnos. E foram os christaãos .Cxxv. de cauallo e .iic jl. de pee, dos mouros que morrerõ nõ se pode saber o cõto certo, como quer que fosse nõ podyã seer senõ muytos e dos christaãos forã mortos dez de gente de pee, os quaaes como gãe neicya se meterõ pellas // [185v] casas sem resguardo onde nõ ãndem senom no roubo. (II.43-59, pág.169)</p>	
	<p>Vijdo aquella noite dormyr a Augua de Lyã e no outro dya chegarõ a esta uilla dAlcacer cõ quareãta e duas almas e cõ .iijc 100 l. cabeças de <b>gaado grande</b> e passante de duas mil cabeças de gaado meudo. (I.96, pág.174 – I.2, pág.175)</p>	
	<p>E o conde chegou a Alcacer cõ .xj. almas e quinhãtas cabeças de <b>gaado grande</b> e outro gaado .vii<sup>o</sup>. egoas .xij. asnos. (II.12-15, pág.186)</p>	
<p>Gaado grosso</p>	<p>Suas casas som feitas ao modo que o som as dantre Doiro e Minho cubertas de colmo ou tabual, os bois e uacas som pequenos pero fortes e de muyto leite, todo <b>gaado grosso</b> e saboroso de comer, todo he gaado</p>	



	<p>manso por que pella mayor parte dormēnas casas antre a jente.</p> <p>(II.89-96, pág.5)</p>	
--	---	--

Tabela 31. Gado manso

<b>Tipo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
Gaado manso	<p>Suas casas som feitas ao modo que o som as dantre Doiro e Minho cubertas de colmo ou tabual, os bois e uacas som pequenos pero fortes e de muyto leite, todo gaado grosso e saboroso de comer, todo he <b>gaado manso</b> por que pella mayor parte dormēnas casas antre a jente.</p> <p>(II.89-96, pág.5)</p>	

Tabela 32. Gado miúdo e pequeno

<b>Tipo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
Gaado meudo	<p>E aallem das almenaras que lhe logo fezerõ, os fumos que sahyã da aldeia erã grande ajuda pera o auisamẽto da terra, como as casas caasy todas erã cubertas de palha e muytas dellas feytas de sebe, apanharõ aquelles que forã cõ Affomso Tellez e cõ seu jrmaão obra de .Lx. cabeças de gaado grande e .ijc . de <b>gaado meudo</b> e enderçarõ caminho da aldeia, pero ante que chegassẽa ella, os</p>	
Gaado mehudo		

	<p>mouros auisados de huũ porto que se fazya ãhuũregato onde auya muyta pedra cõ grande abafameto de adaaroeyras, saltarõ dyãte aos quaaes cada uez crecyã as ajudas.</p> <p>(II.14-29, pág.97)</p>	
	<p>Empero ainda leuarõ aa uilla .ijc l. cabeças de gaado grande e .vjc . de <b>gaado meudo</b> e .xj. asnos cõ que derõ grande tempo repayro a ssua governãça.</p> <p>(II.28-32, pág.147)</p>	
	<p>E entõ se tornou a ajũtar cõ seu padre e ajuũtarõ .xxxij. almas e .ijc xxx. uacas e .vjc . cabeças de <b>gaado meudo</b> e .xv. asnos e cĩquo egoas.</p> <p>(II.88-82, pág.148)</p>	
	<p>E ãhuũdya de ramos // entrou em terra dAnjara, onde fez roubar hũã aldea, pero como a gãte da terra sãpre estaua aluoraçada das ãradas que o conde ja ã elles fezera como teãles ouuydo forã logo auysados e ainda bãnom ouuyã o rumor da gãte logo ããderõ ãse saluar, entãto que nõ poderõ os nossos auer mais de cinco almas, e .liij. cabeças de <b>gaado</b> grande e outro pouco <b>meudo</b>.</p> <p>(II.34-45, pág.166)</p>	
	<p>Dõ Henrique assy como auya de yr mais preto assy ãrou primeyro. Pero como quer que fosse nõ pode chegar senõ menhaã chaã e ao decer da serra foy sentido dos mouros, de guisa que quando elle ja</p>	

	<p>chegou grande parte delles erã fogidos pera as branhas que som muyto acerca, tomarõ ainda porẽ ataa .xxxvii<sup>o</sup>j. almas e .iic j. uacas e muyto <b>gaado meudo</b>. (ll.73-83, pág.173)</p> <p>Vĩdo aquella noite dormyr a Augua de Lyã e no outro dya chegarõ a esta uilla dAlcacer cõ quareãta e duas almas e cõ .iijc 100 l. cabeças de gaado grande e passante de duas mil cabeças de <b>gaado meudo</b>. (l.96, pág.174 – l.2, pág.175)</p> <p>E dally se ueo o conde pera a uilla honradamẽte cõ sua caualgada, na qual forã achadas .ijc lxx. almas, e .iiic j. uacas e passante de mil cabeças de <b>gaado mehudo</b> e .lxiii<sup>o</sup>j. asnos e .xxxij. bestas grandes. (ll.4-9, pág.183)</p>	
Gaado pequeno	<p>E ally mandou aa gãe de pee que tornasse a barcar e elle seguyo caminho da cidade cõ sua caualgada que erã .xx. almas antre grandes e pequenas e .iic jxx, cabeças de gaado grande e .ic jx. de <b>gaado pequeno</b>. (ll.62-68, pág.29)</p> <p>Apanharõ alguã <b>gaado</b> assy grande como <b>pequeno</b> e tornaronse camjnho da uilla sem auerẽ outro dãpno soomẽte quanto huũfidalgo a que chamauõ Eitor de Melloo ouue hũ ferida cõ hũ azagaya em hũ perna.</p>	

	(ll.87-93, pág.126)	
	<p>E dō Henrique cō os outros nō fazyã entãto senō rodear o <b>gaado</b> que era muyto e boo assy grande como <b>pequeno</b>.</p> <p>(ll.67-70,pág.146)</p>	
	<p>E os nossos trouxerõ pera a uilla .Lxxiii<sup>o</sup>. almas e .LR. uacas e bois e .iijc . cabeças de <b>gaado pequeno</b> e dez asnos e outro muyto despojo de roupa e armas e alfayas de casa.</p> <p>(ll.91-96, pág.165)</p>	
	<p>Hora quẽ poderya estar na uilla dAlcacer aaquella chegada que nō saysse a ueer tã fremosa cousa, ca vijnham ally atadas .iic jlv. almas, e passante de mil cabeças de gaado grande e duas mil cabeças de <b>gaado pequeno</b> e .xxij. bestas cauallares e passante de cincoõta asnos. E foram os christaãos .Cxxv. de cauallo e .iic jl. de pee, dos mouros que morrerõ nō se pode saber o cõto certo, como quer que fosse nō podyã seer senō muytos e dos christaãos forã mortos dez de gente de pee, os quaaes como gãte neicya se meterõ pellas // [185v] casas sem resguardo onde nom ãndem senom no roubo.</p> <p>(ll.43-59, pág.169)</p>	

Tabela 33. Gado bovino

Espécie	Crónica Zurara	Comentários
<p><b>Bois</b></p>	<p>Suas casas som feitas ao modo que o som as dantre Doiro e Minho cubertas de colmo ou tabual, os bois e uacas som pequenos pero fortes e de muyto leite, todo gaado grosso e saboroso de comer, todo he gaado manso por que pella mayor parte dormēnas casas antre a jente. (ll.89-96, pág.5)</p>	
	<p>E a .xix. dyas daquelle mes de março partyrã da cydade e foram dar ceuada ao castelo de Metene donde sse aleuãtarom a taaes horas que forã ante menhaã sobre hũas aldeas que se chamauã Alfaies e Çolleate que serã passante de seis legoas de Cepta que nunca foram sentidos como / quer que a terra seia muy fragosa tal que aos de pee he assaz trabalhosa dandar, onde tomarõ .xix. almas e cento e .xxvj. bois e tres egoas, e oyto asnos. (ll.61-73, pág. 15)</p>	
	<p>E os nossos toparõ cõ huũ mouro que leuaua quatro bois pera laurar os quaaes lhe logo filharõ mais cõ entençã de meterẽ os mouros muyto mais em aluoroço que por ãenderẽ que deuyã seer cõtentes de tal prea. (ll.2-8, pág.22)</p>	
	<p>E forã achadas na cidade .ijc R. cabeças de gaado grande .s. uacas e bois.</p>	

	(ll.96-98, pág.23)	
	<p>E por que entendeo que os mouros se ðarataryã cõ aquelles querendo defender o sseu. auisouhos que se teuessem cõ elles pera elle teer melhor aazo pera os prender ou matar ou matar todos, mas nõ se guisou assy como o conde quisera, ca os mouros assy como uyrã os cõtrayros assy lâçarõ logo o gaado pera a serra e elles meesmos ãenderõ mais em buscar suas guaridas que ã prouar a força dos cõtrayros, soomãe .iii<sup>o</sup>j. mouros em cuja sorte cayu todo aquelle / dãpno e assy cincoã uacas e bois.</p> <p>(ll.80-94, pág.149)</p>	
	<p>E os nossos trouxerõ pera a uilla .Lxxiii<sup>o</sup>j. almas e .LR. uacas e bois e .iijc . cabeças de gaado pequeno e dez asnos e outro muyto despojo de roupa e armas e alfayas de casa.</p> <p>(ll.91-96, pág.165)</p>	
<b>Uacas (vacas)</b>	<p>Suas casas som feitas ao modo que o som as dantre Doiro e Minho cubertas de colmo ou tabual, os bois e uacas som pequenos pero fortes e de muyto leite, todo gaado grosso e saboroso de comer, todo he gaado manso por que pella mayor parte dormẽnas casas antre a jente.</p> <p>(ll.89-96, pág.5)</p>	
	Dõ Duarte começou logo seu camjnho e desy os outros apos elle, e quando a troto	

	<p>e quando a gallope chegarõ ao meo dya sobre o lugar õde as uacas estauã que era dentro em hũa mata acerca de hũa ribeyra ca assy fora elle auysado per aquelles que spyarõ a terra.</p> <p>(ll.42-49, pág.23)</p>	
	<p>E forã achadas na cidade .ijc R. cabeças de gaado grande .s. uacas e bois.</p> <p>(ll.96-98, pág.23)</p>	
	<p>[N]eeste meesmo anno poucos dyas despois que dõ Duarte trouxe as uacas dAlfages, lhe trouxerom as scuytas recado como em outro aduar que se chamaua Belluaazẽque era naquella meesma serra mais afastado da cidade spaço de sete legoas, estaua huũ mouro que se chamaua Cegamuci, o qual era homẽde grande uallor e fazenda e fora jrmão dAabu o qual tijnha cõsigo peça de boos mouros e homeẽs pera feito por cujas nouas dom Duarte logo foy prestes cõ .lx. de cauallo e .ijc lx. de pee antre beesteyros e outra gente comuũ</p> <p>(ll.29-43, pág.24)</p>	
	<p>Pero assy conhecerõ aquelles mouros a uiueza de seus contrayros que se souberom tyrar afora cõ pouco seu dãpno por que afora alguũs que forã ferydos todos scaparõ de morte e por semelhante as suas molheres e filhos e os uelhos, mas os gaados nõ teuerõ tempo pera mandar tyrar como as outras cousas bem</p>	

	<p>he que tyrarõ alguũassy como ouelhas e cabras e uacas paridas. (ll.5-15, pág.25)</p>	
	<p>E forom achados na cidade .xxvij. catyuos e .ijc x. uacas e .Clxxx. cabras e oyto asnos, afora roupa feita e alfayas de casa, de que se cada huũ daquelles de pee carregaua o mais que podya, tãto que o hyã despois lâçando pellos caminhos, a qual cousa muytas uezes causa dãpno aaquelles popullares, ca polla desordenada cobijça que ham destas cousas se metẽ pellas casas sem ordenãça e acabam suas uidas. (ll.15-26, pág.27)</p>	
	<p>E bẽ he que alguũs daquelles que ãeiauam dô Duarte fazyam scarnho de sua yda trazendo antre ssy por rifam que as uacas daquelle lugar tijnham mais cornos que as outras. (ll.57-62, pág.36)</p>	
	<p>E trouuerom de caualgada dez almas e dez uacas e dez cabras e seis asnos, sem acharẽnehũã gãe que os podesse õpachar. (ll.17-20, pág.134)</p>	
	<p>E entõ se tornou a ajũtar cõ seu padre e ajũtarõ .xxxij. almas e .ijc xxx. uacas e .vjc. cabeças de gaado meudo e .xv. asnos e ciquo egoas. (ll.78-82, pág.148)</p>	
	<p>E por que entendeo que os mouros se õbarataryã cõ aquelles querendo defender</p>	



	<p>o sseu. auisouhos que se teuessem cõ elles pera elle teer melhor aazo pera os prender ou matar ou matar todos, mas nõ se guisou assy como o conde quisera, ca os mouros assy como uyrã os cõtrayros assy lâçarõ logo o gaado pera a serra e elles meesmos ãenderõ mais em buscar suas guaridas que ã prouar a força dos cõtrayros, soomãe .iii<sup>o</sup>j. mouros em cuja sorte cayu todo aquelle / dãpno e assy cincoãta uacas e bois.</p> <p>(Il.80-94, pág.149)</p>	
	<p>E porẽo cõde caualgou logo cõ a gãe de cauallo e foy aaquella aldea donde tyrarõ seis almas e .lxxv. uacas e alguũ gaado meudo sem auerẽcõtradiçam algã.</p> <p>(Il.66-70, pág. 150)</p>	
	<p>E os nossos trouxerõ pera a uilla .Lxxiii<sup>o</sup>j. almas e .LR. uacas e bois e .iijc . cabeças de gaado pequeno e dez asnos e outro muyto despojo de roupa e armas e alfayas de casa.</p> <p>(Il.91-96, pág.165)</p>	
	<p>Dõ Henrique assy como auya de yr mais preto assy ãrou primeyro. Pero como quer que fosse nõ pode chegar senõ menhaã chaã e ao decer da serra foy sentido dos mouros, de guisa que quando elle ja chegou grande parte delles erã fogidos pera as branhas que som muyto acerca, tomarõ ainda porẽ ataa .xxxvii<sup>o</sup>j.</p>	

	<p>almas e .iic j. uacas e muyto gaado meudo. (ll.73-83, pág.173)</p>	
	<p>E porẽ ordenou de correr o cãpo e queymar os paães, mas por que o tempo com aquella scurezza da noite geerou grande neuoa nõ se quis o fogo assy apegar como os christaãos quiserã nõ os mouros / nõ curarõ de ãender em ho apagar, por que uyã que se nom corregya de geito pera lhe fazer dãpno, pollo qual nom ãenderõ em outra cousa senõ ueer se poderyã fazer alguũdãpno aos nossos ainda que por graça de Deos nõ teuerõ poder pera ello, ante se o conde tornou sã alguũbãrgo pera sua villa cõ sete almas e .ijc . e tantas uacas, queymando algũas casas que acharã sem gente. (ll.36-52, pág.179)</p>	
	<p>E dally se ueo o conde pera a uilla honradamẽte cõ sua caualgada, na qual forã achadas .ijc lxx. almas, e .iic j. uacas e passante de mil cabeças de gaado mehudo e .lxiii°j. asnos e .xxxij. bestas grandes. (ll.4-9, pág.183)</p>	
	<p>E quando sãirõ os nossos quiserãsse tornar e folhe necessario pera sua segurãça de leixarem os cauallos, os quaaes os nossos tomarõ e os mouros acolheronse aa cidade. E entom sayu o conde a correr o campo, onde tomarõ</p>	

	dous mouros e hũa moura e cinquenta uacas e cinco asnos. (II.92-100, pág.187)	
--	--	--

Tabela 34. Equídeos

<b>Espécie</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
Asnos	<p>E a .xix. dyas daquelle mes de março partyrã da cydade e foram dar ceuada ao castelo de Metene donde sse aleuãtarom a taaes horas que forã ante menhaã sobre hũas aldeas que se chamauã Alfaies e Çolleate que serã passante de seis legoas de Cepta que nunca foram sentidos como / quer que a terra seja muy fragosa tal que aos de pee he assaz trabalhosa dandar, onde tomarõ .xix. almas e cento e .xxvj. bois e tres egoas, e oyto asnos. (II.61-73, pág.15)</p> <p>E forom achados na cidade .xxvij. catyuos e .ijc x. uacas e .Clxxx. cabras e oyto asnos, afora roupa feita e alfayas de casa, de que se cada huũ daquelles de pee carregaua o mais que podya, tãto que o hyã despois lãçando pellos caminhos, a qual cousa muytas uezes causa dãpno aaquelles popullares, ca polla desordenada cobijça que ham destas cousas se metẽ pellas casas sem ordenãça e acabam suas uidas.</p>	

	(ll.15-26, pág.27)	
	<p>E ssegundo ao dyante podemos saber a principal fim de sua vījda nō era tãto por chorar sua perda nem por cuydarem que elles por sy auyã de rreceber cobro no que tijnhã perdido, soomãte por que alguũs delles conhecyam que lhes nō era cousa muyto segura poderem uiuer ally acerca, e mudauanse dalgũas daquellas aldeas pera outras mais afastadas em que pensauã teer mayor segurãça, pollo qual todo o dya alguũs daquelles andauã acarretãdo em seus asnos essa proue fazenda que tijnham.</p> <p>(ll.57-70, pág.53)</p>	
	<p>Forã queymadas em aquelle dya quatro aldeas em que auya passãte de .ijc . casas moradas, e nō sē rezō ca erã sobre aquelle ryo de Guadelyã que he marauilhosa terra assy pera laurar e semear como de cryaçõ pera todo gaado, o trijgo e ceua ficou assy por nom leuar em que o trazer como por lhe nō seer necessareo, todo o despoio daquelle dya foram quatro mouros e cinco asnos.</p> <p>(ll.67-77, pág.94)</p>	
	<p>E trouerom de caulgada dez almas e dez uacas e dez cabras e seis asnos, sem acharẽnehũã gẽte que os podesse çpachar.</p> <p>(ll.17-20, pág.134)</p>	

	<p>Empero ainda leuarõ aa uilla .ijc l. cabeças de gaado grande e .vjc . de gaado meudo e .xj. asnos cõ que derõ grande tempo repayro a ssua governãça. (ll.28-32, pág.147)</p>	
	<p>Mandou dõ Hẽrique porẽ poer fogo aas aldeas que nõ ficou casa que o fogo nõ gastasse. E entõ se tornou a ajũtar cõ seu padre e ajũtarõ .xxxij. almas e .ijc xxx. uacas e .vjc. cabeças de gaado meudo e .xv. asnos e cĩquo egoas. (ll.76-82, pág. 148)</p>	
	<p>Mandou dõ Hẽrique porẽ poer fogo aas aldeas que nõ ficou casa que o fogo nõ gastasse. E entõ se tornou a ajũtar cõ seu padre e ajũtarõ .xxxij. almas e .ijc xxx. uacas e .vjc. cabeças de gaado meudo e .xv. asnos e cĩquo egoas. (ll.91-96, pág.165)</p>	
	<p>Hora quẽ poderya estar na uilla dAlcacer aaquella chegada que nõ saysse a ueer tã fremosa cousa, ca vijnham ally atadas .iic jlv. almas, e passante de mil cabeças de gaado grande e duas mil cabeças de gaado pequeno e .xxij. bestas cauallares e passante de cincoõta asnos. (ll.43-50, pág.169)</p>	
	<p>E dally se ueo o conde pera a uilla honradamẽte cõ sua caualgada, na qual forã achadas .ijc lxx. almas, e .iic j. uacas e passante de mil cabeças de gaado</p>	

	<p>mehudo e .lxiii<sup>o</sup>j. asnos e .xxxiiij. bestas grandes (ll.4-9, pág.183)</p> <p>E o conde chegou a Alcacer cõ .xj. almas e quinhãtas cabeças de gaado grande e outro gaado .vii<sup>o</sup>j. egoas .xij. asnos. (ll.12-15, pág.186)</p> <p>E entom sayu o conde a correr o campo, onde tomarõ dous mouros e hã mouro e cinquenta uacas e cinco asnos (ll.97-100, pág.187)</p>	
Bestas cauallares	<p>Hora quẽ poderya estar na uilla dAlcacer aaquella chegada que nõ saysse a ueer tã fremosa cousa, ca vijnham ally atadas .iic jlv. almas, e passante de mil cabeças de gaado grande e duas mil cabeças de gaado pequeno e .xxiiij. bestas cauallares e passante de cincoãta asnos. (ll.43-50, pág.169)</p>	
Cualos	<p>E bem se mostrou despois que foy capitã dAlcacer pollas dadiuas que fez, ca em cinque ãnos deu muytos mouros e mours, e passante de .Cxx. cauallos. (ll.2-6, pág.7)</p>	
Egoas	<p>E a .xix. dyas daquelle mes de março partyrã da cydade e foram dar ceuada ao castelo de Metene donde sse aleuãtarom a taaes horas que forã ante menhaã sobre hũas aldeas que se chamaũ Alfaies e Çolleate que serã passante de seis legoas de Cepta que nunca foram sentidos como / quer que a terra seia muy fragosa tal</p>	

	<p>que aos de pee he assaz trabalhosa dandar, onde tomarõ .xix. almas e cento e .xxvj. bois e tres egoas, e oyto asnos. (ll.61-73, pág.15)</p>	
	<p>O despoio daquelle dya foy .ix. cauallos e duas egoas. (ll.54-55, pág.140)</p>	
	<p>Outros mujtos mouros forã feridos e mortos por essas branhas, e filharõ tres viuos e .xxvij. ginetes cõ algũas egoas e hũã azemella, dos christaãos nõ ouue hy feridos senõ leuemãte afora Johã da Sertaãe e Aluaro de Saa que ia eram na uilla, e o almoxarife que foy / morto. (ll.21-28, pág.144)</p>	
	<p>Mandou dõ Hẽrique porẽ poer fogo aas aldeas que nõ ficou casa que o fogo nõ gastasse. E entõ se tornou a ajũtar cõ seu padre e ajũtarõ .xxxij. almas e .ijc xxx. uacas e .vjc. cabeças de gaado meudo e .xv. asnos e cĩquo egoas. (ll.76-82, pág.148)</p>	
	<p>E o conde chegou a Alcacer cõ .xj. almas e quinhẽtas cabeças de gaado grande e outro gaado .viiºj. egoas .xij. asnos. (ll.12-15, pág.186)</p>	

<p>Ginetes</p> <p>Cauillos ginetes</p>	<p>E ã oolhando os nossos pera lla / Vyrã  atraues de ssy passar huũ mouro cõ huũ  feixe de lenha ao pescoço ao qual alguũs  começarõ de fallar, mas por que eram  afastados e os nossos nõ declarauõ as  pallauras e todos erã ãcauillos ginetes e  cõ dargas e toucas, pensou o mouro que  era gente de sua ley e começou de seguyr  seu camjnho pero nõ forã os passos  muytos quando lhe a uoõtade carregou, e  tornou outra uez oolhar cõ mayor femẽça.  (II.36-48, pág.96)</p>	
	<p>Outros mujtos mouros forã feridos e  mortos por essas branhas, e filharõ tres  viuos e .xxvij. ginetes cõ algũas egoas e hũã  azemella, dos christaãos nõ ouue hy  feridos senõ leuemãe afora Johã da  Sertaãe e Alvaro de Saa que ia eram na  uilla, e o almoxarife que foy / morto.  (II.21-28, pág.144)</p>	
	<p>Porẽelle mandou logo ao chichorro cõ .xx.  ginetes que se partisse a gram pressa a  auisar seu jrmãao que nõ começasse  nehũã cousa sẽelle teũlo que por quanto  ja era tarde que nõ podya tã asinha seer  prestes e partisse e podesse chegar que  seu jrmaão ja nõ fosse partido.  (II.28-36, pág.186)</p>	



Tabela 35. Bestas grandes

<b>Espécie</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
<b>Bestas grandes</b>	<p>E dally se ueo o conde pera a uilla honradamēte cō sua caualgada, na qual forã achadas .ijc lxxv. almas, e .iiic j. uacas e passante de mil cabeças de gaado mehudo e .lxiiiºj. asnos e .xxxij. bestas grandes.</p> <p>(ll.4-9, pág.183)</p>	

Tabela 36. Gado ovino, caprino e suíno

<b>Espécie</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
<b>Cabras</b>	<p>E eu de hũa parte e uos da outra colhellesemos na meetade per guisa que aiamos delles uitorea. Jssso senhor ordenaae uos disserom aquelles jrmãaos ca nos nō estamos aquy pera guardar outras cabras.</p> <p>(ll.73-78, pág.21)</p>	
	<p>Pero assy conhecerō aquelles mouros a uiueza de seus contrayros que se souberom tyrar afora cō pouco seu dāpno por que afora alguũs que forã ferydos todos scaparō de morte e por semelhante as suas molheres e filhos e os uelhos, mas os gaados nō teuerō tempo pera mandar tyrar como as outras cousas bem he que tyrarō alguũassy como ouelhas e cabras e uacas paridas.</p> <p>(ll.5-15, pág.25)</p>	

	<p>E foram achados na cidade .xvij. catyuos e .ijc x. uacas e .Clxxx. cabras e oyto asnos, afora roupa feita e alfayas de casa, de que se cada huũdaquelles de pee carregaua o mais que podya, tãto que o hyã despois lâçando pellos caminhos, a qual cousa muytas uezes causa dãpno aaquelles popullares, ca polla desordenada cobijça que ham destas cousas se metẽ pellas casas sem ordenãça e acabam suas uidas. (ll.15-26, pág.27)</p>	
	<p>E trouuerom de caualgada dez almas e dez uacas e dez cabras e seis asnos, sem acharẽnehũã gãe que os podesse epachar. (ll.17-20, pág.134)</p>	
<b>Ouellhas</b>	<p>Pero assy conhecerõ aquelles mouros a uiueza de seus contrayros que se souberom tyrar afora cõ pouco seu dãpno por que afora alguũs que forã ferydos todos scaparõ de morte e por semelhante as suas molheres e filhos e os uelhos, mas os gaados nõ teuerõ tempo pera mandar tyrar como as outras cousas bem he que tyrarõ alguũassy como ouellhas e cabras e uacas paridas. (ll.5-15, pág.25)</p>	
<b>Porco</b>  <b>Porcos</b>	<p>E sseguyosse que jndo Martym de Çamora com seus cõpanheyros foram dar em hũã milharada de milho zaburro onde jazya seu dono pollo guardar dos porcos monteses que lho uinhã estragar, e quando sentyo os passos dos scuitas e o rramalhar que fazyã</p>	

	<p>pello milho cuydou que erã os porcos que lho vijnhã comer, e assy como os ouuyo assy começou de lhes braadar cõ entençõ de os spãtar, o que os nossos ãenderõ pelle contrayro .s. // que eram descubertos, e foronse chegando pera o mouro pera ueer se o poderyã tomar, mas quando os aquelle acabou de conhecer pellos passos, começou de braadar por seu arauygo, christaãos christaãos, e como era preto do lugar assy forã logo as uozes e allaridos tamanhos que dauã huũs aos outros que em breue forã todos fora das casas.</p> <p>(II.42-63, pág.28)</p>	
	<p>E doutra parte matarõ cauallo a huũ scudeyro delRey que se chamaua Pedro Gonçallez // Guyel, o qual posto no derradeyro perigoo desasperado da uida, recebeo socorro de Johã Pestana e de Corte rreal, os quaaes cõ muy grande trabalho o tyrarõ dantre os mouros nõ sã grande perigoo delles meesmos. Alguũs daquelles de cauallo que partyrã da uilla se apartarõ do capitã correndo apos huũporco que se alleuãtou antre elles .s. Gõçallo Vaaz e A[l]uaro Coutinho e assy outros oito, os quaaes tornando de sua montarya, disserã antre ssy certo he aquelles que tã longe uaão que nõ ham de vïjr sãalguũgaado sera bẽque uaamos entãto correr a Anexamez.</p> <p>(II.50-68, pág.97)</p>	

#### 4.2.5. Rede viária

A rede viária apresentada pelo cronista auxilia-nos na reconstrução da paisagem do período em que os portugueses deambularam pelo Norte de África, e também a conceber a maneira como as vias de comunicação estavam estruturadas nesses tempos. A sua importância é extrema para este estudo, visto que nos faculta dados sobre as ligações existentes entre as várias cidades, aldeias e vilas, demonstrando a capacidade de organização e gestão do território por parte dos seus habitantes.

É muito possível que grande parte destes caminhos partisse de Ksar Sghir, assim como o viajante que os percorria. É lógico pensar que os portugueses, e entre eles Zurara, partissem sempre da vila de Ksar em direção aos destinos que pretendiam conquistar ou explorar.

Não obstante, em certos casos podemos estar perante regressos a Ksar ou momentos que são narrados na crónica a meio do percurso.

Estes caminhos mostram-nos que, em tempos, existiu uma rede viária que ligava pontos como Ksar, Benambroz, Tânger, Tetuão, Çaffa/Çafa, Aiara, Anexamez, Ceuta, revelando uma organizada teia de ligações terrestres, possivelmente entre locais estratégicos ou de importante envergadura, no contexto da época.

Estabelecemos neste estudo uma hierarquia relativamente à rede viária e caminhos referidos na obra. Atribuímos a estes caminhos as categorias: “Tipo 1”, “Tipo 2”, “Tipo 3” e “Tipo 4”. Sendo o “Tipo 1” e o “Tipo 2” os patamares de maior importância, e os dois últimos, “Tipo 3” e “Tipo 4”, aqueles que detinham uma posição secundária no cenário viário da altura e que apresentam uma menor quantidade de informação.

Neste capítulo apresentaremos duas tabelas com as vias de comunicação listadas por Zurara: uma relativa à rede viária principal (*Caminho Alcácer-Tânger, Caminho de Tânger, Caminho de Cepta, Caminho de Tetouan, Caminho Tetouan-Tânger*) e outra à rede viária secundária (*Caminho Çaffa-Aiara, Caminho Alcácer-Anexamez, Caminho de Benambroz, Caminho de Çaffa*).

#### 4.2.5.1. Rede viária principal

O *Caminho Alcácer-Tânger*, seguindo a lógica, seria uma via que partiria de Ksar Sghir em direção a Tânger, e de acordo com Zurara (2007: 144), cruzar-se-ia com outro que passava por Benauvolçe e Benaminyr. É possível que corresponda à estrada que passa por Tânger pela costa, dado que Zurara (2007: 128) escreve o seguinte: “he por o camynho que uay pera Tãger mais chegado aa costa do mar”. Porventura não será a mesma estrada, mas o caminho pode localizar-se por perto ou simplesmente encontrar-se sob a supracitada via.

Numa das passagens, Zurara (2007: 151) nomeia o “caminho dereito de Tãger”. Tal designação mostra-nos que a estrada estava implantada numa zona plana e que não apresentava grandes acidentes geográficos.

As largas menções do cronista – ao todo sete – podem demonstrar que esta seria uma das vias de comunicação mais utilizadas na altura, ou talvez a mais conhecida, salientando-se que era uma ligação entre dois locais de importante envergadura – Ksar e Tânger – e que podia assim deter alguma superioridade em relação às restantes. Ou não.

O *Caminho de Tânger*, localizado algures num vale, faria ligação com Tânger. Contudo, não conseguimos certificar-nos das ligações que oferecia. O cronista poder-se-á estar a referir tanto ao *Caminho de Alcácer-Tânger* como ao de *Tetouan-Tânger*, ou a outro caminho existente na zona que ligaria determinada vila ou aldeia à cidade de Tânger.

Quanto ao *Caminho de Cepta* (Ceuta), dadas as escassas informações fornecidas pelo cronista, apenas poderemos deduzir que fosse uma via conducente à cidade de Ceuta. Apesar de contarmos com uma única referência, e tendo em conta que Ceuta era uma cidade muito prestigiada na altura, poderia ser uma via de comunicação tão importante como a de *Alcácer-Tânger* ou tratar-se simplesmente de mais uma via secundária.

O *Caminho de Tetouan* corresponderia à estrada que passaria por Tetuão ou daí partiria. Poderia corresponder ao *Caminho de Tetouan-Tânger*, referido nos primeiros parágrafos deste capítulo; no entanto, é difícil garanti-lo. Zurara (2007: 196) diz-nos que “o caminho serya por cima de Tutuã<sup>88</sup>”. Poderia ser uma via que passasse um pouco acima de Tetuão, e que era muito utilizada pela população, ou que passaria mesmo no centro da vila, seguindo para outra localidade.

---

<sup>88</sup> Uma outra variante da grafia de *Tetouan*, *Tetuão*, usada por Zurara.

Por último, o *Caminho Tetouan<sup>89</sup>-Tânger*, de acordo com Zurara (2007: 148), passaria por uma serra frágosa. Seria esta a via que ligava Tetuão a Tânger<sup>90</sup>. O facto de o cronista referir a existência de um relevo acidentado faz-nos colocar este caminho numa zona de serra que se encontraria entre as duas localidades. Zurara não lhe dedica muitas páginas, dado que apenas possuímos uma referência em toda a obra, sendo difícil constatar algo mais acerca desta.

No que toca à sua hierarquização, pelos dados de Zurara e pela investigação feita, os caminhos de Alcácer-Tânger, de Tânger, de Ceuta, de Tetouan e de Tetouan-Tânger parecem deter certa importância, por conduzirem a cidades de grande relevância, como eram Alcácer, Tânger, Ceuta e Tetuão.

Foi atribuído aos caminhos de Alcácer-Tânger, de Tânger, de Ceuta e de Tetouan a categoria de “Tipo 1”. Ao caminho de Tetouan-Tânger ficou reservada a categoria de “Tipo 2”.

Tabela 37. Rede viária principal (tipo 1 e 2)

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
1	<b>Caminho Alcácer – Tânger</b>	<p>E por que nos já dissemos ã outros lugares deste nosso liuro que Augua de Lyã he a duas legoas desta nossa uilla, jsto ãtendee que he por o camynho que uay pera Tãger mais chegado aa costa do mar, mas este ryo há seu nacymẽto afastado dally ã meo daquelas serras que som ãtre terra dÃiara e Benauollẽce. (II.64-73, pág. 128)</p> <p>E ssayrõ cõ elle três de cauallo .s. Dyego Gonçallez criado que era do Jffãte dô Henrique que entõ era</p>	<p>Caminho de Ksar Sghir em direção a Tânger, que cruzaria com um outro que passava por Benauvolẽce e Benaminyr.</p> <p>Possível estrada que passa por Tânger, pela costa.</p>

<sup>89</sup> Tetuão.

<sup>90</sup> Na avaliação da rede viária existente no Norte de Marrocos deverá ter-se em conta as vias de época romana já estabelecidas no território. Neste mesmo caminho referido por Zurara encontrar-se-ia implantada uma das principais vias romanas da zona, um eixo fundamental que ligava, naquela altura, o que hoje corresponde a Marrocos e à Argélia. Hoje em dia encontrar-se-à debaixo da atual autoestrada que liga Tânger a Tetuão.

		<p>almoxarife, e Luis Steuez que ẽtõ era alferes do conde e Affomso Caldeyra, os quaaes saindo per aquelle meesmo caminho por que uaão dAlcacer pera Tãger pouco afastados do lugar, sobyram a huũ outeyro onde sse chamaua a casa branca pera deuisarem dally a terra, donde alguũ delles uyrã parecer huũde cauallo, nẽ ainda aquelles que o uyrã nõ ẽcherõ bã os olhos delle por que ainda bã nõ parecyã já era cuberto da soõbra do mato.</p> <p>(II.12-27, pág. 142)</p>	
		<p>E forã assy huũpedaço seguindoos ataa que os mouros os acharõ dous camjnhos, huũque uay pera hũã mizquita que ally ẽtõ estaua, e desy pera grandes pouorações dos mouros que sam daquella parte, assy como Benauollẽce e outras comarcas, pollo qual caminho seguyo dõ Henrique e cõ elle ataa .xx. de cauallo. E pollo outro que uay dereitamẽte pera Tãger seguyrã outros mouros e o conde apos elles, porẽ a mayor parte dos mouros se desuyarõ pera a sserra õde se ẽbranharõ por aquelles matos.</p> <p>(I.94, pág. 143 – I.10, pág. 144)</p>	

		<p>Parecete disse o conde a Mafomede que sera este boo caminho por onde uyemos pera tomarmos por elle. Senhor disse o mouro, o caminho assaz he de boo pero pera uos spātardes toda esta terra de Luzmara, hijuos daquy a Tāger o uelho e dally uoltarees pelo caminho que uay pera Alcacer.</p> <p>(II.82-90, pág. 148)</p>	
		<p>E foy pelo caminho dereito de Tāger, por que Johã da Costa podesse auer uista da gēte de sua ley e se uiesse pera ella.</p> <p>(II.47-50, pág. 151)</p>	
		<p>E / sseēdo já sol queēte acertousse de viļjrem oyto mouro[s] por aquelle ualle caminho de Tanger, mas nom aquelles daquella cōpanhya que o cōde speraua.</p> <p>(II.49-54, pág. 152)</p>	
		<p>E assy andarō que ainda nō era menhaã quando chegarō ao próprio lugar onde auyã e fazer sua presa, topando primeyro com huũ casaaes de pouca fazēda de que nō erã auisados que foy aazo de sua cavalgada nom seer tamanha como se speraua, ca seēdo sentidos de huũ daqueles</p>	



		<p>moradores, o qual muy ãbreue foy ao principal lugar braadãdo que se auisassẽ que os contraryos erã com elles, ajuntousse a isto a pouca pratica que os castellaãos auyã de taaes entradas, por que sã necessidade derã todos hũã grita com que acordarõ nõ soomãe os daquelle lugar mas outros mujtos darredor de guisa que quando chegarõ a aldeã, caasy toda a gente era fora fogiũdo quanto mais podyã, huũ <b>caminho de Táger</b> outros pera outro lugar forte que se chamaua Benafayat, outros pera a serra.</p> <p>(II.14-35, pág. 164)</p>	
1	<b>Caminho de Tánger</b>	<p>E sseãdo já sol queẽe acertousse de viũjrem oyto mouro[s] por aquelle ualle <b>caminho de Tanger</b>, mas nom aquelles daquella cõpanhya que o cõde speraua.</p> <p>(II.49-54, pág. 152)</p>	Caminho localizado algures num vale, o qual faria ligação com Tánger.
1	<b>Caminho de Cepta (Ceuta)</b>	<p>E parece que por nõ saber a llyçã fora ameaçado de seu mestre e com medo tomou <b>caminho de Cepta.</b></p> <p>(II.26-28, pág. 166)</p>	Caminho que seguiria para Ceuta.
1	<b>Caminho de Tetouan</b>	<p>ElRey como nõ partya farto, fallou cõ Lourẽço de Caceres que era adayl, mandãdolhe que fosse ueer</p>	Via que passava em Tetuão.

		<p>o caminho queiando era e por que parte poderya melhor êtrar, o qual tornou cõ o rrecado, dizendo que o caminho serya por cima de Tutuã, por que por baixo era muyto molhado. (II.1-8, pág. 196)</p>	
		<p>Eu ueio bẽ respondeo elRey que essa gẽte e pee uẽ toda canssada e trabalhada de andar e perder o ssono duas noites ha e a mata he espessa e fragosa, nõ quero que me matẽ huũ homẽ por quãtos mouros dentro jazẽ. E mandou êtõ dizer aaquelles beesteyros e spylgardeyros e gẽte de pee que se fossẽ caminho de Tutuam, por que ally êtendya de yr dormyr aquella noyte. (II.82-92, pág. 197)</p>	
		<p>E por que uyo mouros ante ssy disse: certamẽte aquelles mouros leuã <b>caminho de Tutuã</b> ãbusca da nossa gẽte de pee, sygamollos nõ lhe faça alguũdãpno. (II.24-28, pág. 200)</p>	
2	<b>Caminho Tetouan – Tãnger</b>	<p>E por que Mafomede fora auisado por huũ mouro dAnjara como as guardas estauã ã Augua de Lyã, rodearom o caminho por huũ ponta da serra assaz fragosa, onde</p>	<p>Via de Tetuão para Tãnger, que passaria perto de uma serra fragosa.</p>

		<p>cõueo aos de cauallo huũpedaço jr  a pee por huũ<b>camjnho que uêde</b>  <b>Tatuã pera Tãger.</b>  (II.19-26, pág. 148)</p>	
--	--	--	--

#### 4.2.5.2. Rede viária secundária

Sobre o *Caminho de Çaffa<sup>91</sup>-Aiara*, uma via existente entre estas duas localidades, Zurara não nos deixou outros dados.

O *Caminho Alcácer-Anexamez* ligava Ksar Sghir à aldeia de Anexamez<sup>92</sup>. Atualmente existe uma estrada, P4701, que liga Ksar à aldeia Souk El-Khemis, a partir da qual se consegue aceder à aldeia de Jarda<sup>93</sup>; a partir de Jarda, e em direção às aldeias do fundo do seu vale, chega-se a Anexamez. Muito provavelmente esta não corresponderá ao caminho de *Alcácer-Anexamez* referido por Zurara na crónica, contudo poderá encontrar-se perto da mesma, ou até mesmo debaixo da P4701. Não conseguimos, contudo, no estado atual da investigação no terreno, ir além destas suposições.

O *Caminho de Benambroz<sup>94</sup>* seria possivelmente a via pela qual se acedia à vila/aldeia de Benambroz. Zurara refere-o apenas uma vez ao longo de toda a crónica, não oferecendo dados conclusivos.

O *Caminho de Çafa* seria uma via que assegurava um percurso que ia, ou partia, de Çaffa. É possível que seja o mesmo referido acima, de *Çaffa-Aiara*.

No que respeita à hierarquia da rede viária secundária, no caso do caminho Alcácer-Anexamez atribuiu-se a este a categoria de “Tipo 3”. Sendo a aldeia de Anexamez um importante ponto de encontro e comércio de habitantes de várias aldeias da região, talvez esta se possa enquadrar num grupo essencial de caminhos que ligavam Ksar a um ponto importante do interior.

<sup>91</sup> Topónimo de uma possível aldeia, referido na crónica, mas que não foi selecionado para o presente estudo. Consultar as páginas 152,166,167,172 e 179 da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses. Çaffa* também aparece na obra de Zurara com uma outra grafia, *Çafa*.

<sup>92</sup> Consultar o topónimo *Anexamez*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.

<sup>93</sup> Consultar o topónimo *Ajarda*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura. Consultar no catálogo (Anexo 2), a entrada número 012, Jarda I.

<sup>94</sup> Consultar o topónimo *Benambroz*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.

Quanto aos restantes, o Caminho Çaffa–Aiara, o Caminho de Benambroz e o Caminho de Çaffa, por falta de dados mais conclusivos, não temos como saber em que patamar se colocariam. A hipótese que aqui apresentamos é de os inserir numa categoria inferior aos caminhos de “Tipo 1” e de “Tipo 2”, pois remetem para vias não tão utilizadas como as das duas primeiras categorias. Por esta razão, atribuiu-se-lhes a categoria de “Tipo 4”.

Tabela 38. Rede viária secundária (tipo 3 e 4)

<b>Tipo</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Crónica Zurara</b>	<b>Comentários</b>
4	<b>Caminho Çafa – Aiara</b>	E o cõde pensando queaquelle adayl cõ sua quadrilha yrya cõtra sua cidade foisse lâçar aa mizquita que sta a Augua de Lyã, mãdãdo aos seus almogauares a tomar / a sserra, e elle lâçousse aa quem <b>daquella mizquita em huïcaminhoque uay pera Çafa e pera ãiara</b> , poendo suas atallayas pera lhe dar recado daqueles mouros, parecendo-lhe por rezom que por ally auyã dacudyr. (II.36-47, pág. 152)	Via entre Çafa e Aiara.
3	<b>Caminho Alcácer – Anexamez</b>	E como quer que se ajnda o cõde tornasse aa cillada e jouuesse ãella ataa meo dya os mouros nũca uyerõ e a causa por que segundo se despois soube foy por quanto tres de cauallodo nossos que partyrã traseyros <b>forã pelo caminho dAnexamez</b> , ãendendo que o cõde leuaua aquella uya, os quaaes toparom cõ os ditos mouros. (II.68-77, pág. 152)	Caminho que levaria de Ksar Sghir à aldeia de Anexamez.  <b>Anexamez:</b> montanha e vila importante; lugar rico, de grandes dimensões, a oeste de Tânger. Zurara coloca-a a 2/3 léguas de Ksar Sghir, numa zona de grandes vales, com

			<p>imensa vegetação e algures entre uma zona de serra, próxima de Jarda. Aldeia de grandes dimensões que controlaria as restantes à sua volta, funcionando também como ponto de comércio e encontro de populações.</p> <p>Consultar o topónimo <i>Anexamez</i> (Capítulo 4, alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale).</p>
4	<b>Caminho de Benambroz</b>	<p>Maffomede bēausado do que lhe seu capitam mandava chegou aos uallos e fez suas mostranças e como conheceo que era sentido das guardas fez muyto asinha sua uolta como homem receoso de tanto dāpno como em eu fugyr mostrava que lhe podya viŕjr seguiŕdo pelo <b>caminho de Benambroz</b>, dado seus apupos por meter ã mayor orgulho aaquelles mouros que o auyã de seguyr os quaaes auisados de seus mayores ou por uentura de ssy meemos nom quiseram assy sayr darrebato ante derom lugar a sseus descobridores que eram tres de</p>	<p>Caminho pelo qual se chegaria à vila/aldeia de Benambroz.</p> <p>Benambroz: vila rica e capital da terra de Mazmuda; localizada num local alto, que assegurava a segurança dos seus habitantes. De acordo com Zurara, destruída e queimada durante um ataque dos portugueses. O cronista faz ainda uma breve</p>

		cauallo que fossem segurar a terra, da qual cousa dō Duarte logo foy auisado das atallayas que posera sobre sy. (II.53-71, pág. 88)	menção à existência de uma atalaia.  Consultar o topónimo <i>Benambroz</i> (Capítulo 4, alínea 4.2.3.1. Povoados de altura).
4	<b>Caminho de Çaffa</b>	E nõ sem causa por que esta era hũa forte pouoraçam, a qual tijnhaTanger a duas legoas ã sua uista. E parte cõ terra de Benaminyr e cõ terra de Luzmara. E porẽ o conde fez ajũar toda a gãe assy de cauallo como de pee por que a leuaua repartida cõ dō Fernando seu filho pera dar ã hũa das aldeas e elle na outra. E tãto que teue a gãe toda jũta <b>fez caminho pera Çaffa</b> , metãdo a gãe de pee dyãte, desy mandado a Meãdaffonso com alguũs de cauallo que leuasse carrego da sua governãça, ficando elle nas costas cõ toda a outra gãe de cauallo. (II.26-41, pág. 167)	Via que assegurava um percurso que ia, ou partia, de Çaffa.

Neste estudo não se pretendeu procurar os referidos caminhos no território marroquino, cingindo-nos à recolha e análise das passagens em que cada um é mencionado, pelo que as interpretações feitas são meras suposições e hipóteses que se foram colocando ao longo da elaboração desta dissertação. Um trabalho de campo maciço, com saídas para o terreno e um foco exclusivamente centrado nesta questão, possivelmente viria a dar os frutos necessários para se colocarem novamente no mapa estas vias, que hoje em dia se poderão encontrar a monte ou simplesmente debaixo de aglomerações humanas contemporâneas.

Empreender um estudo aprofundado destes topónimos só enriquecerá o volume de dados e informações acerca de Ksar Sghir. Uma investigação futura, bem articulada entre várias áreas do saber, poderá fornecer dados ainda mais elucidativos para uma análise mais completa da obra e do território.

#### **4.2.6. Marcadores da paisagem**

Ao longo da obra, e nomeadamente nas passagens relativas às aldeias de Anexamez, Ajarda, Benambroz, Zurara deixa-nos um conjunto de elementos que caracterizam o território destes locais. Decidimos denominá-los como *Marcadores da paisagem*, nos quais incluímos os dispositivos defensivos (atalaias) e as estruturas sagradas (mesquitas).

Os dispositivos defensivos desde muito cedo que desempenham um papel fundamental no seio dos povoados, auxiliando no processo de estruturação do local habitado. Garantindo a defesa das populações e mantendo a unidade e integridade do grupo (Benhima, 2008), as fortificações remetem-nos tanto para eventuais momentos bélicos como para a importância geoestratégica e de domínio territorial que determinado local possa deter.

Relativamente aos equipamentos defensivos, Benhima (2008: 60) sublinha:

La documentation portugaise du début du XVI siècle permet de constater que plusieurs groupes arabes (comme les Awlâd 'Amrân dans le nord de la plaine de Dukkâla et les 'Abd dans le sud du Tansift) se fixent autour de sites fortifiés. Ces derniers semblent d'ailleurs devenir, depuis le milieu du XV siècle, un élément décisif dans les longs processus de sédentarisation et de fixation des anciens groupes nomades.

A tipologia dos pontos fortificados dá-nos acesso à variedade de soluções adotadas pelas populações e às configurações espaciais geradas por uma comunidade (Benhima, 2008). Zurara faz menção a uma atalaia que existia na aldeia de Benambroz<sup>95</sup>. A localização estratégica da aldeia, num local de elevada altitude com uma ampla visibilidade sobre o território, justificaria a necessidade e a decisão de construção de um posto de controlo.

Relativamente aos espaços sagrados, a sua existência em aldeias e vilas sempre foi uma constante em qualquer cultura. O religioso sempre fez parte das vivências e do quotidiano de comunidades humanas um pouco por todo o mundo. Benhima (2008: 61) refere-se deste modo à sua relevância:

---

<sup>95</sup> Consultar Capítulo 4, alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.

Plusieurs recherches récentes ont ainsi pointé l'importance des éléments sacrés (essentiellement naturels) dans les terroirs villageois, notamment en pays de tradition berbère. Ces marqueurs symboliques de l'espace sont d'ailleurs au centre d'une pratique rituelle extrêmement complexe et féconde, destinée notamment à renforcer la cohésion du groupe et à contribuer aux stratégies multiples développées pour apprivoiser et gérer les aléas de tout genre.

A presença de marcadores religiosos nos contextos marroquinos é simbolizada sobretudo pela mesquita (Benhima, 2008). Zurara faz alusão à existência de uma mesquita na aldeia de Anexamez<sup>96</sup>. Durante a prospeção realizada em 2019 a esta mesma aldeia<sup>97</sup> e à aldeia de Jarda<sup>98</sup>, pôde-se confirmar a existência de uma mesquita em ruínas em Anexamez, assim como de mesquitas recentes erigidas em ambas as aldeias.

Benhima (2008: 61) refere-se mais detidamente ao papel da mesquita e à necessidade do estabelecimento de um local de culto:

En effect, on peut se demander si la mosquée joue un quelconque rôle comme élément structurant de l'espace rural. Il ne semble pas que la mosquée ait représente un point d'attraction ou de polarisation de l'habitat, à l'image de l'église paroissiale dans l'Occident chrétien médiéval. L'établissement d'un lieu de culte relève de l'initiative des habitants, et non pas d'une autorité religieuse ou politique supérieure. De par cette spécificité, l'emplacement de grandes mosquées ne dépend pas d'un quelconque découpage territorial, mais s'adapte variablement à la forme de l'habitat, dispersé ou groupé, sédentaire ou semi-nomade.

A Arqueologia é a chave para compreender a evolução dos territórios e o impacto da ação humana nos contextos naturais, pelo que se revela decisiva para interpretar a organização e dispersão de todos estes elementos e aprofundar as suas particularidades. Fornecendo respostas e conjuntos de dados relativos à morfologia dos terrenos, à exploração humana dos espaços naturais e respetivos recursos, bem como às transformações operadas no território, a disciplina aproxima-nos das realidades do passado, ajudando-nos a interpretar a paisagem como um todo. No estudo

---

<sup>96</sup> Consultar Capítulo 4, alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.

<sup>97</sup> Consultar Capítulo 5, alínea 5.3.3. Ain-Chems.

<sup>98</sup> Consultar Capítulo 5, alínea 5.3.2. Jarda.



da paisagem e respetivos componentes, Yassir Benhima (2008: 57) sublinha a necessidade de se proceder a essa leitura a vários níveis, de modo a revelar a complexidade do fenómeno de ancoragem territorial:

Il convient bien entendu de souligner que l'étude des différents marqueurs spatiaux, qui manifestent l'ancrage territorial d'un groupe humain, sollicite une lecture à plusieurs niveaux, susceptible de refléter la complexité du phénomène grâce à une variation de l'échelle de l'analyse spatiale.

Tal como as serras, os outeiros, os vales e os campos já apresentados, estes sinalizadores do território detiveram uma importância fulcral, auxiliando-nos durante as prospeções e fornecendo dados suficientes para os locais que nos propusemos estudar.

Na tabela seguinte apresentam-se alguns marcadores da paisagem identificados ao longo da crónica de Zurara, nas respetivas passagens relativas às aldeias seleccionadas para este estudo.

Tabela 39. Atalaias

<b>Marcador</b>	<b>Aldeia</b>	<b>Crónica Zurara</b>
<b>Atallayas</b> (atalaias)	Anexamez	E como foy noite mandou partyr a gãe de pee cõ certos de cauallo per a sua guarda, dizẽdo que o fossẽ sperar acerca dos vallos dAnexamez. E tãto que foy mea noite partyrõ cõ a outra gãe de cauallo. Os quaaes tãto que forã cõ os outros seguyram seu caminho de guisa que ante menhaã se lãçarõ em cillada em huũ soueral aallẽ dAnexamez, donde mandou poer suas atallayas sobre ssy assy de huũ parte como da outra.  (ll.26-37, pág.146)
	Benambroz	E sseguindo seu camjnho chegarom a Benãbroz que he huũ legoa do lugar, e dally oolhou dom Duarte se auerya uista de suas scuitas, e por que nõ acudyrã de nehũ parte pensou que podyã seer mais adyante. E desy seguyo seu camjnho ataa que lhe parecyã que teeryã ja andada huũ boa legoa, e por que lhe a terra parecyã boa folgaua dauer dela conhecymẽto. E desy aquelles fidalgos e boos hommeẽs que deseiauom sayr assy por ueer terra que nuca uyram como por cuydarẽque poderyã achar algũã gente de seus contraryos cõ que podessẽauer pelleia. E parece que as scuitas ficauõ naquele lugar onde eles firmauõ seer legoa aa maaõ esquerda ã huũ mato contra a sserra, e a ssua atallaya quando assy uyo yr os de cauallo fez conta que auisarya seus parceyros quando tomassem pera se yrẽtodos camjnho da uilla.  (l.88, pág. 95 – l.10, pág. 96)

Tabela 40. Valos

<b>Marcador</b>	<b>Aldeia</b>	<b>Crónica Zurara</b>
<b>Uallos</b> (valos)	Anexamez	Ca seendo elles aos uallos dAnexamez ãassomando por huũ lõba seãdo ja de noite vyrã ãte ssy .xvij. almogauares mouros.

		(ll.3-6, pág. 146)
		<p>E como foy noite mandou partyr a gãte de pee cõ certos de cauallo per a sua guarda, dizẽlo que o fossẽ sperar acerca dos vallos dAnexamez. E tãto que foy mea noite partyrõ cõ a outra gãte de cauallo. Os quaaes tãto que forã cõ os outros seguyram seu caminho de guisa que ante menhaã se lâçarõ em cillada em huũ soueral aallẽ dAnexamez, donde mandou poer suas atallayas sobre ssy assy de hũã parte como da outra.</p> <p>(ll.26-37, pág.146)</p>

Tabela 41. Espaços sagrados

<b>Marcador</b>	<b>Aldeia</b>	<b>Crónica Zurara</b>
<b><i>Mizquita</i></b> (mesquita)	Anexamez	<p>E sseendo elles ja detras do lugar tam acerca que ouuyã o capellã rezar suas horas na mizquita e tãbẽo ladrido dos caães por que a noite ainda tijnha alguũspaço pera passar, mandou dõ Duarte a todos que se decessem pera filhar alguũrepouso ataa vĩjr o ssinal da menhaã.</p> <p>(ll.71-78, pág.125)</p>

Tabela 42. Marcadores geográficos

Marcador	Aldeia	Crónica Zurara
<b>Serras fragosas</b>	Anexamez e Ajarda	<p>E sãdo ja passada a fragosidade daquellas serras seãdo ja postos no caminho chaão, veo huũspiritu nouo em dõ Duarte segundo elle despois cõtou o qual lhe pareceo / que lhe dizya se tu aquy estas e tees Anexames tã preto como Ajarda onde ha mais e mjlor gãe per a quando guardaras a ida per alla, ca pode seer que quando estes sentyrãa entrada que fazes em seus uezinhos, que teerã boa rezõ per a se partyr dally e leixar o lugar, ca pois hã destas aldeas ha de ficar mjlor he que tu scolhas a mayor e mjlor. E rrequerido assy desta noua uoõtade fez chamar Mafomede. Sabes que pãey disse elle que pois aquy somos // [133v] que ante uaamos a Anexamez que a Ajarda cõtandolhe o que nello pensara, pregütando aaquelle mouro se o saberya la leuar, se uos eu pera hy nõ souber ecamjnhar disse o mouro nõ há lugar neesta terra a que uos eu leue.</p> <p>(ll.4-27, pág.125)</p>
<b>Decida</b> (descida)	Benambroz	<p>E aqui se saluaron as principaaes e mayores pessoas, spicialmãe aquelle uallente caualleyro Xarrate alcayde de Tãger outros nõ quiseram leixar o camynho em que estauã e tornaronse fogindo, outros tomarom pella mea ladeyra e foram seguidos ataa decida de Benãbroz, onde dõ Duarte mandou a todos que nõ seguisem mais auãte e que sse contentassãda mercee que lhe Deos fezera. (ll.84-95, pág. 91)</p>

## **5. O TERRITÓRIO DE ALCÁCER CEGUER**

### **5.1. Critérios de abordagem**

A presente investigação tem como principal objetivo colocar no mapa os sítios arqueológicos encontrados aquando das prospeções feitas no território de Ksar Sghir, com base nos dados providos por Zurara, procurando averiguar a exatidão das informações dadas pelo cronista.

Pretende-se obter uma aproximação à realidade da altura e trazer para os dias de hoje os locais ocupados pelos portugueses durante o respetivo período de dominação no Norte de Marrocos. Contudo, buscar-se-á conferir uma maior visibilidade a estes locais, colocando-os no cenário arqueológico atual, para que não sejam apenas uma herança lusa mais ou menos esquecida.

A campanha realizada em Junho de 2019 pautou-se por trabalhos de prospeção orientados para a localização de três sítios selecionados da crónica de Zurara – Ajarda, Anexamez e Canhete –, após a leitura do texto e o estudo das passagens que possuíam uma descrição mais completa, capaz de facilitar a sua posterior localização no território marroquino<sup>99</sup>.

Pretendeu-se, durante as saídas de campo, observar a paisagem, interpretar e compreender o meio e o contexto em que cada sítio arqueológico se localizava, além de comparar as observações e afirmações do cronista com a realidade e os possíveis vestígios arqueológicos que viessem a surgir.

Incluir-se-ão igualmente neste estudo os dados relativos à prospeção feita a Benambroz, cujos resultados se mostraram bastante surpreendentes e positivos, tal como também viria a suceder em 2019.

---

<sup>99</sup> Fizeram parte da equipa Helena Paula Abreu de Carvalho (Arqueóloga e Professora Auxiliar do Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho), Francisco Azevedo Mendes (Historiador e Professor Auxiliar do Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho), André Teixeira (Arqueólogo e Professor Auxiliar do Departamento de História, da Faculdade de Ciências Sociais e Humana, da Universidade Nova de Lisboa), Abdelatif El-Boudjaj (Curador do Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir), e entre os quais me encontrava. À equipa vieram ainda a juntar-se dois elementos marroquinos, o Sr. Bilal e o Sr. Tawfik Kalifa, que fomos encontrar no terreno e que logo se prontificaram a acompanhar-nos, tendo sido de grande ajuda, nomeadamente na identificação de vários sítios, aldeias e pontos de referência que foram surgindo na paisagem.

## **5.2. Trabalho de gabinete**

### **5.2.1. 1ª fase**

Numa primeira fase do trabalho de gabinete, procurou-se fazer constantes leituras da crónica de Zurara, confrontando-se os escritos do cronista com as informações fornecidas por Robert Ricard, na obra *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*.

Foi feita uma listagem de todos os topónimos relativos a povoados, aldeias e vilas referidos na obra de Zurara que dissessem respeito ao território de Ksar Sghir. De seguida, analisaram-se as passagens relativas a cada topónimo, de modo a perceber-se o potencial das informações que forneciam.

Após a análise de todas as passagens, selecionou-se uma amostra dos topónimos que encerravam uma descrição mais completa e que facilitassem as futuras abordagens no terreno, assim como a compreensão de cada local.

Posto isto, elaborou-se uma tabela com os seguintes topónimos: *Anexamez*, *Benambroz*, *Canhete*, *Ajarda* e *Ramel/Ramelle*. A tabela<sup>100</sup> encontra-se dividida em cinco colunas – *Tipo*, *Topónimo*, *Crónica Zurara*, *Robert Ricard*, *Comentários* –, que se completaram com o auxílio da crónica. Já numa fase posterior do estudo, preencheu-se a coluna *Comentários* com as respetivas observações, notas e resultados que se obtiveram das saídas de campo.

Analisadas as passagens e descrições dadas pelo cronista, selecionaram-se os primeiros topónimos para se proceder às respetivas prospeções – *Anexamez*, *Ajarda* e *Canhete*.

De todos os topónimos da crónica do Conde D. Duarte de Meneses, os de *Ajarda*, *Anexamez* e *Canhete* foram confirmados aquando das prospeções realizadas, assim como o topónimo de *Benambroz*. Relativamente aos restantes, por questões burocráticas, de cessação do período de vigência da campanha, e devido à pandemia do SARS-COVID 19, não foi, até esta data, possível regressar ao local e abordá-los. No entanto, os resultados da campanha – abaixo apresentados –, foram muito positivos, demonstrando o grande potencial arqueológico do Norte de Marrocos.

### **5.2.2. 2ª fase**

Numa segunda fase dos trabalhos, feitas as prospeções, procedeu-se ao tratamento do material recolhido, em gabinete.

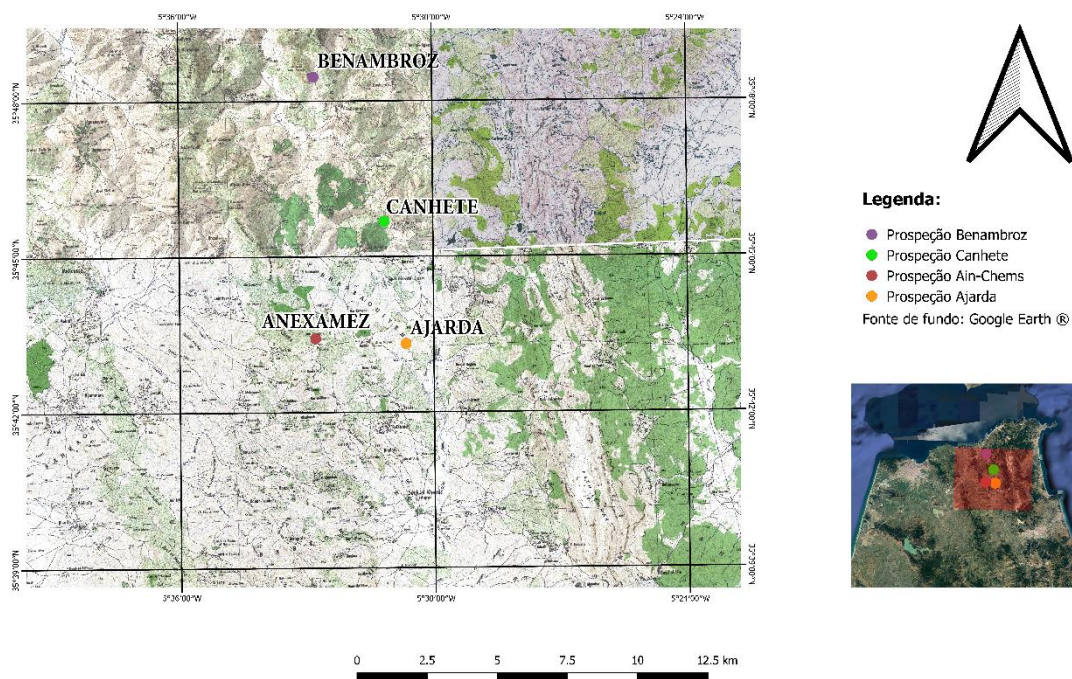
---

<sup>100</sup> Consultar a tabela no Capítulo 4., alínea 4.2.3. Povoamento.

A cartografia geral utilizada na campanha encontrava-se toda à escala 1:50.000, incluindo as Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d (Anexo 1), Carte du Maroc. 1:50.000. Sebta. Feuille NI-30-XIX-4c (Anexo 1), Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b (Anexo 1) e Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a (Anexo 1); no entanto apenas as de Ksar Sghir e de Melloussa incluíam os três locais de prospeção.

As atividades de georreferenciação e tratamento da informação, com recurso à ferramenta informática Quantum GIS, e de prospeção realizadas em terreno marroquino foram imprescindíveis para se relocalizarem os sítios arqueológicos referidos por Zurara.

Estabeleceu-se então um mosaico com as quatro cartas militares no Quantum GIS e elaborou-se um mapa com os respetivos sítios prospetados (Mapa 8), devidamente georreferenciados.



Mapa 9. Localização dos sítios identificados. Com base nas seguintes cartas: Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b; e Carte du Maroc – 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX3d.

Em gabinete, foram preenchidas as fichas de prospeção de cada local, nas quais surgem descritos, localizados e interpretados os dois sítios arqueológicos de Jarda e Ain-Chems.

### **5.3. Trabalhos de prospeção arqueológica**

Um exemplo bastante positivo deste tipo de abordagem ao território – que de seguida se apresentará – pode ser ilustrado com o caso inédito da aldeia de Benambroz. No decurso de uma prospeção feita em 2017, a identificação deste sítio arqueológico, inédito, revelou as possibilidades extraordinárias da metodologia iniciada no âmbito deste projecto.

No ano de 2019, realizaram-se prospeções às aldeias de Jarda e Ain-Chems e ainda ao sítio de Canhete.

O sucesso das prospeções de Benambroz, Jarda e Ain-Chems deveu-se à excelente conservação dos vestígios arqueológicos e a um conjunto extraordinário de informação completamente inexplorada e inédita que o território do Norte de Marrocos nos pode proporcionar. As passagens da obra de Zurara funcionaram como valiosas pistas, num território que era então desconhecido para a equipa.

Procedeu-se ao registo das áreas prospectadas, fotografando-se a paisagem, os elementos mais significativos do território e dos possíveis sítios arqueológicos, ao mesmo tempo que, em certos locais, se tiravam pontos GPS dos locais que representavam um maior interesse para a compreensão do território e das ligações que pudessem existir com as descrições espaciais de Zurara.

Os materiais recolhidos à superfície, na maioria fragmentos de cerâmica, foram analisados e encontram-se depositados no *Centre d' Interpretation du Patrimoine de Ksar Sghir*.

Um dos grandes obstáculos nesta etapa da investigação foi, sem dúvida, a língua. A dificuldade de comunicação direta com as populações das aldeias foi algo que se evidenciou, já que era extremamente necessário fazer perguntas acerca do território e dos espaços, da toponímia, da paisagem, da nomenclatura de cada local, das estruturas, etc.

Contudo, contamos com a ajuda do Abdelatif El-Boudjay, o responsável pelo *Centre d' Interpretation du Patrimoine de Ksar Sghir*, que nos acompanhou em todas as saídas, e que intervinha junto dos habitantes das povoações em momentos em que se falava unicamente o árabe. Tivemos ainda o apoio do Sr. Bilal e do Sr. Tawfik Kalifa, que se juntaram à equipa no decorrer das prospeções e nos foram auxiliando durante as trajetórias que percorremos.

Durante o estudo sempre se teve noção das limitações que tal trabalho iria provavelmente enfrentar, no entanto, entendemos que o deveríamos desenvolver até ao fim. A língua, especialmente o árabe, o tempo de vigência do projeto e o facto de não estarmos a trabalhar em



território português foram os maiores entraves que sentimos à investigação, mas ainda assim, o trabalho foi levado a cabo.

A obra de Zurara legou-nos uma imensidão de topónimos e de dados. De todos os topónimos, foram seleccionados aqueles que eventualmente teríamos tempo de abordar e aprofundar, como Anexamez, Ajarda, Benambroz, Canhete e Ramel/Ramelle. No entanto, por questões burocráticas e de cessação do período de vigência da campanha, não foi possível abordá-los a todos, tendo-nos então restringido aos sítios de Anexamez, Ajarda e Canhete.

### 5.3.1. Benambroz

A situação a desenvolver no presente subcapítulo havia já sido ensaiada em 2017 pela equipa atrás referida, aquando da descoberta inédita do sítio arqueológico de Benambroz. A equipa pretendia estudar a relação existente entre a paisagem urbana e rural, através do cruzamento de vestígios arqueológicos e fontes históricas, juntamente com dados paleoambientais (Carvalho, *et al.*, no prelo).

Carvalho (2017: 2) alude aos trabalhos então realizados do seguinte modo:

La mission 2017 a défini une fenêtre d'étude dans le territoire entourant le site de Ksar Seghir pour commencer le travail de cartographie et de prospections archéologiques et évaluer le potentiel des sources historiques.

On a concentré nos efforts dans une fenêtre d'étude avec une surface d'environ 5 à 8 km autour du site de Ksar Seghir. En même temps, la bibliographie la plus importante sur le territoire et l'inventaire de la cartographie disponible ont été organisés.



Mapa 10. Implantação de sítios arqueológicos na plataforma Google Earth (Carvalho, 2017) a partir dos dados de Baraka Raissouni et al 2015. O sítio arqueológico de Benambroz assinala-se a vermelho

A missão de 2017 centrou-se em três aspetos fundamentais: cartografia; análise de fontes históricas, e trabalhos de prospeção arqueológica – a mesma metodologia que seria igualmente adotada nas prospeções de 2019.

Este conjunto de trabalhos levou à identificação do sítio de Benambroz onde foi feita uma primeira prospeção da área. Reconheceram-se na zona estruturas de vigilância (uma atalaia) associadas a um conjunto de plataformas delimitadas por taludes, nas quais se detetaram alinhamentos de

muros e outras estruturas difíceis de caracterizar, assim como abundantes fragmentos de cerâmica doméstica (Carvalho, *et al.*, no prelo). O sítio possui um excelente posicionamento topográfico na paisagem, o que lhe confere uma enorme visibilidade e controle sobre toda a região envolvente, o mar e a linha de costa onde se encontra Alcácer Ceguer.

Os resultados positivos acabaram por dar força à prossecução das investigações, motivando a aplicação desta mesma metodologia aos três sítios arqueológicos referidos no capítulo anterior.

### **5.3.2. Jarda**

Seguindo as orientações das cartas militares, ao chegar à aldeia de Souk el-Khemis seguiu-se em direção à aldeia de Jarda, até se chegar a um caminho de pé posto através do qual se sobe uma das vertentes do monte onde se encontra implantada a povoação de Jarda.

Localizada na Carte du Maroc – 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b (Anexo 1), pertencente à região de Anjara, é atualmente um povoado rural que conta com uma mesquita e algumas habitações simples, revelando um povoamento disperso pelas colinas.

A paisagem apresenta alguns afloramentos rochosos, podendo-se observar uma geologia metamórfica, e é envolvida por cadeias montanhosas e pontuada por montes e encostas suaves nas zonas de implantação humana. Apresenta uma vegetação de tipo herbáceo, arbustivo e arbóreo, observando-se um verde residual lado a lado com espaços e plataformas mais secas. Encontram-se pelo terreno numerosos pontos de captação de água destinados às populações locais, demonstrando uma quantidade suficiente de recursos hídricos, apesar da paisagem de cariz mais árido. Observaram-se, ainda, zonas de cultivo e de criação de gado.

Identificou-se ao longo da subida da vertente uma grande quantidade de pedras soltas. Na parte mais alta da elevação – possível localização do sítio de Jarda<sup>101</sup>, como referido pelo cronista – encontram-se os alicerces e restos de vestígios de uma estrutura retangular de consideráveis dimensões, possivelmente um posto militar moderno/contemporâneo<sup>102</sup>. A zona onde se localiza apresenta uma grande visibilidade para todo o vale e envolvente, demonstrando o forte interesse geoestratégico do sítio, o que poderá justificar o posto militar erigido no seu topo. Desta altura é possível avistar Ain-Chems, além de outros assentamentos e aldeias da região.

---

<sup>101</sup> Consultar o topónimo *Ajarda*, na tabela do Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.

<sup>102</sup> Consultar, no catálogo, a entrada número 012, Jarda I. O local é identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos* como «Yac.199. Mhalla» (Bernal, *et al.*, 2015: 396).

Foram recolhidos, de modo muito pontual, alguns fragmentos cerâmicos<sup>103</sup> que iam surgindo, tanto na subida como na descida, e que revelaram ser uma peça-chave na identificação do sítio, pois evidenciavam algum tipo de ocupação pretérita daquele local<sup>104</sup>. Em Jarda, há ainda registo da descoberta de uma inscrição líbico-latina<sup>105</sup> em 1930, bilingue, de médias dimensões e forma retangular.

### 5.3.3. Ain-Chems

Igualmente na Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b, (Anexo 1), surge Ain-Chems – a possível Anexamez<sup>106</sup> de Zurara. Localizada numa plataforma no fundo de um vale, evidencia os recursos hídricos como uma constante, dada a existência de vários poços e de pequenos ribeiros, o que justifica a vegetação frondosa e tão abundante da zona.

Logo à primeira vista, em Ain-Chems, identificaram-se largas e médias plataformas de coberto vegetal, sendo a paisagem percorrida por longos terraços e espaços verdes, com predominância de vegetação arbórea e herbácea. As zonas de cultivo e de criação de gado são constantes, o que confirma a veracidade das referências de Zurara a hortas e pomares, bem representados pelas inúmeras árvores de fruto que surgem ao longo da aldeia.

Em Ain-Chems encontrou-se<sup>107</sup> a estrutura de um muro, uma canalização antiga<sup>108</sup> e possíveis vestígios de uma antiga mesquita<sup>109</sup> na raiz de uma árvore de grande porte. As estruturas achavam-se num estado de conservação degradado, parte delas em ruína, apenas a canalização se encontrando em bom estado. Todas se situavam no meio de um terreno de cultivo, passando despercebidas na vegetação.

---

<sup>103</sup> Consultar, no catálogo, a entrada número 045., Jarda II.

<sup>104</sup> Recolhendo-se um total de 18 fragmentos de possíveis bordos, panças, bases, eventualmente peças de cerâmica comum a torno e outros exemplares com vidrados, de coloração alaranjada, avermelhada, bege e branca. Surge registada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos*, nomeadamente no achado isolado «H.A.59.Jarda III» (Bernal, *et al.*, 2015: 447), a referência a duas asas de cerâmica comum, ambas de jarras, com uma cronologia medieval/moderna, o que, juntamente com os dados da prospeção feita a Jarda, indica que houve efetivamente povoamento desta zona na época medieval ou na época moderna, confirmando em parte as ilações de Zurara.

<sup>105</sup> Atualmente, a epigrafe está em exposição no *Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir*. A mesma inscrição encontra-se inventariada por Maria José Estarán Tolosa em *Epigrafía bilingüe del Occidente Romano: El latín y las lenguas locales en las inscripciones bilingües y mixtas*, 2016: 435-438.

<sup>106</sup> Consultar, no catálogo, a entrada número 001, Anexamez.

<sup>107</sup> Consultar o topónimo *Anexamez* no Capítulo 4., alínea 4.2.3.2 Povoados em zona de vale.

<sup>108</sup> Na qual ainda hoje passa um córrego de água.

<sup>109</sup> Localizada ao lado da atual mesquita da aldeia.

#### **5.3.4. Canhete**

Relativamente a Canhete, durante a prospeção, realizada a 2 de julho de 2019, a equipa conseguiu identificar o sítio correspondente ao topónimo, localizado na beira da estrada e onde, ainda hoje, existe uma fonte de água.

Possivelmente, se tivesse havido a oportunidade de regressarmos ao local e de aprofundarmos o estudo deste topónimo, durante um período de tempo mais alargado e numa outra época do ano, ter-se-ia apostado numa prospeção mais intensiva nas vertentes mais próximas de Canhete, de maneira a se encontrar as casas mencionadas pelo cronista na obra. A brevidade da campanha de 2019 e a atual pandemia que vivemos, desde 2020, não nos permitiu desenvolver o seu estudo.

#### 5.4. Análise dos resultados

Após as prospeções de 2017 e 2019, analisaram-se e interpretaram-se a fundo os dados extraídos do terreno e da paisagem. Em simultâneo, cruzaram-se essas evidências físicas de cada local com os relatos de Zurara relativamente às aldeias de Benambroz, de Ajarda e de Anexamez.

Na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses* há menção a uma aldeia denominada 'Benambroz', localizada algures na Terra da Mazmuda: "hũa aldeã que se chamaua Benãbroz onde era a cabeceyra da terra da Mazmuda" (2007: 94). Fruto dos estudos e da prospeção realizada conseguiu-se constatar que, nos dias de hoje, o topónimo ainda existe no local (Carvalho, 2017), e que a Benambroz de Zurara existira realmente.

O cronista (2007: 95-96) refere também a existência de uma atalaia nesta mesma povoação:

E sseguinto seu camjnho chegarom a Benãbroz que he hũa legoa do lugar, e dally oolhou dom Duarte se auerya uista de suas scuitas, e por que nõ acudyrã de nehũa parte pensou que podyã seer mais adyante. E desy seguyo seu camjnho ataa que lhe parecyã que teeryã ja andada hũa boa legoa, e por que lhe a terra parecyã boa folgaua dauer dela conhecymẽto. E desy aquelles fidalgos e boos hommeẽs que deseiauom sayr assy por ueer terra que nuca uyram como por cuydarẽque poderyã achar algũa gente de seus contraryos cõ que podessẽ auer pelleia. E parece que as scuitas ficauõ naquele lugar onde eles firmauõ seer legoa aa maaõ esquerda ãhuũmato contra a sserra, e a ssua atallaya quando assy uyo yr os de cauallo fez conta que auisaryã seus parceyros quando tomassem pera se yrẽtodos camjnho da uilla.

A aldeia foi identificada num local de altitude considerável, o que fundamentaria a existência de um posto de vigia, neste caso sob a forma de uma atalaia, além de um sistema de defesa, como comprovado aquando da prospeção.

No que respeita a Jarda, a primeira referência desta povoação aparece numa menção de Zurara (2007: 124) a um mouro natural de uma aldeia conhecida como 'Ajarda': "Soube Mafomede como aquelle mouro era de hũa aldeã que estaua a tres legoas dAlcacer que se chamaua Ajarda.". Além desta breve alusão a um habitante da aldeia, Zurara coloca-a a cerca de três léguas de Alcácer Ceguer, o que permitiu estabelecer uma janela de trabalho que compreendesse essa mesma extensão.

O cronista (Zurara, 2007: 125) salienta a proximidade que existia entre a aldeia de Ajarda e a aldeia de Anexamez:

E sseẽdo ja passada a fragosidade daquellas serras seẽdo já postos no caminho chaõ, veo huũspiritu nouo em dô Duarte segundo elle despois cõtou o qual lhe pareceo que lhe dizya se tu aquy estas e tees Anexames tã preto como Ajarda onde ha mais e mjlhor gãe pera quando guardaras a ida per alla (...).

Esta proximidade talvez evidencie uma possível ligação entre ambas, o que nos poderá remeter para uma rede organizada de assentamentos humanos no interior de Ksar Sghir, ligando zonas de fundo de vale (Ain-Chems) a locais de maior altitude (Jarda). Pelas descrições do cronista, ambas estariam em pontos chave, tendo um papel relativamente importante no controlo do território.

Zurara (2007: 125) destaca o cariz montanhoso da região, descrevendo “a fragosidade daquellas serras” que o conde D. Duarte e os portugueses haviam percorrido na travessia para Ajarda. Pela descrição do cronista, a povoação encontrar-se-ia num cenário de grandes altitudes. Durante a deslocação à atual aldeia de Jarda, foi possível constatar o relevo acidentado que cerca toda a zona, encontrando-se a aldeia rodeada por montes, serras e planícies.

Os dados recolhidos durante a intervenção, as inúmeras cerâmicas exumadas e os indícios de uma estrutura militar encontrados numa das zonas mais altas da aldeia ofereceram a segurança suficiente para se considerar que a aldeia referida por Zurara e a zona prospetada correspondem ao mesmo local.

Não há referências em Zurara a atalaias ou a outros tipos de dispositivos defensivos em Ajarda, apesar de a aldeia se encontrar posicionada num local estratégico e dos vestígios encontrados de uma estrutura militar.

Quanto a Anexamez, Zurara dedica-lhe algumas linhas, salientando espaços e estruturas que foram sendo identificadas no terreno. As zonas de cultivo e de criação de gado são uma constante no povoado, além de inúmeras árvores de fruto, o que é confirmado pelas referências de Zurara a hortas e pomares (2007: 125-126): “E jsto principalmẽte era por que no lugar auya muytas ortas de que todo estaua cercado...”; “como a nossa gãe era pouca ãcõperaçom da grandeza do lugar e desy as ortas e pomares que estauã pegados nas casas...”.

Zurara (2007: 125) menciona, inclusive, uma mesquita que existiria na aldeia de Anexamez:

E ssendo elles ja detras do lugar tam acerca que ouuyã o capellã rezar suas horas na mizquita e tãbẽo ladrido dos caães por que a noite ainda tijnha alguũ spaço pera passar, mandou dõ Duarte a todos que se decessem pera filhar alguũrepouso ataa vïjr o ssinal da menhaã.

Hoje em dia, em qualquer povoação e vila de Marrocos se encontra uma mesquita, um elemento muito típico do povoamento marroquino, a ela acorrendo os seus habitantes nos momentos de oração. Na prospeção a Ain-Chems, além das ruínas de uma antiga mesquita, durante a descida pela aldeia fomos ao encontro de uma mesquita mais moderna.

Os elementos confirmados no local, assim como a estrutura do muro, de uma canalização antiga e dos vestígios da antiga mesquita, deram provas suficientes de que as descrições do cronista e a zona onde decorreram os trabalhos em muito se assemelham e certamente corresponderão à Anexamez de Zurara.

Através das fotografias tiradas nas três aldeias pôde-se tecer algumas considerações acerca do território, estabelecendo-se uma espécie de mosaico relativo à paisagem envolvente. Esta interpretação foi feita com base naquilo que se observou, ao pormenor, no terreno, tendo-se colocado toda a diligência em não perder aspetos e detalhes que fossem fundamentais para a compreensão do território.

Identificamos extensas cadeias montanhosas, planícies, colinas e vales em torno da aldeia de Jarda e de Benambroz. No caso de Ain-Chems, a sua localização em fundo de vale relega a povoação para um ambiente completamente distinto daquele que observamos em Jarda.

As planícies áridas do topo da montanha dão lugar a largos terraços e espaços verdes, com um coberto vegetal bastante denso e abundante. O arvoredado destaca-se por toda a extensão da aldeia de Ain-Chems, evidenciando um maior acesso a recursos hídricos e a terrenos mais propícios ao cultivo e plantação de espécies diversas.

Por sua vez, Benambroz, localizada numa zona bastante elevada e de grande visibilidade sobre o território – tal como Jarda –, conjuga características de um relevo de altura com uma paisagem muito semelhante à de Anexamez, estando localizada numa área com bastante vegetação.





Figura 1. Planícies secas do território de Jarra



Figura 2. Coberto vegetal predominante na paisagem de Jarda



Figura 3. Paisagem de fundo de vale de Ain-Chems



Figura 5. Paisagem de Ain-Chems



Figura 4. Perspetiva do topo do sítio de Benambroz. Fotografia H. Carvalho

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A encerrar esta dissertação podemos concluir que o Norte de Marrocos é uma autêntica pradaria recheada dos mais encantadores mistérios, os quais guardam memórias de uma época bem lembrada nos livros de historiadores coevos, mas também em parte esquecida e oculta dos olhares cansados daqueles que povoam as zonas mais recônditas e escondidas deste país tão rico e fascinante.

Os dois objetivos fulcrais desta dissertação foram, em parte, a investigação da paisagem e território marroquinos e a análise e interpretação dos dados recolhidos no terreno, tendo por principal base a crónica de Zurara. Procurou-se, com os olhos postos em ambos os objetivos estabelecidos, determinar a influência portuguesa na paisagem magrebina e demonstrar a veracidade e acuidade das descrições do cronista durante o período da Expansão Portuguesa, tendo como pano de fundo o território de Ksar Sghir.

A escolha da área de estudo em questão prendeu-se com o pendor e o âmago da obra de Gomes Eanes de Zurara, *A Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, que se desenrola no cenário de conquista e tomada de Ksar Sghir aos muçulmanos do Norte de África, e de escaramuças entre os cristãos e os infiéis. As tão rebuscadas, esmeradas e preciosas narrações de Zurara, nas quais o cronista vai traçando um esboço das realidades vividas nesta parte do Magrebe, num período histórico tão importante para os conquistadores lusos, foram de fundamental importância para o desenvolvimento desta investigação, assim como para o seu posterior sucesso.

A escolha de Ksar Sghir prendeu-se ainda com a necessidade de alargamento do estudo de contextos norte-marroquinos durante a ocupação portuguesa, zona que comporta material importantíssimo para a compreensão deste período histórico, o qual, pela ampla pluralidade de achados, poderá vir a ser investigado pelas mais variadas áreas científicas. Até hoje, o número de publicações e dissertações de Mestrado focadas no Marrocos setentrional tem vindo a aumentar, à medida que o interesse académico por esta zona tem registado forte incremento. Com este trabalho e investigações futuras, espera-se que esta área geográfica beneficie de abordagens que possam contribuir para o aumento do seu prestígio e da sua capacidade de nos dar respostas a tudo aquilo que hoje não passa de mera interrogação.

O território e paisagem do Norte de Marrocos ensinam-nos que, afinal, este país não é assim tão diferente do nosso. Os relevos proeminentes, a densa vegetação, os padrões de povoamento, o

clima, em muito se parecem com os portugueses. Marrocos é um país de contrastes, e no Norte observam-se diferenças muito interessantes.

Do ponto de vista da ordenação espacial, durante as visitas de prospeção às aldeias do interior conseguiu-se observar uma clara distinção entre espaços e zonas, com diferenças muito consideráveis. Os contrastes sentem-se, em especial, descendo dos picos e dos grandes planaltos que povoam as cadeias montanhosas, consoante nos vamos deslocando até ao fundo dos vales.

O poeta seiscentista português D. Tomás de Noronha, mais um dos aristocratas lusos que tiveram oportunidade de permanecer algum tempo em território próximo de Marrocos, e que aí redigiu vários dos seus poemas, refere esse relevo acidentado num dos seus romances ao apelidar-se jocosamente como um *rodavales*, que nas escaramuças contra os árabes foge ingloriamente monte abaixo (Noronha, 2017: 672)<sup>110</sup>:

*Vindo o Autor de Ceuta.*

Romance

Eu vim agora de Ceuta  
E fiz façanhas notáveis,  
Quando em valentias não,  
Ao menos em disparates.  
Por fugir um dia aos Mouros,  
Que ainda estavam em Alcácer,  
Fui rodando um vale abaixo  
Por um espaço mui grande.  
Assim que nesta ocasião  
Posso afirmar com verdade,  
Que se não fui Rodamonte,  
Fui ao menos rodavales.  
Mil vezes o Capitão  
Me pediu o aconselhasse,  
Estando o Alcaide no campo,  
Se iria buscar o Alcaide.  
Eu sempre lhe disse nones,  
Assim, que nestes debates  
Fui sempre dos doze nones,  
Se não fui dos doze Pares.  
Se não fui Cid Rui Dias  
Vigiando em baluarte,  
Fui logo Cid ruins noites,  
Pelas passar, quais Deus sabe.  
Se não fui Lopo Barriga

---

<sup>110</sup> Explicações das referências históricas contidas no poema podem achar-se na edição interpretativa que dele faz Barros (2008: 447-448), igualmente a partir do testemunho único publicado na *Fénix Renascida*.

Em um e em outro alcance,  
Fui logo Lope de Costas,  
Que nunca me pus diante.  
Espero que os do Conselho  
Hoje tão propícios ache  
Que sem servir quarenta anos  
Com duzentos me despachem.  
Determino ir à Corte  
E ver a el-Rei, que Deus guarde,  
Que o que fiz sobre um cavalo  
Sobre um asno se me pague.

Assiste-se, nas zonas de altura e perto dos picos rochosos, a vastas planícies secas (apesar dos vários pontos de captação de água que se vão encontrando pelo caminho), onde o povoamento apresenta uma certa dispersão e se vai espalhando pelas encostas e colinas suaves. Por aqui, encontramos todo o tipo de vegetação – arbórea, herbácea, arbustiva –, apesar de abundarem os arbustos e de pontualmente surgirem alguns exemplares de árvores de copa média-larga.

No caso específico dos locais implantados em altos relevos, a propensão para se construírem atalaias, que tirassem partido da vasta visibilidade que exerciam sobre o entorno, fazendo-se um estudo ainda mais focado no tema, muito possivelmente atingirá uma percentagem interessante nos dados, como sucedera no caso de Jarda e Benambroz, aquando das respetivas prospeções. Gomes Eanes de Zurara mencionou que nos locais mais altos havia sempre vigias e atalaias, que serviam como dispositivo de proteção e de segurança, assumindo funções de controlo sobre os arredores e a linha de horizonte.

Em contraposição, ao descer até ao fundo dos vales marroquinos e ao sopé das montanhas, verificamos que o verde da paisagem compõe um agradável quadro, no qual o azul do céu rivaliza com a densa vegetação e os fartos recursos hídricos, que tanta personalidade conferem a estes espaços. Aqui observamos, essencialmente, aldeias de povoamento concentrado – apesar de em certos momentos se registarem algumas habitações dispersas – e espaçosos campos agrícolas, ricamente decorados com culturas e árvores de fruto, que se espalham por toda a extensão das aldeias. Em plataformas verdes podemos acompanhar as árvores e a rede hidrográfica que dão vida a estas zonas.

Cada aldeia tem direito à sua mesquita, o que demonstra quão arreigados se encontram os valores religiosos nas populações do interior, o que prevalece até aos dias de hoje. A realidade atual continua, pois, a dar razão a Zurara, que nos fala sempre de uma mesquita em cada aldeia que deixou eternizada na crónica.

A pastorícia e a agricultura são atividades essenciais, muito presentes em ambos os tipos de paisagem – sendo estas, na maior parte das vezes, as formas de subsistência das populações.

Zurara sublinha em toda a sua obra esta riqueza imensa do Norte de Marrocos, e melhor do que ninguém, na época, deixou nota de cada singelo pormenor destas paisagens do interior e do litoral do país. São recorrentes as passagens em que o cronista nos fala dos pomares, dos animais, das culturas, das casas e estruturas que concedem um ar tão especial a estes locais. Fala-nos das suas gentes, marroquinos aguerridos, mas também humildes e pacíficos. Em alguns casos, fala-nos de sistemas de proteção à volta das próprias povoações, de modo a protegerem os seus habitantes de eventuais incursões indesejadas. Os animais são constantemente mencionados ao longo dos vários fólhos da crónica, fazendo-se sempre referência ao momento em que os portugueses, além de saquearem as aldeias, traziam consigo algumas cabeças de gado.

Zurara regista, ainda, a interação que se vai estabelecendo entre aldeias de vários pontos da região. A ligação de todas elas com Ksar Sghir não é totalmente clara, apesar de possivelmente constituir uma realidade da altura, já que a comunicação entre diferentes assentamentos seria bastante possível, dada a proximidade entre aldeias e regiões, estando umas na mira das outras. O cronista menciona vastamente esta situação quando nos descreve a aldeia de *Anexamez* (possivelmente a atual Ain-Chems), que estabelecia contacto com aldeias dos arredores e funcionava como um centro de comércio, de encontro e de confraternização entre vários grupos da zona.

De facto, Ksar Sghir, na altura, deveria assumir um papel de grande importância no quadro da região, e pelos dados arqueológicos que nos oferece o Centre d' Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir, talvez houvesse uma forte interação entre este ponto e o seu meio envolvente.

Alguns dos topónimos apresentados pelo cronista guardam informações e certos aspetos que os tornam bastante valiosos. As correspondências entre as passagens da crónica e alguns elementos atuais conferem a estes topónimos alguma credibilidade.

A riqueza toponímica da região é evidente, apesar dos poucos estudos existentes. Num cenário futuro, conjugando os esforços de investigadores das mais variadas áreas, talvez se torne possível estudar de modo mais aprofundado cada uma destas variáveis.

O estabelecimento de saídas para o terreno – tendo sempre em atenção as dificuldades que tal acarreta –, focadas na procura e identificação destes topónimos, com o auxílio de profissionais fluentes em árabe, traria resultados muito positivos à investigação, dando-se novamente vida a cada um destes locais.

Hoje em dia, as aldeias, as serras, as estradas e os rios de Zurara encontram-se perdidos por entre a paisagem e as montanhas do Norte de Marrocos, o mote perfeito para desbravar estas terras e enriquecer ainda mais o conjunto de dados que já possuímos sobre Ksar Sghir.

Os dados recolhidos e compilados no *Catálogo Arqueológico de Ksar Sghir demonstram* a complexidade e a diacronia que percorreu cada um dos sítios inventariados. Temos ocupações desde a Pré-história até à contemporaneidade, passando por vários períodos decisivos para o rico registo arqueológico que o Norte de Marrocos nos oferece. Esta mistura de épocas, que se vão alternando em ocupações dos mesmos locais em cronologias distintas, garante um valor importantíssimo a cada local. Não falamos de breves ocupações com poucos achados, mas sim de longos períodos de permanência num sítio, dos quais resulta uma infinidade de achados que conferem uma personalidade muito forte a estes locais. Talvez a riqueza da obra de Zurara se funde no aglomerado de épocas e de tradições que vão firmando os alicerces de cada assentamento e lhe vão conferindo características tão específicas e próprias. Tal como refere Carvalho (2008: 422), a arqueologia não pode fazer-se sem encarar as formas, as estruturas. Nesta perspetiva, encarando estes locais talvez encontremos ainda mais do que aquilo de que estávamos à espera.

Procurou-se, ao longo do trabalho de investigação em Marrocos e da elaboração deste trabalho científico, ir comparando os dados compilados no catálogo do Anexo 2 com os topónimos recolhidos e inseridos nas tabelas toponímicas do quarto capítulo, e com as respetivas passagens da *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Desta forma, intentou-se fazer a compilação de uma amostra selecionada de sítios, relevos, vias de comunicação e figuras políticas referidos por Zurara, estudando-os e procurando na paisagem possíveis correspondências.

Os trabalhos de prospeção empreendidos durante a campanha realizada pelo projeto ESPANAFRI, no mês de junho de 2019, não só demonstraram o potencial arqueológico das vilas e aldeias do interior de Marrocos – que guardam no subsolo as respostas a muitas questões que vêm surgindo no seio da comunidade académica –, como nos sensibilizaram bastante para as realidades com que tivemos de lidar, estando num país estrangeiro com normas bastante distintas daquelas que se seguem nos países ocidentais.

Tendo em conta que qualquer tarefa de intervenção num terreno desconhecido aporta dificuldades, também na investigação aqui apresentada surgiram algumas contrariedades.

O primeiro entrave a este estudo foi, naturalmente, a língua. Marrocos – um país maioritariamente de língua árabe – não nos ofereceu facilidades linguísticas. O contacto foi sempre estabelecido em



francês e, por vezes, em espanhol, mas sentia-se a necessidade de falar com as populações do interior rural relativamente aos topónimos locais ou aos nomes das povoações atuais, e essa era uma tarefa quase impossível, pois teríamos sempre que nos fazer acompanhar de um nativo que abordasse os habitantes em nosso lugar. Contávamos, não obstante, com a ajuda do responsável pelo *Centre d' Interpretation du Patrimoine de Ksar Sghir*, Doutor Abdelatif El-Boudjay, que intervinha em momentos em que apenas o árabe era falado.

Em território português teria sido mais fácil e, talvez, mais rápida a conclusão das prospeções, pois não haveria esta barreira comunicativa. No entanto, para além dos esforços de toda a equipa, contámos ainda com os dois adjuvantes árabes que se juntaram a nós nas prospeções a Jarda e Ain-Chems, e que ajudaram bastante nesta questão; ou seja, procurou-se sempre tirar o máximo partido das capacidades e conhecimentos de cada um.

Enquanto estudante e investigadora que, na altura, não era fluente na língua árabe, tive desde o início a noção de que uma intervenção deste cariz no Norte de África acarretaria este problema, mas o conjunto da equipa estava determinado a esforçar-se ao máximo para compreender a realidade fossem em que língua fosse e a enfrentar as dificuldades que se avizinhassem, não deixando que interferissem na prossecução do estudo.

Pelo facto de a obra de Zurara acolher uma imensidão de topónimos e ostentar enorme riqueza de descrição territorial e paisagística, não foi possível fazer a prospeção de todos os topónimos inicialmente seleccionados, tendo-nos restringido aos de Anexamez, Ajarda e Canhete. Apesar desta limitação, pareceu-nos fundamental valorizar cada um e todo o tipo de dados que tínhamos em mãos, analisando sempre ao pormenor cada variável e prestando atenção a todas as evidências que nos iam surgindo, de modo a completarmos a tarefa com sucesso e obtermos bem mais do que aquilo de que estávamos à espera.

Constrangimentos e desafios são faces da mesma moeda, apenas convém que consigamos manter a disposição e a determinação para retirar o melhor que pudermos de cada um dos seus dois lados.

A prospeção anteriormente levada a cabo por outra equipa do projeto ESPANAFRI, em junho de 2017, com o propósito de localizar a aldeia de Benambroz – citada pelo cronista –, tendo conseguido resultados bastante positivos, foi uma mais valia para ambas as prospeções de 2019, deu-nos ânimo para seguir com a investigação, por um lado, e forneceu-nos dados e informação valiosa para compreendermos a espacialidade das ocupações na zona em questão, por outro.

Nesta investigação, e em campo, foi sempre nossa preocupação comparar os dados que tínhamos diante de nós, bem como as realidades atuais, com aquilo que Zurara menciona, deixando de parte juízos pessoais e procurando de todas as formas entrar na linha de pensamento do cronista e compreender cada elemento que surgia na paisagem e que coincidia com os seus escritos. As passagens da obra foram sempre as balizas que salvaguardaram as ilações que íamos tirando.

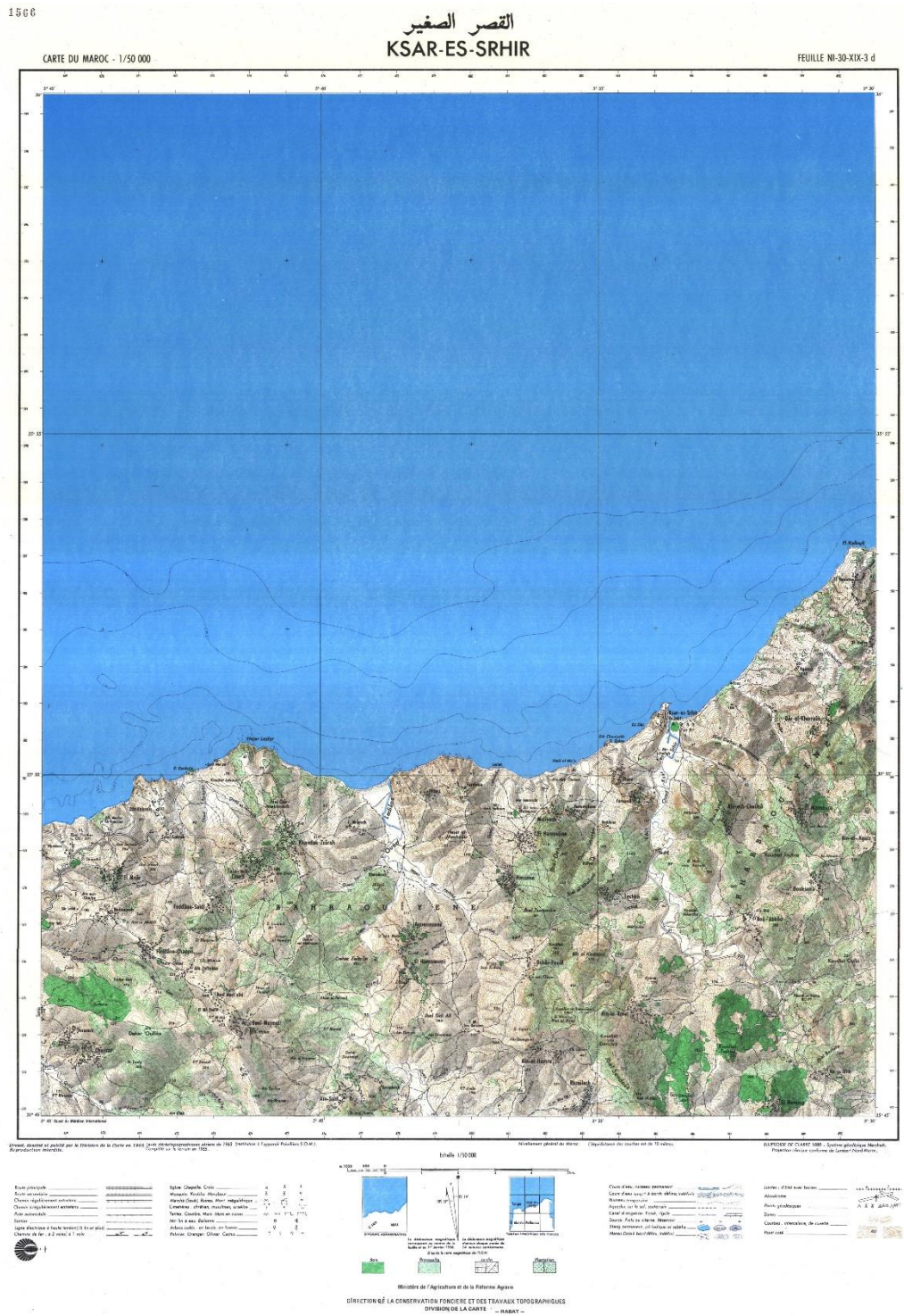
## **ANEXOS**

Anexo 1. Cartografía

Anexo 2. Catálogo

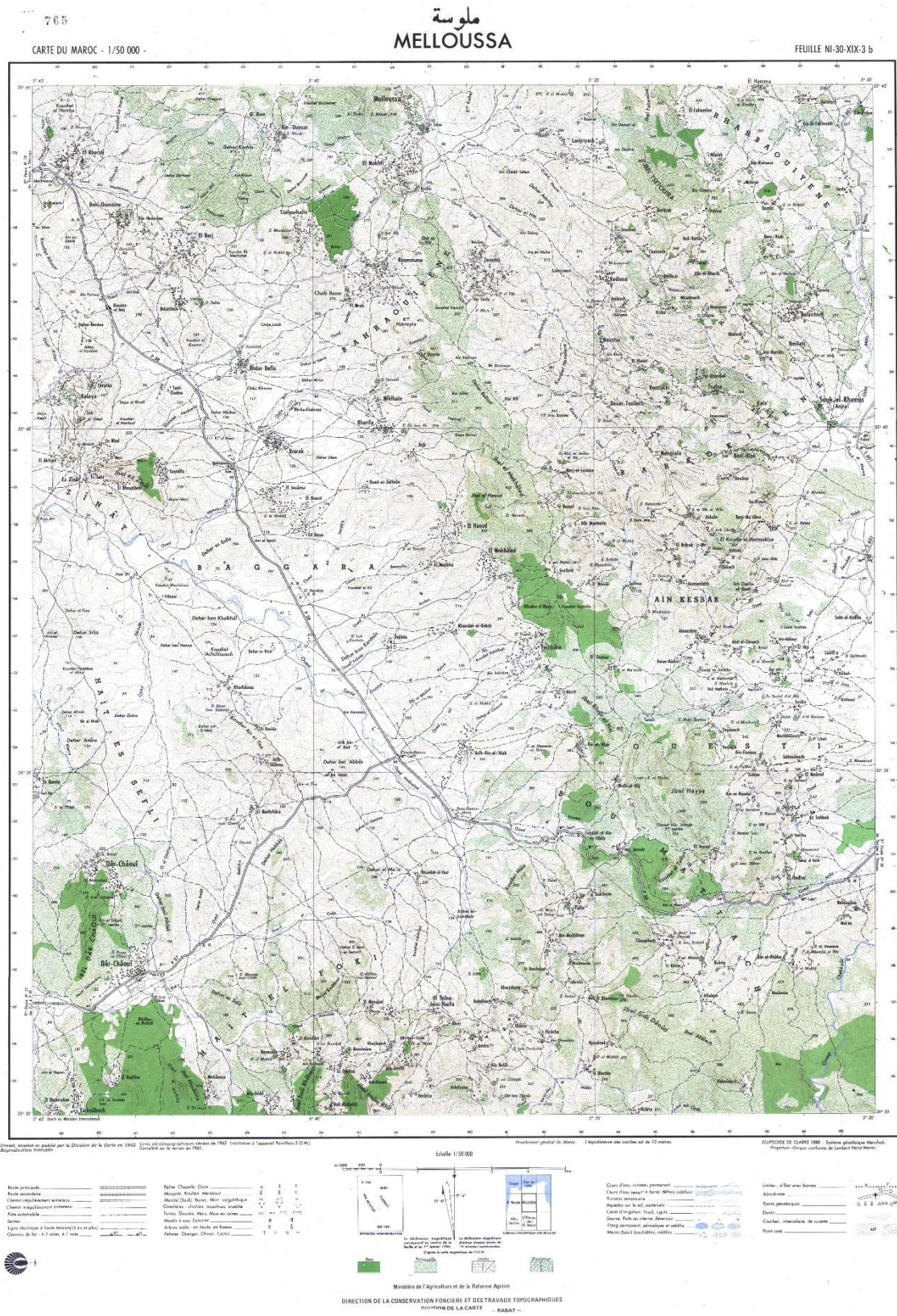
# Anexo 1. Cartografia disponível

## 1.1. Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

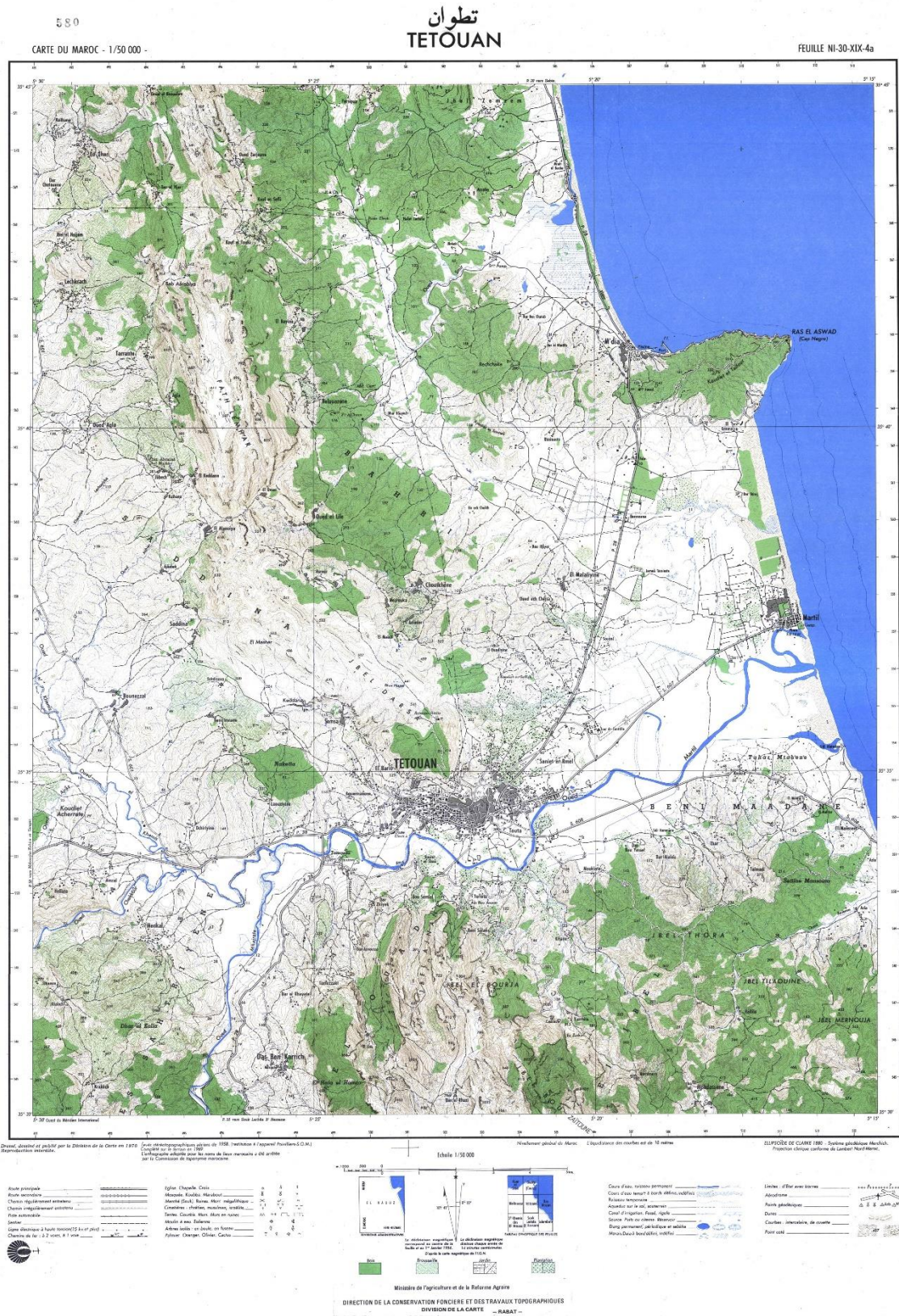




1.3. Carte du Maroc. 1:50.000, Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b



1.4. Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a



## Anexo 2. Catálogo

### Introdução

Este segundo anexo da dissertação de Mestrado, *O Olhar de Gomes anes de Zurara sobre o Norte de Marrocos: estudo da paisagem e território de Alcácer Ceguer (Ksar Sghir)*, sob a forma de um catálogo arqueológico, traduz os resultados obtidos durante a investigação levada a cabo, na região setentrional de Marrocos, com base em trabalhos de gabinete e saídas de campo, que resultaram em quatro prospeções – três no ano de 2019 e uma no ano de 2017 –, todas elas realizadas no âmbito do *Projeto ESPANAFRI, Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do “Algarve de Além-Mar” (séculos XV a XVII)*. Em suma, este inventário de património arqueológico constitui a pedra basilar, que possibilitou o elaborar do primeiro volume. Neste inventário procedemos à triagem de uma amostra de 44 sítios arqueológicos e 6 achados isolados: parte deles já identificados e inventariados na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos*<sup>111</sup>, e os restantes inéditos, encontrados aquando das prospeções de 2017 e 2019. Foram, também, inseridos alguns dos sítios arqueológicos mais emblemáticos do Norte de Marrocos, referidos no *Capítulo 2. Levantamentos arqueológicos no Norte de Marrocos – crítica dos estudos*, dada a sua importância no contexto histórico-arqueológico da região, pois remontam aos primeiros momentos de prática arqueológica no país.

Procurou-se sintetizar a informação mais pertinente para cada um dos locais catalogados, sendo possível, nos casos de *Jarda, Anexamez, Benambroz e Canhete*, consultar as tabelas de topónimos do Capítulo 4, alínea 4.2.3. Povoamento para obter informações adicionais. Além das tabelas referentes à toponímia do povoamento humano, o leitor encontrará ainda mais três tabelas (*Geografia, Rede Viária, Política*), que poderão auxiliar na compreensão e análise de alguns dos locais aqui apresentados.

O foco deste catálogo remete para toda a área geográfica de Ksar Sghir, apesar de terem sido incluídos alguns locais de Mellousa, de Tetuão e de Ceuta – tal se ficou a dever à necessidade que se sentiu de se acrescentar a este inventário alguns dos sítios mais emblemáticos do Norte de Marrocos, descobertos no despontar da Arqueologia, dos quais se tem ricas evidências e registos escritos. Para auxiliar e localizar no terreno os sítios, foram usadas: a *Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d*), a *Carte du Maroc. 1:50.000. Sebta. Feuille NI-30-XIX-4c*, a

---

<sup>111</sup> (Bernal, *et al.*, 2015).



Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b, e a Carte du Maroc. 1:50.000. Tetóuan. Feuille NI-30-XIX-4a.

Todos os locais surgem ordenados por ordem alfabética, e cada ficha de inventariação compreende os seguintes campos:

- **Número:** valor dado a cada local/achado isolado, por ordem numérica.
- **Número na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos*:** designação usada na carta arqueológica do projeto hispano-marroquino<sup>112</sup>.
- **Topónimo:** designação atribuída ao local.
- **Topónimo Zurara:** designação dada por Gomes Eanes de Zurara, na *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. Este apenas foi atribuído aos locais que demonstraram ter características que igualavam as descrições do cronista.
- **Acessos:** indicação das vias de acessibilidade.
- **Localização geográfica:** indicações relativas ao local/região onde se encontra o sítio/topónimo.
- **Cartografia:** referência à carta militar correspondente, à escala 1:50 000.
- **Coordenadas geográficas:** indicação das coordenadas (X, Y, Z) de cada local.
- **Tipologia:** classificação dos sítios.
- **Cronologia:** atribuição cronológica dada ao local, de acordo com os achados encontrados ou as referências da bibliografia.
- **Descrição:** caracterização do contexto e da paisagem que envolve o sítio arqueológico/achado isolado (tipo de vegetação, relevos residuais, geologia, recursos existentes, tipo de povoamento).
- **Observações:** descrição do sítio arqueológico/achado isolado, e breves anotações do autor, relativas aos vestígios e artefactos encontrados, e respetivo estado de conservação.
- **Bibliografia:** referências bibliográficas que mencionam e se debruçam no estudo do sítio em questão.

Para os sítios arqueológicos, o campo “Tipologia” aparece fixado da seguinte forma: Acampamento, Aldeia, Área de exploração, Atalaia, Cidade, Complexo Termal, Fonte, Fortificação, Gruta, Habitat, Indeterminado, Indústria cerâmica, Indústria de salga, Indústria siderúrgica, Necrópole, Posto militar, Tanques.

No caso dos achados isolados, o campo “Tipologia” aparece do seguinte modo: Cerâmica e Inscrição.

Para os sítios arqueológicos e os achados isolados, o campo “Cronologia” comporta os seguintes itens: Paleolítico, Mesolítico, Neolítico, Pré-história indeterminada, Pré-história Recente, Púnico,

---

<sup>112</sup> (Bernal, *et al.*, 2015).

Púnico/Mauritano, Mauritano, Romano, Medieval, Medieval/Moderno, Moderno, Moderno/Contemporâneo, Contemporâneo, Indeterminado.

No campo “Topónimo”, sublinha-se que no caso dos locais prospetados em 2017 e 2019, o topónimo colocado neste catálogo corresponde ao atual nome da aldeia/povoação onde se realizou a prospeção. Os restantes foram definidos pela autora, com a respetiva menção em nota de rodapé da designação dada, ao mesmo, pelos autores da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*.

O campo “Topónimo Zurara” apenas surge nas fichas relativas aos locais prospetados em Junho de 2017 e Junho de 2019, nomeadamente Anexamez, Benambroz, Canhete e Jarda.

Alguns dos sítios arqueológicos já se encontram inventariados na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*, sendo incorporados neste catálogo os mais importantes da zona geográfica de Ksar Sghir, de Mellousa, de Tetuão e de Ceuta. As respetivas fichas foram completas com base nos dados providos pela mencionada carta arqueológica. Contudo, tal informação vem assinalada em nota de rodapé, em cada sítio arqueológico.

No que toca às coordenadas, apenas pudemos disponibilizar aquelas relativas aos sítios onde as equipas, das campanhas de 2017 e 2019, fizeram prospeção. Desta forma, nem todos os locais que constam neste catálogo as têm indicadas, pois não surgem referidas na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*.

Nas páginas seguintes será apresentada uma listagem dos sítios arqueológicos e achados isolados deste catálogo, divididos em quatro tabelas, relativas à tipologia e à cronologia de cada um.

O presente catálogo tem a missão de reunir os sítios arqueológicos que se encontram espalhados pelo território do Norte de Marrocos, condensando-os numa única obra, facilitando a consulta de cada um.

## Listagem dos sítios arqueológicos (Tipologia)

<b>Nº</b>	<b>Nº CANM<sup>113</sup></b>	<b>Topónimo</b>	<b>Tipologia</b>
001	-	Anexamez	Aldeia
002	-	Benambroz	Aldeia; Atalaia
003	Yac.014	Caf Taht el Ghar I	Gruta
004	Yac.047	Caf Taht el Ghar II	Aldeia
005	-	Canhete	Aldeia
006	Yac.123	Dhar d'Aseqfane	Indústria cerâmica; Fortificação.
007	Yac.126	Ed Diki	Aldeia
008	Yac.159	Ejr-El Menkoub	Atalaia; Habitat
009	Yac.012	Emsà	Aldeia
010	Yac.163	Fardioua	Indeterminada
011	Yac.165	Gar Cahal	Gruta
012	Yac.198	Jarda I	Aldeia
013	Yac.109	Ksar Sghir I	Fortificação
014	Yac.110	Ksar Sghir II	Indústria de salga
015	Yac.119	Ksar Sghir III	Aldeia; Atalaia; Posto militar
016	Yac.120	Ksar Sghir IV	Indeterminada
017	Yac.121	Ksar Sghir V	Área de exploração
018	Yac.122	Ksar Sghir VI	Indeterminada
019	Yac.160	Lechba I	Indeterminada
020	Yac.161	Lechba II	Aldeia
021	Yac.158	Leliak	Área de exploração.
022	Yac.199	Mhalla	Posto militar
023	Yac.138	Oued Liane I	Complexo termal; Habitat
024	Yac.139	Oued Liane II	Indeterminada
025	Yac.140	Oued Liane III	Indeterminada
026	Yac.141	Oued Liane IV	Indeterminada
027	Yac.152	Oued Liane V	Indeterminada
028	Yac.153	Oued Liane VI	Necrópole
029	Yac.154	Oued Liane VII	Necrópole
030	Yac.155	Oued Liane VIII	Indústria siderúrgica
031	Yac.156	Oued Liane IX	Indeterminada
032	Yac.157	Oued Liane X	Habitat; Aldeia
033	Yac.162	Oued Liane XI	Habitat
034	Yac.164	Oued Liane XII	Habitat
035	Yac.117	Rhala I	Indeterminada
036	Yac.118	Rhala II	Aldeia
037	Yac.013	Sidi Abdeslam del Behar	Aldeia
038	Yac.000	Tamuda	Cidade; Acampamento.

<sup>113</sup> Carta Arqueológica del Norte de Marruecos.

039	Yac.116	Torre do oued Rhala	Atalaia
040	Yac.124	Zhara-Sahara I	Indústria de salga; Tanques
041	Yac.125	Zhara-Sahara II	Aldeia; Área de exploração
042	Yac.127	Zhara-Sahara III	Habitat
043	Yac.128	Zhara-Sahara IV	Aldeia
044	Yac.129	Zhara-Sahara V	Habitat

### Listagem dos sítios arqueológicos (Cronologia)

Nº	Nº CANM	Topónimo	Cronologia
001	-	Anexamez	Medieval/Moderno
002	-	Benambroz	Medieval/Moderno
003	Yac.014	Caf Taht el Ghar I	Paleolítico; Neolítico; Pré-história Recente; Púnico; Romano; Medieval
004	Yac.047	Caf Taht el Ghar II	Pré-história Recente; Medieval (?)
005	-	Canhete	Medieval/Moderno
006	Yac.123	Dhar d'Aseqfane	Púnico; Mauritano; Romano; Medieval
007	Yac.126	Ed Diki	Neolítico
008	Yac.159	Ejr-El Menkoub	Moderno
009	Yac.012	Emsà	Púnico/Mauritano
010	Yac.163	Fardioua	Medieval
011	Yac.165	Gar Cahal	Paleolítico; Pré-história Recente; Medieval
012	Yac.198	Jarda I	Medieval/Moderno
013	Yac.109	Ksar Sghir I	Medieval/Moderno
014	Yac.110	Ksar Sghir II	Romano
015	Yac.119	Ksar Sghir III	Neolítico; Romano; Medieval/Moderno; Contemporâneo
016	Yac.120	Ksar Sghir IV	Medieval
017	Yac.121	Ksar Sghir V	Medieval
018	Yac.122	Ksar Sghir VI	Neolítico; Romano; Medieval
019	Yac.160	Lechba I	Neolítico; Mauritano; Moderno
020	Yac.161	Lechba II	Neolítico; Pré-história Recente; Medieval
021	Yac.158	Leliak	Paleolítico; Pré-história Recente; Romano
022	Yac.199	Mhalla	Medieval; Moderno/Contemporâneo
023	Yac.138	Oued Liane I	Mauritano; Romano
024	Yac.139	Oued Liane II	Romano
025	Yac.140	Oued Liane III	Pré-história Indeterminada; Mauritano
026	Yac.141	Oued Liane IV	Mauritano
027	Yac.152	Oued Liane V	Medieval
028	Yac.153	Oued Liane VI	Indeterminado
029	Yac.154	Oued Liane VII	Pré-história Recente
030	Yac.155	Oued Liane VIII	Medieval; Moderno
031	Yac.156	Oued Liane IX	Romano
032	Yac.157	Oued Liane X	Pré-história Recente; Romano

033	Yac.162	Oued Liane XI	Neolítico
034	Yac.164	Oued Liane XII	Neolítico
035	Yac.117	Rhala I	Romano; Moderno
036	Yac.118	Rhala II	Neolítico; Medieval
037	Yac.013	Sidi Abdeslam del Behar	Púnico; Mauritano; Romano
038	Yac.000	Tamuda	Púnico; Mauritano; Romano; Medieval; Moderno.
039	Yac.116	Torre do oued Rhala	Medieval
040	Yac.124	Zhara-Sahara I	Mauritano; Romano
041	Yac.125	Zhara-Sahara II	Neolítico; Medieval
042	Yac.127	Zhara-Sahara III	Paleolítico; Neolítico
043	Yac.128	Zhara-Sahara IV	Neolítico
044	Yac.129	Zhara-Sahara V	Paleolítico; Mesolítico; Neolítico; Medieval

### Listagem dos achados isolados (Tipologia)

<b>Nº</b>	<b>Nº CANM</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Tipologia</b>
045	H.A.58	Jarda II	Cerâmica
046	H.A.59	Jarda III	Cerâmica
047	H.A.60	Jarda IV	Cerâmica
048	-	Jarda V	Cerâmica

### Listagem dos achados isolados (Cronologia)

<b>Nº</b>	<b>Nº CANM</b>	<b>Topónimo</b>	<b>Cronologia</b>
045	H.A.58	Jarda II	Pré-história Recente
046	H.A.59	Jarda III	Medieval/Moderna
047	H.A.60	Jarda IV	Pré-história
048	-	Jarda V	Medieval/Moderna

## **Sítios Arqueológicos**

## 001, Anexamez

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos: —**

**Topónimo:** Anexamez.

**Topónimo Zurara:** *Anexamez, Anexames.*

**Acessos:** Descendo pela aldeia de Jarda, em direção às aldeias do fundo do vale avistadas do topo de Jarda.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

### Coordenadas

**X:** 35°43'27,2" N

**Y:** 5°32'59,1" W

**Z:** 359m

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Logo à primeira vista, identificam-se largas e médias plataformas de coberto vegetal, sendo toda a paisagem percorrida por longos terraços e espaços verdes, encerrados no topo por cadeias montanhosas que protegem as povoações do fundo do vale. Denota-se uma diversidade no próprio coberto vegetal, com predominância para vegetação de tipo arbóreo e herbáceo.

Localizada numa plataforma no fundo de um vale, encontra-se bastante bem servida com recursos hídricos que são uma constante. A existência de vários pontos de captação, como poços e pequenos ribeiros, justifica o verde que envolve toda a aldeia – assim como toda a zona –, pautado por uma vegetação frondosa e bastante abundante.

Inúmeras zonas de cultivo e terraços agrícolas, assim como espaços dedicados à criação de gado, surgem em vários pontos, à volta de toda a aldeia.

A aldeia de Ain-Chems encontra-se espalhada por uma parte do vale, notando-se um povoamento disperso nas áreas limítrofes, e um pouco concentrado nas zonas próximas da atual mesquita.

### Observações:

1. Durante a prospeção de 2019 foram encontrados a estrutura de um muro, parte de uma canalização antiga, na qual, atualmente, ainda corre água, e vestígios de uma antiga mesquita metida na raiz de uma árvore de grande porte – localizada ao lado da atual mesquita. As estruturas encontravam-se no meio de terrenos de cultivo, passando

despercebidas na vegetação, e em ruína, sendo que apenas a canalização estava em bom estado de conservação.

2. Possível correspondência com a aldeia de Anexamez<sup>114</sup> – referida por Zurara.
  - a. As áreas agrícolas e de criação de gado confirmam a veracidade das aceções feitas por Zurara relativas a hortas e pomares, presentes nas inúmeras árvores de fruto que surgem de forma abundante por Ain-Chems.
  - b. Zurara menciona a existência de uma mesquita na povoação, o que coincide com as ruínas da mesquita na raiz da árvore.

**Bibliografia:** inédito.

---

<sup>114</sup> Consultar o topónimo *Anexamez*, no Capítulo 4, alínea 4.2.3.2. Povoados em zona de vale.





Figura 6. Paisagem de Ain-Chems



Figura 7. Estrutura de um muro (Ain-Chems)



Figura 8. Possível canalização antiga (Ain-Chems)



Figura 10. Detalhe dos vestígios da antiga mesquita



Figura 9. Vestígios de uma possível mesquita antiga, em Ain-Chems

## 002, Benambroz

### Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos: —

**Topónimo:** Benambroz.

**Topónimo de Zurara:** *Benambroz, Benãmbroz, Benãbroz.*

**Acessos:** Seguindo pela P4701<sup>115</sup>, estrada de Ksar Sghir paralela ao rio homónimo, e sair na quarta saída, que irá dar precisamente à elevação onde surge Benambroz.

**Localização geográfica:** região de Ksar El Majaz.

**Cartografia:** Carte du Maroc.1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

### Coordenadas

**X:** 35°48'28.0"N

**Y:** 5°32'48.0"W

**Z:** 330 m

**Tipologia:** Aldeia; Atalaia.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Localizado num promontório elevado<sup>116</sup>, Benambroz encontra-se rodeado de outras elevações do mesmo tipo que se espalham ao longo de toda a paisagem. Nota-se nas encostas dos montes e colinas que circundam o sítio, pequenas aldeias de povoamento concentrado, em torno de um possível centro, ao redor das quais se encontram alguns campos e terrenos de cultivo. Numa paisagem marcadamente montanhosa, surgem algumas pedras soltas e pontuais afloramentos rochosos, onde espaços verdes vão intercalando com zonas mais secas. A vegetação vai variando, notando-se uma clara predominância de tipo arbustivo e herbáceo, em certas zonas; de tipo arbóreo e arbustivo, noutras.

### Observações:

1. O topónimo foi localizado durante uma prospeção no ano de 2017<sup>117</sup>, na qual foram encontrados vestígios arqueológicos de uma aldeia; identificaram-se estruturas de

---

<sup>115</sup> Principal estrada de Ksar Sghir, apresentada no GoogleEarth como RR401. Contudo, no OpenStreetMap aparece como RR401.

<sup>116</sup> O relevo onde se encontra Benambroz vem mencionado na Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d, como *S. Mohamed ben Amroūs*.

<sup>117</sup> No âmbito do *Projeto ESPANAFRI, Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do “Algarve de Além-Mar” (séculos XV a XVIII)*. A equipa que o localizou era composta por Helena Paula Abreu de Carvalho (Arqueóloga e Professora Catedrática, do Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais, da Universidade do Minho), Abdelatif El-Boudjay (curador do Centre d’ Interprétation du Patrimoine de Ksar Sghir), Francisco Azevedo Mendes (Historiador e Professor Auxiliar, do Departamento de História, do Instituto e Ciências Sociais, da Universidade

vigilância denominadas “atalaias” (torres de vigia), associadas a um sistema de defesa, com uma enorme visibilidade sobre todo o local; além de alinhamentos correspondentes às estruturas de assentamento, onde surgiu alguma cerâmica, e restos de fossos, bem visíveis na paisagem. A equipa constatou, ainda, que o topónimo ainda existe no local, nos dias de hoje.

2. A sua localização num local tão evidenciado na paisagem, pode-nos remeter para algum tipo de função geoestratégica, com a ampla visibilidade sobre todo o entorno.
3. Possível correspondência com a aldeia de Benambroz<sup>118</sup> – mencionada por Zurara na crónica.
  - a. A sua localização numa zona elevada, poderá acarretar algum tipo função defensiva e de ampla visibilidade sobre todo o entorno. Tal facto coincide com as informações providas pelo cronista, quando diz que a aldeia de Benambroz se localizava num local alto, que assegurava uma maior segurança dos seus habitantes, em caso de ataque.
  - b. A existência de vestígios de atalaias confirma a breve menção de Zurara a uma atalaia que existia na aldeia.

**Bibliografia:** (Carvalho, *et al.*, no prelo).



Figura 11. Perspetiva do topo do sítio de Benambroz. Fotografia H.Carvalho

---

do Minho), Ana Jéssica Silva Mendonça (Aluna do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho) e João Pedro Martins da Silva (aluno do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho).

<sup>118</sup> Consultar o topónimo *Benambroz*, na tabela do Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.



Figura 12. Alinhamentos associados às estruturas de povoamento de Benambroz. Fotografia H. Carvalho



Figura 13. Possíveis vestígios de atalaia encontrada no topo do sítio arqueológico de Benambroz. Fotografia Fotografia H.Carvalho



Figura 15. Vestígios de talude e fosso numa das plataformas de Benambroz. Fotografia H. Carvalho



Figura 14. Destaque de um alinhamento associado às estruturas de povoamento de Benambroz. Fotografia H. Carvalho

### **003, Caf Taht el Ghar I**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.014

**Topónimo:** Caf Taht el Ghar I

**Acessos:** Seguir pela estrada que conduz de Tetuão à zona de Er Zarka. A partir daqui seguir para norte, em direção a uma pedreira de extração de calcário de Gorges.

**Localização geográfica:** região de Tetuão.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a.

**Tipologia:** Gruta.

**Cronologia:** Paleolítico; Neolítico; Pré-história Recente; Púnico; Romano; Medieval.

**Descrição:** Situado no extremo noroeste do maciço de Gorges, em frente à cidade de Tetuão, a 10km, ao sul da mesma e a 410m de altitude, na dorsal calcária dos Mantos de El Babat e de Hafa Ferkennix. A gruta possui uma grande visibilidade sobre todo o vale, onde se destacam os depósitos quaternários do rio Martil e os depósitos dos mantos Gomárides, mesmo em frente a esta.

Encontra-se situado na comunidade de Dar Bem Karrich, entre as aldeias de Yahrit e M'chkora. Conta com a proximidade de fontes de água doce, pelo território de Er Zarka, dispondo ainda de fauna de montanha, madeira e recursos vegetais abundantes. Perto da gruta há depósitos de solos de ótima qualidade, para agricultura de sequeiro. Estando próxima da enseada do oued<sup>119</sup> Martil, no Holoceno, dava-lhe a possibilidade de aproveitamento de recursos marinhos.

**Observações<sup>120</sup>:**

1. Localizada por M. Tarradell, em 1954, foi posteriormente escavada aquando de um projeto franco-marroquino sob a direção de Abdeslam Mikdad e Jean Pierre Daugas, entre 1989 e 1994. Os materiais procedentes da intervenção de Tarradell foram estudados por José Ramos e Mehdi Zouak. Recentemente, um projeto marroquino-espanhol procedeu à revisão da sua estratigrafia e ao estudo arqueobotânico do local, sob a coordenação de Yosef Bokbt, José Antonio López e Leonor Peña.
2. A gruta encontra-se orientada a nordeste, apresentando 3m de altura e 9m de largura. Por esta acede-se a uma grande câmara, na qual uma coluna de estalagmites a divide em dois setores, à esquerda e à direita.  
O setor da esquerda é uma galeria de pouca profundidade e de superfícies rochosas.  
O setor da direita<sup>121</sup> tem 13m de comprimento, 12m de altura e um solo de cariz arenoso.  
Aqui um pequeno esporão separa o setor de uma galeria em forma de L invertido.

---

<sup>119</sup> Termo árabe para 'rio'.

<sup>120</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 141-143).

<sup>121</sup> Fora neste setor que Tarradell havia escavado em 1955.



3. A gruta apresenta evidências de ocupação de populações com tecnologia relativa ao Paleolítico, as quais muito possivelmente exploraram os recursos faunísticos e de flora, que o contexto lhes oferecia. Denota-se, também, a presença de sociedades tribais neolíticas, nomeadamente grupos de agricultores e criadores de gado, que, em simultâneo, praticavam a caça e a recolção de moluscos. A gruta poderá ter servido como um local de habitat ou como estábulo para o gado. Tais ocupações estendem-se até à Pré-história Recente. Registam-se evidências de presença de comunidades proto-históricas, romanas e medievais, apesar de em menor grau que as anteriores.
4. Apresenta um estado de conservação um pouco preocupante, devido à extração de pedra na zona, tendo sofrido também saques. Denota-se uma deterioração constante, além de erosão nos cortes estratigráficos, abertos pelas diversas equipas de investigação.
5. Tarradell estabeleceu uma sequência estratigráfica que dividira em 4 níveis. No nível I (estratos 1 e 2) atribuiu-lhe cronologias da Pré-história, Pré-história Recente, da época islâmica e moderna. No nível II (estrato 3) atribuiu cronologias púnicas, neolíticas e da Pré-história Recente. No nível III (estratos 4 e 5) as evidências dataram a camada como pertencente ao Neolítico. No nível IV, Tarradell indica a presença de líticos talhados. Pode-se dizer que esta é das grutas com uma sequência estratigráfica mais completa de todo o Norte de Marrocos.
6. Jean Pierre Daugas e Abdeslam Mikdad<sup>122</sup> indicam a existência de bioturbações, de lagoas/bacias sedimentares e de camadas misturadas. Atribuíram ao local uma datação em torno do Neolítico, dividido em: Fase inicial (VII milénio a.C., com cerâmicas impressas e decorações plásticas), Fase cardial/ Período 1 (VII milénio a.C., com cerâmicas lisas, caneladas e impressas), Período 2 (VI-V milénio a.C., em que abundam cerâmicas decoradas), Período 3 (achados do Neolítico Recente, da Pré-história Recente, e de tipo Campaniforme).
7. A equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*<sup>123</sup> analisou as peças de Tarradell, armazenadas no Museu de Tetuão, confirmando a presença de materiais medievais, romanos e da Pré-história Recente, além de ocupações paleolíticas e sequências estratigráficas neolíticas.
8. Do Paleolítico foram encontrados líticos retocados, nomeadamente raspadores. Do Paleolítico Superior núcleos, lascas e lâminas, além de líticos retocados – raspadores, buris, perfuradores – e abundantes exemplares de lâminas e pontas. Do Neolítico registaram-se cerâmicas lisas, incisadas, impressas, caneladas, e decoradas mamelões e cordões, de formas muito variadas. Ainda no mesmo período, surgiram evidências de indústria lítica talhada – núcleos, lâminas e lascas – e líticos de retoque abrupto – micrólitos geométricos e lâminas. Foi encontrado, ainda, um osso trabalhado. Documentaram-se cerâmicas campaniformes da Pré-história Recente e líticos talhados, cerâmicas lisas da Idade do Bronze, cerâmicas romanas, medievais e modernas.

---

<sup>122</sup> (Daugas & El Idrissi, 2008: 66).

<sup>123</sup> (Bernal, Domínguez Pérez, & Raissouni, 2008).

Registaram-se também evidências faunísticas<sup>124</sup> e foram elaborados estudos arqueobotânicos<sup>125</sup>

**Bibliografia:** (Tarradell, 1955); (Tarradell, 1958b); (Gilman, 1975); (Daugas, *et al.*, 1998); (Daugas, 2002); (Balouche, 1988); (Balouche, 2002); (Balouche & Marival, 2001) ; (Balouche & Marival, 2003) ; (Ouchaou, 1998-1999); (Ouchaou, 2004) ; (Ouchaou & Amani, 1997) ; (Ouchaou & Amani, 2002); (Bernal, *et al.*, 2008) ; (Daugas & El Idrissi, 2008); (Domínguez-Bella & Maate, 2008) ; (Ramos, *et al.*, 2008); (Ramos, *et al.*, 2008); (Domínguez-Bella & Maate, 2009); (Vijande & Ramos, 2008); (Kaoune, 2008); (Ouchaou & Hossini, 2008); (Bokbot, López Saéz, & Peña, 2013); (Cantillo, *et al.*, 2014); (Bernal, *et al.*, 2015: 141-143).

---

<sup>124</sup> (Ouchaou, 1998-1999); (Ouchaou, 2004); (Ouchaou & Amani, 1997); (Ouchaou & Amani, 2002).

<sup>125</sup> (Balouche, 1988); (Balouche, 2002); (Balouche & Marival, 2001).

## 004, Caf Taht el Ghar II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.047

**Topónimo:** Caf Taht el Ghar II<sup>126</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada que vai em direção às montanhas de Caf Taht el Ghar.

**Localização geográfica:** região de Tetuão.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Pré-história Recente; Medieval (?).

**Descrição:** Situada numa colina isolada na zona da pedreira, em frente à gruta de Caf Taht el Ghar<sup>127</sup>. Encontra-se nos terrenos da unidade geológica de Koudiat Tizian, pertencente às Gomárides<sup>128</sup>, tratando-se de uma colina onde abundam arenitos grosseiros e pudingas<sup>129</sup>. Apresenta potencial para exploração de recursos agropecuários, hídricos e madeira. A sua área de dispersão é de 50m por 50m.

### **Observações<sup>130</sup>:**

1. Aldeia de cariz agropecuário, localizada numa colina, a meia montanha, mesmo em frente à gruta de Caf Taht el Ghar.
2. Possivelmente terá sido ocupada em momentos da Pré-história e reocupada por volta da época medieval.
3. Apresenta um estado de conservação razoável.
4. Encontrados líticos talhados pouco significativos, além de oito fragmentos de cerâmica modelada. De época medieval foram registadas vinte e quatro paredes de cerâmica comum a torno – jarras –, de difícil atribuição cronológica e tipológica.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2008: 278-279); (Bernal, *et al.*, 2015: 195).

---

<sup>126</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2008 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>127</sup> Consultar entrada 003, Caf Taht el Ghar I.

<sup>128</sup> Unidades geológicas formadas por materiais paleozóicos – quartzitos, xistos e ardósias.

<sup>129</sup> Tipo de rocha sedimentar muito dura; frequentemente utilizada como pedra para moer.

<sup>130</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 195).

## 005, Canhete

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos: —**

**Topónimo:** Canhete

**Topónimo Zurara:** *Canhete*.

**Acessos:** Seguir pela estrada RR401, de Ksar Sghir até à zona de Ksar El Majaz.

**Localização geográfica:** região de Ksar El Majaz.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

### Coordenadas

**X:** 35°45'40,8"

**Y:** 5°31'09,0"

**Z:** 199m

**Tipologia:** Aldeia; Fonte.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Localizada a poucos quilómetros da povoação de Ksar el Majaz, perto do Jbel Bertata.

**Observações:** Identificado o sítio correspondente ao topónimo, localizado na beira da estrada e onde, ainda hoje, existe uma fonte de água. É possível que nas vertentes mais próximas de Canhete se encontrem, ainda por exumar, as casas mencionadas por Zurara na obra.

**Bibliografia:** inédito.

## 006, Dhar d'Aseqfane

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.123

**Topónimo:** Dhar d'Aseqfane<sup>131</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada P4701 de Ksar Seghir a Tetuão, por debaixo do atual viaduto.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indústria cerâmica; Fortificação.

**Cronologia:** Púnico; Mauritano; Romano; Medieval.

**Descrição:** Localizado em depósitos aluviais da desembocadura do rio Ksar, numa pequena colina, marcada a 14m acima do nível do mar. Apresenta importantes recursos agropecuários e marinhos, dada a sua proximidade à costa. Estende-se por dois hectares, na parte alta da colina.

### **Observações<sup>132</sup>:**

1. Identificado, nos anos 40, por Quintero Atauri e Gimenez Bernal<sup>133</sup>. As escavações empreendidas por Tarradell põem a descoberto uma ocupação romana do local, onde se contam várias estruturas<sup>134</sup>. Trabalhos arqueológicos levados a cabo entre 2005 e 2006, permitiram documentar uma ampla sequência de ocupação desde o século VI a.C. até ao século XI/XII, época medieval<sup>135</sup>, além de um vazio de ocupação no século I a.C. <sup>136</sup>.
2. Constitui-se como um espaço espetacular para estudar as fases tardo-romanas e dos inícios da época medieval islâmica, a sul do Estreito de Gibraltar. Possivelmente, corresponde ao primeiro recinto medieval fortificado, na baía de Ksar Seghir, referido nas fontes medievais de Al-Qasr Al-Awwal.
3. Existem algumas interrogações quanto à ocupação pré-romana, tendo albergado um complexo romano fabril, remodelado no séc. III com a construção de um peristilo e um balneário. Na Antiguidade Tardia torna-se num edifício fortificado com torres e portas de grande envergadura, constatando-se no seu interior uma oficina de olaria e parte da necrópole. No período medieval continua a laborar enquanto produtor cerâmico, é construído um oratório islâmico de planta quadrangular e várias habitações.
4. Apresenta-se praticamente destruído na sua totalidade, devido às intervenções a que já foi submetido, tendo sido desmontado o sítio no âmbito de um projeto de engenharia civil.

---

<sup>131</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015: 292-293).

<sup>132</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 292-293).

<sup>133</sup> (Quintero Atauri & Gimenez Bernal, 1944: 25).

<sup>134</sup> (Tarradell, 1966).

<sup>135</sup> (El Khayari & Akerraz, 2013).

<sup>136</sup> (El Khayari & Akerraz, 2013: 12).

5. Nas escavações de 2005/2006 foram encontrados restos pré-romanos, romanos (mosaicos, fornos, cisternas). A equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* não recolheu materiais durante as prospeções.

**Bibliografia:** (Quintero Atauri & Gimenez Bernal, 1944: 25); (Tarradell, 1966: 432); (El Khayari & Akerraz, 2013); (Bernal, *et al.*, 2015: 292-293).

## 007, Ed Diki

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.126

**Topónimo:** Ed Diki<sup>137</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada paralela ao porto de Ksar Sghir.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Neolítico.

**Descrição:** Localizada a oeste de Ksar Sghir, na localidade litoral de Ed Diki, encontra-se situada na cobertura holocénica de um depósito quaternário de areias avermelhadas. Apresenta vastos recursos marinhos e fluviais, e uma área de dispersão de 50m (N-S) por 100m (E-O).

### **Observações<sup>138</sup>:**

1. Aldeia neolítica de possíveis usos agropecuários e exploração de recursos marinhos.
2. Encontra-se em alto risco de conservação, dado localizar-se numa zona que sofreu grandes transformações, devido às infraestruturas relacionadas com o porto de Tânger-Med.
3. Encontraram-se vinte e cinco objetos líticos, dos quais dezassete em sílex e oito em arenito – lascas, lâminas, entalhes, raspadores, acidentes de talhe, esquirolas. Além de quatro panças de cerâmica à mão.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232), (Bernal, *et al.*, 2015: 298).

---

<sup>137</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>138</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 298).

## 008, Ejr-El Menkoub

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.159

**Topónimo:** Ejr-El Menkoub<sup>139</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada a noroeste da localidade de El-Marsana, referida no mapa como Mgaz del Heddad.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Atalaia; Habitat.

**Cronologia:** Moderno.

**Descrição:** Situado num local destacado, com três grandes penhascos, sobre uma paleoenseada do oued Liane, que controlava o território. Num afloramento de arenitos, numa zona de agricultura de sequeiro e de criação de animais. Apresenta uma área de dispersão de, aproximadamente, 100 por 100 m.

### **Observações<sup>140</sup>:**

1. Assentamento destacado na paisagem na bacia alta do oued Liane, com uma ampla visibilidade sobre o território envolvente. Aponta-se a possibilidade da existência aqui de uma torre, não se descartando também a hipótese de ser uma zona de habitat.
2. Apresenta um bom estado de conservação, sem qualquer risco.
3. Encontrados bastantes fragmentos cerâmicos elaborados a torno, com destaque para dez fragmentos de cerâmica vidrada – panças de coloração amarelo-avermelhada –, e dois fragmentos cerâmicos de jarras – um bordo e um lábio – e um prato de coloração castanha e branca. Além de trinta e sete fragmentos de cerâmica comum a torno – alcadafes<sup>141</sup> e a base de uma jarra. Recuperados, ainda, fragmentos de cerâmica à mão, de cronologia indeterminada, e dois fragmentos de sílex sem retoque.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299), (Bernal, *et al.*, 2015: 341).

---

<sup>139</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>140</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 341).

<sup>141</sup> Recipiente de barro ou madeira, através do qual um taberneiro mede vinho.



## 009, Emsà

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.012

**Topónimo:** Emsà<sup>142</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada que vai de Tetuão ao oued Lau. Chegando ao povoado de Emsà, sobe-se a colina homónima e chega-se ao sítio arqueológico.

**Localização geográfica:** região de Ras Mazari.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ras Mazari. Feuille NI-30-XIX-4b.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Púnico/Mauritano.

**Descrição:** Situada num promontório destacado na paisagem sobre a enseada do rio, no qual se observam solos quaternários e uma possível ilha no oued Emsa. A sua localização confere-lhe uma vasta visibilidade sobre o interior do vale e a costa.

Encontramo-nos perante uma enseada com potencial para aproveitamento dos recursos do estuário e de um possível pântano. Os recursos pesqueiros e agrícolas aqui existentes tiveram um papel fulcral para as populações que ali habitaram. O acesso ao interior por via fluvial, permitiu o controlo do estuário. Tanto o sítio em si, como o próprio estuário, possuem evidências de antropização. A sua área de dispersão estende-se pelo lado ocidental do sítio arqueológico.

### **Observações<sup>143</sup>:**

1. Sítio bastante bem conhecido graças aos trabalhos de Tarradell. Corresponde a uma aldeia de âmbito costeiro, ligada ao comércio e a redistribuição de produtos até ao interior, refletindo um padrão de assentamento e características muito típicas do mundo fenício-púnico. É possível que tenha estabelecido contactos com outras comunidades indígenas ao longo do rio, já que teve a possibilidade de controlo da zona, através do estuário. É possível datá-lo entre os séculos VI-V a.C. e II a.C.
2. Das escavações de Tarradell foi retirado algum material arcaico, publicado por Kbir Alaoui<sup>144</sup>, semelhante aquele encontrado durante a prospeção da equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*. Apesar de ser feita menção a fragmentos de *sigillata*, não se pôde comprovar tais evidências.
3. Encontrados fragmentos de ânforas das séries 7, 10, 11, 12, além de ânforas greco-italicas e talvez turdetanas. Ainda, pratos de verniz vermelho, restos de cerâmica grega

---

<sup>142</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* numa prospeção em 2008 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>143</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 136-137).

<sup>144</sup> (Kbiri Alaoui, 2008).

muito fragmentada, cerâmica comum – olas, *pithoi* – e cerâmica modelada, junto a um prego de bronze.

4. Documentaram-se numerosas estruturas murarias, de planta quadrangular. Tratar-se-iam de muros à base de silharia, colocada de forma irregular, trabalhados com argila. Não se pôde determinar a função de tais estruturas, apesar de parecerem remeter para áreas habitacionais.
5. Apresenta um estado de conservação razoável na parte alta do assentamento, enquanto que nas vertentes se observa uma progressiva deterioração por ação natural.

**Bibliografia:** (Tarradell, 1953); (Tarradell, 1966); (Kbiri Alaoui, 2008); (Bernal, *et al.*, 2015: 136-137).

## 010, Fardioua

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.163

**Topónimo:** Fardioua I<sup>145</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701 em direção a Lián, até à central de antenas de repetição, contornando as vivendas da povoação de Fardioua pelo noroeste, por um caminho que desce a colina. Um pouco mais abaixo localiza-se a plataforma onde se encontram os materiais.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Medieval.

**Descrição:** Situado num afloramento de arenitos, apresenta uma área de dispersão de 500m (E-O) passando do penhasco, onde se observa uma descida abrupta do terreno.

**Observações<sup>146</sup>:**

1. De funcionalidade imprecisa, os materiais aqui encontrados são fruto de um rolamento empreendido desde o topo da colina até à plataforma em questão; com um grau de conservação mau, onde se denota alguma erosão.
2. Encontrados fragmentos de cerâmica vidrada, onde se conta a parede de um *ataifor*<sup>147</sup> – revestida por um vidrado amarelo-avermelhado –, assim como oito fragmentos de paredes de cerâmica comum de cozedura oxidante, a torno, e um fragmento de sílex cinzento não trabalhado.

**Bibliografia:** (Bernal, *et al.*, 2011: 299), (Bernal, *et al.*, 2015: 346).

---

<sup>145</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos* como Fardioua I – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>146</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 346).

<sup>147</sup> Prato fundo, de cerâmica Mourisca (estilo islâmico do Al-Andalus). Normalmente apresenta-se como um recipiente de base convexa, paredes curvas, bordo vertical e lábio arredondado, especialmente usado para servir à mesa (similar à travessa atual).

## 011, Gar Cahal

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.165

**Topónimo:** Gar Cahal

**Acessos:** Seguir pelo caminho da montanha desde El Biutz. Também é possível aceder através da baía de Marsa, por vários caminhos que sobem pela parte alta do vale.

**Localização geográfica:** região de Ceuta.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Sebta. Feuille NI-30-XIX-4c.

**Tipologia:** Gruta.

**Cronologia:** Paleolítico; Pré-história Recente; Medieval.

**Descrição:** Localizada no Jbel Fahies, na zona sul do Jbel Moussa, a uma altitude de 320m acima do nível médio do mar, com uma entrada orientada a noroeste, a gruta encontra-se num maciço montanhoso abrupto a uns 5km da baía de Marsa. Encontra-se situada no Rif, em plataformas carbonatas do Jbel Fahies, com materiais triássicos e típicos de Flysch. Apresenta grande proximidade a nascentes de água doce, na envolvente da gruta, dispondo de fauna de montanha, além de madeira e recursos vegetais. Perto da gruta encontram-se depósitos de solos de ótima qualidade para agricultura de sequeiro. Estando, também, próxima à baía de Marsa permite o acesso a recursos marinhos.

### **Observações<sup>148</sup>:**

1. O sítio foi encontrado por T. de Azcárate, e posteriormente escavado por Tarradell, em 1954. Foi alvo de intervenções por parte da *Mission Préhistorique et Paléontologique Française au Maroc*, em 1987, com a supervisão de J.P. Daugas e J.P. Raynal. Em 1988 é feita uma nova escavação por A. Ballouche, J.P. Daugas e J.P. Raynal. Foi objeto de estudo por parte de um projeto internacional da Universidade de Oxford e do INSAP<sup>149</sup> de Rabat, com uma equipa coordenada por A. Bouzouggar e N. Barton. A equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* analisou, ainda, alguns dos materiais daqui retirados por Tarradell.
2. Trata-se de uma fenda aberta em rocha calcária, de forma triangular, com 6m de base e 7m de altura. A partir da entrada, surge um corredor com cerca de 13m de comprimento, que de seguida segue por mais 50m de profundidade. Pode-se dizer que é das grutas com uma sequência estratigráfica mais completa de toda a região do Estreito de Gibraltar. As escavações de Tarradell foram de grande interesse para se explicar a passagem do Neolítico para a Idade do Bronze. Sucessivamente, as escavações da *Mission Préhistorique et Paléontologique Française au Maroc* e o estudo das cerâmicas por parte

---

<sup>148</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 348-351).

<sup>149</sup> Institut National des Sciences de l'Archéologie et du Patrimoine.

de J.P. Daugas e El Idrissi, forneceram uma perspectiva mais real e mais completa do registo arqueológico. Os estudos da equipa de Bouzouggar e Barton confirmaram uma sequência estratigráfica com níveis relativos ao Paleolítico Superior e Epipaleolítico.

3. A gruta foi ocupada por sociedades com tecnologia do Paleolítico Médio, de Modo 3, e Paleolítico Superior/Epipaleolítico, de Modo 4. Além de registar ocupações tribais neolíticas, de sociedades agropecuárias, podendo ser um abrigo para o gado, ao mesmo tempo que tinha função de habitat. Estas ocupações continuam pela Pré-história Recente, onde se inicia a exploração de recursos marinhos. Apesar da menor frequência de ocupação, surgiram evidências de presença esporádica em época medieval e moderna. A gruta encontra-se, atualmente, ao abandono, estando os perfis e cortes das intervenções muito deteriorados.
4. Do Paleolítico foram encontrados núcleos, lascas, raspadores, buris, perfuradores e pontas. As sequências neolíticas trazem-nos cerâmicas lisas decoradas – impressas cardiais, incisadas e caneladas –, assim como indústria lítica talhada – núcleos, lâminas, lascas – e retocada – micrólitos geométricos e lâminas; e osso trabalhado. Da Pré-história Recente surgem cerâmicas campaniformes lisas da Idade do Bronze e líticos talhados, em algumas camadas. Registaram-se evidências de fauna marinha e terrestre.
5. Tarradell dividiu os níveis estratigráficos da gruta em 5 níveis. No nível I foi encontrada cerâmica medieval islâmica, de época antiga e recente. No nível II documentaram-se materiais pré-históricos. No nível IIIa encontraram-se fragmentos de cerâmica campaniforme, e no IIIb cerâmica cardial e cerâmica pintada, além de uma indústria lítica muito abundante de tradição iberomauritana. No nível IV documentaram-se fragmentos cerâmicos, juntamente com líticos retocados. O nível V não apresenta materiais consideráveis.

**Bibliografia:** (Tarradell, 1954); (Tarradell, 1955); (Tarradell, 1958); (Gilman, 1975); (Ouchaou, 1998-1999); (Ouchaou, 2004) (Ouchaou & Amani, 1997) ; (Ouchaou & Amani, 2002) ; (Daugas & El Idrissi, 2008) ; (Kaoune, 2008) ; (Dominguez-Bella & Maate, 2009) ; (Vijande, *et al.*, 2011) ; (Barrott, *et al.*, 2012) ; (Cantillo, *et al.*, 2014); (Bouzouggar, *et al.*, 2006); (Bernal, *et al.*, 2015: 348-351).

## **012, Jarda I**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.198

**Topónimo:** Jarda.

**Topónimo Zurara:** Ajarda.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, em direção à aldeia de Jarda. Chega-se a um caminho de pé posto, através do qual se sobe uma das vertentes do monte, onde se encontra implantada a povoação de Jarda.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

### **Coordenadas**

**X:** 35°43'28.56"N

**Y:** 5°30'37.80"W

**Z:** 265m

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Aldeia de dimensões reduzidas com uma mesquita e um morabito, de povoamento disperso pelas colinas. Distribuída pela encosta, localiza-se um pouco por toda a planície. O seu topo tem uma visibilidade muito ampla para a barragem Hassan Ben El Mahdi, que cria um grande lago artificial.

A paisagem apresenta afloramentos rochosos, na qual é predominante uma geologia metamórfica, enquadrada por uma série de cadeias montanhosas, onde surgem montes e encostas suaves nas zonas de implantação humana. Durante a subida de uma das vertentes da aldeia, identificaram-se uma grande quantidade de pedras soltas.

A vegetação é, essencialmente, de tipo herbáceo, arbustivo e arbóreo, onde um verde residual surge ao mesmo tempo que espaços e plataformas mais secas. Encontram-se pelo terreno inúmeros pontos de captação de água dirigidos às populações locais, demonstrando uma quantidade suficiente de recursos hídricos, capazes de suprir as necessidades dos habitantes da aldeia, apesar de ser uma paisagem de cariz mais árido. Atestam-se também zonas agrícolas e de criação de gado.

### **Observações:**

1. Possível correspondência com a aldeia de Ajarda<sup>150</sup> – mencionada e descrita por Zurara – pela correspondência de dados que se registou e pelos elementos comuns entre as passagens da crónica e a realidade dos dias de hoje.
2. Na parte mais alta, no topo da colina, encontraram-se os alicerces e vestígios de uma estrutura retangular, de dimensões consideráveis, um possível posto militar moderno/contemporâneo, com um certo interesse geoestratégico. Notando-se que a zona apresenta uma grande visibilidade para todo o vale, o que poderá justificar o posto militar erigido no topo. Daqui é possível avistar a aldeia de Ain-Chems<sup>151</sup> e outros assentamentos da região.
3. Encontra-se exposta no Centre d'Interpretation du Patrimoine Ksar Sghir, uma inscrição latino-líbia, aqui encontrada no Verão de 1930.
4. Recolhidos, durante a prospeção de 2019, alguns fragmentos cerâmicos que surgiram durante a subida e a descida, que se revelaram ser de extrema relevância, dado evidenciarem algum tipo de ocupação no passado daquele local.

---

<sup>150</sup> Consultar o topónimo *Ajarda*, no Capítulo 4., alínea 4.2.3.1. Povoados de altura.

<sup>151</sup> Consultar entrada número 001, Anexamez.



Figura 17. Coberto vegetal predominante na paisagem de Jarde



Figura 16. Aldeia de Jarde



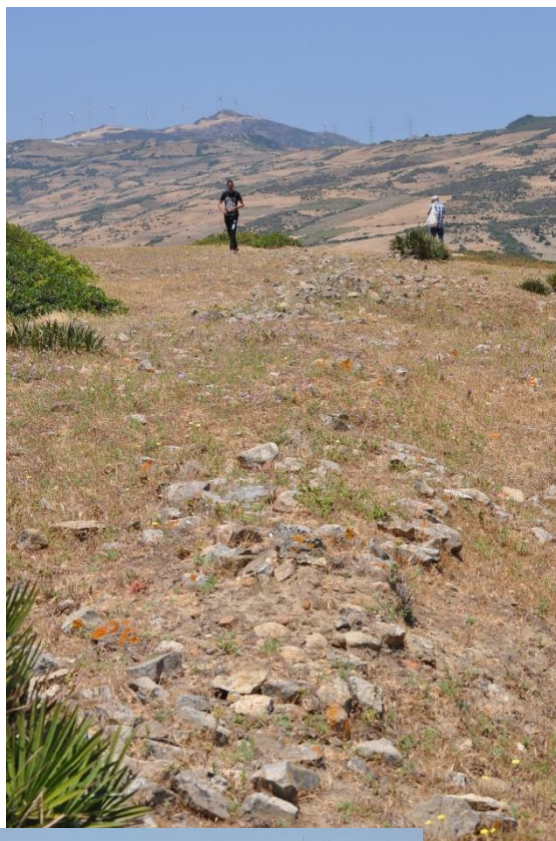


Figura 18. Vestígios de uma estrutura retangular, em Jarda



Figura 20. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi



Figura 19. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi



Figura 21. Vista do topo de Jarda, virada para a barragem Hassan Ben El Mahdi

## 013, Ksar Sghir I

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.109

**Topónimo:** Ksar Sghir I<sup>152</sup>.

**Acessos:** Localizado na praia de Ksar Sghir, acessível através de qualquer parte da praia.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Fortificação.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Localizada na desembocadura do rio homónimo, onde abundam recursos marinhos e fluviais. Cidadela medieval portuguesa, protegida pelo Ministério da Cultura e convertida num sítio arqueológico visitável<sup>153</sup>.

### Observações

1. Escavações feitas por Charles Redman<sup>154</sup>; trabalhos sobre a história da cidadela, do castelo e evolução urbanística<sup>155</sup>; investigações sintetizadas por Abdelatif El-Boudjay<sup>156</sup>; e um projeto luso-marroquino, que escavou e estudou os vários contextos do sítio<sup>157</sup>.
2. Sítio arqueológico de grande importância, se não o mais importante do Norte de Marrocos, com ocupação portuguesa e islâmica, que moldou as estruturas e o plano urbano do local, provendo os investigadores de dados acerca do quotidiano e das mentalidades daquela época.

**Bibliografia:** (Correia, 2008); (El-Boudjay, 2013); (Teixeira, El.-Boudjay, & Bento Torres, 2012); (Redman, 1986); (Cruz, 2015); (Cressier, 2012); (Bernal, *et al.*, 2015: 270).

---

<sup>152</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer I – prospetado pela equipa em 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 270-271).

<sup>153</sup> (Bernal, *et al.*, 2015: 270).

<sup>154</sup> (Redman, 1986).

<sup>155</sup> (Correia, 2008); (Cruz, 2015).

<sup>156</sup> (El-Boudjay, 2013).

<sup>157</sup> (Teixeira, El.-Boudjay, & Bento Torres, 2012).

## 014, Ksar Sghir II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.110

**Topónimo:** Ksar Sghir II<sup>158</sup>.

**Acessos:** A partir da praia de Ksar Seghir pelo Norte, localizado ao lado de um conjunto de casas brancas.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Indústria de salga.

**Cronologia:** Romano.

**Descrição:** De âmbito costeiro, encontra-se localizada numa zona de contacto entre a atual praia e alguns depósitos de argila, ocupando uma área de 20x30 m, na direção norte-sul. Apresenta recursos marinhos, além de poços de água doce.

**Observações:**<sup>159</sup>

1. Coloca-se a possibilidade de ter albergado uma fábrica de salgas alto-imperial.
2. Grande deterioração dos achados. Os materiais e as estruturas encontram-se bastante danificados, devido, muito à ação costeira a que estiveram submetidos.
3. Encontrados fragmentos de placas de *opus signinum*<sup>160</sup> misturadas com alvenaria, a uma altura de 3m sob o nível da praia; fragmentos de *sigillatas altis imperialis*<sup>161</sup>; e fragmentos de um pote/panela de bordo vertical com asas de grandes dimensões, e fragmentos de paredes indeterminadas.

**Bibliografia:** (Bernal, *et al.*, 2015).

---

<sup>158</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer II – documentado pela equipa na campanha de 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 272).

<sup>159</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 272).

<sup>160</sup> Material de construção romano constituído essencialmente por telhas partidas de tamanho muito pequeno, misturadas com argamassa.

<sup>161</sup> Drag. 29, TSG, com decoração no exterior.

## 015, Ksar Sghir III

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.119

**Topónimo:** Ksar Sghir III<sup>162</sup>.

**Acessos:** No final da estrada principal de Ksar Sghir, na esplanada do cabo.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Aldeia; Atalaia; Posto militar.

**Cronologia:** Neolítico; Romano; Medieval/Moderno; Contemporâneo.

**Descrição:** Espaço amplo, com zonas onde abundam bastantes sedimentos férteis e de grande potencial para a exploração de recursos marinhos. Situado na formação geológica de tipo Flysch<sup>163</sup>, correspondente à unidade Tisiren, num rochedo de arenito, formando um cabo sobre a enseada de Ksar Sghir. Encontra-se no extremo ocidental da baía de Ksar, num contexto repleto de recursos marinhos.

### **Observações<sup>164</sup>:**

1. Note-se aqui uma variedade de ocupações e funções. Inicialmente como aldeia neolítica; para a época romana a interpretação é um pouco dúbia, mas corresponderá a um ponto de vigia; para época medieval/moderna, apresenta uma forte relação com o sítio arqueológico de Ksar Sghir I; e para a época contemporânea, surgem estruturas de um possível posto militar.
2. Encontra-se afetado por construções militares da época contemporânea e pelo trânsito na zona.
3. Encontrados líticos talhados em sílex<sup>165</sup>; fragmentos de *opus signinum*, fragmentos cerâmicos de panças de atribuição indeterminada, da época romana; fragmentos de bordos de ataífor<sup>166</sup> vidrados amarelo-avermelhados ou verdes, painéis com vidrado esverdeado/castanho no interior e exterior, formas de cerâmica comum – jarras e jarretes,

---

<sup>162</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer III – documentado pela equipa na campanha de 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 287).

<sup>163</sup> Formação geológica resultante da colisão da Placa Euroasiática com a Placa Africana. Termo que designa uma série sedimentar, em que da base para o topo da formação geológica há uma diminuição da granulometria (sedimentos mais grosseiros para mais finos), que se repetem ciclicamente, e se formam em águas profundas, no decorrer do início de uma orogénia – formação de montanhas. Tais camadas acabam por ser cobertas por sedimentos mais grosseiros – arenitos, xistos e conglomerados – resultantes de depósitos de sedimentos em ambientes menos profundos.

<sup>164</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 287).

<sup>165</sup> Com destaque para um exemplar de BN1G-POL-Núcleo poliédrico.

<sup>166</sup> Prato fundo. Recipiente de base convexa, paredes curvas e bordo reto, com lábio arredondado, usado pelas populações muçulmanas.

- alcadafes, vasos; jarros com decoração estampilhada no exterior e formas de armazenamento – grandes jarros, fornos de tipo *tannur*, com decoração digitada no bordo.
4. Encontradas estruturas miliares e um poço moderno. As estruturas de época anterior encontram-se cobertas por sedimentos, apesar de se verem bem as suas interfaces superiores.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 287-288).

## 016, Ksar Sghir IV

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.120

**Topónimo:** Ksar Sghir IV<sup>167</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada de Tanger-Med em direção a Tânger, a meio quilómetro antes do desvio que se efetua para Ksar Sghir.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Medieval.

**Descrição:** Localizado numa pequena colina ao lado de uma antena telefónica e a 200m a este da estrada. Apresenta uma área de dispersão com aproximadamente 100m de diâmetro, a 16m acima do nível do mar. Espaço com abundantes recursos agropecuários e marinhos. Situa-se nos mantos do Beni Ider, formados por arenitos micáceos e pelitos com alguns fácies Flysch, correspondentes ao Oligoceno.

### **Observações<sup>168</sup>:**

1. Mesmo com uma funcionalidade imprecisa, é possível ter algum tipo de ligação com o sítio arqueológico de Ksar Sghir I.
2. Apesar de se localizar numa zona relacionada com fábricas de salga romanas, a ausência de materiais romanos descarta uma possível ligação com as mesmas.
3. O sítio encontra-se num local bastante antropizado, apresentando um estado de conservação médio.
4. Encontrados materiais medievais, como atafiores de vidro amarelo-avermelhado e resquícios de manganês, alcadafes sem tratamento das superfícies exteriores, asas de jarras em cerâmica comum e com vidrados amarelo-avermelhados.
5. Encontradas estruturas na parte ocidental da colina, uma habitação isolada de planta quadrangular, e a Oeste um muro seccionado. A Norte foi encontrada a abóbada de uma cisterna.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Bernal, *et al.*, 2015: 289).

---

<sup>167</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer IV – documentado pela equipa na campanha de 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 289).

<sup>168</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 289).



## 017, Ksar Sghir V

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.121

**Topónimo:** Ksar Sghir V<sup>169</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada de Tanger-Med, a meio quilómetro antes do desvio que se efetua para Ksar Sghir. Encontra-se em frente à estação de comboios.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Área de exploração.

**Cronologia:** Medieval.

**Descrição:** Localizada numa pequena colina ao lado de uma antena telefónica e a 200m ao este da estrada, apresenta uma área de dispersão com 400m (N-S) por 200m (E-O), a 16m acima do nível médio do mar. Espaço com abundantes recursos agropecuários e marinhos. Situa-se nos mantos do Beni Ider, formados por arenitos micáceos e pelitos com alguns fácies Flysch, correspondentes ao Oligoceno.

### **Observações<sup>170</sup>:**

1. Relacionado com o sítio arqueológico de Ksar Sghir I, colocando-se a hipótese de ser um enclave de cariz agropecuário.
2. O sítio encontra-se num local bastante antropizado, apresentando um estado de conservação médio.
3. Encontrados dez fragmentos de paredes de cerâmica comum, de cozedura oxidante, elaboradas a torno, além de atafiores vidrados e outras cerâmicas, de coloração amarelo-avermelhada e com resquícios de manganês no interior.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Bernal *et al.*, 2015: 290).

---

<sup>169</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer V – documentado pela equipa na campanha de 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 290).

<sup>170</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 290).

## 018, Ksar Sghir VI

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.122

**Topónimo:** Ksar Sghir VI<sup>171</sup>.

**Acessos:** A oeste da estrada que vai dar a Ksar Seghir, a poucos quilómetros de se chegar a Ksar.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Neolítico; Romano; Medieval.

**Descrição:** Próximo da baía de Ksar Seghir, situa-se nos mantos do Beni Ider, formados por arenitos micáceos e pelitos com alguns fácies Flysch, correspondentes ao Oligoceno. Localiza-se numa plataforma de arenitos e apresenta ótimas componentes estratégicas, com boas características para a recolha de recursos marinhos e agropecuários. Apresenta uma área de dispersão de 40m (N-S) por 100m (E-O).

### **Observações<sup>172</sup>:**

1. Os dados não são suficientemente esclarecedores para se atribuir uma função ao local, de acordo com as etapas de ocupações humanas identificadas. No entanto, constitui-se como uma, possível, zona de habitat com vastos recursos marinhos e agropecuários à disposição. Na época romana e medieval, possivelmente, terá sido usado como um ponto de exploração de recursos, num amplo litoral entre Ksar Sghir e o oued Rmel.
2. Encontrados cinco líticos trabalhados, quatro em sílex e um em arenito – lascas internas, lascas Levallois e esquirolas – da Pré-história; fragmentos cerâmicos de panças de fabrico manual, de cronologia indeterminada, e fragmentos de panças indeterminadas com superfícies revestidas por um vidrado amarelo-avermelhado, do período medieval, elaborados a torno e de cozedura oxidante; fragmentos de *opus signinum*, possivelmente pertencentes a uma estrutura já desmantelada.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299) ; (Ramos, *et al.*, 2011b: 232) ; (Bernal, *et al.*, 2015: 291).

## 019, Lechbâ I

---

<sup>171</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Alcazarseguer VI – documentado pela equipa na campanha de 2010. (Bernal, *et al.*, 2015: 291).

<sup>172</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 291).

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.160

**Topónimo:** Lechba I<sup>173</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo trilho situado ao norte de Lechbâ, que parte da aldeia de Zhara.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc – 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Neolítico; Mauritano; Moderno.

**Descrição:** Situado no interior do vale do oued Ksar, num pequeno patamar perto da aldeia de Lechbâ, nomeadamente no sopé dos mantos da unidade de Beni Ider, em depósitos de marga<sup>174</sup>. A zona conta com abundantes recursos líticos e agropecuários, além de apresentar uma vegetação frondosa e bosques. Não há grande clareza quanto à sua área de dispersão, tendo sido estimada como cerca de 100m.

**Observações<sup>175</sup>:**

1. De tipologia indeterminada, poderá tratar-se de um enclave rural, muito possivelmente destinado à exploração agropecuária.
2. Apresenta um estado de conservação razoável, apesar de nos dias de hoje servir como terreno de cultivo.
3. Encontradas vinte e seis peças em sílex – bases, núcleos, lascas, lâminas, acidentes de talhe, esquirolas. Da época mauritana chega-nos uma inscrição líbico-berbere, encontrada na zona, que poderá remeter para uma ocupação mauritana do local, apesar dos escassos dados. De época moderna recuperaram-se fragmentos de porcelana decorados com motivos geométricos em branco e negro, e formas abertas vidradas de coloração verde, tachos de paredes altas vidradas de lábio bifido e coloração amarelo-avermelhada. Ainda, várias cerâmicas a torno – alcadafes e outras formas.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299), (Bernal, *et al.*, 2015: 342).

---

<sup>173</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>174</sup> Rocha sedimentar de cariz calcário, composta também por argila.

<sup>175</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 342).

## 020, Lechbâ II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.161

**Topónimo:** Lechba II<sup>176</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada principal de Ksar Seghir até oued Liane, tomar o lado esquerdo da estrada paralela a Ksar. Após um desvio à direita, seguir por uma pista asfaltada que leva à aldeia de Lechbâ.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Neolítico; Pré-história Recente; Medieval.

**Descrição:** Situada na bacia do oued Ksar, num patamar do sopé da montanha, na aldeia de Lechbâ. Demonstra um padrão de ocupação típico de planície de altura, pautado pela fixação de pequenas comunidades com um amplo acesso a recursos agropecuários, hídricos e cinegéticos. Apresenta uma área de dispersão de 100m (N-S) por 100m (E-O).

**Observações<sup>177</sup>:**

1. Povoação neolítica, comunidade agropecuária, com um padrão de assentamento de planícies de altura. Apresentando um estado de conservação razoável.
2. Encontrados vinte e três líticos talhados, vinte e um em sílex e dois em arenito – bases, lascas, lâminas, acidentes de talhe, esquirolas. Recuperado um fragmento cerâmico de panela elaborada à mão; e, ainda, fragmentos de cerâmica comum, elaborada a torno – fragmento de uma asa medieval e seis paredes.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 344).

## 021, Leliak

---

<sup>176</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>177</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 344).

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.158

**Topónimo:** Leliak<sup>178</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada principal de Ksar Sghir até ao oued Liane, tomar o lado esquerdo da estrada chegando a uma pista que conduz à zona de Hejar El Menkoûb.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Área de exploração.

**Cronologia:** Paleolítico; Pré-história Recente; Romano.

**Descrição:** Situada numa zona de altura, numa das plataformas de Beni Ider, zona composta por alternâncias de arenitos micáceos com pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno, dominando todo o vale do oued Liane e toda a envolvente de Leliak. Conta com uma abundância de recursos de caça e agropecuários. Apresenta uma área de dispersão de 50m (N-S) por 50m (E-O).

**Observações<sup>179</sup>:**

1. Área de exploração de recursos cinegéticos, para comunidades caçadoras-recolectoras que se moviam pelo território, e como para sociedades tribais – Pré-história recente e períodos posteriores –, em busca de recursos agropecuários.
2. Apresenta um estado de conservação razoável.
3. Encontrados vinte e quatro líticos em sílex – lascas, lâminas, raspadores, acidentes de talhe e esquirolas.
4. Recuperados fragmentos cerâmicos do século II d.C., além de um bordo de Hayes 9 – de *Terra Sigillata Africana A*, burilada no interior –, uma Hayes 3B – decorada com barbotina no lábio –, uma Hayes 14 – do século II. Ainda treze lábios e seis paredes de cerâmica africana de cozinha – uma Hayes 23, duas Hayes 197 e dois pratos.
5. Encontrados trinta e seis fragmentos de cerâmica comum a torno – panelas, olas e um possível opérculo. Juntamente com onze fragmentos de ânforas alto-imperiais, de pastas béticas – uma asa de uma Drag.7/11 ou Beltrán IIA e uma tampa de um *dolium*, de distintas dimensões.
6. Encontradas placas de opus signinum, seis tégulas, quatorze ímbrices, que levantam a possibilidade de existência de estruturas de muros no sítio.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 339).

---

<sup>178</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>179</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 339).

## 022, Mhalla

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.199

**Topónimo:** Mhalla<sup>180</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, segue-se em direção à aldeia de Jarda. Chega-se a um caminho de pé posto através do qual se sobe uma das vertentes do monte, onde se encontra implantada a povoação de Jarda<sup>181</sup>. Encontra-se em zona de encosta, sendo preciso subir por uma das colinas da aldeia.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

### Coordenadas

**X:** 35° 43' 19,2'' N

**Y:** 5° 30' 39,9'' W

**Z:** 284m

**Tipologia:** Posto militar.

**Cronologia:** Medieval; Moderno/Contemporâneo.

**Descrição:** Situado sobre afloramentos rochosos de xisto, em zona de encosta, subindo por uma das colinas de Jarda, onde se pode identificar uma grande quantidade de pedras soltas. Apresenta uma diversidade de recursos agrícolas, pecuários e hídricos, e uma vegetação, pontualmente, herbácea e arbustiva. O topo detém uma visibilidade muito ampla para a barragem Hassan Ben El Mahdi e para as aldeias que se distribuem à sua volta.

Possui uma área de dispersão de cerca de 100m no topo da colina, espalhando-se alguns metros pela vertente este e pela vertente oeste.

### Observações:

1. Identificado na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2010)* como um posto militar moderno/contemporâneo<sup>182</sup>, de forte interesse geoestratégico, que surge, aproximadamente, a 300m de Jarda. Para a época medieval apresenta dados indeterminados.
2. Apresenta um mau estado de conservação, devido à ação antrópica no sítio.

---

<sup>180</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2011 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>181</sup> Consultar entrada número 012, Jarda I.

<sup>182</sup> (Bernal, *et al.*, 2015: 396). Referido neste catálogo na entrada 012, Jarda I.

3. Encontrados fragmentos de cerâmica comum a torno, de cerâmica vidrada amarelo-avermelhada e de cerâmica biscuitada. Da época medieval apenas se recuperaram alguns vestígios cerâmicos.<sup>183</sup>
4. Encontrados restos de estruturas de muros na parte alta da colina, possivelmente relacionados com o posto militar.<sup>184</sup>

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011a: 520); (Bernal, *et al.*, 2015: 396).

---

<sup>183</sup> (Bernal, *et al.*, 2015: 396).

<sup>184</sup> (Bernal, *et al.*, 2015: 396).

## 023, Oued Liane I

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.138

**Topónimo:** Oued Liane I <sup>185</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada que vai em direção a Tânger, e enveredar pelo trilho que vai em direção à praia. Entre a praia e as primeiras zonas de cultivo, e à direita de um posto de vigilância é possível avistar o sítio arqueológico.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Complexo termal; Habitat.

**Cronologia:** Mauritano; Romano.

**Descrição:** Localizado na linha da costa, na margem esquerda do oued Liane, na praia, perto de cultivos, com acesso a recursos marinhos e fluviais. Fora dividida em duas zonas (A, B), apresentando na zona A uma área de dispersão de 350m, e na B a avaliação não foi possível ser feita.

### **Observações<sup>186</sup>:**

1. Há referência a uma prospeção feita por M. Tarradell em 1953<sup>187</sup>, no entanto parece ser outro local distinto daquele prospetado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2009)*.
2. Povoação costeira, que emerge como assentamento/povoado mauritano e romano. Muito possivelmente, numa última fase de ocupação albergou um complexo termal.
3. Apresenta um estado de conservação razoável, apesar de alguma erosão natural devido aos ventos e antrópica. Dividida em duas zonas, a zona A encontra-se coberta por uma duna e construções modernas, ao passo que a B se situa numa propriedade vedada e não fora possível fazer uma avaliação clara.
4. Encontrados na zona A fragmentos de um tijolo *concameratio*<sup>188</sup>, de um *dolium*, de um *imbrex* e quatro fragmentos de paredes de cerâmica comum. Recuperaram-se, ainda, fragmentos de *Terra Sigillata Africana (ARSW)*, que evidencia cronologias entre o séc. I e o II d.C.

---

<sup>185</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>186</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 316).

<sup>187</sup> (Tarradell, 1966: 431).

<sup>188</sup> Termo latino *concameratio* que faz referência a um tipo de sistema de aquecimento em altura, relativo às paredes dos espaços termais, em que criando paredes duplas, vão ligar o *hypocaustum* a eventuais abóbadas com circulação de ar e vapor.



5. Encontrados na zona B fragmentos de uma ânfora de forma ovoide, com pastas do vale do Guadalquivir, o que poderá indicar uma consistente ocupação da zona no período mauritano.

**Bibliografia:** (Tarradell, 1966: 431); (Raissouni, *et al.*, 2011: 299) ; (Bernal, *et al.*, 2015: 316).

## 024, Oued Liane II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.139

**Topónimo:** Oued Liane II<sup>189</sup>.

**Acessos:** Seguir pela desembocadura do oued Liane, seguindo a linha da escarpa até à cabine do posto militar, a 150m da linha da costa.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Romano.

**Descrição:** Situado na linha da costa, na margem esquerda do oued Liane, sobre a vertente de uma escarpa de arenitos. Com farto acesso a recursos marinhos e fluviais, e uma área de dispersão de 350m, à volta de toda a estrutura muraria.

### **Observações<sup>190</sup>:**

1. Não há dados suficientes para se atribuir uma função, apesar do aparecimento de um tijolo romano *concameratio*, que poderia evidenciar a existência ali de um complexo termal e uma zona de habitat nas imediações.  
É possível estarmos perante os restos de uma torre – a localização do sítio é muito típica de torres de vigia –, cuja identificação só será possível mediante trabalhos de limpeza e de documentação. O local onde se encontra evidencia uma finalidade defensiva e de controlo do território, com uma ampla visibilidade.
2. Apresenta um estado de conservação razoável, apesar de alguma erosão antrópica e natural, devido ao vento.
3. Encontrados fragmentos de material romanos construtivo – telhas e ímbrices –, algumas formas de *Terra Sigillata Africana (ARSW)* – Hayes 9<sup>191</sup>, Hayes 197 de cozinha –, e o fundo de um almojarife em *Terra Sigillata Africana (ARSW)*. Foram recuperadas também algumas paredes de ânforas alto imperiais e tardo-romanas, de formas não determinadas. Este espólio confirma a continuidade da ocupação do local na época tardo-romana.
4. Encontrados fragmentos de *signinum*, que confirmam uma cronologia romana, e uma estrutura de planta quadrangular, de dimensões indeterminadas devido ao facto do local se encontrar coberto pela vegetação, conservando uma altura máxima de 90cm, construída com alvenaria, trabalhada na sua parte exterior com argamassa rica em cal.

---

<sup>189</sup> Documentada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, et al., 2015).

<sup>190</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, et al., 2015: 317-318).

<sup>191</sup> Indicará uma cronologia do século II d.C.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299), (Bernal, *et al.*, 2015: 317-318).

## 025, Oued Liane III

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.140

**Topónimo:** Oued Liane III<sup>192</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo lado oeste do oued Liane.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Pré-história indeterminada; Mauritano.

**Descrição:** Situado sobre uma escarpa de arenitos, com grande abundância de rochas calcárias, além de vários recursos marinhos, fluviais e cinegéticos. O solo apresenta uma coloração amarelo-acastanhada, na vertente de uma das colinas. Conta com uma área de dispersão de cerca de 100m, coincidindo com as dimensões do terreno cultivado, ao lado.

### **Observações<sup>193</sup>:**

1. A escassez de evidências impede uma definição clara do tipo de sítio que estamos perante e de realizar apreciações mais concretas, sobre a sua função e importância histórica. Os testemunhos orais apontam para um possível uso enquanto pedreira, dada abundância de blocos calcários pela superfície. No entanto, convém denotar que o sítio demonstra a intensidade de ocupação da desembocadura do oued Liane na Pré-história e Antiguidade.
2. Apresenta um estado de conservação razoável, apesar da existência de casas ao seu redor, que alteram o substrato com atividades agrícolas. Os restos encontrados encontravam-se bem conservados e foram localizados com a remoção de terras num dos campos arados.
3. Encontrados fragmentos de paredes de ânforas itálicas com pastas que evidenciam uma ocupação histórica mauritana. Da época pré-histórica documentaram-se, na vertente Norte da colina, pequenos blocos de matéria prima muito desfeitos, além de várias bases e esquirolas de sílex, que demonstram uma presença humana durante este período, mas com uma datação indeterminada.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Ramos, *et al.*, 2011b: 232) ; (Bernal, *et al.*, 2015: 320).

---

<sup>192</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Río Lian III – documentada pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>193</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 320).

## **026, Oued Liane IV**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.141

**Topónimo:** Oued Liane IV<sup>194</sup>.

**Acessos:** Seguir até à desembocadura do oued Liane.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Mauritano.

**Descrição:** Situado na vertente de uma das colinas, que desce até ao rio, onde imperam solos de coloração castanha, visíveis graças ao terreno se encontrar revolvido. Apresenta recursos marinhos e fluviais, além de uma área de dispersão de 50m (N-S) por 30m (E-O).

### **Observações<sup>195</sup>:**

1. De tipologia indeterminada, é possível que se trate de uma exploração agrícola, dada a fertilidade do seu solo, que aproveita a desembocadura do rio e as excelentes condições de visibilidade da zona.
2. O local encontra-se bem conservado, apesar das casas circundantes e da continuada pressão sobre os terrenos com a atividade agrícola.
3. Encontradas paredes de ânforas com pastas vesuvianas – datando o local entre os séculos II e I a.C. Recuperados um bordo e uma asa de ânfora tardopúnica do tipo T-7.4.3.2 de Ramon – datados do mesmo contexto cronológico, evidenciando um certo interesse do local no período mauritano.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Bernal, *et al.*, 2015: 321).

---

<sup>194</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Río Lián IV – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015)

<sup>195</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 321).

## 027, Oued Liane V

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.152

**Topónimo:** Oued Liane V<sup>196</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada principal de Ksar Sghir até Tânger, a 400m antes da ponte do oued Liane.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Medieval.

**Descrição:** Situado numa das plataformas do Beni Ider, numa zona de arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno. Encontra-se na vertente ocidental da colina Dhada, a 50m do caminho que leva até à costa, possuindo grande diversidade de recursos fluviais. Apresenta uma área de dispersão de cerca de 3m, à volta de uma alfarrobeira.

### **Observações<sup>197</sup>:**

1. A ausência de estruturas torna difícil a tarefa de atribuir uma função ao local. No entanto, poderá corresponder a um enclave agropecuário.
2. Encontra-se em bom estado de conservação, apesar de estar ameaçado pelo escorrimento de água e pela urbanização humana.
3. Encontradas três paredes de cerâmica modelada e dez fragmentos de cerâmica comum a torno, onde se conta uma asa de uma jarra de secção oval.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Bernal, *et al.*, 2015: 332).

---

<sup>196</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>197</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 332).

## 028, Oued Liane VI

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.153

**Topónimo:** Oued Liane VI<sup>198</sup>.

**Acessos:** A 150m pelo noroeste de um caminho que vai dar a uma edificação verde, em frente a uma mesquita situada na outra margem.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Necrópole.

**Cronologia:** Indeterminado.

**Descrição:** Situado numa das plataformas do Beni Ider, numa zona constituída por arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno. Encontra-se na vertente ocidental da colina Dhada, perto de uma vivenda verde, sobre um pedaço de terra, de coloração castanha, com alguns restos orgânicos. Apresenta diversos recursos fluviais.

### **Observações<sup>199</sup>:**

1. O sítio arqueológico encontra-se sobre uma porção de terra, misturada com restos orgânicos, e poderá corresponder a uma necrópole. No entanto, a falta de dados e materiais dificulta a tarefa de identificação do local. Por informação oral foi dito que, naquele preciso sítio, foram encontrados materiais e túmulos, advindo daí a possibilidade da existência de uma necrópole na zona, ou nas imediações do sítio.
2. Encontra-se em bom estado de conservação, apesar de estar ameaçado pelo escorrimento de água e pela urbanização humana.
3. Encontrados fragmentos de cerâmica comum modelada e dez fragmentos de cerâmica comum a torno, de cronologia indeterminada.

**Bibliografia:** (Raissouni, et al., 2011: 299); (Bernal, et al., 2015: 333).

---

<sup>198</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, et al., 2015).

<sup>199</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, et al., 2015: 333).

## 029, Oued Liane VII

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.154

**Topónimo:** Oued Liane VII<sup>200</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo caminho que vai do litoral ao interior do oued Liane, até à confluência de um córrego que desce em direção a Hejar El Menkoub.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Necrópole.

**Cronologia:** Pré-história Recente.

**Descrição:** Situado numa das plataformas do Beni Ider, numa zona constituída por arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno. Localiza-se na bacia do oued Liane, numa colina desmatada, sobre uma planície destacada na paisagem, nomeadamente na confluência dos cursos de água. Apresenta-se como um local chave para a exploração de recursos agropecuários. O local estende-se por uma área de 100m (N-S) por 300m (E-O).

### **Observações<sup>201</sup>:**

1. Em plena bacia do oued Liane, o sítio arqueológico corresponde a uma necrópole de cistas, localizada numa colina de meseta que domina o território, apresentando um estado de conservação razoável. A dita necrópole, muito possivelmente, seria bastante similar às do II milénio a.C. da zona de Tânger.
2. Encontrados trinta líticos talhados em sílex – núcleos poliédricos, lascas, acidentes de talhe e esquirolas –, e seis fragmentos ósseos.
3. Na parte alta da colina, documenta-se a existência de um túmulo, do qual foram recolhidos os respetivos restos antropológicos. O achado media 1,3m (N-S) por 1,3m (E-O). Encontraram-se, ainda, lajes espetadas verticalmente no solo, indicando a existência de mais túmulos.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299) ; (Ramos, *et al.*, 2011b: 232) ; (Bernal, *et al.*, 2015: 334).

---

<sup>200</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>201</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 334).



## **030, Oued Liane VIII**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.155

**Topónimo:** Oued Liane VIII<sup>202</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo caminho principal que atravessa a zona do oued Liane para o lado oeste da mesquita.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc – 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indústria siderúrgica.

**Cronologia:** Medieval; Moderno.

**Descrição:** Situado na margem esquerda o oued Liane, ao sul de um córrego, encontra-se numa zona de arenitos micáceos, contando com recursos fluviais e agrícolas.

### **Observações<sup>203</sup>:**

1. Possível complexo associado a atividades de forja e siderurgia, do período medieval e moderno.
2. O local apresenta um estado de conservação bastante mau, vítima de erosão.
3. Encontrados fragmentos de cerâmica comum – panças e um bordo aberto, pertencente a um recipiente de armazenagem –, além de cerâmicas vidradas, de coloração amarelo-avermelhada, possíveis contentores de cronologia moderna. Recuperaram-se, ainda, tijolos e um fundo de um possível cadinho<sup>204</sup>.

**Bibliografia:** (Raissouni, et al., 2011: 299) ; (Bernal, et al., 2015: 335) .

---

<sup>202</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, et al., 2015).

<sup>203</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, et al., 2015: 335).

<sup>204</sup> Instrumento metalúrgico, onde eram fundidos os metais.

## 031, Oued Liane IX

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.156

**Topónimo:** Oued Liane IX<sup>205</sup>.

**Acessos:** Seguir pela margem direita do oued Liane.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Romano.

**Descrição:** Situado numa colina na confluência do oued Liane com outro afluente, na margem esquerda do respetivo rio, numa zona de arenitos de tipo Flysch, semelhante às zonas de Tarifa, onde abundam argilas de coloração castanha e cinzenta. Apresenta uma área de dispersão de 200m (N-S) por 100m (E-O).

### **Observações<sup>206</sup>:**

1. Sem tipologia definida, apesar de muito possivelmente se tratar de um enclave de exploração agropecuária, dada a sua localização na vertente da colina próxima ao antigo caudal paleolítico. Poderá ter sido um estabelecimento romano, já que apresenta estruturas murarias, contudo mantêm-se as dúvidas.
2. Apresenta um estado de conservação médio, devido à ação antrópica e natural.
3. Encontradas placas de *opus signinum*, tijolos de tipologia diversa, além de um fragmento de um moinho de calcarenito.  
Recuperados materiais romanos alto-imperiais (século I e I d.C.): três paredes de *Terra Sigillata Hipânica*, um bordo de Hayes 9 e uma base de *Terra Sigillata Africana A*. Contam-se, ainda, bordos e paredes de Hayes 23, pratos de Hayes 196, ânforas de *Mauretania Cesariense* com asas de tipo Key I e ânforas béticas de tipo Puerto 1/2 – todas elas ilustrativas e contextos pertencentes a cronologias entre o século II e o III d.C.  
Ainda, um bordo de uma Lamboglia 10/Hayes 50 em *Terra Sigillata Africana C*; uma Hayes 91 em *Terra Sigillata Africana D*, possivelmente do século V.  
Foi ainda encontrada cerâmica a torno, de cronologia tardo-romana, e um selo parcialmente legível, numa asa de uma ânfora de produção indeterminada.
4. Todo o contexto material parece indicar uma cronologia de ocupação ininterrupta no sítio arqueológico entre a segunda metade do século I e momentos avançados do século V a.C.

---

<sup>205</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>206</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 337).

5. Documentaram-se a existência de estruturas murarias parcialmente desmanteladas, verificado pela existência de alvenaria e cantaria em zonas adjacentes. Noutros casos, encontraram-se também alinhamentos de alvenaria e elementos pétreos, que evidenciam a existência de construções subterradas.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Bernal, *et al.*, 2015: 337).

## 032, Oued Liane X

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.157

**Topónimo:** Oued Liane X<sup>207</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo curso interior do oued Liane, encontrando-se mesmo em frente ao sítio *Oued Liane VII*.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc – 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Habitat; Aldeia.

**Cronologia:** Pré-história Recente; Romano.

**Descrição:** Situado mesmo em frente ao *oued Liane VII*, na bacia do respetivo rio, sobre as plataformas do Beni Ider, numa zona constituída por uma alternância de arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno. O sítio apresenta uma área de dispersão de 300m (N-S), contando com recursos agropecuários abundantes.

### **Observações<sup>208</sup>:**

1. Localizado no vale do oued Liane, poderá corresponder a uma zona de habitat, associada com a necrópole do *Oued Liane VII*, podendo-se incluir numa cronologia do II milénio, apresentando também uma ocupação romana vinculada a uma exploração agrícola tardo-romana.
2. Encontra-se num estado de conservação razoável.
3. Encontrados fragmentos de paredes de cerâmica pré-história modelada, alguns líticos talhados e cerâmica a torno romana – três paredes de ânforas cilíndricas africanas e dezoito paredes de cerâmica comum a torno.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 338).

---

<sup>207</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>208</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 338).

### **033, Oued Liane XI**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.162

**Topónimo:** Oued Liane XI<sup>209</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo caminho principal de oued Liane, à esquerda deste, numa colina junto a uma vivenda.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Habitat.

**Cronologia:** Neolítico.

**Descrição:** Situado no sopé de uma colina com grande visibilidade sobre o território, sobre arenitos caraterísticos de unidades das plataformas de Beni Ider e perto de terraços quaternários da bacia do oued Liane. O sítio estende-se de 25m (N/S) por 20m (E/O), apresentando um forte potencial para a exploração de recursos agropecuários.

**Observações<sup>210</sup>:**

1. Na zona encontraram-se ocupações neolíticas que parecem corresponder a pequenas zonas de habitat, vinculadas a sociedades tribais.
2. Apresenta um estado de conservação razoável, apesar do escorrimento de água.
3. Encontrados doze líticos talhados, onze em sílex e um em arenito – lascas, perfuradores, denticulados, acidentes de talhe e esquirolas.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 345).

---

<sup>209</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>210</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 345).

## **034, Oued Liane XII**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.164

**Topónimo:** Oued Liane XII<sup>211</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo vale do oued Liane até uma colina destacada na paisagem, denominada na cartografia como Lfrâssâ. Para se chegar ao local é necessário passar pela aldeia de Rherbaoua.

**Localização geográfica:** região de Fahs.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Habitat.

**Cronologia:** Neolítico.

**Descrição:** Localizado a meia encosta da colina de Lfrâssâ, no vale oued Liane, dominando plenamente o vale, perto do *Oued Liane VIII*, na parte mais alta da escarpa. Num terreno situado sobre as plataformas do Beni Ider e Tisiren, em zonas de Flysch com abundância de argilas. Apresenta recursos agropecuários e cinegéticos. O sítio ocupa um espaço de 100m (N-S) por 100m (E-O).

### **Observações<sup>212</sup>:**

1. Muito possivelmente, corresponderá a uma povoação que domina de maneira muito destacada o vale do oued Liane, podendo ter uma função de controlo sobre o território envolvente.
2. Apresenta um estado de conservação razoável.
3. Encontrados sessenta e quatro líticos em sílex – núcleos, lascas, lâminas, lascas, entalhes, acidentes de talhe; além de três paredes de cerâmica modeladas e um fragmento ósseo.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 347).

---

<sup>211</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>212</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 347).

## 035, Rhala I

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.117

**Topónimo:** Rhala I<sup>213</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo curso do oued Rhala, a 300m ao sul da ponte sob o mencionado rio, encontra-se na zona onde passa a estrada principal.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Indeterminada.

**Cronologia:** Romano; Moderno.

**Descrição:** Situado na linha da costa, bem ao pé da praia, sobre as plataformas do Beni Ider e Tisiren, nomeadamente no Flysch de Tisiren, com abundância de arenitos e argilas, apresentando possibilidade de exploração agropecuária e fluvial. O local foi dividido em duas áreas de dispersão: 117A, com 8m e próxima da linha da costa, e 117B, com 7m.

### **Observações<sup>214</sup>:**

1. Assentamento romano, sem uma funcionalidade concreta, apresentando estruturas baixo-medievais ou modernas, de cariz defensivo ou relacionadas com aproveitamento hidráulico.
2. Apresenta um estado de conservação médio, com possível afetação por parte da ação antrópica e marinha.
3. Encontrados na zona 117A tégulas e fragmentos de ânforas tardo-romanas, de tipo Almagro 51c – século IV-V d.C. –, além de uma parede de ânfora africana e fragmentos de cerâmica a torno. No que toca a estruturas, encontrou-se um muro de alvenaria, ao lado da praia, com elementos de pequena e média dimensão, mesclados com argamassa muito rica em cal, orientado este-oeste, do qual se conserva um troço com 8m x 1m de altura.
4. Na zona 117B, apenas se encontraram estruturas: a sudoeste e a 100m da estrutura anterior, no canal do rio, encontra-se uma estrutura de planta circular à qual está adossado um muro, um possível moinho ou torre.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299, 311); (Bernal, *et al.*, 2015: 285).

---

<sup>213</sup>Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2009 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>214</sup>De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 285).

## 036, Rhala II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.118

**Topónimo:** Rhala II<sup>215</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo curso do oued Rhala, a 300m ao sul da ponte sobre o mesmo rio, pela qual passa a estrada principal.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Neolítico; Medieval.

**Descrição:** Situado sobre a encosta do oued Rhala, nas imediações da baía de Ksar Sghir, nas plataformas do Beni Ider e Tisiren, nomeadamente no Flysch de Tisiren, com abundância de arenitos e argilas. Com um acesso livre a recursos fluviais e agropecuários. Apresentando uma área de dispersão 200m (N-S) desde uma casa branca, localizada na parte média de uma das encostas.

### **Observações**<sup>216</sup>:

1. Possivelmente corresponderá a uma aldeia neolítica e a uma pequena exploração agrícola, do período medieval.
2. Apresenta um estado de conservação mau, devido à ação antrópica e a escoamento de água.
3. Encontrados quatro líticos, três em sílex e um em arenito – lascas, denticulado –, além de três paredes de cerâmica modelada. Para o período histórico, destaca-se a base de uma panela com um vidro amarelo-avermelhado, no interior, e uma base e uma asa de jarra de cerâmica comum a torno, juntamente com várias paredes indeterminadas.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299) ; (Ramos, *et al.*, 2011b: 232) ; (Bernal, *et al.*, 2015: 286).

---

<sup>215</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2009 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>216</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 286).



## 037, Sidi Abdeslam del Behar

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.013

**Topónimo:** Sidi Abdeslam del Behar<sup>217</sup>.

**Acessos:** Seguir pela praia, desde a desembocadura do oued Martil em direção ao sul.

**Localização geográfica:** região de Tetuão.

**Cartografia:** Carte du Maroc – 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Púnico; Mauritano; Romano.

**Descrição:** Situado na primeira linha da praia, junto a um morabito, e sobre cuja plataforma se encontra um posto militar de vigilância, perto das minas de Beni Madane. Na margem direita da desembocadura do oued Martil, situa-se sobre um pequeno promontório costeiro, sobre níveis dunares consolidados. Apresenta-se como uma zona de exploração de recursos marinhos e salinos. O sítio apresenta uma área de dispersão superior a dois hectares.

### **Observações<sup>218</sup>:**

1. Aldeia costeira de cariz comercial, que apresenta uma cronologia para as épocas púnica e mauritana entre os séculos VI-V a.C. e II a.C., com uma clara continuidade posterior na época romana, pelo menos até inícios do século V d.C. Talvez também tenha assumido a função de alfândega romana. Trata-se de um assentamento excecional pela monumentalidade e riqueza do registo material. A área de dispersão superior a dois hectares, demonstra a sua importância no território.
2. Apresenta um estado de conservação muito preocupante, devido à ação marinha que, paulatinamente, vai escavando o perfil costeiro onde se encontra o sítio arqueológico.
3. Encontrados fragmentos de várias ânforas púnicas de série 7 e 11, de ânforas greco-italicas ou Dragendorff de tipo 1, de cerâmicas comuns de tipologia diversa – as quais demonstram o caráter comercial do local –, e ainda restos de um grande moinho giratório.
4. Encontradas estruturas cobertas pela vegetação e muros na zona perto do perfil costeiro, tanto de época pré-romana, como posterior. Constatou-se ainda um grande nível de incêndio, ao qual se associam materiais do século III a.C.

**Bibliografia:** (Tarradell, 1953); (Tarradell, 1966); (Bernal, *et al.*, 2008: 317-320).

---

<sup>217</sup> Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2008 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>218</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015:138-140).

## 038, Tamuda

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.000

**Topónimo:** Tamuda

**Acessos:** No cruzamento da estrada Tetuán-Chefchaouen, junto da fábrica de cimento perto da margem do oued Martil, perto da tradicionalmente chamada “route de Torreta”.

**Localização geográfica:** região de Tetuão.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Tetouan. Feuille NI-30-XIX-4a.

**Tipologia:** Cidade; Acampamento.

**Cronologia:** Púnico; Mauritano; Romano; Medieval; Moderno.

**Descrição:** Situado numa ampla plataforma, a cerca de 10m acima do nível médio do mar, perto do oued Martil, sobre paleoterraços aluviais do mesmo, e com um substrato geológico composto por depósitos pleistocenos de areias avermelhadas. A zona apresenta um forte potencial do ponto de vista agrícola, dada a fertilidade dos solos, e uma acessibilidade direta à costa através do curso do próprio rio, mesmo ao lado do assentamento.

### **Observações<sup>219</sup>:**

1. Sítio escavado e localizado por César Luís de Montalbán. Nos anos 40 do século passado foi objeto de escavações por parte de Pelayo Quintero e Cecilio Giménez; nos anos 50 por Tarradell, e tendo havido uma intervenção por parte de Abdelaziz El Khayari nos anos 90. Desde 2008 que as universidades Abdelmalek Essaadi, de Cádiz, de Huelva e a Direção Regional da Cultura de Tânger-Tetuão estão a trabalhar de modo ininterrupto no local.
2. É um sítio excecional para compreender as ocupações romanas e pré-romanas do Norte de Marrocos, dado o excecional estado de conservação – sendo um dos melhores conservados da região.
3. Trata-se da única cidade mauritana da península Tingitana, da qual se conservam vestígios da arquitetura e do urbanismo. O notável alçado das estruturas do acampamento tornam-no num dos assentamentos militares.
4. Foram encontrados restos de época púnica limitam-se a achados isolados em sondagens estratigráficas. De época mauritana conservara-se uma praça pública (ágora) e vários quarteirões com edifícios públicos e privados (Bairro Oriental, Sul e Ocidental). O acampamento conserva todo o seu perímetro, apresentando quatro portas e torres, além de caminhos interiores e algumas das suas dependências (*principia*, *balneum*, *cisterna*, etc).

---

<sup>219</sup>De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 114).

**Bibliografía:** (El Khayari, 1996); (Zouak & Bernal, 2011); (Bernal, *et al.*, 2013); (Campos & Bermejo, 2013); (Bernal, et al., 2015: 114-115).

## 039, Torre do oued Rhala

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.116

**Topónimo:** Torre do oued Rhala<sup>220</sup>.

**Acessos:** Seguir pelo curso do oued Rhala, a 300m ao sul da ponte sobre o mesmo rio, pela qual passa a estrada principal.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Atalaia

**Cronologia:** Medieval.

**Descrição:** Situado junto da linha da costa, perto de falésias, sobre um promontório de grande visibilidade, detendo uma posição determinante e estratégica, graças à ótima visibilidade que possui. Encontra-se na desembocadura do rio Rhala, onde abundam recursos marinhos e fluviais.

### **Observações<sup>221</sup>:**

1. Integrada dentro de um restaurante, trata-se de uma torre de planta quadrangular, na linha da costa. Constitui-se como um elemento de cariz defensivo da costa norte do estreito de Gibraltar, com outras 20 similares entre Tânger e Beliunes. Apresenta as seguintes dimensões: 2,88m (lado oeste), 2,98m (lado norte), 2,93 (lado este e sul) e 6m (altura). Construída em alvenaria, com constituintes de pequena e média dimensão, misturados com argamassa rica em cal, com tijolos sem formar fileiras e telhas. A lateral sul perdeu parte do paramento exterior, a lateral oeste e a sua parte inferior conservam restos de argamassa e de cimento, cal e areia do muro.
2. Encontra-se integrada dentro do recinto de um restaurante, estando protegida, apesar da erosão da estrutura lhe ter feito perder parte do paramento exterior.
3. Encontrado no recheio da torre um fragmento de cerâmica comum – uma asa de uma jarra de grandes dimensões, de datação medieval.

**Bibliografia:** (Gozalbes C. , 2011, p. nº17); (Raissouni B. , et al., 2011, p. 299); (Bernal, et al., Atlas de yacimientos arqueológicos del Norte de Marruecos, 2015, p. 284).

---

<sup>220</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Torre del río Rhala – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>221</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 284).

## 040, Zhara-Sahara I

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.124

**Topónimo:** Zhara-Sahara <sup>222</sup>.

**Acessos:** Seguir por um caminho a este do curso do rio Zhara.

**Localização geográfica:** região de Anjera

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Fábrica de salga; Tanques.

**Cronologia:** Mauritano; Romano.

**Descrição:** Localizado ao pé da praia e sobre uma duna, em cima das plataformas do Beni Ider, numa zona formada por arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno, onde abundam solos avermelhados, associados muito possivelmente a um terraço marinho. Apresenta boas hipóteses de exploração de recursos marinhos e fluviais, e as unidades Flysch em que se situa, oferecem abundantes recursos pecuários.

Documentaram-se duas áreas de dispersão, A e B. Na zona A, entre a praia e a colina a uns 100m (N-S), delimitada a oeste pelo curso do oued Zhara, a Norte pela linha da praia, a Sul por um caminho e a Este por um posto militar. A zona B situa-se a 300m Noroeste, sobre a parte superior de uma colina, com 100m de dispersão.

### **Observações**<sup>223</sup>:

1. Fábrica de salga romana, da época imperial, com alguns indícios de presença mauritana, que nos remetem para evidências de ocupação nesta época, mas que ainda nos são desconhecidas. Ponsich atribuiu-lhe uma cronologia de entre os séculos II e III d.C.<sup>224</sup>.
2. Antes de ser prospectada pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)*, já se encontrava publicada por Tarradell e Ponsich<sup>225</sup>.
3. Encontra-se num razoável estado de conservação, apesar da erosão eólica.
4. Os achados foram divididos em dois conjuntos, A e B. No conjunto A contam-se materiais de superfície, como cerâmicas africanas de cozinha de tipologia diversa – Hayes 29 e um prato/tampa, escórias e um fragmento de *opus signinum*. No lado sudeste da colina junto a um muro, recuperou-se um bordo de uma ânfora púnico-mauritana, o que propõe uma cronologia entre os séculos II e I a.C. No conjunto B documentam-se fragmentos de uma

---

<sup>222</sup>Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Zhara-Sáhara I – documentado pela equipa durante uma prospeção em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>223</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 294).

<sup>224</sup> (Ponsich, 1988: 160).

<sup>225</sup> (Ponsich & Tarradell, 1965: 68-71); (Ponsich, 1988: 159-161).

parede de cerâmica comum a torno oxidante e uma parede de uma ânfora púnico-mauritana, o que confirma a existência de restos anteriores à época de Juba II no local.

5. Encontraram-se estruturas no conjunto A, já escavadas por Ponsich em 1988 – muro e tanques retangulares, revestidas com *opus signinum* no interior, silhares e restos arquitetónicos nas imediações. No lado sudoeste da vertente documentou-se uma estrutura de *opus incertum*, que conserva ainda 5m. Na zona norte, junto à praia, encontraram-se estruturas de *opus signinum* alteradas, talvez vestígios de tanques.

**Bibliografia:** (Ponsich & Tarradell, 1965: 68-71); (Ponsich, 1988: 159-161) ; (Raissouni, *et al.*, 2011: 299, 313).

## 041, Zhara-Sahara II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.125

**Topónimo:** Zhara-Sahara II<sup>226</sup>.

**Acessos:** Seguir pela estrada principal próxima da aldeia de Zhara, pelo caminho que vai dar à praia do oued.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Aldeia; Área de exploração.

**Cronologia:** Neolítico; Medieval.

**Descrição:** Situada a meio de uma vertente localizada a norte, implantada numa plataforma sobre a linha e costa, numa elevação a 100m da margem ocidental do oued Zhara, próximo à aldeia. Encontra-se próxima às plataformas do Beni Ider, numa zona formada por arenitos micáceos e pelitos de fácies Flysch, do Oligoceno, e com solos de coloração avermelhada associados a um possível terraço marinho. Implantado numa superfície que cobre 20m (N-S) por 20m (E-O), conta com grande abundância de recursos marinhos e pecuários no seu entorno.

### **Observações<sup>227</sup>:**

1. Localizada sobre a linha da costa, poderá corresponder a uma aldeia neolítica e a um espaço de exploração agropecuária, dada a abundância de recursos pecuários que se notam na zona; muito possivelmente, fazendo parte do conjunto de enclaves neolíticos e medievais situados nas proximidades de Ksar Sghir.
2. Apresenta um estado de conservação um pouco preocupante, sofrendo alguma erosão natural da ação dos ventos que sopram pelo litoral e também pela existência de habitações à sua volta.
3. Encontrados vinte e dois líticos – lascas, núcleos e esquirolas –, além de fragmentos cerâmicos de paredes modeladas, sem qualquer decoração. Da época medieval surgiram fragmentos de cerâmica comum oxidante a torno – dois bordos de jarras – e fragmentos de paredes indeterminados.

**Bibliografia:** (Raissouni, *et al.*, 2011: 299); (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 297).

---

<sup>226</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Zhara-Sáhara II – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>227</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 297).

## 042, Zhara-Sahara III

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.127

**Topónimo:** Zhara-Sahara III<sup>228</sup>.

**Acessos:** Continuando na zona de Zhara, seguir pelo caminho que conduz ao antigo mercado situado numa colina onde se encontra uma antena de repetição.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Habitat.

**Cronologia:** Paleolítico; Neolítico.

**Descrição:** Situado nos arredores de Ksar Sghir e no vale baixo do oued Ksar, está próximo da aldeia de Ed Diki, numa colina perto de uma antena, encontrando-se sobre plataforma de arenitos vermelho-acastanhados da unidade de Flysch de Tisiren. O local detém uma área de dispersão de 300m (N-S) por 150m (E-O), apresentando potencial para exploração de recursos agropecuários, marinhos e fluviais.

### **Observações<sup>229</sup>:**

1. Corresponde a uma aldeia neolítica, que apresenta uma indústria lítica muito bem definida, num contexto propício à exploração agropecuária e marinha. Foram, ainda, documentadas evidências de ocupação por parte de grupos caçadores-recolectores no local.
2. Apresenta um estado de conservação preocupante, dado o escoamento de águas que por ali passa, assim como a urbanização nas áreas circundantes.
3. Encontrados cento e sessenta e um líticos, em que cento e cinquenta e dois são de sílex e nove de arenito – núcleos, lascas, lâminas, entalhes, raspadoras, buris, acidentes de talhe e esquirolas.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 299).

---

<sup>228</sup> Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Zhara-Sáhara III – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>229</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 299).



## 043, Zhara-Sahara IV

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.128

**Topónimo:** Zhara-Sahara IV<sup>230</sup>.

**Acessos:** Continuando na zona de Zhara, seguir pelo caminho que conduz ao antigo mercado situado numa colina onde se encontra uma antena de repetição.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d.

**Tipologia:** Aldeia.

**Cronologia:** Neolítico.

**Descrição:** Situado na zona de Ed Diki, numa plataforma de meseta, sobre as plataformas de Beni Ider, numa zona de pelitos avermelhados, calcarenitas detríticas e conglomerados do Eoceno Inferior e Médio. O local tem uma área de dispersão de 10m (N-S) por 5m (E-O), oferecendo a possibilidade de exploração de recursos fluviais, marinhos e agropecuários.

### **Observações<sup>231</sup>:**

1. Com numerosos recursos para exploração e com um registo muito caraterístico de sociedades tribais, coloca-se a hipótese de se tratar de uma aldeia neolítica.
2. O sítio detém um estado de conservação um pouco preocupante, encontrando-se ameaçado por escorrimentos de água e pela ação antrópica na sua envolvente.
3. Encontrados cinco líticos talhados em sílex – lascas, lâminas, buris e uma raspadora –, além de cinco paredes de cerâmica modelada.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 300).

---

<sup>230</sup>Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Zhara-Sáhara IV – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>231</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 300).

## 044, Zhara-Sahara V

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** Yac.129

**Topónimo:** Zhara-Sahara V<sup>232</sup>.

**Acessos:** Entre Ed Diki e Ksar Seghir, seguir sempre pelo caminho que vai dar ao antigo mercado situado na zona onde se encontra o repetidor de televisão.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Ksar-Es-Srhir. Feuille NI-30-XIX-3d

**Tipologia:** Habitat.

**Cronologia:** Paleolítico; Mesolítico; Neolítico; Medieval.

**Descrição:** Situado numa zona de pequenas colinas entre Ed Diki e Ksar Sghir, nas plataformas Flysch do Tisiren, onde se conta a presença de arenitos amarelados de grão fino e argilas. Dispõe de uma área de dispersão de 250m (N-S) por 100m (E-O), e uma abundância de recursos fluviais, marinhos e agropecuários.

### **Observações<sup>233</sup>:**

1. Parece ser um possível lugar de habitat, que detém um forte registo tecnológico pautado por uma indústria lítica intensa, associada a comunidades de caçadores-recolectores e a sociedades tribais.
2. Encontra-se afetado pelas atividades agropecuárias que decorrem no local.
3. Encontrados treze líticos, dos quais quatro em arenito e nove em sílex – lascas denticulados, pontas, acidentes de talhe e esquirolas; além de registos faunísticos e um fragmento de uma mandíbula de *Sparus aurata*<sup>234</sup>, e um fragmento de uma asa de jarra de cerâmica comum, de datação medieval.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011b: 232); (Bernal, *et al.*, 2015: 301).

---

<sup>232</sup>Aparece mencionada na *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* como Zhara-Sáhara V – documentado pela equipa em 2010 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>233</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 301).

<sup>234</sup> Dourada.

## **Achados Isolados**

## 045, Jarda II

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** H.A.58

**Topónimo:** Jarda II<sup>235</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, segue-se em direção à aldeia de Jarda.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

**Tipologia:** Achado isolado – cerâmica.

**Cronologia:** Pré-história Recente.

**Descrição:** Documentados na aldeia de Jarda, na vertente oriental de uma colina a norte da povoação, a 261m acima nível médio das águas do mar, numa zona de arenitos e argilas da plataforma Flysch, onde surgem solos de muita boa qualidade. Apresenta uma abundância de recursos agropecuários e hídricos, comprovados pelos vários poços que se encontram espalhados pela aldeia.

**Observações<sup>236</sup>:**

1. Estes achados completam a informação arqueológica das ocupações tribais na zona, povoada durante a Pré-história Recente.
2. Devido aos escorrimentos de água, apresenta alguma erosão de cariz natural.
3. Encontrado um exemplar de lasca em sílex e um fragmento de cerâmica à mão.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011a: 447); (Bernal, *et al.*, 2015: 447).

---

<sup>235</sup>Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2011 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>236</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 447).

## 046, Jarda III

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** H.A.59

**Topónimo:** Jarda III<sup>237</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, segue-se em direção à aldeia de Jarda.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

**Tipologia:** Achado isolado – cerâmica.

**Cronologia:** Medieval/Moderna.

**Descrição:** Achados encontrados na vertente norte de uma colina na sua parte inferior, a alguns metros do caminho, numa zona de arenitos e argilas da plataforma Flysch, onde surgem solos de muita boa qualidade. Com abundância de recursos agropecuários e hídricos, e apresentando uma área de dispersão de 30m (N-S) por 40m (E-O).

### **Observações<sup>238</sup>:**

1. É pertinente localizarem-se a 300m de Jarda II e Mhala, apresentando uma cronologia similar, o que indica a intensidade do povoamento na zona durante a época medieval e moderna.
2. Esta área apresenta uma forte erosão natural e escorrimento de água.
3. Encontrada uma asa de cerâmica comum a torno, com vidrado amarelo-avermelhado no seu interior, e uma asa de secção oval em cerâmica comum a torno. Ambos os fragmentos nos remetem para jarras da época medieval ou moderna.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011a); (Bernal, *et al.*, 2015: 447).

---

<sup>237</sup>Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2011 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>238</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 447).

## **047, Jarda IV**

**Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos:** H.A.60

**Topónimo:** Jarda IV<sup>239</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, segue-se em direção à aldeia de Jarda.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

**Tipologia:** Achado isolado – cerâmica.

**Cronologia:** Pré-história indeterminada.

**Descrição:** Documentado na povoação de Jarda, perto do curso de água a algumas dezenas de metros ao Este de algumas casas em direção à estrada principal, numa zona com postes de eletricidade. Encontra-se numa área com abundância de arenitos e argilas da plataforma Flysch, onde surgem solos de muita boa qualidade. Apresenta potencial exploração agropecuária e hídrica.

### **Observações<sup>240</sup>:**

1. Com a informação atual não se pode fazer uma avaliação mais profunda acerca do achado, a qual viria a completar a informação arqueológica das ocupações tribais na zona.
2. O local apresenta-se afetado por escorrimentos de água.
3. Encontrado um exemplar de uma esquirola em sílex.

**Bibliografia:** (Ramos, *et al.*, 2011a); (Bernal, *et al.*, 2015: 448).

---

<sup>239</sup>Documentado pela equipa da *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012)* em 2011 (Bernal, *et al.*, 2015).

<sup>240</sup> De acordo com as informações apresentadas em (Bernal, *et al.*, 2015: 448).

## 048, Jarda V

### Nº na Carta Arqueológica do Norte de Marrocos: —

**Topónimo:** Jarda V<sup>241</sup>.

**Acessos:** Seguir pela P4701, estrada que liga Ksar Sghir à aldeia de Souk El-Khemis, seguindo as orientações das cartas militares, segue-se em direção à aldeia de Jarda. Subir pela vertente de uma das colinas da aldeia, em direção ao topo – local onde foram encontrados os materiais.

**Localização geográfica:** região de Anjera.

**Cartografia:** Carte du Maroc. 1:50.000. Melloussa. Feuille NI-30-XIX-3b.

**Tipologia:** Achado isolado – cerâmica.

**Cronologia:** Medieval/Moderno.

**Descrição:** Achados recuperados na subida da vertente de uma das colinas da aldeia e no topo desta. O topo tem uma visibilidade muito ampla para a barragem Hassan Ben El Mahdi, que cria um grande lago artificial.

A paisagem apresenta afloramentos rochosos, na qual é predominante uma geologia metamórfica, sendo enquadrada por uma série de cadeias montanhosas, onde surgem montes e encostas suaves nas zonas de implantação humana.

A vegetação é, essencialmente, de tipo herbáceo, arbustivo e arbóreo, onde um verde residual surge ao mesmo tempo que espaços e plataformas mais secas. Encontram-se pelo terreno inúmeros pontos de captação de água dirigidos às populações locais, demonstrando uma quantidade suficiente de recursos hídricos, capazes de suprir as necessidades dos habitantes da aldeia, apesar de ser uma paisagem de cariz mais árido. Atestam-se também zonas agrícolas e de criação de gado.

### **Observações:**

1. Os fragmentos encontravam-se pela vertente de uma das colinas, durante a subida das mesmas, e no topo da povoação de Jarda, onde se documentaram maior parte dos achados. Um dos fragmentos foi encontrado aquando da descida, espetado no solo.
2. Foi recuperado um fragmento de porcelana de coloração branca, além de exemplares de bordos, bases, paredes. Os achados apresentam coloração desde o vermelho, ao alaranjado, esbranquiçado e beije; todos eles apresentando ENP's<sup>242</sup> na sua constituição – micas, feldspato, quartzo. Uma parte apresenta superfícies tratadas com vidro ou

---

<sup>241</sup> Documentado durante a prospeção feita a 25 de junho de 2019 à aldeia de Jarda.

<sup>242</sup> Elementos não plásticos.

algum tipo de verniz, e os restantes apresentam superfícies não tratadas, polidas e rugosas.

**Bibliografia:** inédito.



Figura 22. Cerâmicas encontradas durante a prospeção a Jarda.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(s.d.).

Abdellatif, R. (2016). Les agglomérations autochtones d'après la toponymie du Maroc préislamique. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*(23), 71-92. Consulté le Agosto 2020, sur [https://www.researchgate.net/publication/324419057\\_Les\\_agglomerations\\_autochtones\\_d%27apres\\_la\\_toponymie\\_du\\_Maroc\\_preislamique](https://www.researchgate.net/publication/324419057_Les_agglomerations_autochtones_d%27apres_la_toponymie_du_Maroc_preislamique)

*AE: L'Année Épigraphique*. (1934).

Aguiar, M. (2018). As crónicas de Zurara: a corte, a aristocracia e a ideologia cavaleiresca em Portugal no séc. XV. *Medievalista*(23). Consulté le Março 2020, sur <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA23/aguiar2304.html>

Alaoui, A. (2012). Préface. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivilisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 5-6). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.

Alfiguigui, H. (2010). Toponymie des sites dans le Nord-Ouest marocain d'après les sources portugaises. Dans M. Cruz, & R. Loureiro (Éds.), *Estudos de História Luso-Marroquina* (pp. 67-78). Lagos: Câmara Municipal de Lagos.

Allati, A. (1998). TAL: une base toponymique ancienne de l'Afrique du Nord et des îles Canaries. *Nouvelle revue d'onomastique*(31-32), 143-156. Consulté le Julho 2020, sur [www.persee.fr/doc/onoma\\_0755-7752\\_1998\\_num\\_31\\_1\\_1313](http://www.persee.fr/doc/onoma_0755-7752_1998_num_31_1_1313)

Almeida, F. d. (1967). A Missão política do Papado nos séculos XII e XIII - Vassalagem e Censo de Portugal à Santa Sé. Dans D. Peres, *História da Igreja em Portugal* (Vol. I, p. 85). Porto: Portucalense Editora.

Andrade, K. (2012). Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. *Revista Domínios de Linguagem*, VI(1), 205-225.

Araújo, J. F. (2020). *A guerra na fronteira mirandesa durante a Época Moderna: da Guerra da Aclamação à Guerra Fantástica*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Consulté le Outubro 2020, sur <https://hdl.handle.net/10216/128441>

Balouche, A. (1988). Contribution Palynologique a la connaissance des modes de vie Néolithiques au Maroc Septentrional. Premiers résultats et discussion. *Bulletin d'Archéologie Marocain XVII*, 79-86.

- Balouche, A. (2002). Entre "Sahara vert" et désert: mythes et réalités. Dans A. Al Khatib, *Le Sahara, espace de communication et d'interaction civilisationnelles dans les temps antiques* (pp. 99-126). Rabat: Université Mohammed V, Publications de l'Institut des Études Africaines.
- Balouche, A., & Marival, A. (2001). Aux origines de l'agriculture au Maghreb. Données archéobotaniques et palynologiques sur le Néolithique ancien du Maroc nord occidental. *1 Congrès panafricain de préhistoire et disciplines assimilées*. Bamako.
- Balouche, A., & Marival, A. (2003). Données palynologiques et carpologiques sur la domestication des plantes et de l'agriculture dans le Néolithique ancien du Maroc Septentrional (Site de Kaf Taht El-Ghar). *Revue d'Archéométrie*(23), 49-54.
- Barata, F. T. (1998). *Navegação, Comércio e Relações Políticas: os Portugueses no Mediterrâneo Ocidental (1385-1466)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barata, F. T. (2010). A construção da presença portuguesa no Magrebe. Dans F. Barata, J. M. Fernandes, & J. Mattoso (Éd.), *Património de Origem Portuguesa - África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico* (Vol. África, Mar Vermelho e Golfo Pérsico). Lisboa: HPIP - Heritage of Portuguese Influence/ Património de Influência Portuguesa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Barata, F. T. (2016). Ceuta: da organização de uma máquina de guerra à eficácia de um instrumento de política externa. *XVII Jornadas de História de Ceuta. Portugal y el norte de África. Historias d'aquem e d'além mar* (pp. 65-73). Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties.
- Barros, A. (2008). *A poesia de Tomás de Noronha segundo a tradição manuscrita*. Dissertação de doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. Récupéré sur <http://hdl.handle.net/10451/596>
- Barros, A. (2012). Words from the World in Eighteenth Century Portuguese. *International Symposium on Language and Communication: Research Trends and Challenges. Proceedings Book* (pp. 329-345). Izmir: Institute of Language and Communication Studies, Izmir University.
- Barros, A. L. (2011). Da variação e mudança na História do Português: um dicionário manuscrito setecentista. *Diacrítica - série de Ciências da Linguagem*, 1(25), 73-109.
- Barros, A. L. (2018). *Das palavras de que os dicionários não rezam. Um dicionário inédito da língua portuguesa. Edição do manuscrito 2126 da Livraria, Arquivos Nacionais-Torre do Tombo, com Introdução, Anotações e Índices*. Braga/Famalicão: CEHUM/Húmus.



- Arqueológica (2008). Dans D. Bernal, B. Raissouni, J. Ramos, M. Zouak, & M. Parodi, *En la orilla africana del Círculo del Estrecho. Historiografía y proyectos actuales. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (II)* (pp. 313-349). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Bernal, D., Raissouni, B., Verdugo, J., & Zouak, M. (Éds.). (2013). *Tamuda. Cronosecuencia de la ciudad mauritana y del castellum romano. Resultados arqueológicos del Plan de Investigación del PET (2008-2012)*. Cádiz: Junta de Andalucía, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Bernal, D., Ramos, J., Raissouni, B., El Khayari, A., & Zouak, M. (2015). El proyecto Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012): síntesis de los resultados y perspectivas. Dans D. Bernal, J. Ramos, B. Raissouni, A. El Khayari, M. Zouak, M. Bustamante, . . . J. Martínez, B. Raissouni, D. Bernal, A. El Khayari, J. Ramos, & M. Zouak (Éds.), *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos. Prospección y yacimientos, un primer avance* (Vol. I, pp. 65-104). Cádiz: Editorial UCA.
- Bernal, D., Ramos, J., Raissouni, B., El Khayari, A., Zouak, M., Bustamante, M., . . . Martínez, J. (2015). Atlas de yacimientos arqueológicos del Norte de Marruecos. Dans B. Raissouni, D. Bernal, A. El Khayari, J. Ramos, & M. Zouak (Éds.), *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos. Prospección y yacimientos, un primer avance* (Vol. I, pp. 109-449). Cádiz: Editorial UCA.
- Bertoli, A. (2012). Modelos de ação bélica na Crónica de D. Duarte de Meneses - Texto, Contexto e Representação. *Mirabilia, Revista Eletrónica de Antiguidade e Idade Média*, 15, 171-201. Consulté le 10 Março 2020, sur [https://www.academia.edu/4432661/Modelos\\_de\\_a%C3%A7%C3%A3o\\_b%C3%A9lica\\_na\\_Cr%C3%B4nica\\_de\\_D.\\_Duarte\\_de\\_Meneses\\_-\\_contexto\\_texto\\_e\\_representa%C3%A7%C3%A3o\\_Mirabilia\\_15\\_2012\\_2\\_2012](https://www.academia.edu/4432661/Modelos_de_a%C3%A7%C3%A3o_b%C3%A9lica_na_Cr%C3%B4nica_de_D._Duarte_de_Meneses_-_contexto_texto_e_representa%C3%A7%C3%A3o_Mirabilia_15_2012_2_2012)
- Blázquez, J. (1982). Tres grandes arqueólogos de Mauretania Tingitana: M. Ponsich, R. Thouvenot y M. Tarradell. *L'Africa romana: Atti dell'XIII Convegno di studio, Djerba, 10-13 dicembre 1998 (L'Africa romana)* (pp. 1089-1105). Roma: Carocci. Consulté le Junho 2020, sur <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcws930>
- Bluteau, R. (1712-1721). *Vocabulario Portuguez, e Latino...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...* (Vol. I, II (1712), III e IV (1713), V (1716), VI

- e VII (1720) e VIII (1721)). Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Récupéré sur <https://purl.pt/13969/4/>
- Bluteau, R. (1727-1728). *Suplemento ao Vocabulario Portuguez, e Latino...* (Vol. I (1727), II (1728)). Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva.
- Bokbot, Y., López Saéz, J., & Peña, L. (2013). Orígenes de la agricultura e Historia de la vegetación. Dans J. Onrubia, Y. Bokbot, & S. Fallaha Valdayo (Éds.), *25 años de cooperación arqueológica hispano-marroquí. De la Yebala al Dra, entre la Prehistoria y la Edad Moderna* (pp. 14-15). Rabat: Embajada de España en Marruecos, Ministerio de Cultura del Reino de Marruecos, Instituto Cervantes e Biblioteca Nacional del Reino de Marruecos.
- Bonnemaison, J. (2000). *La géographie culturelle : cours de l'université Paris IV-Sorbonne 1994-1997*. Paris: Éditions C.T.H.S. Consulté le Outubro 2020, sur [http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins\\_textes/divers16-08/010027492.pdf](http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers16-08/010027492.pdf)
- Boujrouf, S., & Hassani, E. (2008). Toponymie et recomposition territoriale au Maroc : Figures, sens et logiques. *Revue en ligne de géographie politique et de géopolitique*, 11(5), 40-52. Consulté le Julho 2020, sur <https://journals.openedition.org/espacepolitique/228>
- Bouzouggar, A., Barton, N., Collcutt, S., Parfitt, S., Higham, T., Rhodes, E., & Gale, R. (2006). Le Paléolithique supérieur au Maroc: apport des sites du Nord-Ouest et de l'Orient. Dans J. Sanchidrián, A. Márquez, & M. Fullola (Éd.), *La cuenca mediterránea durante el Paleolítico Superior, IV Simposio Cueva de Nerja* (pp. 138-150). Málaga: Fundación Cuerva de Nerja.
- Brocado, M. T. (1997). Introdução. Dans G. E. Zurara, *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses* (pp. 9-20). Braga: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Buchet, G. (1906). Mission Buchet. Rapport préliminaire. *Bulletin du Comité de l'Afrique Française*, 227-234.
- Campos, J., & Bermejo, J. (Éds.). (2013). *La arquitectura militar del castellum de Tamuda: los sistemas defensivos*. Roma: Quasar.
- Cantillo, J., Soriguer, M., Vijande, E., Ramos, J., & Zouak, M. (2014). Resultados arqueomalacológicos en la cueva de Gar Cahal en el contexto regional del Norte de Marruecos. *Archaeofauna*(23), 117-132.
- Carabelli, R. (2013). A Herança Patrimonial Portuguesa em Marrocos. Uma perspetiva contemporânea. Dans M. C. da Silva, A. R. Moreira, P. Raposo, R. Carabelli, J. A. Tavim, A. W. Cheikh, . . . S. Oliveira, *Castelos a Bombordo. Etnografias de patrimónios africanos*

- e memórias portuguesas* (pp. 87-106). Lisboa: Etnográfica Press. Récupéré sur [https://www.academia.edu/8410972/2013.\\_Castelos\\_a\\_Bombordo.\\_Etnografias\\_de\\_Patrim%C3%B3nios\\_Africanos\\_e\\_mem%C3%B3rias\\_Portuguesas.\\_CRIA\\_2012](https://www.academia.edu/8410972/2013._Castelos_a_Bombordo._Etnografias_de_Patrim%C3%B3nios_Africanos_e_mem%C3%B3rias_Portuguesas._CRIA_2012)
- Carcopino, J. (1933). *Volubilis regiae lubae. Hesperis*(17), 9-20.
- Carcopino, J. (1943). *Le Maroc Antique*. Paris.
- Carita, R. (2016). A Madeira e as Praças do Norte de África: passado, presente e futuro. *Atas do XXIV Colóqui de História Militar, Nos 600 anos da conquista de Ceuta: Portugal na formação do primeiro sistema mundial* (pp. 363-373). Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar. Consulté le Março 2020, sur [https://www.academia.edu/32984261/A\\_MADEIRA\\_E\\_AS\\_PRA%C3%87AS\\_DO\\_NORTE\\_DE\\_%C3%81FRICA\\_PASSADO\\_PRESENTE\\_E\\_FUTURO](https://www.academia.edu/32984261/A_MADEIRA_E_AS_PRA%C3%87AS_DO_NORTE_DE_%C3%81FRICA_PASSADO_PRESENTE_E_FUTURO)
- Carvalhinhos, P. d. (2003). Onomástica e lexicologia: O Léxico Toponímico como Catalisador e Fundo de Memória. Estudo de caso: Os Sociotopônimos de Aveiro (Portugal). *Revista USP*(56), 172-179. Consulté le Outubro 2020, sur <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33819>
- Carvalho, A. (2013). Toponímia e Organização Espacial. A Fundação de Povoações, Lugares e Ruas. *AÇAFA On-Line*(6), 204-250. Consulté le Agosto 2020, sur [http://www.altotejo.org/acaфа/acaфа\\_n6.html](http://www.altotejo.org/acaфа/acaфа_n6.html)
- Carvalho, C. S. (2018). *O Castelo de Cima de Tânger entre Quatrocentos e Seiscentos: de Paço a Cidadela*. Dissertação de Mestrado em Cultura Arquitetónica, Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, Braga. Récupéré sur <http://hdl.handle.net/1822/58356>
- Carvalho, H. P. (2008). *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga. Récupéré sur <http://hdl.handle.net/1822/8755>
- Carvalho, H. P. (2017). *Rapport Préliminaire de la Mission 2017*.
- Carvalho, H., Mendes, F., El Boudjaj, A., Teixeira, A., Barros, C., Mendonça, A., & Silva, J. (no prelo). Le territoire de Ksar Sghir. Bilan des recherches historiques et archéologiques. *Arqueologia Medieval. Campo Arqueológico de Mértola*(16).
- Castellanos, M. (1878). *Descripción histórica de Marruecos y breve reseña de sus dinastías o apuntes para servir a la Historia del Magreb*. Santiago de Compostela.
- Castries, C. H. (1909). *Une Description du Maroc sous le règne de Moulay Ahmed El-Mansour (1596) d'après un manuscrit portugais de la Bibliothèque Nationale*. Paris: Ernest Leroux.

- Cenival, P. (1934). *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc* (Vol. I). Paris: Paul Geuthner.  
Consulté le Julho 2020, sur <https://www.yumpu.com/s/ree7G9Qm3o1ISNGS>
- Certeau, M. d. (1987). *A escrita da história*. (M. d. Menezes, Trad.) Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária.
- Chabot, J. (1940). *RIL: Recueil des inscriptions libyques*. Paris.
- Chaker, S. (2002-2003). Variété des usages libyques. Variations chronologiques, géographiques et sociales. *Antiquités Africaines*, 267-273.
- Chaker, S. (2002-2003). Variété des usages libyques. Variations chronologiques, géographiques et sociales. *Antiquités Africaines*, 267-273.
- Claval, P. (2001). *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Constâncio, F. (1836). *Novo Dicionario critico e etymologico da Lingua Portuguesa*. (Â. F. Carneiro, Éd.) Paris: Officina Typographica de Casimir. Consulté le Novembro 2020, sur [https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10524041\\_00008.html](https://reader.digitale-sammlungen.de/de/fs1/object/display/bsb10524041_00008.html)
- Correia, J. (2008). *Implantation de la ville portugaise en Afrique du Nord: de la prise de Ceuta jusqu'au milieu du XVIe siècle*. Porto: FAUP Publicações.
- Correia, J. (2012). Ksar Seghir: Apports sur l'état de l'art et revision critique. *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 97-113). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.
- Correia, J. (2014). Ciudades portuguesas en el Norte de África: una metamorfosis urbana en los siglos XV y XVI. Dans J. Arnaiz, & A. Weil (Éd.), *V Jornadas de Arquitectura y Urbanismo*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties. doi: 978-84-92627-66-0
- Costa, A. M. (2018). D. Duarte de Meneses (1414-1464): o sangue e as armas no final da Idade Média. *E-Strategica - Revista de la Asociación Ibérica de Historia Militar (siglos IV-XVI)*(2), 25-47. Consulté le Fevereiro 2020, sur <https://www.journal-estrategica.com/pdf/numero-2/estrategica-2.pdf>
- Cressier, P. (2012). Al-Qasr al-Saghîr, ville ronde. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 63-95). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.
- Cruz, J. S. (2015). *O Castelo português de Alcácer Ceguer: transformações morfológicas nos sécs. XV e XVI*. Dissertação de Mestrado em Cultura Arquitetónica, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga. Récupéré sur <http://hdl.handle.net/1822/37283>

- Cruz, M. (1997). As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África. *Mare Liberum*(13), 123-198. Consulté le Junho 2020, sur <http://hdl.handle.net/10451/5347>
- Daugas, J. (2002). Le Néolithique du Maroc: pour un modèle d'évolution chronologique et culturelle. *Bulletin d'Archéologie Marocaine XIX*, 135-175.
- Daugas, J., & El Idrissi, A. (2008). Neolítico Antiguo de Marruecos en su contexto regional. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 63-91). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Daugas, J., Raynal, J., El Idrissi, A., Ousmoi, M., Fain, J., Miallier, D., . . . Rhodes, E. (1998). Synthèse radiochronométrique concernant la séquence néolithique au Maroc. *Actes du 3 congrès international «14C et archéologie»* (pp. 349-353). Mémoires de la Société Pré-historique Française, t. XXVI et supplément 1999 de la Revue d'Archéométrie.
- Dauzat, A. (1926). *Les noms de lieux*. Paris: Delagrave. Consulté le Agosto 2020, sur <https://archive.org/details/lesnomsdelieuxor0000dauz/mode/2up>
- Deren, A. N. (1942). *Contribution a une étude de la toponymie du Haut Atlas*. Paris: Paul Geuthner. Consulté le Julho 2020, sur <https://archive.org/details/LAOUSTToponymie>
- Dias, P. (1998). *História da Arte Portuguesa no Mundo - O Espaço do Atlântico (séculos XV-XIX)* (Vol. I). Navarra: Círculo de Leitores.
- Díaz-Andreu, M. (2015). The Archaeology of the Spanish Protectorate of Morocco: a Short History. *African Archaeological Review*, XXXII(3), 49-69. Consulté le Maio 2020, sur [https://www.researchgate.net/publication/273776471\\_The\\_Archaeology\\_of\\_the\\_Spanish\\_Protectorate\\_of\\_Morocco\\_A\\_Short\\_History](https://www.researchgate.net/publication/273776471_The_Archaeology_of_the_Spanish_Protectorate_of_Morocco_A_Short_History)
- Dick, M. (1990). *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado.
- Dick, M. (1992). *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de estudos* (éd. 2ª). São Paulo: FFLCH - USP.
- Dominguez-Bella, S., & Maate, A. (2008). La geología del entorno de la Cueva de Caf Taht el Ghar y las materias primas líticas del Norte de Marruecos, región del Estrecho de Gibraltar. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del*



- Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 27-35). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz e Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Dominguez-Bella, S., & Maate, A. (Éds.). (2009). *Geología y Geoturismo en la orilla sur del Estrecho de Gibraltar*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Duarte, L. M. (2015). *Ceuta 1415: Seiscentos anos depois*. Lisboa: Livros Horizonte.
- El Khayari, A., & Akerraz, A. (2012). Nouvelles données archéologiques sur l'occupation de la basse vallée de Ksar de la période tardo-antique au haut Moyen-âge. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 9-35). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.
- El Khayari, A. (1996). *Tamuda. Recherches archéologiques et historiques*. Tese de Doutoramento, Université Paris I, Paris.
- El Khayari, A. (2004). Considérations sur l'épigraphie libyque du Maroc. Dans M. Fantar, & A. Siraj (Éd.), *Débuts de l'écriture au Maghreb, Colloque de la Fondation du Roi Abdul-Aziz Al Saoud, le 17-18 janvier 2002*, (pp. 91-113). Casablanca.
- El Khayari, A., & Akerraz, A. (2013). Al-qsar Al-Awwal. Nouvelles données archéologiques sur l'occupation de la base vallée de Ksar de la période tardo-antique au haut Moyen-âge. Dans A. El Boudjay (Éd.), *Ksar Seghir. 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Actes du Colloque* (pp. 9-35). Tânger.
- El-Boudjay, A. (2012). La mise en valeur du site archéologique de Ksar Seghir. Bilan et perspectives. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 115-147). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.
- El-Boudjay, A. (2012). Présentation. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 7-8). Rabat: Institut des Études Hispano-Lusophones.
- El-Boudjay, A. (Éd.). (2013). Ksar Seguir. 2500 ans d'échanges intercivisationnels en Méditerranée. *Actes du colloque*. Tânger.
- Erdmann, C. (1940). *A ideia da Cruzada em Portugal*. Coimbra.
- Euzennat, M., & Marion, J. (1966). *IAMlat: Inscriptions Antiques du Maroc*. Paris.
- Faggion, C., & Misturini, B. (2014). Toponímia e Memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água*, XXVII(2), 141-157. Consulté le Agosto 2020, sur

[https://www.researchgate.net/publication/287604161\\_Toponimia\\_e\\_memoria\\_nomes\\_e\\_lembrancas\\_na\\_cidade](https://www.researchgate.net/publication/287604161_Toponimia_e_memoria_nomes_e_lembrancas_na_cidade)

- Faggion, C., Dal Corno, G., & Frosi, V. (2008). Topônimos em Bento Gonçalves: motivação e caracterização. *Métis: história e cultura*, VII(13), 277-298. Consultado em Agosto 2020, sur <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/704/0>
- Farinha, A. D. (1999). *Os Portugueses em Marrocos*. Lisboa : Instituto Camões, Coleccção Lazúli.
- Farinha, A. D. (2004). As relações luso-marroquinas: Identidade e História. *Revista Camões*, 17-18, 8-16. Récupéré sur <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no17-18-relacoes-luso-marroquinas.html>
- Fernandes, A. (2007). 1.2. A viragem geoestratégica e política da dinastia de Avis nos séculos XIV e XV. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (Vol. I, pp. 37-46). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). 1.2.1. Razões da tomada de Ceuta. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (Vol. I, pp. 46-61). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). 1.2.2. A Conquista de Alcácer Ceguer. Em A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (Vol. I, pp. 61-66). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). 2.3. Idade Média: da história ao serviço da fé à história moralista e pedagógico-didáctica de Gomes Eanes de Zurara. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática*. (pp. 79-87). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). 2.5. Gomes Eanes de Zurara: o cronista. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (Vol. I, pp. 126-149). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.

- Fernandes, A. (2007). 2.5.3. As fontes zurarianas. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (pp. 164-171). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). 3.1. A Crónica do Conde D. Duarte de Meneses: descrição e contextualização histórica. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (pp. 183-219). Tese de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). Breves apontamentos sobre a vida do conde D. Duarte de Meneses. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (pp. 206-219). Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). Capítulo 1. Da Reconquista cristã às conquistas marroquinas da dinastia de Avis. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (Vol. I, pp. 19-20). Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). Capítulo 3. A obra zurariana e o seu contributo para a consolidação da dinastia de Avis e da afirmação da identidade nacional. Dans A. Fernandes, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática* (pp. 181-183). Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, A. (2007). *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses de Gomes Eanes de Zurara - Estudo histórico-cultural e edição semidiplomática*. Dissertação de doutoramento em Cultura Portuguesa, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Fernandes, I. C., & Oliveira, L. F. (2016). A conquista de Ceuta e o caminho de Jerusalém: acerca de um horizonte perdido. *XVII Jornadas de Historia de Ceuta. Portugal y el norte de África. Historias d'aquem e d'além mar* (pp. 27-43). Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties.
- Fernández, V. (1997). La arqueología española en África. Dans G. Mora, & M. Díaz-Andreu, *La cristalización del pasado. Génesis y desarrollo del marco institucional de la Arqueología en España* (pp. 705-718). Málaga: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Málaga.

- Filli, A. (2019). L'archéologie médiévale au Maroc, les limites et les acquis. *Hespéris Tamuda*(54), 39-66.
- Fiti, E. M. (2020). *Toponímia de Cabinda: Contribuições Lexicológicas e Lexicográficas para a sua Harmonização Gráfica*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Braga. Consulté le Outubro 2020, sur <http://hdl.handle.net/1822/65917>
- Galand, L. (1966). *IAMlib:Inscriptions Antiques du Maroc*. Paris.
- Gascó, C. (2008). Tarradell y la historiografía de la Arqueología del Norte de Marruecos. Dans J. Fortes, & M. Habibi (Éds.), *Historia de la Arqueología en el Norte de Marruecos durante el período del Protectorado y sus referentes en España* (pp. 121-133). Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía.
- Gilman, A. (1975). A Later Prehistory of Tangier. *American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University*(29).
- Godinho, V. M. (2018). *A Expansão Quatrocentrista Portuguesa* (éd. 4ª). Alfragide: Dom Quixote.
- Gomes, R. C. (2005). Zurara and the Empire: reconsidering fifteenth-century Portuguese historiography. *Rivista Internazionale di Storia della Storiografia*(47), 56-89. Consulté le Março 2020
- Gozalbes Cravioto, E. (2005). Los inicios de la investigación española sobre Arqueología y Arte árabes en Marruecos (1860-1960). *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, *XLI*, 225-246. Obtido em Maio de 2020, de <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcdj5t4>
- Gozalbes Cravioto, E. (2008). Los primeros pasos de la Arqueología en el norte de Marruecos. Dans D. Bernal, B. Raissouni, J. Ramos, M. Zouak, & M. Parodi (Éd.), *En la orilla africana del Círculo del Estrecho. Historiografía y proyectos actuales: Actas del II Seminario Hispano-Marroquí de Especialización en Arqueología* (pp. 33-61). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz. Récupéré sur [https://www.academia.edu/2353793/Los\\_primeros\\_pasos\\_de\\_la\\_arqueolog%C3%ADa\\_en\\_el\\_Norte\\_de\\_Marruecos](https://www.academia.edu/2353793/Los_primeros_pasos_de_la_arqueolog%C3%ADa_en_el_Norte_de_Marruecos)
- Gozalbes Cravioto, E. (2011). África en el imaginario: las exploraciones geográficas del rey Juba II de Mauretania. *Studia historica. Historia antigua*(29), 153-181.
- Gozalbes Cravioto, E. (2012). *Marruecos y el África occidental en la historiografía y arqueología españolas*. Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties. Consulté le Junho 2020, sur

- [https://www.academia.edu/3470577/Marruecos\\_y\\_el\\_%C3%81frica\\_occidental\\_en\\_la\\_historiograf%C3%ADa\\_y\\_arqueolog%C3%ADa\\_espa%C3%B1olas.\\_Ceuta\\_Instituto\\_de\\_Estudios\\_Ceut%C3%ADes\\_2012](https://www.academia.edu/3470577/Marruecos_y_el_%C3%81frica_occidental_en_la_historiograf%C3%ADa_y_arqueolog%C3%ADa_espa%C3%B1olas._Ceuta_Instituto_de_Estudios_Ceut%C3%ADes_2012)
- Gozalbes Cravioto, E. (2013). El Dr. Michel Ponsich. La Arqueología en el circuito del Estrecho de Gibraltar. Em J. Avila, M. Bustamante-Álvarez, & M. Cabezas (Ed.), *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (pp. 2233-2248). Mérida: Ayuntamiento de Villafranca de los Barros. Obtido em Maio de 2020, de [https://www.academia.edu/6586694/El\\_Dr.\\_Michel\\_Ponsich.\\_La\\_Arqueolog%C3%ADa\\_en\\_el\\_circuito\\_del\\_Estrecho\\_de\\_Gibraltar\\_M%C3%A9rida\\_2013\\_](https://www.academia.edu/6586694/El_Dr._Michel_Ponsich._La_Arqueolog%C3%ADa_en_el_circuito_del_Estrecho_de_Gibraltar_M%C3%A9rida_2013_)
- Gozalbes Cravioto, E. (2014). Michel Ponsich y su colaboración con Miguel Tarradell en el Circulo del Estrecho. *Al Qantir*(16), 64-68. Consulté le Maio 2020, sur <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4792022>
- Gozalbes Cravioto, E. (2015). Arqueología española para un nuevo régimen: Martínez Santa-Olalla y el Norte de Marruecos. *Onoba - Revista de Arqueología y Antigüedad*(3), 3-13. Obtido em Maio de 2020, de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5092987>
- Gozalbes Cravioto, E. (2016). Carta Arqueológica del Norte de Marruecos. *Revista Atlántica-Mediterránea De Prehistoria y Arqueología Social*(18), 185-188. Consulté le Abril 2020, sur <https://revistas.uca.es/index.php/rampas/article/view/2486/2946>
- Gozalbes Cravioto, E. (2017). *Introducción a la Historia del Marruecos Antiguo (Mauretania Tingitana)*. Granada: Torres Editores.
- Gozalbes, C. (2011). Arqueología de la frontera norteafricana del Estrecho de Gibraltar (siglos XIV-XVI). *Almoraima*(42), 542-590.
- Gozalbes, E. (1994). Los masaisulis: un pueblo antiguo de la región de Ceuta. *Cuadernos del Archivo Municipal de Ceuta*(8), 17-34.
- Gozalbes, E. C. (2005). Lengua latina y pervivencia de las lenguas indígenas en el Occidente romano: algunos problemas al respecto. Dans G. Bravo, & R. González (Éds.), *La aportación romana a la formación de Europa: naciones, lenguas y culturas*. Murcia.
- Kaoune, C. (2008). Industria ósea de Caf Taht el Ghar. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 135-151). Servicio de Publicaciones de la

- Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Kbiri Alaoui, M. (2008). L'établissement préromain d'Emsa (Tétouan, Maroc). Dans D. Bernal, J. Ramos, M. Zouak, & M. Parodi, *En la orilla africana del Círculo del Estrecho. Historiografía y proyectos actuales. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (II)*. (pp. 3-13). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- King, L. (1978). Introdução. Gomes Eanes de Zurara e a sua Crónica do Conde Dom Duarte de Meneses. Dans G. E. Zurara, *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses. Edição diplomática de Larry King*. (pp. 21-40). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, FCSH.
- Labory, N. (2003). *IAMlat2: Inscriptions Antiques du Maroc 2. Inscriptions latines*. Paris.
- l'Africain, J.-L. (1982). Casar Ez Zaghbir. Dans J.-L. l'Africain, *Description de l'Afrique* (p. 265). Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient. Institut des Hautes Études Marocaines.
- Le Goff, J. (1983). *A Civilização do Ocidente Medieval* (Vol. I). (M. Ruas, Trad.) Lisboa: Editorial Estampa.
- Lopes, D. (1939). Les Portugais au Maroc. *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*, 14(39), 337-368. Consulté le Março 2020, sur [https://www.persee.fr/doc/rhmc\\_0996-2727\\_1939\\_num\\_14\\_39\\_3733](https://www.persee.fr/doc/rhmc_0996-2727_1939_num_14_39_3733)
- Macedo, N. d. (2004). *História de Portugal: A Epopeia dos Descobrimentos - A Dinastia de Avis e a Expansão Ultramarina* (Vol. III). (J. Hermano Saraiva, Éd.) Matosinhos: Quidnovi.
- Machado, J. P. (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Primeiro Volume A-B*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado, J. P. (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa. Primeiro Volume A-D*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marcy, G. (1936). *Les inscriptions libyques bilingues de l'Afrique du Nord*. Paris: Imprimerie Nationale.
- Mascarenhas, J. d. (1918). *Historia de la ciudad de Ceuta*. Coimbra.
- Melo, A. (2017). Léxico Toponímico: Nomes de Motivações de Natureza Antropocultural na Toponímia de Alagoas. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letra*, 1(1), 45-62. Consulté le Outubro 2020, sur <https://periodicos.unemat.br/index.php/reactl/article/view/1796>

- Mesquita, J. M. (2017). 2.1.4. A política portuguesa para Marrocos. Dans J. M. Mesquita, *O abastecimento alimentar de Ceuta, 1415-1458. Dissertação de Mestrado em Estudos Medievais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto* (pp. 24-25). Porto.
- Michaux-Bellaire, É., & Péretié, A. (1911). EL-Qçar Eç-Ceghir. *Revue du Monde Musulman*(12), 329-376. Consulté le Julio 2020, sur <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1038116/f331.vertical.r=El-Q%C3%A7ar%20>
- Monteiro, J. G. (2016). "Guerra". Dans F. C. Domingues, *Dicionário da Expansão Portuguesa (1415-1600): De A a H* (Vol. I, pp. 474-483). Círculo de Leitores. Consulté le Abril 2020, sur <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/45367/1/Dic.%20Expans%C3%A3o%20Portuguesa.pdf>
- Morales Lezcano, V. (1986). *España y el Norte de África: El protectorado en Marruecos (1912-56)*. Madrid: UNED.
- Moreno, H. B. (1989). A nobreza portuguesa so século XV. *Actas do Congresso Internacional La Ordem Concepcionista, I*, pp. 43-54. Leon.
- Moreno, H. B. (1992). Rumos da Expansão Portuguesa no século XV. *Revista de História das Ideias*(14), 57-68. Consulté le Abril 2020, sur [https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/rumos\\_da\\_expans%C3%A3o\\_portuguesa\\_no\\_s%C3%A9culo\\_xv](https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/rumos_da_expans%C3%A3o_portuguesa_no_s%C3%A9culo_xv)
- Moujoud, T. (2012). Ksar Seghir d'après les sources médiévales d'histoire et de géographie. Dans A. El-Boudjay (Éd.), *Actes du Colloque Ksar Seghir 2500 ans d'échanges intercivilisationnels en Méditerranée, Juin 2011* (pp. 37-62). Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones.
- Moure, A. (1996). *"El Hombre Fósil" 80 años después*. Santander: Universidad de Cantabria.
- Muñoz, J. (2008). La investigación de la Prehistoria del norte de Marruecos en la primera mitad del siglo XX. Aproximación, contexto histórico y enfoques metodológicos. Dans J. Beltrán, & M. Habibi, *Historia de la Arqueología en el Norte de Marruecos durante el período del protectorado y sus referentes en España* (pp. 135-176). Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía y Universidad de Sevilla.
- Muñoz, J., Bernal, D., Raissouni, B., Zouak, M., & El Khayari, A. (2016). La Carta Arqueológica del Norte de Marruecos. Un proyecto de investigación y de estudio en la zona africana de la región geohistórica del Estrecho de Gibraltar. Dans M. J. Álvarez (Éd.), *IV Jornadas de Arqueología del Bajo Guadalquivir* (pp. 219-253). Sanlúcar de Barrameda: Fundación Casa

- Medina Sidonia. Consulté le Maio 2020, sur [https://www.researchgate.net/publication/323377760\\_LA\\_CARTA\\_ARQUEOLOGICA\\_DE\\_EL\\_NORTE\\_DE\\_MARRUECOS\\_UN\\_PROYECTO\\_DE\\_INVESTIGACION\\_Y\\_DE\\_ESTUDIO\\_EN\\_LA\\_ZONA\\_AFRICANA\\_DE\\_LA\\_REGION\\_GEOHISTORICA\\_DE\\_L\\_ESTRECHO\\_DE\\_GIBRALTAR/citations](https://www.researchgate.net/publication/323377760_LA_CARTA_ARQUEOLOGICA_DE_EL_NORTE_DE_MARRUECOS_UN_PROYECTO_DE_INVESTIGACION_Y_DE_ESTUDIO_EN_LA_ZONA_AFRICANA_DE_LA_REGION_GEOHISTORICA_DE_L_ESTRECHO_DE_GIBRALTAR/citations)
- Nimer, M. (2005). *Influências Orientais na Língua Portuguesa: Os Vocábulos Árabes, Arabizados, Persas e Turcos*. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo. Consulté le Outubro 2020, sur <https://books.google.pt/books?id=v2rn6WbDeZoC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>
- Noronha, T. (2017). *A Féniz Renascida ou Obras Poéticas dos melhores Engenhos Portugueses*. (I. Castro, E. Rodrigues-Moura, & A. Barros, Éds.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Récupéré sur [https://www.researchgate.net/publication/322852269\\_2017\\_A\\_Fenix\\_Renascida\\_ou\\_Obras\\_Poeticas\\_dos\\_melhores\\_Engenhos\\_Portugueses\\_Castro\\_Ivo\\_Rodrigues-Moura\\_Enrique\\_Barroos\\_Anabela\\_Leal\\_de\\_edis\\_Lisboa\\_Fundacao\\_Calouste\\_Gulbenkian](https://www.researchgate.net/publication/322852269_2017_A_Fenix_Renascida_ou_Obras_Poeticas_dos_melhores_Engenhos_Portugueses_Castro_Ivo_Rodrigues-Moura_Enrique_Barroos_Anabela_Leal_de_edis_Lisboa_Fundacao_Calouste_Gulbenkian)
- Norte, A. (2008). As elites intelectuais e a Guerra: manifestações ideológicas e modelos proselitistas na génese do reino português. Dans M. Coelho, S. Gomes, & A. Rebelo (Éd.), *VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais: A Guerra e a Sociedade na Idade Média* (pp. 377-391). Batalha: Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais. Consulté le Abril 2020, sur <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/45264/1/ElitesIntelectuaisGuerra.pdf>
- Nuñez, M. A. (2016). La lápida de la Puerta de Fez (Bāb Fā) en la muralla de al-Qaṣr al-Ṣagīr (Marruecos). Dans A. Teixeira, *Entre les deux rives du détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16 siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (pp. 127-134). Lisboa: CHAM. Consulté le Junho 2020, sur <http://hdl.handle.net/10362/43184>
- Obermaier, H. (1928). El Paleolítico del Marruecos español. Nota preliminar. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, 28(5), 269-274. Consulté le Maio 2020, sur <https://bibdigital.rjb.csic.es/idurl/1/10600>
- Oliveira Marques, A. (2019). *Breve história de Portugal* (éd. 11<sup>a</sup>). Lisboa: Editorial Presença.



- Oliveira, A. (1999). *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ouchaou, B. (1998-1999). Note sur la faune de Ghar-Khal (Gar-Cahal). Fouille de Tarradell (1954) et sondage de la M.P.F. (1988). *Préhistoire Anthropologie Méditerranéennes*(7-8), 39-47.
- Ouchaou, B. (2004). Les mammifères des niveaux néolithiques et protohistoriques des gisements archéologiques de la Péninsule Tingitane. Dans M. Otte, A. Bouzougar, & J. Kozłowski, *La Préhistoire de de Tânger (Maroc)* (pp. 93-100). Liège: Université de Liège.
- Ouchaou, B., & Amani, E. (1997). Étude préliminaire des grands mammifères du gisement de Kaf Taht el Ghar (Tétouan, Maroc). *La Préhistoire el Anthropologie Méditerranéennes*(6), 53-60.
- Ouchaou, B., & Amani, F. (2002). Les carnivores des gisements néolithiques et protohistoriques du nord du Maroc. *Quaternaire*, XIII(1), 79-87.
- Ouchaou, B., & Hossini, S. (2008). Los restos óseos de Caf Taht el Ghar. Imagen de la zococosis de la región de Tetuán del Epipaleolítico a la Protohistoria. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 37-47). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz e Dirección Regional de la Cultura de Tânger-Tetuán.
- Pallary, P. (1902). Recherches palethnologiques dans le Nord du Maroc. *XXXI Congrès de l'association Française pour l'Avancement des Sciences*, (pp. 911-917). Montauban.
- Parodi, M. (2006). Arqueología española en Marruecos, 1939-1946. Pelayo Quintero de Atauri. *SPAL - Revista de Prehistoria y Arqueología*(15), 9-20. Obtido em Junho de 2020, de [https://institucional.us.es/revistas/spal/15/art\\_1.pdf](https://institucional.us.es/revistas/spal/15/art_1.pdf)
- Parodi, M., & Gozalbes Cravioto, E. (2011). La arqueología en el Norte de Marruecos (1900-1945). *Arqueología y Turismo en el Círculo del Estrecho: Actas del Seminario Hispano-Marroquí*: (pp. 175-197). Algeciras: Museo Arqueológico de Tetuán.
- Parodi, M., & Gozalbes Cravioto, E. (2011). Miguel Tarradell y la arqueología del Norte de Marruecos. Dans D. Bernal, B. Raissouni, M. Arcila, M. Idrisi, J. Ramos, M. Zoauk, . . . A. Azzariohi, *Arqueología y Turismo en el Círculo del Estrecho: estrategias para la puesta en valor de los recursos patrimoniales del Norte de Marruecos. Actas del III Seminario*

- Hispano-Marroquí* (pp. 199-220). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.
- Piterman, A., & Greco, R. (2005). A Água: seus caminhos e descaminhos entre povos. *Revista APS*, VIII(2), 151-164. Consulté le Janeiro 2021
- Ponsich, M. (1988). *Aceite de oliva y salazones de pescado. Factores geo-económicos de Baetica y Tingitana*. Madrid.
- Ponsich, M., & Tarradell, M. (1965). *Garum et industries antiquae de salaison dans la Méditerranée*. Paris.
- Proença, M. C. (2013). As conquistas marroquinas. Dans M. C. Proença, *História de Portugal. Descobrimientos e Expansão: séculos XV-XVI* (Vol. III, p. 50). Lisboa: Círculo de Leitores. Consulté le Abril 2020
- Quintero Atauri, P., & Gimenez Bernal, C. (1944). *Excavaciones en Tamuda. Memoria resumen de las practicadas en 1944, Relación de las Memorias publicadas por la Junta Superior de Monumentos Históricos y Artísticos 7*. Tetuán.
- Quintero Atauri, P. (1941a). Apuntes sobre la arqueología mauritana de la zona española. *Compendio de noticias referentes a los descubrimientos arqueológicos efectuados en el siglo actual*.
- Quintero Atauri, P. (1941b). *Memoria resumen de las excavaciones practicadas (en Tamuda) en 1940*. Larache.
- Quintero Atauri, P. (1942). *Estudios varios sobre los objetos que se conservan en el Museo*. Tetuão.
- Quintero Atauri, P., & Gimenez Bernal, C. (1944). *Excavaciones en Tamuda. Memoria resumen de las practicadas en 1943. Relación de las Memorias publicadas por la Junta Superior de Monumentos Históricos y Artísticos*. Tétuan.
- Raissouni, B., Bernal, D., El Khayari, A., Bustamante, M., Díaz, J., Sáez, A., . . . Soria, T. (2011). De cabo Negro al río Lián. Yacimientos litorales en el Norte de Marruecos a la luz de la Carta Arqueológica (2009-2010). Dans D. Bernal, B. Raissouni, M. Arcila, M. Youbi Idrisi, J. Ramos, M. Zouak, . . . A. Azzariori (Éds.), *Arqueología y turismo en el círculo del Estrecho, Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (III)* (pp. 289-333). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de la Cultura de Tánger-Tetuán.

- Raissouni, B., Bernal, D., El Khayari, A., Ramos, J., Zouak, M., Almisas, S., . . . Vijande, E. (2015). *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012). Prospección y yacimientos, un primer avance* (Vol. 1). Cádiz: Editorial UCA.
- Ramos, J., Bernal, D., Parodi, M., Raissouni, B., Zouak, M., & El Khayari, A. (2015). Valoración de yacimientos y de registros arqueológicos previos. De Montalbán a Meknassi. Em B. Raissouni, D. Bernal, A. El Khayari, J. Ramos, & M. Zouak (Edits.), *Carta Arqueológica del Norte de Marruecos (2008-2012). Prospección y yacimientos, un primer avance* (Vol. I, pp. 29-64). Cádiz: Editorial UCA.
- Ramos, J., Bernal, D., Raissouni, B., Zouak, M., El Khayari, A., Vijande, E., . . . de la Puente, A. (2011a). Informe de la campaña del año 2011 del proyecto de investigación "Carta Arqueológica del norte de Marruecos". Dans *Informes y Trabajos. Excavaciones en el exterior* (pp. 508-545). Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte.
- Ramos, J., Pérez, M., Vijande, E., & Cantillo, J. (2008). Nuevas perspectivas en el estudio de las sociedades tribales comunitarias neolíticas en la área del Estrecho de Gibraltar. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 93-133). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz e Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Ramos, J., Zouak, M., Bernal, D., & Raissouni, B. (Éds.). (2008). *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Ramos, J., Zouak, M., Vijande, E., Cantillo, J., Domínguez-Bella, S., Maate, A., . . . Barrena, A. (2011b). Carta Arqueológica del Norte de Marruecos. Resultados de las ocupaciones de sociedades prehistóricas (campañas 2009 y 2010). Dans D. Bernal, B. Raissouni, M. Arcila, M. Idrisi Youbi, J. Ramos, M. Zouak, . . . A. Azzariohi (Éds.), *Arqueología y turismo en el círculo del Estrecho. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (III)* (pp. 223-263). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura Tánger-Tetuán.

- Rebuffat, R. (1992). Complements au recueil des Inscriptions Antiques du Maroc. *L'Africa Romana*(9), 442-443.
- Rebuffat, R. (2007). Pour un corpus des bilingues punico-libyques et latino-puniques. Dans M. Fantar (Éd.), *Osmose ethno-culturelle en Méditerranée. Actes du Colloque organisé à Mahdia du 26 au 29 juillet 2003*, (pp. 189-242). Tunes.
- Redman, C. (1986). *Qsar es-Seghir. An Archaeological View of Medieval Life*. Orlando: Academic Press.
- Redman, C. L. (1986). *Qsar es-Seghir. An Archaeological View of Medieval Life*. Orlando: Academic Press.
- Redman, C., & Boone, J. (1979). Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer): a 15th and 16th century Portuguese colony in North Africa. *Studia*(41-42), 5-50. Consulté le Março 2020, sur [https://www.academia.edu/1079908/C.L.\\_Redman\\_and\\_James\\_L.\\_Boone\\_Qsar\\_es-Seghir\\_Alcacer\\_Ceguer\\_A\\_15th\\_and\\_16th\\_Century\\_Portuguese\\_Colony\\_in\\_Northern\\_Morocco\\_.Studia\\_41-42.\\_Lisbon\\_Portugal\\_1979](https://www.academia.edu/1079908/C.L._Redman_and_James_L._Boone_Qsar_es-Seghir_Alcacer_Ceguer_A_15th_and_16th_Century_Portuguese_Colony_in_Northern_Morocco_.Studia_41-42._Lisbon_Portugal_1979)
- Redmann, C., Anzalone, R., & Rubertone, P. (1979). Medieval Archaeology at Qsar es-Seghir, Morocco. *Journal of Field Archaeology*, 1(6), 1-16.
- Renou, J. (1846). *Description géographique de l'empire de Maroc*. Paris: Imprimerie Royal. Consulté le Julho 2020, sur <https://hdl.handle.net/2027/hvd.32044010250520>
- Ricard, R. (1955). *Études sur l'Histoire des Portugais au Maroc*. Coimbra: por ordem da Universidade.
- Robertshaw, P. (1990). *A History of African Archaeology*. London: James Currey Lta.
- Rodrigues, O. F. (1998). *Portugal em Marrocos na Época de D. João III: abandono ou permanência? Dissertação de Mestrado em História, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.
- Ruiz Zapatero, G. (1983). Notas metodológicas sobre prospección en Arqueología. *Revista de Investigación*, VII, 7-23.
- Sánchez Monge, G. (1930). *Comparación geográfica del suelo de Marruecos con el de España y algunos datos históricos de Marruecos y África*. Tetuão: Alta Comisaría de España en Marruecos, Inspección de Intervención y Fuerzas Jalifianas. Consulté le Junho 2020, sur <http://bibliotecadigital.aacid.es/bibliodig/es/consulta/registro.cmd?id=6705>
- Serrano, C. (1995). África y el problema marroquí. Dans C. Serrano, *Historia de España. Alfonso XIII y la Segunda República (1902-1939)* (Vol. II, pp. 143-188). Barcelona: Planeta.

- Serrão, J. V. (1989). *Cronistas do Século XV posteriores a Fernão lopes*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura. Consulté le Abril 2020
- Tarradell, M. (1953). *Guía arqueológica del Marruecos español*. Tetuán.
- Tarradell, M. (1954). Marruecos antiguo: nuevas perspectivas. *Zephyrus: Revista de prehistoria y arqueología*(5), 105-139. Consulté le Maio 2020, sur <https://revistas.usal.es/index.php/0514-7336/article/view/3649/3667>
- Tarradell, M. (1954). Noticia sobre la excavación de Gar Cahal. *Tamuda*(2), 344-358.
- Tarradell, M. (1955). Avance de la primera campaña de excavaciones en Kaf Taht el Gar. *Tamuda, III*(2), 307-322.
- Tarradell, M. (1958). Sobre el Neolítico del noroeste de Marruecos y sus relaciones. *Tamuda, VI*(2), 279-305.
- Tarradell, M. (1958b). Kaf Taht el Gar, cueva neolítica en la región de Tetuán (Marruecos). *Ampurias XIX-XX*, 137-166.
- Tarradell, M. (1966). Contribution a l'atlas archéologique du Maroc. *Bulletin d'Archéologie Marocaine*(6), 425-443.
- Teixeira, A. (2016). Introduction. Dans A. Teixeira, *Entre les deux rives du Déroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16 siècles* (pp. 5-25). Lisboa: CHAM, FCSH/NOVA-UAc.
- Teixeira, A., & Correia, J. (2017). O património arquitetónico e arqueológico de origem portuguesa no Norte de África: projetos de investigação e valorização (2008-2016). Dans J. R. Santos, *Preservar o Património Português Além-Mar. Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo* (pp. 197-223). Lisboa: Caleidoscópio. Consulté le Maio 2020, sur <http://hdl.handle.net/1822/49275>
- Teixeira, A., El-Boudjay, A., & Bento Torres, J. (2012). Un contexto habitacional português en Ksar Seghir, Marruecos (siglos XV-XVI). *XV Jornadas de Historia de Ceuta. Arqueología en las Columnas de Hércules. Novedades y nuevas perspectivas de investigación arqueológica en el Estrecho de Gibraltar* (pp. 309-341). Ceuta: Instituto de Estudios Ceuties.
- Teixeira, A., El-Boudjay, A., Lopes, G., Torres, J., & Fonseca, C. (2019). A Ribeira de Alcácer Ceguer. Dans J. Correia, & A. Teixeira (Éds.), *A Península Ibérica e o Norte de África (séculos XV a XVIII). História e Património* (pp. 9-35). Lisboa: CHAM, FCSH/NOVA-UAc. Récupéré sur <http://hdl.handle.net/1822/64787>
- Teixeira, A., El-Boudjay, A., Torres, J. B., Tinturé, A. G., El-Baljani, K., & Gabriel, S. (2016). L'évolution de l'habitat domestique à Ksar Seghir à la fin du Moyen Âge: Étude

- archéologique et conservation d'une maison mérinide-portugaise. Dans A. Teixeira, *Entre les deux rives du Déroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16 siècles* (pp. 29-125). Lisboa: CHAM, FCSH/NOVA-UAc.
- Thomaz, L. F. (1994). *De Ceuta a Timor* (éd. 2<sup>a</sup>). Lisboa: Difel.
- Tolosa, M. J. (2016). *Epigrafía bilingüe del Occidente Romano: El latín y las lenguas locales en las inscripciones bilingües y mixtas*. Zaragoza.: Prensas de la Universidad de Zaragoza.
- Trovar, A. (1940-1941). Papeletas de epigrafía líbica (I). Sobre la inscripción libio-latina de Tetuán. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*(7), 67-71.
- Velasco, D., & Tavares, M. (2017). Estudando Língua Portuguesa, História e Geografia por Meio da Toponímia: Uma Proposta. *ArReDia: Revista*, VI(11), 16-36. Consulté le Outubro 2020, sur <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/6884>
- Vijande, E., & Ramos, J. (2008). Miguel Tarradell y la Cueva de Caf Taht el Ghar. Historia de la investigación, estratigrafía y productos arqueológicos. Dans J. Ramos, M. Zouak, D. Bernal, & B. Raissouni (Éds.), *Las ocupaciones humanas de la cueva de Caf Taht el Ghar (Tetuán). Los productos arqueológicos en el contexto del Estrecho de Gibraltar. Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (I)* (pp. 49-61). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz e Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Vijande, E., Ramos, J., Zouak, M., Cantillo, J., El Idrisi, A., Domínguez-Bella, S., & Maate, A. (2011). Revisión de los productos arqueológicos de la cueva de Gar Cahal depositados en el Museo Arqueológico de Tetuán. Dans D. Bernal, B. Raissouni, M. Arcila, M. Youbi Idrisi, J. Ramos, M. Zouak, . . . A. Azzarioni, *Arqueología y turismo en el círculo del Estrecho, Colección de Monografías del Museo Arqueológico de Tetuán (III)* (pp. 265-287). Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Diputación de Cádiz y Dirección Regional de Cultura de Tánger-Tetuán.
- Villaverde, N. (2001). *Tingitana en la Antigüedad Tardía, siglos III-VII: Autonomía y Romanidad en el Extremo Occidente Mediterráneo*. Madrid.
- Vourinem, H. S., Juuti, P., & Katko, T. S. (2007). History of water and health from ancient civilizations to modern times. *Water Science & Technology Water Supply*, 1(7), 49-57. doi:10.2166/ws.2007.006
- Zouak, M., & Bernal, D. (2011). *Tamuda. Guía oficial del yacimiento arqueológico*. Madrid: Ministerio de Cultura .

Zurara, G. E. (2007). *A Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*. (A. Fernandes, Éd.) Vila Real.